

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM ESCRITA CRIATIVA

VANESSA LUBISCO SILLA

TEM WI-FI?

Porto Alegre
2021

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

VANESSA LUBISCO SILLA

TEM WI-FI?

Ensaio apresentado como requisito para obtenção do grau de Doutora em Escrita Criativa, do Programa de Pós-Graduação em Letras da Faculdade de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Dr. Roberto Tietzmann

Porto Alegre
2021

Ficha Catalográfica

S584t Silla, Vanessa Lubisco

Tem Wi-fi? / Vanessa Lubisco Silla. – 2021.

361.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras,
PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Tietzmann.

1. Tecnologia. 2. Escrita Criativa. 3. Tráfico Humano. I. Tietzmann,
Roberto. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Bibliotecária responsável: Clarissa Jesinska Selbach CRB-10/2051

AMA A ARTE. DE TODAS AS
MENTIRAS É, PELO MENOS, A
MENOS FALSA.

Gustave Flaubert

AGRADECIMENTOS

A todos que me fizeram chegar até aqui deixo meu muito obrigada, aos que se apavoraram quando eu inventei de trilhar esse caminho, deixo um bilhete com carinho e um P.S (eu consegui).

Agradeço, primeiramente, à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa que me permitiu quatro anos de formação acadêmica diferenciada e de qualidade. Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras pela oportunidade de crescimento pessoal e intelectual.

Aos mestres, colegas, familiares e amigos que compartilharam comigo o universo da escrita, ofereço meu melhor poema. Ao meu editor, Roberto Prym, que sempre acreditou nos meus fazeres literário e ao LFK que tanto contribuiu com minhas leituras. A todos professores que me ensinaram os trajetos, em especial ao Assis Brasil, meu guia em tantas encruzilhadas ficcionais, assino um termo de compromisso (imaginário ou virtual) de sempre amar e me comprometer com a melhor literatura. Para aqueles que criaram a Graduação, o Mestrado e o Doutorado da Letras PUCRS, minha profunda admiração, ao José Canal que me passou uma playlist maravilhosa, conto que me embalava para escrever com mais vigor. Ao Charles Kiefer por ter me encaminhado nestes aprendizados. Obrigada Pietro Pacheco pela tua atenta leitura e correções pertinentes. Ao Cláudio, meu companheiro, sou muito agradecida pelo carinho e compreensão. Ao meu orientador, que compartilhou *Lailas* comigo, agradeço de todo coração, foram teus discernimentos que me incentivaram e tua calma acadêmica que me permitiram criar livremente, sem medo do que realmente é a Escrita Criativa.

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que gostariam de praticar a Escrita Criativa e não tem coragem de iniciar a jornada.

O romance vai para minha filha que, junto comigo, descobriu o Marrocos quando, por cima de um camelo, avistou as dunas mais profundas da humanidade.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

This Study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brazil (CAPES) – Finance Code 001.

RESUMO

Este ensaio visa complementar os elementos e ferramentas utilizados no processo criativo do romance denominado: *Tem WI-FI?* Observar e analisar as relações estabelecidas entre o impacto da tecnologia na literatura atual e a liberdade de criação literária com o selo acadêmico; pontos que, posteriormente, se entrelaçaram e que servem à narrativa em geral. O referencial teórico foi bastante variado, indo de Roland Barthes às mais distintas consultas online. Considerar alguns aspectos como *design*, Leitura no Brasil, Economia Criativa, Humanidades Digitais, entre outros, foi essencial para refletir o que se vive em termos de Literatura Pop, assunto que está sempre na fila do futuro literário. A escolha proposta foi fundamental para vincular a temática do romance cuja personagem é uma Youtuber e trazer à tona a sempre discutida questão da busca identitária, nesse caso, através do universo marroquino que serviu de cenário para desmascarar o tráfico humano, crime incessante, abusivo e incontrolável.

PALAVRAS-CHAVE: Tecnologia. Escrita Criativa. Tráfico Humano.

ABSTRACT

This essay aims to add some elements and tools which were used in the creative process of the novel *Tem wifi?* To observe and analyze the relations established between the impact of technology at the current literature and its creative possible freedom in the academic supports are important points which served to the narrative in general. The theoretical references used all along the work were diverse going from Roland Barthes to many online inquiries. Considering some aspects like design, Literature in Brazil, Creative Economy, Digital Humanities, among others were, essential to reflect what we are living in terms of Pop Culture, which is always on the line to the future. The chosen proposal was fundamental to link the novel's theme whose main character is a Youtuber, facilitating as well to bring up the discussed matter of identity search, in this case through Moroccan universe that served as a scenario to unmask human trafficking, an incessant crime, extremely abusive and uncontrollable.

KEY WORDS: Technology. Creative Writing. Human Traffic.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO – LITERATURA NA INTERNET	9
2. NÓS TEMOS WI-FI.....	22
3. ARTE & DESIGN & ME.....	28
4. BREVE PENSAR SOBRE A CRIATIVIDADE NA ESCRITA CRIATIVA.....	34
5. PLATAFORMAS DIGITAIS: UMA ESPIADA NELAS.....	38
5.1. A ESCOLHIDA: WATTPAD	39
5.2. COMO ANDA SUA MEMÓRIA?.....	41
6. LEITURAS DIFERENTES? TEMOS.....	44
7. ECONOMIA CRIATIVA – MOEDA CRIATIVA	47
8. TOPOGRAFIA LITERÁRIA: TEM WI-FI?.....	57
9. A INTERNET E O VAREJO HUMANO	64
10. NARRATIVA ESPECULATIVA	69
11. HUMANIDADES DIGITAIS	73
12. A VIDA NO ANO 2020, E COM WI-FI.....	78
14. CONSIDERAÇÕES FINAIS – UM KIT ESCLARECIMENTOS.....	91
15 - REFERÊNCIAS	103
16 – ROMANCE: TEM WI-FI?.....	107

1. INTRODUÇÃO – LITERATURA NA INTERNET

O ensaio literário é um texto opinativo, em que se expõe ideias, críticas, impressões pessoais e, por que não, amostras avaliativas das inovações tecnológicas. Faz parte propor uma reflexão mais subjetiva, quando se trata de fazer um ensaio voltado para Escrita Criativa. Início, pois, amparada pelo pensamento de Michel Foucault, ao colocar a importância de responder à seguinte questão quando nos propomos a escrever uma tese: “O que está acontecendo aqui?”

Bom, sou rápida na resposta! Faremos aqui um bate-papo ensaístico, que permeou minhas atualizações, sobre tudo o que estava acontecendo em termos de tecnologia, enquanto eu escrevia o romance chamado: *Tem wi-fi?*. O título pode soar um pouco estranho, mas você verá que é uma das questões mais importantes da humanidade. Exagero? O romance reflete algumas questões da vida online e esse ensaio responde com sim: Temos wi-fi. Nós sofremos a pressão de uma força ininterrupta que, por enquanto, prefiro chamar de “impacto”, embora essa palavra traga uma ideia negativa. O que algumas linhas acima chamei de “bate-papo” é, na verdade, o conjunto de pesquisas e reflexões que me sustentaram a entender o impacto da tecnologia na literatura e como ele se alastrou para compor o romance. A proporção da literatura digital, hoje, está muito integrada com a partícula espaço-tempo que temos como cidadãos, que passam seus dias na corrida frenética de multitarefas. A produção literária também se adaptou a esse sistema de linguagem nas novas mídias, e é vedete, nas entrelinhas, da vida célere, que comporta leituras mais rápidas e facilitam a carreira de escritores que não dependem mais do livro impresso na editora para colocar seu texto no mercado.

A ficção interativa e a realidade da área de Humanidades Digitais são o resultado da evolução que, no momento presente, atesta o perfil de aldeia global. A mesma tecnologia que hoje invade nossas semanas, corre e apressa nosso tempo, está datada e é vítima de um futuro diferente; daquele futuro que costumava durar muito tempo. A consagração do avanço tecnológico obriga-nos a refletir sobre questões já abordadas, mas, ainda não, totalmente respondidas: Como a nova tecnologia transforma nossos sentidos? De que maneira eu prefiro ler, de que modo me concentro melhor? Como mudou a maneira de se relacionar com a literatura? Se pensarmos no papiro, depois no livro e, agora, no tablet, qual nos aproxima de uma melhor qualidade de leitura? Pensar na definição de literatura já implicava análises complexas. Repensar a definição de literatura nos padrões atuais, de influência e impacto das linguagens digitais, é, no

mínimo, multidesafiador. Romances de numerosas páginas, companheiros de longas viagens de trem, nem sempre são compatíveis com nosso escasso tempo de lazer. Leituras mais curtas e interativas preenchem os rápidos vácuos dos leitores contemporâneos. Segundo a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil – Livro 4*¹, momento em que comecei a escrever o romance, nosso nível de escolaridade foi aumentando, mas a forma de ler continua, pois, a maioria das pessoas ainda lê no papel. Esses tipos de dados são demarcações perigosas porque medem o que sempre temi me perguntar: Por que quero escrever? Contar histórias com que intenção? Nunca fui a fundo nessas perguntas, porque me gladiar com a dura realidade seria meu suicídio literário. Escrevo porque, se não escrevo, não falo, mal me comunico. A ficção é minha melhor amiga, é com ela que passo a maior parte do tempo, passeamos por aí, enxergamos os detalhes juntas, fofocamos com milhares de palavras e, depois de reuniões intensas, às vezes, compartilhamos com os outros. Que outros? Os outros seres, os que nos leem, os que precisam ouvir outras verdades, os que aceitam passear de camelo pelas dunas poéticas. E de onde surgiu a ideia de fazer o doutorado? Onde eu estava com a cabeça quando permiti me desnudar dessa maneira? Por cima das dunas no deserto – o meu Marrocos, o espaço interno de extrema pureza e concentração. O deserto é um estado de escassa distração, um lugar de menor estímulo, é o canto de solver pensamentos, é da paisagem remota e previsível que extraímos algum silêncio – o caldo das palavras. A escrita tornou-se meu jeito de estar no mundo, ressignificou meus rumos e detalhou o plano mais eficaz para nortear esse terreno fértil. Dei-me conta de que para estar neste mundo, eu precisaria estar entre as pessoas que estocam palavras, que trocam textos e fazeres literários. A varinha mágica fez sua parte, dando um empurrão na sorte, porque minha bagagem nunca foi das mais potentes, eu teria de me esforçar para além dos desertos conhecidos e me agarrar na determinação; essa, sim, tinha superioridade. Nunca tive muito tempo, e não gosto de falar muito, mas eu queria muito “estar” escritora. Foi com esse meu impulso inicial que avistei o doutorado como um excelente local de encontro entre desejo e coragem. Para estar escritora, tive que gritar ao mundo que eu conseguiria. Eu queria estar com os mestres da escrita, com os colegas criativos, no ambiente de experimentação da literatura. Cheguei aos trancos, quase cuspidada por esta força absurda de me fazer feliz entre os escritores e hoje, estimo, ainda na espreita do medo, o “se”, gigante que me leva a ser, ao invés de só estar. Estar escritora, é apenas uma pessoa que escreve sem muitas metas, com poucas

¹ Pesquisa publicada em 2016, por Z. Failla, que visa apresentar diferentes perspectivas de leitura no Brasil. Link de acesso: <https://cutt.ly/4jLmSE2/>

técnicas, mais instintivamente. Ser escritora é viver de escrita, dominar as formas, acreditar na potência de produção criativa, é aprender a desconstruir e montar o novo, com absoluta harmonia entre espírito e racional. Essa é a materialização que busco. Evidente que ninguém é escritor só com um certificado, mas, agora, me sinto equipada. Tenho algumas etapas cumpridas e novos aparatos nas mãos. Sinto-me avalizada a seguir a carreira, a construir uma voz autoral, estou deixando de lado o receio de ser medíocre, porque é preciso trilhar na lama para alcançar o lugar de destaque. Ainda me falta tanto, ousaria dizer que até me falta tudo, mas, a diferença reside na segurança. Me sinto apta a! É hora, pois, de contar a minha história. Essa história veio de mansinho, sentou-se ao meu lado e me entregou o sonho. E como nada é por acaso, agrupei as pistas que a boa fada da literatura me entregou e anotei as senhas para chegar lá. Agora, com um pouco mais de maturidade na escrita, posso afirmar que as histórias nos alcançam. Eu já havia passado na seleção para cursar o doutorado quando inventei de ir para o Marrocos, lugar que sempre frequentou meio imaginário, como o cenário perfeito das Mil e uma Noites. Até o meio da viagem não havia nenhum elemento que tivesse me despertado a alma para escrever o romance que apresento aqui. Eu apenas escrevia meu diário de viagem, com anotações históricas e me deliciava nos recantos deste pequeno país que me marcou para o resto da vida. Quando reli a *Arte de viajar* de Alain de Botton, conectei algumas justificativas do estilo desse ensaio, percebi, como ele, através de seus escritos, que desenvolvia, numa espécie de diário, ideias originais apoiadas na obra de grandes pensadores. Senti, pelo teor poético de Botton, que poderia transformar tudo que era absurdamente exótico, para mim, em prosa poética. Eu estava nutrida por cores fortes, pela diversidade das paisagens que se exibiam através de mares, campos, areais e prédios, eu estava colhendo a exuberância do Marrocos, junto com a simpatia e a estranheza do povo que aprendi a amar. Contudo, quem me trouxe o gatilho para a narrativa foi a guia espanhola, que se juntou a nós antes de chegarmos no deserto. Prometo contar detalhes depois já que faz parte jogar a isca e depois pescar o regalo, o tal peixe que vem das profundezas do oceano letrado. Então, quando tinha a história na cabeça, só pensava em transcrevê-la. Entretanto, nunca se deu como um jorro, ou uma ansiedade incontida, em nenhum momento acelerei esta ideia encubada: eu simplesmente me resignei a ler, a pesquisar, a fazer os trabalhos solicitados pelas disciplinas cursadas e ler mais, muito mais, e de tudo, porque quando você tem um desejo de compartilhar sua experiência ficcional com alguém, já vale tudo, já vale um livro, já vale toda sua vontade, e, aí sim, mesmo as estatísticas registrando a triste verdade de que as pessoas leem muito pouco,

você vai contar sua história, porque ela já não te pertence mais. Bem, entre buscas históricas e geográficas sobre o deserto africano, segui observando alguns vetores indicativos de leitura, números que registravam a fatia que mais me interessava e, tristemente, foi a que mais me decepcionou: os adolescentes. Foi um susto rápido, entretanto. Hoje sei que eles leem mais e de várias maneiras. Descobri que o livro não é a única forma de se ler e que meme também pode ser literatura. Gosto de pensar que os adolescentes sempre foram meus leitores imaginários, muito embora tenha sido surpreendida pela grande soma de homens, entre 40 e 80 anos, que leram alguns dos meus livros publicados, em especial, os com apelo literário mais jovem; mais jovial no sentido de uma linguagem mais solta, com gírias, e formatos mais ousados do que estavam habituados a ler. Algumas outras revelações também me trouxeram espanto, a exemplo das crianças brasileiras, de cinco a dez anos, que formam a faixa etária cujo número de leitores cresceu em 2019, segundo Retratos da Leitura no Brasil. De acordo com o estudo, a maior queda foi registrada na faixa etária de 14 a 24 anos, o que me remete a um ioiô indisciplinado; e foi assim que compreendi que a queda na leitura entre os adolescentes, muito provavelmente, estava relacionada às diferentes formas de leitura, hoje. Minha jornada rumo aos porquês desses números começou pelo futuro. Foi lendo *O meio é a Massagem* (2018) que adentrei distintas maneiras de instigar a leitura e as novas possibilidades, frente a uma cultura pop e tecnológica. Decisão tomada: vou escrever algo que se passe na vida online. Essa provocação de produzir um romance nas beiradas do avanço tecnológico, me fez experimentar as fronteiras mais flácidas, e as curvas das redes sociais se mostraram, à priori, graciosas. Depois se transformaram em serpentes velozes e traiçoeiras. Puxei a flauta e comecei a hipnotizá-las. Voltei o pensamento para a possível extinção do livro de papel, embora acredite na inserção de vários meios de escrita e leitura na simultaneidade do futuro. Marshall McLuhan, no livro *O Meio é a Massagem*, questionou sobre o conceito de literatura e a suas mudanças ao longo do tempo. Naturalmente, essa discussão não contém considerações herméticas e, talvez, só possamos entender o real impacto da Internet em 25, 40 anos, a partir de agora. Como, então, podemos fazer certas previsões sobre nosso destino literário? Estamos na cultura da conexão, do “remix”, da sinergia literária e da palidez do papel, mas não é por isso que o extermínio do livro tem que ser aceito. O papel e a tela não transmitem a mesma narrativa? A história contada não capta e molda o apuro poético do mesmo modo? Estamos todos inseridos nas “desfronteiras”, nos entre-lugares, na *ageless-life* e na diversidade que contém o único, entretanto, que recebe o outro como parte do panorama

da transpercepção. Vicente Gosciola nos seus estudos de “Roteiro para as Novas Mídias”, trabalha o conceito de “destemporalização” que nos coloca na diluição do passado, presente e futuro. O autor aborda também o conceito de “destotalização” que reconhece o fim das teorias e nos motiva a buscar explicações nas mais diversas fontes, condição ideal para sites de busca. Além disso, conceitua o termo “desreferencialização”, pois tem a noção da falta de um mundo concreto, ideia diretamente ligada aos conceitos de realidade virtual e comunidades online. A partir desses atalhos, rumei para o conhecimento dos novos formatos de produção escrita.

As novas plataformas, os recentes *softwares* dedicados a roteiros, como *Celtx*, *Final Draft* e *Movie magic & Screenwriter*, juntamente com *softwares* que rodam na nuvem, como *Youmescript* e *Writer Duet*, são exemplos de recursos disponíveis que fazem a carreira do escritor, totalmente independente do aval de uma editora que demoraria mais para produzir o livro e aumentaria seu custo, sem falar nas dificuldades da distribuição. Quem poderia imaginar uma facilidade de produção para escritores e leitores assim? McLuhan fez. Dotado de enorme intuição e percepção, Marshall McLuhan foi um revelador de como o homem chegou ao domínio relativo do mundo material. Umberto Eco e Jean Claude-Carrière também apresentaram uma discussão sobre a história e o futuro dos livros, embora o formato em papel já tenha passado por muitos impressos, os autores defendem a imortalidade do objeto como o conhecemos, apesar dos *e-readers* e da internet. O livro, nas palavras de Eco: “é como uma colher, martelo, roda ou tesoura” (p. 16). Uma vez inventados, eles não podem ser melhorados. Cliché literário, ou não, este é um ótimo exemplo e foi o que disse Eco (2010) em *Não contem com o fim do livro*, resultado de encontros com o dramaturgo e roteirista Carrière.

A reversão, pela qual a presença de novos mercados e novas massas de consumidores-leitores, encorajou o escritor a se desfazer de sua individualidade própria e única. Fez com que a produção literária reinventasse distintos diálogos com a atividade escrita. O escritor, que se isolava do mundo para escrever, poderia assumir um espaço indefinido e não, necessariamente, solitário para a produção e pesquisa de seus temas e isso me interessou muito, já que eu teria que conciliar minhas atividades como professora de inglês com o trabalho requerido no doutorado. Tal ação em algumas plataformas digitais significou produzir mais em menos tempo.

Afinal é tudo culpa dele
De quem?

Do tempo.

Do tempo cáustico que vai arrastando as intenções até elas se tornarem porosas
O tempo que controla a expectativa – ílesa?
Desmesurado finge-se sorrateiro, mas passa-nos como as vaidades efêmeras
Estreia a cada minuto o vulto do passado e o vislumbre do futuro
Dono do agora, do hoje intrépido. Cospe mofo.
Tempo do lobo mau que come a netinha, porque a vovó está no Twitter
É o tempo que nos enerva, acelera a escrita, é o tempo na miniatura de uma hora
E na imensidão de um segundo
Nós escritores, mancamos entre sofrimentos exagerados
E solidões de espartilho
Mas, o tempo também é só
E é coxo.

Ativar milhões de leitores em diferentes partes do planeta, ao mesmo tempo, além de permitir que o leitor possa interagir com as narrativas propostas, foi determinante para explorar o tanto de novidades, e me afirmei que sim, temos uma gama de inclusão literária como nunca imaginamos. A literatura eletrônica pode não ser um clássico, mas, certamente, quebra alguns paradigmas de leitura, nem sempre de baixa qualidade. Muitas vezes, a "divulgação" de palavras na web incentiva os leitores a entrar em contato com os textos, algo que antes exigia, pelo menos, um deslocamento físico a uma livraria para comprar o livro. Essas mudanças e seus efeitos trazem um novo acesso ao transporte de sentidos. O autor sai da passividade e move o leitor para além da leitura básica, infiltrando os dois em uma galáxia de processos ativos, que agregam ao entretenimento, elementos de sensorialidade e, muito mais atraentes do que a engessada e solitária, a possibilidade de leitura do passado. Sabendo que cada texto é uma cachoeira que move a água em diferentes rotas com distintas forças, temperaturas heterogêneas e múltiplos destinos de chegada, deixei-me levar. A lentidão do tempo, de outrora, rangeu os dentes, mas eu fui. De alguma forma, estamos fluindo em um *mode continuous* de subverter a forma, desta vez, virtualmente. Tudo é literatura.

Roland Barthes (1984), em *A morte do autor*, desenvolve um tratado sobre a dessacralização da figura do autor, em sua concepção moderna, e ressuscita a figura do autor na querela do "retorno" do escritor na era digital. A construção da persona online do autor é quase uma obrigação nos dias de hoje, inclusive trata-se de uma "exigência" de muitas editoras contemporâneas. Tudo em nosso século segue o padrão da "evaporação". Como a água aquecida que sobe e evapora, nossas narrativas são ebulição

na leitura de cada um. Ele afirmou que a unidade de um texto não está em sua origem, mas em seu destino. O autor que saía do palco para dar uma chance ao leitor, hoje, não precisa sair de cena. Ambos confluem em plataformas digitais, e cada vez mais o leitor é o autor. Não há dúvida de que a importância do envolvimento público-leitor na mídia digital veio para enfatizar a necessidade de interação e o "capital emocional" existe para medir essa tendência esticada do longo passado até o presente. A atual interferência do leitor na obra literária, seja a partir de *multiplots*, videogames, redes sociais e plataformas de escrita como *Wattpad* e *Spirit*, também tocam em uma importante questão: Será que o leitor, sendo tão estimulado a interagir com o texto e quase obrigado a fazer escolhas multifacetadas, não pode resultar em uma espécie de cansaço literário? Ter disponível um espaço híbrido em excesso, onde seus estímulos são altamente ativados pode causar uma sensação de esgotamento. Todos esses novos pensares começaram a me instigar. Eu ainda não havia interferido em nenhum texto produzido nas plataformas de escrita, mas acompanhava os chats e as sugestões de leitores. Numa espécie de bilhete, as autoras de histórias construídas no formato online, traziam para os leitores etapas de seus processos criativos. Era uma forma de aproximação, não presencial, mas extremamente rica. Se pensarmos no fácil acesso de qualquer leitor que, agora, tem um celular, possui de buscar qualquer tipo de assunto e informação sobre um escritor ou o atalho rápido para centenas de entrevistas no *Youtube* com os autores, observamos que as várias transmídias disponíveis são supersistemas de entretenimento que ressignificam o antigo e o pacífico sistema de relacionamento com as narrativas originais, por vezes, estagnadas. No livro *Cultura da Conexão* (2014), diversos temas cobrem os resíduos dessa atual pulverização de compartilhamentos, distribuição de conteúdo midiático e "pirataria virtual", que resultam da multiplicidade da vida online. Muitas impropriedades ajudaram a disseminar as obras originais para as massas, algumas narrativas foram transformadas em filmes e filmes em brinquedos e, novamente, filmes em séries e livros. Tudo é usado, reciclado e renomado na rede e na cultura da convergência.

Então por que não escrever apenas no sistema digital? Ainda somos seres físicos, eu, particularmente, escrevo quase tudo nas telas, mas isso foi um processo gradativo e apressado, nestes últimos quatro anos. Talvez, a maioria das pessoas ainda opte pela caneta e folha de papel, não só pelas questões socioeconômicas, mas, também, porque ainda não estão totalmente inseridas no universo virtual. Talvez porque lápis e papel tenham sempre uma sensibilidade garantida no prazer de tocar a folha e de alongar a elaboração do pensamento, em um tempo maior que o intervalo entre as letras digitadas.

Quem sabe, nos próximos anos, falaremos com um aplicativo melhor-equipado que os que já existem nos computadores, digitando para nós, com ainda mais velocidade e precisão vocabular, e, com isso, voltaremos a contar histórias como no início dos tempos. Alguns dizem que as máquinas vão ser escritores potentíssimos. O *software* já é melhor em cálculos do que nós. E pouco resta para eles serem criativos, emocionais e versáteis. Que impacto isso terá? A última pergunta me levou a seguinte reflexão que aqui inicio. De acordo com algumas estimativas², as tecnologias de IA têm crescido 300% ao ano desde 2013. Em 2035, estima-se que irão aumentar a produtividade da civilização em 40%. Para onde vai o escritor nesta progressão? Continuaremos a exercitar nossas habilidades criativas da mesma maneira? Analisar o lado trevoso do escritor antigo não aumenta sua extinção, pois todas as nossas emoções ainda não foram rastreadas ao ponto de produzir narrativas ficcionais tão poderosas quanto os romances do século 19. Será? Estudos avançados já disponibilizam teclados inteligentes para empresas digitais, que leem a velocidade, o toque e a rotina do digitador a ponto de detectar o humor da pessoa. Refletir sobre o nosso mundo na presença, ainda incompleta, de outros seres inteligentes, como os robôs, é tarefa que não pode ser adiada.

No século XXI, já podemos vislumbrar serviços inteligentes como o carro que fala com você para saber o seu destino, que poderia ser simplesmente: casa. Já perto de sua residência, o computador de bordo entra em contato com outra IA, a do assistente pessoal virtual que administra a rotina doméstica: "A geladeira está vazia. Quer que eu peça uma pizza?", pergunta o computador e, em seguida ouvindo um "Sim.", IA fornece a demanda. Agora podemos transplantar esse pequeno diálogo para o universo de Escrita Criativa. O *IA-writer* pergunta a você qual sinônimo está faltando, sugere a mudança dos verbos de ações lentas para aqueles de versão rápida, vai convencê-lo a aumentar os detalhes de autenticação do personagem e deixar na tela todas as versões de finais possíveis, por ressonância, para seu romance. O *IA-writer* vai ser um holograma que você, claro, escolheu, onde é possível mudar a cor de cabelo, olhos e trejeitos, dependendo do seu humor. Em vez de dizer "A geladeira está vazia.", você pode anunciar desdobramentos que podem faltar nos próximos capítulos. Não se surpreenda se ele te aconselhar a terminar a narrativa mais tarde, já que seu potencial criativo está baixo no momento. Como imaginar um robô dando entrevistas sobre seu processo criativo? Ele seria capaz de destacar sutilezas sobre como estruturou seu novo romance? Falaria sobre as

² Reportagem desenvolvida pela Revista Veja, em 27 de setembro de 2017, na edição número 2549.

justaposições dos diferentes espaços emocionais que escolheu usar? Como seriam seus discernimentos intuitivos? A poeticidade não está nos objetos observados, mas no processo de transfiguração desse objeto que resulta da sinceridade interior do escritor. Resta saber se o potencial da literatura, em tempos de revolução tecnológica, é expressivo, visto que toda matéria-prima do escritor é, e sempre será, a questão das condições humanas, sejam temporárias, ou não, do homem. Como a revolução tecnológica vai mudá-lo? Esse novo ser social precisa de literatura, ou nova literatura? Talvez tenhamos *e-writers* com essa façanha cognitiva, mesmo sem as cicatrizes emocionais dos humanos. Ainda não sabemos como conviver neste *mix* de convergência das mídias, inteligência artificial e cultura pop participativa.

Como já mencionei, previamente, desde o papiro, até as atuais telas de computador, tablets e telefones celulares, todas as palavras foram depositadas ou armazenadas em um "recipiente" semelhante. Os escritores sempre foram os contadores das histórias ficcionais escritas, por esse motivo, não acho provável que o leitor, algum dia, elimine sua curiosidade pelo escritor. O fazer literário do escritor cria muita curiosidade nas Oficinas Literárias, o processo criativo de cada um interessa a todos. A internet nunca prejudica o prestígio do livro, muito menos, as máquinas de escrever ficção arranham a nobreza intelectual criativa de um escritor, penso eu. Bibliotecas e livrarias suntuosas também estão sendo substituídas por gigantes virtuais, como a *Amazon*, mas, mesmo assim, as pessoas não deixam de colecionar livros nas estantes. Ler um livro inteiro no computador, às vezes, é exaustivo e alguns preferem tocar no livro de papel, virar as páginas, carregar o livro de um lado para o outro e rabiscar com um prazer insubstituível. Mas e se outro tipo de livro aparecer, contendo todos os prazeres do livro de papel e as facilidades do livro digital?

Há uma nova sensibilidade literária no ar e eu quero entender. Viver com *clics* exige novos talentos. É necessário perfurar outros poços imaginários. Drenar virtudes criativas é um dos desafios de possíveis "escritores-*machine*". Os processos de criação são, essencialmente, intuitivos. A intuição vem do raciocínio inconsciente, palavra originária do latim *intuitione*, *in* (em, dentro) e *tuere* (olhar para, guardar). No livro *Criação Literária em Érico Veríssimo*, Maria da Glória Bordini (1995) nota que o inconsciente parece a Érico uma região ignota, mas, que proporciona gratificações, comprovando a tese freudiana de que os artistas criativos têm certa labilidade nas barreiras entre o inconsciente e o consciente, que facilitam a passagem das pulsões construtivas. É sobre o processo criativo que concentro na aposta de que as máquinas não

chegarão tão perto da perfeição humana. Todo processo cognitivo incubado no ser humano deriva da alma e, seja um dia passível de replicação, ou não, parece tão impreciso que esses *e-writers* possam alcançar a beleza e a raridade poética de um Dostoiévski, um Mário Quintana, ou de um Victor Hugo. São eles candidatos a produzir narrativas tão belas como Adélia Prado, Voltaire, Balzac? A longevidade da minha descrença é muito curta. O caminho literário que estamos tratando aqui é, ainda, um beco labiríntico. Uma coleção de caminhos curvos, longos, curtos e retos, descidas e subidas, uma montanha-russa em espiral que se move nas intersecções do fazer literário, que exige uma voltagem emocional genuína e humana. Será que o poder gerador de sensações, as reservas poéticas e o acervo passional que cada ser humano possui pode ser imitado por um robô? Como se chega à verdade artística de uma máquina? Sabemos que quando um escritor escreve boa ficção, todo o artifício consiste em escolher os detalhes. A literatura é diferente da vida e nos ensina a perceber os detalhes, como os robôs-escreventes vão escolher quais detalhes são relevantes e quais têm carga poética para sustentar uma emoção? Eles não experimentaram emoções. Eles armazenam emoções. Eles não fizeram as escolhas erradas em suas vidas passadas. Eles são capazes de rastrear a vida de outras pessoas para pesquisar quais vidas e quais reações serviriam aos propósitos de seus personagens, mas nunca sentiram o que o que vão escrever. Terá esse escritor mecânico emoção e convicções autênticas como os humanos? Carregar o peso do infinito não é tarefa para dispositivos eletrônicos. Acredito que podem até imitar certos padrões de fraqueza, como categoria geral da existência, porém descredito na excelente réplica de um romance, por exemplo, que não examina a realidade, mas sim a existência. A existência não é o que aconteceu e que está nos registros mecânicos, a existência é o campo das possibilidades. Toda boa ficção vem de uma luta consigo mesma, lembrei desta frase que escutei em sala de aula, com professor Doutor Assis Brasil, e que me acompanha sempre que escrevo. As máquinas de escrever teriam todos os recursos? Prefiro pensar que, da fase ágrafa aos apps de hoje e aos futuros virtuais que nem sequer podemos imaginar, venham a artrite estética e a atrofia da intuição para que o escritor nunca seja substituído. Porque o prazer de escrever nunca deve ser suplantado.

A plasticidade do texto digital, para nós escritores, só pode agregar, já que o registro escrito lança mão de outras possibilidades que podem enriquecer ainda mais nossas histórias. Escrever é uma necessidade e o mundo digital propaga isso de maneira brilhante. Concordo quando Umberto Eco diz que o livro em papel não vai acabar, até porque o formato do livro mudou apenas na forma, mas não na essência. Se hoje usamos

hipertextos digitais, ou transtextualidades virtuais, é porque a arte precisa da invenção do reformulamento e o artista acolhe tudo o que é lúdico, que é sensível e que permite registrar suas impressões. Nosso velhinho de mais de 500 anos tem muitos adeptos e não vai se aposentar, como acreditava Walter Benjamin. Nem mesmo nessa época em que o mundo digital torna os objetos analógicos cada vez mais obsoletos. E quem vai decidir o futuro do velhote de papel será o leitor.

Deixo – momentaneamente – essa arqueologia reflexiva sobre o passado e algumas adivinhações sobre o futuro do livro para tocar em um assunto de grande relevância, que é, de fato, um dos competidores mais bem equipados para ganhar muitas decisões sobre literatura virtual: o dinheiro! Ele é e sempre vai ser o suporte implacável para a evolução digital. Onde ele está, está o público, o escritor e o leitor. Acredito que, ao longo dos anos, o destino da maioria dos livros vai se assemelhando ao de filmes e seriados. Hoje, as séries dividem os lucros ao serem exibidos, por exemplo, por sites que se convertem em locadoras virtuais. O lucro concentrado do livro, creio que será diluído, assim como foi com filmes. O lucro vem da exploração de novas formas de reinserção da obra no mercado. A economia obtida com a edição de livros na web, por exemplo, é bastante significativa. Na Alemanha, país onde um em cada dois livros digitais já é autopublicado³, apesar de ter que circular na fama recorrente de livros como esses são, em média, ruins ou mal escritos, os livros digitais já são aprovados e as coisas mudaram muito. Em uma reportagem Thomas Wilking, editor-chefe da buchereport, mostrou que, nos últimos anos, o mercado de livros perdeu 2% da sua receita total, algo em volta de seis milhões de compradores de livros, parte da culpa se deve da concorrência acirrada com outros tipos de entretenimento⁴. Mais uma exceção para as faixas etárias entre 10 e 19 anos e no grupo de mais de 70. As pessoas já ingressaram nos novos modelos e estão aprendendo a valorizar o trabalho dessa forma. De alguma maneira, todo autor que agora trabalha com editoras um dia será um autopublicador. Algumas vantagens da publicação independente são evidentes como controle total do dinheiro e da comercialização; a total liberdade de criação e aquela desvantagem de não serem aceitas pelas grandes livrarias, também, já estão em processo de reestruturação. Riscos e triunfos sempre acompanham as mudanças e, se, em muito, ou pouco tempo, estivermos soterrados na literatura virtual,

³ Futuro do livro: digital e impresso continuarão dividindo espaço, reportagem presente na Revista Publishnews. Link de acesso: <https://cutt.ly/Ak4Iwri>.

⁴ Alemanha perdeu 600 mil compradores só no primeiro semestre de 2017, reportagem presente na Revista Publishnews. Link de acesso: <https://cutt.ly/Tk4U3Ev>.

do escritor ao leitor, da venda as *copywriters*, das plataformas interativas às entrevistas feitas por sensores digitais, tudo passará pela questão básica dos direitos da vida privada. Todo autor já está digitalizado em nosso século ultraconectado, e pode ser, ainda mais, invadido por meio de suas obras. Não é atordoante pensar que um robô-escritor será capaz de discutir e interrogar escritores de uma maneira invasiva no futuro? Certamente, haverá leis, crenças e novas éticas no mercado editorial virtual e, portanto, novas punições virão, mas como punir as máquinas? Estudos apontam que famílias americanas já possuem um dispositivo de assistência virtual em casa. É um *hardware* capaz de responder a várias perguntas e cumprir mais de 15.000 tarefas. É uma IA que "aprende" sozinha, em pouco tempo, tudo o que observa. Renovo e repito a pergunta: qual é o impacto dessas superinteligências nos processos de Escrita Criativa? Teremos *best-sellers* feitos por *e-writers*, faremos transplantes neurais para garantir melhores sinapses? Se eu contasse a história que escutei no Marrocos, da tal guia espanhola, será que um robô desenvolveria melhor o enredo?

A gama de inusitadas tecnologias que encontrei, durante o percurso de buscar o futuro imediato na Escrita Criativa e as atividades consequentes destes novos fazeres, me expôs a tantas outras diversificações impactadas pelos adventos da internet que detectei a extrema necessidade de filtrar e escolher o que refletir enquanto escrevia esse ensaio. E as humanidades digitais se apresentaram como ponto importante, principalmente, por já estarem aí, ao nosso lado, embora ainda muito embrionárias, em alguns aspectos que pretendo examinar posteriormente. Fato é que estamos dentro desses ambientes eletrônicos, lendo, escrevendo e interagindo, mesmo que considerados, por vezes, rasos e pouco consistentes, estes caminhos são elementares para a compreensão geral; até porque as constantes discussões entre as práticas tradicionais e as novas tecnologias já estão defasadas por novidades que ainda não conhecemos. Quando comecei o ensaio e me referi à questão do espaço-tempo, tudo que pretendia dizer, dialogava com esse duplo. A maioria dos aplicativos que utilizamos vêm para facilitar, atalhar e cobrir uma quantidade maior de informações em um nano espaço, logo, também, esbocei esse novo formato de leitura, imaginando o *e-booknarium*. Nele, tudo pode ser resolvido “internautamente” e, por conseguinte, “instagramizado”. Você pode comprá-lo em livrarias próximas a sua casa ou nos sites de venda. Ele vem no antigo formato de livro de papel, mas, também, pode se tornar um *e-book*. Basta pressionar o botão *mode: free* no lado esquerdo da capa e/ou do *display*. Você escolhe a sua própria capa, título e diagramação, por meio dos aplicativos anexados na parte inferior da contra-capa. Não se

esqueça que a história pode ser contada tanto por Molière, como Vargas Llosa, Paul Auster, Milan Kundera, ou Elena Ferrante, Virginia Woolf, ou prefere Inês Pedrosa? Você que sabe. Vá para o menu de prefácio interativo e escolha qual escritor deve contar a história para você. Lembre-se que aromas de perfumes podem ser acionados, use a *touchscreen* localizada dentro do *smell-you*. Para escolher a trilha sonora de cada capítulo, toque duas vezes no canto da página vermelha e escolha o som ideal para cada cena. Com preguiça de ler? Esqueceu seus óculos? *E-booknarium* lê para você. Ajuste o volume e escolha a voz das celebridades que você gosta. Balzac ainda não está disponível no mercado. Os locais e cidades criadas na narrativa podem ser visualizados por meio de satélites, e os personagens são facilmente vistos na seção de *e-characters* no final do livro. Os livros com etiqueta amarela não têm a plataforma de alteração de final. Hoje você não está com vontade de aproveitar o espaço dinâmico do seu *e-booknarium*? Você está se sentindo nostálgico? Quer folhear seu livrinho com aquele papel antigo? Dois cliques no *Rewind*. Pronto: livro de papel, *again!*

Escrever é a alma que decantada decide, em palavras, sentir. No pergaminho, ou no *e-booknarium*, ainda podemos discutir nossas suspeitas sobre essas questões, ampliar os debates entre o presente e o futuro é assunto sem fim, preciso pensar um pouco, ou seja, combinar melhor a compreensão do enorme impacto da tecnologia na literatura. E foi assim que me propus a apresentar um pouco de cada aspecto que vivenciei durante o período em que construía o romance.

O ensaio com o nome: Temos wi-fi e o romance com o título *Tem WI-FI?*, são dois entre os muitos diálogos que demonstram o caminho infinito da internet. Creio que vale um olhar mais atento em alguns itens desta estrada, mas antes preciso me certificar: Você está conectado?

2. NÓS TEMOS WI-FI

A história que me escolheu para contá-la, apresentou-se no palco da tecnologia e exigiu espaços online que, confesso, não frequento com tanta assiduidade, apesar de já ter utilizado muitas das novas plataformas digitais. Quando se acolhe uma história, lista-se ingredientes e aí vamos ao supermercado das ideias, departamento do que chamo de “alma” buscar os fermentos que a transforme, untando com experiência e prática maneiras de melhor contá-la. É realmente como se estivéssemos em um mercado, lotando o carrinho de alimentos. Ao chegar em casa, temos de separá-los, os ordenando nas prateleiras para usarmos quando necessário. O romance com o título: *Tem wi-fi?* passou por um processo semelhante, de coleta de ideias e sensações que foram se organizando, aos poucos, até que o amadurecimento da história estivesse relativamente pronto. Passei muitos meses pensando, percebendo, adoçando e misturando enredos na minha “casa criativa” e, depois, despejando na tela do computador algumas variantes dessa ficção que acabou se desvelando “magicamente” por entre a vida da protagonista.

A questão da tecnologia me atropelou os sentidos desde que retornei para a universidade, anos depois da minha graduação, em 1986. Quando decidi fazer uma Especialização em Literatura Brasileira e depois o Mestrado em Escrita Criativa, trouxe comigo o cheiro de naftalina, ou seja, eu era aquela antiga universitária cursando Letras, que jamais imaginaria o quanto teria que exigir para acrescentar conhecimento em uma era absolutamente nova. Aliás, naquela época, nem existia a graduação em Escrita Criativa. Posso afirmar que a invasão foi severa, muitas vezes, não pude usufruir de suas vantagens, muito menos, assimilar todos os aspectos online, por isso, optei por compartilhar por aqui, algumas das etapas que tracei para acoplar a tecnologia nesse desafio de compor a personagem *youtuber* dentro de uma senhora que, hoje, sou eu.

Muitas perguntas ficarão sem resposta imediata e definitiva, algumas reflexões são tentativas de vivenciar inconsistências e mutações, no entanto, parece-me importante compartilhar essas impermanências, é nelas que contextualizei o romance que me propus a escrever. No instante em que o autor projeta determinado campo ficcional narrativo, as frases se colocam à sua disposição e a história flui. Por mais que eu quisesse contar a história com um conflito único, forte e vertical, uma novela, onde a personagem teria que lutar muito para conseguir algumas vitórias, me convenci de que não seria um bom recurso. Um único conflito não favoreceria o jogo de espelhos para mostrar a vida de hoje, multifacetada, que vagueia por vários conflitos horizontais. Naturalmente, salientei

um conflito mais importante, que vai discutir o perigo na web e que leva a personagem a uma escolha. A correria parece agrupar diferentes dúvidas e as aglomera, quase não nos dando tempo para resolver um por um. Escolher uma *youtuber*, com conflitos fraturados, possantes e velozes, foi essencial para harmonizar a trama. Retratar a azáfama do nosso dia a dia, onde o tempo é escasso, deixando-nos atrapalhados com as prioridades, a ponto de tomar decisões rápidas e nem sempre corretas, parecia mais condizente com as questões que pretendia trabalhar: as tais consequências contemporâneas. Eu poderia ter escolhido um caminho mais histórico, ou mesmo, mais dramático, um conflito forte e contrastante para carregar as dúvidas da personagem ao seu auge emocional, mas as setas do instinto me apontavam para a multiplicidades nervosa das dúvidas e elas circulavam pelas veias digitais. O ego artificial da personagem exigiu um tratamento especial e eu não tinha experiência profunda com a rotina das blogueiras, muito menos, entendia como seria uma vida assim, uma vida online, veloz, lotada de conflitos. Como já expliquei, tudo isso estava assolado pelo fantasma, na voz do professor Assis Brasil, que vinha lá do fundo da sala me dizer: escreve sobre o que você conhece! Desobedei um pouco, *sorry*. Talvez, eu ainda escreva um livro sobre aulas de inglês e meu relacionamento com os alunos, coisa que domino, contudo, confesso que, de intrometida, me deixei levar pela força da personagem Laila, que veio do Marrocos para me fazer embarcar nesse mundo tão criterioso, quanto algaz. Bem, quando senti na pele que eu não só estava experimentando o impacto da tecnologia nos procedimentos acadêmicos, mas que também me via cada vez mais analfabeta nos apps e words e clouds, compreendi que precisava da Laila e sim, Professor Assis, dessa história de internet, monetização de vídeos, criadores de conteúdo e trânsitos na internet, fobias globais e medo da tecnologia – eu, agora, conheço. Aceitei escrever sobre isso porque estava vivendo exatamente isso e, portanto, conhecia a porta dos fundos da apavorante sensação de não dar conta de todos meios digitais. Dito isso, mergulhei no meu atraso tecnológico, explorei estes receios de perto e tive, como muitos, que acelerar rumo a formas inéditas de aprender, ler e escrever. Me candidatei a perambular por variadas entrevistas que contribuía com tópicos sobre o comportamento dos adolescentes, aprendi algumas abreviações típicas de conversas online ou pelo celular como: “vc”, “pq”, “kd”, “qm”, “mds”, “gnd” e “gnt”, li durante as madrugadas revistas como *Capricho*, passei a imitar meus alunos, em especial, alunas adolescentes, pesquisei gírias paulistanas, fiquei craque no Instagram e até criei um perfil de Escrita Criativa (@transitoar), atualizei minhas playlists, assisti séries inteiras que me demonstraram os truques dos roteiros da Netflix, convivi com booktubers e blogueiras ,

ou seja fuzei nas características tecnológicas que me levaram ao chamado da história *Tem wi-fi?*.

A personagem *youtuber* foi, aos poucos, se revelando, embora já estivesse pronta dentro de mim. Foi como se, ao longo da narrativa, Laila estivesse enterrada no Saara e minha tarefa, depois de localizar seu esconderijo, fosse cavar, cavar fundo, até que ela se mostrasse totalmente, (odeio admitir, mas muitas vezes, a areia fina dificultava o trabalho). Em um primeiro momento ela apareceu de súbito para, em seguida, sumir, dando-me um tempo de aparição muito rápido. Tive que desenterrá-la pouco a pouco, desenterrar toda personagem para depois, lentamente, dissecar e escolher quais partes exibir. O trabalho do ficcionista sempre conta com persistência e foco para avançar nos escombros criativos e, escrevente que não se preze a talhar o personagem e remendar suas rebeldias, produz um ser incipiente e incrédulo. A alavanca que deveria ser usada nesse exercício contínuo de criar e escrever, que justificou todo o caminho literário que tracei, chama-se: prazer.

O prazer de desvendar uma história é tão gratificante que, para quem adora escrever, passar o tempo escolhendo palavras que, juntas, contem exatamente o que você imaginou, se torna um dos trabalhos mais gratificantes. Aos poucos, o impacto da tecnologia me deslocou para o romance e com minhas inseguranças digitais me espalhei, durante os quatro anos, para separar e agrupar alguns elementos potenciais que reformulariam ideias sólidas capazes de gerar seres ficcionais.

Embora tenha iniciado o ensaio nos tons da ABNT, optei, a partir daqui, por uma abordagem mais descontraída, representativa e despojada da escrita. Gostaria de pedir licença para reforçar a proximidade da linguagem e das formas de expressão que são utilizadas no universo da Internet, bem como, invadir alguns capítulos com poemas, ou escritos outros, que aliviavam minha escrita. Como no romance, trabalho com capítulos curtos, que auxiliam no ritmo da leitura, proporcionando intervalos mais rápidos ao leitor, momentos para buscar uma xícara de café ou espiar um post no Instagram. Assim, pretendo visitar alguns componentes da nossa Era 4G. Será um breve panorama, em um estilo mais apressado, rápido, anda, vai, corre, acelera, engole capítulos, *fast Reading*, variados, a velocidade na escrita, voa, o enredo instantâneo, a repentina união do ensaio com a personagem. Todos estão no ritmo certo e a favor do que pretendo mostrar.

Porém minha liberdade de fazer um Ensaio mais acelerado e menos “abenetizado”, no sentido do vocabulário, só foi de fato endossado com segurança quando reli, mais de uma vez, Stephen King, *Sobre a Escrita: A Arte em Memórias* (2015), relato

que liberta o ensaio de suas amarras acadêmicas, da voz cansativa “percebemos, notamos, concluímos”, sem “nós”, sem regras, sem cópias, estamos na era do “eu”, que invade a internet, com todos os seus aspectos positivos e negativos, talvez muito mais negativo, não importa, gostaria de ajudar a salvar a literatura com o que realmente interessa: a felicidade de ler e escrever. Não podemos perder isso. Vamos ao título do ensaio.

A simples afirmação “Temos WI-FI” não só alivia quem se hospeda em um hotel, mas, quem chega, ou está em qualquer parte do planeta. Não queremos ir a nenhum lugar que não tenha WI-FI porque, sem exagero, hoje, dependemos dessa tecnologia para todos os tipos de interação e não vejo como excluí-la da Escrita Criativa.

Gosto de pensar na arte como o desmembramento de nossa alma, de nossos sensores e de nossas façanhas nesta vida questionada. “Os artistas são as antenas da raça humana, eles auscultam e pressentem o porvir”, disse Ezra Pound. Todo artista é um transmissor de sentimentos e comunicação. Um ser que se apodera de algum tipo de expressão e passa aos outros um novo ponto de partida, um ponto de interrogação, um espaço para criar, a arte é *wi-fi*.

Acontece que a tecnologia nem sempre está a nosso favor. Sábado à noite, o calor de 32 graus em Porto Alegre, todos os familiares na praia e eu concentrada aqui, no início do meu trabalho, as primeiríssimas páginas desse ensaio. Escolhendo não passar o final de semana na praia e focar no que precisava, ou seja, escrever: liguei o *split*, abri meu notebook novinho e, quando digitei a senha, ops! deu errado. Senha incorreta. Como incorreta, se eu inventei essa porcaria? Tentei muito mais vezes e, ao receber mensagens da Microsoft de que eu teria que redefinir a senha, lembrei que existe algo chamado internet e que, muitas vezes, foi necessário desligar e resetar o *modem*, mas, não funcionou. Tentei mais três vezes e fui à NET 4004300, para saber qual era o problema de conexão, pois, desta vez, não era falta de pagamento. Já haviam se passado uns bons 25 minutos para o baú dos tempos perdidos, minha concentração ficou alterada e lembrei de que só precisaria do Word para escrever. Decidi: "então vou escrever". Busquei furiosa, em meu quarto, meu notebook antigo. Senha diferente e *plaft*, a Microsoft também me disse que estava incorreta. É guerra. Eu tinha desconectado a ligação da NET há vinte e cinco minutos porque perdi a paciência no digite 1 para, digite 2 se, digite 3 para, digite 4 e digite 5 se você, se você um escambau, já estava no telefone mandando *whats* para minha filha para desvendar o assunto da inacessibilidade. A adolescente que costumava me ver tropeçar nos tratos do computador, me respondeu que tanto azar não era possível com a “tecnologia”. Expliquei para ela que já tinha tentado a NET e que teria

de agendar a visita técnica, que não conseguia nem usar o Word e, no final, disse que ia desistir do doutorado, quem nunca?

Só que com a paciência já rendida, com meu status virtual abalado, pronta para me enturmar no pessoal com síndrome de impostor e, pior de tudo, com o tempo "livre" totalmente comprometido com a falta de recursos, resolvi, aceitar a indolência da calma, peguei uma caneta para escrever à mão. Antes, porém, de fechar o antigo notebook, dei uma teclada com tanto ódio que, “tcharam”, abriu a tela e aqui estou eu, escrevendo apressada, antes que alguma bruxa rebelde *hightech* me encontre e me desconecte do mundo outra vez. Ainda revoltada com minha extrema fragilidade tecnológica, pensei no teclado inteligente, que me diagnosticaria com o humor completamente transtornado naquela infame noite de verão. O teclado “muso *mor*” e behaviorista, lê meu toque, sabe definir meu comportamento pela pressão e calor dos meus dedos nas letras de seu teclado e me revela que estou alterada. Por pouco não me apaixono por ele. Muito mais preparado do que qualquer “bofe”, por meio da repetição comportamental de tarefas, o computadorzinho diagnostica meu estado anímico, me conhece e me agrada. O teclado reconhece que sou eu, porque lê como escrevo, com que força pressiono as teclas, com que rapidez meus dedos digitam e quais dedos tocam quais letras com mais força, de modo que ninguém pode se relacionar melhor comigo do que ele. Também me protege de estranhos curiosos que, às vezes, podem tentar entrar no meu laptop para roubar minhas ideias. Um muso! Fiquei devaneando *por supuesto*, mas com projeção no tempo avante, onde a senha não vai existir mais; e vou poder esquecê-las quantas vezes eu quiser. Nada como o futuro.

Episódios de artistas criativos, eu sei. Pensando nisso, firmei que a arte em Escrita Criativa passa por diversos setores curiosos, elegantes e digitais.

Mesmo em meio a fantasias, ter uma ordem seria fundamental para organizar essa avalanche de informações que considero relevantes para colocar nessas reflexões. E deu-se início a um botar e tirar de frases, anexa isso, escreve aquilo, aumenta a leitura, imprime, rasga e imprime e faz tudo e faz de novo. Espere, não posso acreditar que meu *beeminder* me cobrou mais cinco dólares de multa. Explico: admito que usei muito o celular e me distraí a cada segundo (oi, Laila!), bom e, por isso, instalei um aplicativo associado ao meu cartão de crédito, toda vez que eu quebrar as metas de uso, ele me cobra cerca de cinco reais. Só fui dar uma olhadinha para ver se tinham postado algo novo. Onde eu estava mesmo?

Não sei onde estava, mas sei para onde quero ir. Entendi que não queria escrever um romance que não tivesse uma personagem inserida na “*weblife*”. Foi assim que tive a certeza de que Laila, *youtuber* desfocada, cheia de conflitos, precisaria de bem mais carga emocional para carregar os leitores nas páginas da história. Acentuei na personagem o vício de produzir conteúdo, liderança, hoje, incontestemente para continuar reinando no futuro da internet. Aumentei, gradativamente, a voltagem das diferenças e conflitos que ela tinha com a mãe e sua busca incessante por likes. Precisei saber tudo que estava escondido, sob os seus esforços, para manter seus seguidores? Qual era seu segredo alfa? A beleza do enredo que aparece quando fazemos incisões nas dores da personagem, só pode ser comparada a um ponto e vírgula, a pausa maior que estica o deleite quando alcançamos um bom momento na escrita, que pode estar naquele instante em que conseguimos manejar as emoções das pessoas. A gestação de uma história é tão complexa e simultânea quanto uma gravidez. O ulular da sirene que vem das ideias, de repente, soou forte. A estética tecnológica despertou minha euforia, por isso, inferi que partir de diferentes propostas e plataformas digitais seria fundamental. Antes, porém, precisei do design para impor uma ordem artística. Vamos até ele.

3. ARTE & DESIGN & ME

Arte. Não é uma frase e eu queria que fosse. Poderia ser uma oração conceitual, uma frase com sentimento, ação, volume. Preencher a arte, sem cair em conceitos pré-estabelecidos, é mergulhar em um mar turbulento e imprevisível. Não importa – quero esticar minhas sensações através do que sinto como arte. Arte de viver, ler, escrever, cantar, morrer, desenhar, esculpir, comprar, cozinhar, tudo que envolve uma forma de interpretar, fazer tantas coisas emocionais, inventar com certa personalidade, de construir novas maneiras de entender as coisas, arte como embalo, tempero, aroma, tato, vômito, arte orgânica. Somos todos artistas, em algum momento, com alguém ou alguma coisa, com um sorriso frouxo, uma lágrima fugitiva. Arte humana. Eu mal estou resistindo a espiar o que o Google vai me dizer sobre arte. Não pretendo ceder. Preciso me mover na arte, porque a vida é movimento, a morte, não é? Arte machuca? A arte é aprendida? Ela retorna? Sinto que a arte está me envolvendo e preciso estar nela para navegar, serenamente, embora, a arte venha mais forte do caos, das perdas, das energias loucas, dos caldos perigosos, da imensidão da vida online. E como está a arte na internet? Presumo que igual à arte em qualquer outra circunstância no planeta, que concentra o envolvimento humano com a transformação do pensamento em outra representação. A arte virtual é, no entanto, o esforço de uma expressão única, sensível e funcional de dizer o que acreditamos no existir, no novo existir. Se somos fragmentos de toda uma criação, somos todos arte. Somos artistas que multiplicam experiências, enchendo o mundo de artefatos significativos, de essências humanas. Somos duplos, triplos, múltiplos. A internet nos replica, nos espalha e se autocria. Estamos envolvidos em tudo. Temos um bom caminho para explorar. *Web me.*

Enquanto flertava com o livre pensar do meu interior artístico e do que vivo como escritora nesta era computadorizada, dei-me conta que o romance ainda era pedra. Minha nova personagem, apesar de ter nascido rápido, apresentava ferozes resistências, estava incipiente, era rocha formada pela solidificação do magma. Me faltava o tempo maciço de apropriação, pelo menos foi o que detectei, mesmo depois de ter reunido elementos para compor sua essência. Para nós que acreditamos que Madame Bovary é mais real que nossa manicure, minha recém nascida Laila era ser de incubadora. Me propus, então, a entender e controlar meus sentidos nesta pedra, a base bruta da personagem. Pedra? Viva? Mas se vida é movimento, a pedra não simboliza nada disso e Laila já arfava. Removo a pedra da minha mente e a substituo por uma linha, penso nela como uma trilha, antevejo

a protagonista como uma reta e viajo até Wassily Kandinsky (artista plástico e professor de artes visuais russo) ao refletir sobre ela. Ele disse que uma linha é uma trilha deixada pelo ponto em movimento. É criada pelo movimento, mais especificamente, pela destruição do repouso, intenso e ensimesmado do ponto.

E eu acreditei. Laila é linha. É interruptor entre criatividade e arte. Mesmo me valendo da ideia da linha, do movimento da reta, não consegui encapsular totalmente o conceito de arte, ou design digital, que, no momento, é tão vasto ou tão assustador quanto tentar não olhar para o meu celular. Tudo é tão mutável e inclassificável. O que os últimos vinte anos nos trouxeram é incômodo, em uma escala imprevisível, desregulamentada e fascinante. A arte é ampla. O design é contração e expansão que consagra a arte, e ela é pedra, linha, círculo, e é tempestade na criatividade e no entretenimento. A criatividade recria a máquina do fazer e toda matéria prima se renova, a partir desta reestruturação, até gerarmos outras artes, textos, prosas poéticas e, quem sabe, poesia no DNA. O que poesia e DNA têm em comum, me pergunto. Não sei, mas o artista alemão Christian Bok sabe. É o autor de *O Xenotexto*⁵, um poema que foi “traduzido” para DNA, para ser inserido em uma bactéria. Bok concedeu uma entrevista na exposição de sua obra, no Festival de Texto em Bury, Reino Unido⁶.

O mundo habita no design. Não tenho freios quando penso em design, até porque sei que palavras, letras, caracteres, tudo é arte e literatura e tudo é tanto, é aí, talvez, que more o perigo e faz-se necessário praticar as restrições, as escolhas profiláticas. Restringir ideias, organizar parágrafos, descartar excessos e trabalhar com clareza e ordem, componentes que exigem foco e, quando penso em foco e inícios e organizações, penso nos sumários. No caso de um livro impresso, os itens do sumário como enumeração das principais divisões, seções e outras partes organizacionais oferecem uma imagem estrutural do texto por vir, em uma espécie de design linear. Quando o livro é vendido pela internet, muitas vezes o sumário é reproduzido, informando seu conteúdo a potenciais compradores, leitores ou admiradores da arte de escrever. Um produto literário deve estar a favor de uma boa visualização, de preferência inspirador e que possa despertar o desejo de possuí-lo, ou de lê-lo. Por isso, não dispensei aqui o sumário, pois, ajuda o leitor, assim como uma interface, ele define estratégias para a realização da tarefa

⁵ Link de acesso ao poema: <https://www.uv.mx/lectores/libros/xenotexto-un-poema-en-una-secuencia-de-adn-incrustado-en-el-genoma-de-una-bacteria/>

⁶ Entrevista com o artista Christian Bok. Link de acesso: hypescience.com/

e é responsável por conduzir, orientar, acolher, alertar, ajudar e responder ao usuário durante a navegação.

Saindo um pouco destes rebuliços narrativos e pulando alto para a essência da criatividade que descamba no design, passo para um exemplo do que considero um artigo criativo de sucesso, vamos ao artista Lucas Levitan. O trabalho que escolhi para provocar este momento, exemplificando a minha rebeldia criativa e o meu “conceito particular de literatura & design contemporâneos”, baseia-se até na ausência de palavras. O trabalho dele, intitulado *Photo Invasion*, não contém palavras, pois é feito apenas com fotografia e desenho gráfico. Ele entende seu projeto como uma história em quadrinhos, porque sua criação se passa no quadro de uma fotografia. Funciona assim: você manda uma foto e ele invade a foto dando seu toque de ilustração, mudando o rumo da narrativa original. Seguidores e amigos das redes sociais foram os primeiros apoiadores e o trabalho se multiplicou a ponto de produzir o livro *Photo Invasion*, alguns de seus trabalhos estão no perfil do Instagram (@lucaslevitan). Hoje, ele é contratado pelo Facebook e você pode comprar chinelos Havaianas com seus desenhos no Brasil e exterior. É um trabalho genial e primoroso.

Outro trabalho que gostaria de compartilhar, como exemplo de design, ou pelo que aprecio em termos de “literário/digital” e que foge às regras estritas da escrita pura, foi assinado por outra brasileira, que, assim como Lucas, também morou em Londres: Ana Bender (@finkcontent). Ela, como muitos jovens que estudam Design, Letras, ou Comunicação, está inserida no universo da humanidade digitalizada. Um método desenvolvido no Mestrado de Artes em *Publishing no London College of Communication* (UAL), Londres. Ana esteve recentemente no Brasil dando workshops e experimentando o *Creative Content Kit*: um baralho de cartas que apresenta um processo de quatro etapas (*model, filter, frame, amplify*), que serve para criar estratégias de conteúdo consistentes por meio de ideação, planejamento e prototipagem. Você pode usar essa ferramenta em qualquer empresa, ou atividade criativa, inclusive para impulsionar sua carreira de escritor. Durante o processo, você não apenas aplica e expande novas técnicas, mas também lê e desfruta de estágios de escrita criativa e design arrojado. *Google them!*

Hoje em dia ouvir: “*Google me*”, pode ser sinônimo de consulte-me, descubra-me, compreenda-me, encontre-me. O que importa é ser "consumido", tirar o bastão do homem das cavernas, roubar seus instintos e jogar na rede. Evoluir é uma função social e a arte está nela. Criamos sem parar, investigamos os sentidos, fazemos arte para sustentar a nossa existência e redistribuímos no coletivo. Ainda bem que a tecnologia está

disponível para a arte. Você não tem certeza? Nem eu! Fiquei nervosa e corri para o celular para ler a postagem que minha amiga acaba de jogar no Facebook. Pensei no quanto o texto é um *composé* de palavras que exige um espaço físico e na importância de seu valor semântico. Não aprovei o post da minha amiga, a questão estética rompeu com minha primeira impressão, só depois que reli o texto foi que percebi que ela tinha feito um arranjo sério, com o fundo azul, provavelmente, para cutucar o tom urgente do assunto. A atenção ao equilíbrio é uma das buscas difíceis da condição humana. Qualquer peça impressa, seja imagem ou palavra, deve circular na melhor escala possível. A escala pode depender do contexto. Qualquer pedaço de papel pode conter letras ou imagens que parecem ultrapassar seus limites, expressando um senso de escala incomum.

O mundo nunca valorizou tanto o design. As maiores empresas apostam todos os seus produtos nele e já estão cientes da importância e eficácia de um bom trabalho de escala, design e agrupamento. A identidade visual da empresa faz toda diferença, tanto que a Apple, Facebook e tantos outros gigantes da internet já conquistaram sua clientela incomensurável, graças a ela. O Design na Era Digital acentua a prática da editoração eletrônica, restabelece nova visibilidade para a literatura e, com as novas tecnologias surgindo para a internet, a cada momento, o *webdesign* ganha novas tendências. Para reunir a inegável importância do design, convidei três alunas da Faculdade de Comunicação, Bárbara Silva Pinto, Júlia Gomes e Bibiana Cardenás Duarte, para fazerem a capa do romance e confesso que me surpreendi pela profunda e atenta pesquisa que fizeram com elementos marroquinos, uma paleta de cores adequada e outros critérios como fonte e recursos para chegar a uma capa que dialogasse com o público adolescente. O Design Thinking também é vítima de alguns aspectos ainda incompletos, porque é um setor da arte que, constantemente, busca atitudes artísticas para converter necessidades em cases de sucesso. Anoto com contundência que estamos vivenciando uma fatia da história, onde nossa geração atravessa os anos como se fosse um risco de bisturi, que rasga as peles mais densas dos sentimentos humanos, abrindo fendas para remover das entranhas o pensamento criativo, estímulos e reações que, de imediato, serão prototipadas. A multiplicidade engloba e adiciona todos os meios, incluindo e compartilhando papel e tela. Vide os cartões de visita que, embora estejam sendo substituídos por perfis no Twitter, Instagram ou Facebook, permanecem, assim como os livros em papel. Ambos são utilizados, simultaneamente, oferecendo informação, estamos em trânsito, as variantes que medem as quantidades de incorporação de livros digitais ou cartões interativos ainda não corresponde a uma leitura exata de seu consumo.

Nem sempre, a quantidade de acesso às versões online da leitura garante a quantidade e a qualidade exata de seus leitores. Isso vale para a armadilha do número de seguidores nas redes sociais, a quantidade não autêntica a qualidade. O que não se discute, aqui, é a permanência do design *ad vitam aeternam*.

Vale salientar que o design gráfico nos livros de literatura infanto-juvenil, segmento com alto potencial de experimentação, se transforma de maneira mais harmoniosa. Os estímulos dos pré-adultos que vieram de uma infância repleta de fantasia, e que hoje consomem um ambiente interativo de leitura com influências visuais duradouras, ainda se espantam com a impressionante capacidade ilustrativa. Embora essa intimidade com o objeto livro seja precoce, a influência visual duradoura é uma memória que resiste. Por que não explorar os outros sentidos que temos, então? Por que não usar cada vez mais a literatura digital, com suas ilustrações, para dar aos pequenos novas formas de ver, pensar e sentir o mundo? Se as crianças brasileiras pudessem ter acesso a diferentes designs de livros, isso as faria amar a leitura, fica sempre o lamento pousando sua triste feição no canto da sala, aquela que expõe a gravidade dos acessos a educação no nosso país. Nossas crianças necessitam de muitos outros zelos, como todos sabemos. O brasileiro é gregário, social e a leitura é, a princípio, uma atividade solitária, algo para fazer em casa, tranquilo, concentrado. Mesmo assim, aposto em uma curva crescente, que nos leve a algum topo capaz de consumir um pouco mais de design e literatura. O planeta ainda padece de carências milenares e encontra-se em uma desordem em espiral contínua, ao mesmo tempo, esse mesmo mundo que já morreu várias vezes, se reinventou. Alguns sistemas evolutivos da criatividade e do design acoplam valores, a exemplo da Cripto arte que, segundo a *wikipédia* – enciclopédia livre, explica, representa o melhor dos colecionáveis digitais; os registros criptográficos atuam como obras de arte que carregam ideias e que nunca poderão, na teoria, ser falsificadas, são imutáveis e, detalhe, podem ser consideradas obras artísticas raras. Coisas da vida moderna, de evolução díspar e de vetores de gente criativa, que viraliza arte, design, palavras, narrativas e memes, são como máquinas de empatia. São outras leituras. Apesar do descomunal contraste entre estados brasileiros, somos um povo artístico, com um imenso potencial criativo, ainda estamos engatinhando no design, ainda lemos muito pouco. Entretanto, ainda temos tempo para apresentar belíssimas obras de arte, ainda renderemos muito, visto que somos pessoas altamente emocionais e isso nos possibilita um jeito de olharmos o mundo por outros ângulos. Nossa cultura é colossal, é preciso reverenciar a arte e, se o design ajudar o leitor

a usar outros sentidos que vão além da visão, nosso potencial criativo surge com mais vigor e assim teremos espaço para muito mais criatividade.

4. BREVE PENSAR SOBRE A CRIATIVIDADE NA ESCRITA CRIATIVA

Como avaliar a criatividade, principalmente no mundo digital e na Escrita Criativa? Foi uma das muitas perguntas que me fiz enquanto escrevia e minhas respostas foram todas mirradas. Reformulei a indagação: Que critérios estariam versando pelas “espécies de realidades virtuais”?

Há muitos critérios a serem considerados quando se pensa em explicar o que é Escrita Criativa. É escrever com total liberdade de criação? Design de qualquer espécie? Literatura sem regras? Umberto Eco, na página oito e nove de seu livro: *Confissões de um jovem romancista*, também se perguntou o quanto consegue-se definir a Escrita Criativa. Partiu do francês, que distingue entre um *écrivain* – alguém que compõe textos criativos, como um romancista ou poeta – e um *écrivain*: uma pessoa que registra fatos, como um policial preparando o relatório de um crime. Talvez, um conceito simplório, como esse, não dê conta do quanto de criativo, no sentido de inventivo, tem de ser uma pessoa para ser considerado alguém que “faz” escrita criativa. Retomo, o que diz respeito à proposta desse texto, onde todo tipo de criação é aceito e que se faz diferente, por exemplo, de um ensaio de escrita científica, onde o ensaio, em geral, pretende demonstrar uma tese particular, de preferência apontando ou fornecendo uma resposta a um problema. Será que só a ficção abarca o escrever criativo? E o filósofo, o designer e a dona de casa que faz listas para o supermercado não seriam eles frequentadores da escrita criativa? Será uma modalidade específica que ultrapassa o universo do escritor, ou um departamento na área de Letras? Espero que nenhum deles.

A atividade de criar é uma teorização infinita, imprevisível e, muitas vezes, inacessível, o que nos legitima dizer que qualquer tipo de definição a limita. A criatividade atinge a qualidade de quem é criativo, uma espécie de guardião da inteligência nata e que, em diferentes campos, sempre pode ser estimulado ou ampliado, dependendo de quanto exercemos nossas habilidades. Reforço minha convicção de que o talento pode ser exercitado (experimentamos isso durante a pós-graduação) e a técnica, companheira insubstituível do escritor, auxilia neste processo. Parece tão óbvia a pergunta: Como criamos? Temo que as inteligências artificiais tenham a resposta mais rápido que nós. Se computadores têm memória para isso, se os artistas são catadores das experiências humanas, dos restos de sentimentos e dos detritos emocionais, por que não considerar essa capacidade viável para uma máquina? Fico pensando nisso e não tenho vontade de acreditar nessa evolução, como vocês já sentiram; mas não se pode mais

brincar de adivinho, muito menos ter uma opinião – é um fato, temos um convidado próximo habitando nossa realidade.

O mundo virtual permite uma expansão da criatividade nunca testada. A arte nos delicia com uma série de sentimentos, a ficção, enquanto mimese, dilata as reações, nos ultrapassa em muitos caminhos e cria mudanças, atalhos e riscos para além do nosso mundo real. Se criar é basicamente formar e o processo criativo é intuitivo, qual é a parte que nos autentica para sermos melhores do que um computador que assimila uma infinidade de fatos. Ideias? memórias? Percepção? Eu tenho muitas perguntas. Porventura, a elaboração mental de sensações dentro da inteligência associativa que vem de áreas inconscientes são impulsos rastreáveis? Sabe-se que inventar e criar não são a mesma coisa, portanto, a criação é um desenvolvimento e uma reestruturação perene. Por enquanto, estamos experimentando a tecnologia como suporte técnico para a escrita, mas pressinto um concorrente injusto daqui, sem a sensibilidade da alma humana, porém ele existe.

Dar notas ou graus para medir a criatividade está sempre amparado em valores mutantes e que podem resvalar na sensibilidade de quem nos julga. As questões técnicas relativas às medidas de criatividade dizem respeito à fidedignidade, à validade e às condições de sua ampliação, é um campo dinâmico e multifacetado que não me sinto avalizada a aprofundar. Validar a verdade artística de alguém, me soa escorregadio, são muitas as abordagens que extrapolam o espaço aqui utilizado. O processo criativo na era digital perambula por infinitas facilidades, abarcando espaços de novas leituras, lambendo a teoria e a prática com uma espécie de língua gigante que saboreia inusitados apetites criativos.

Quer uma prova?

Phillip M. Parker, professor de marketing, criou um software que reúne informações, edita um livro e o vende⁷. Existem mais de 100.000 livros dele na Amazon e 700.000 livros de sua empresa. Naturalmente, não podemos avaliar a qualidade de todas essas obras, mas elas nos impulsionam a revisar alguns conceitos do que é a criatividade. Como separar o que é uma obra de arte, de apenas um conjunto de palavras escolhidas sem o refinamento de notável habilidade humana? A persuasão mimética, também estaria a serviço do computador escrevente? Aliás, o que queremos dizer com criatividade digital?

⁷ Artigo presente em: <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/002224299405800207>.

Melhor, retomarmos a definição básica do que é tecnologia? Se a veneziana da janela do seu quarto só fecha com a ajuda da sua mão e você inventa algo que a faz fechar sozinha, isso é tecnologia. Se uma caneta registra todas as suas ideias no papel e, agora, você cria uma caneta digital, capaz de rastrear seus pensamentos, feito *bluetooth* e ela joga na tela do seu celular seus escritos, também temos tecnologia. Sei, são exemplos muito primários, mas estamos vivenciando a maior revolução cultural pela qual a humanidade já passou. Nunca criamos tanto em tão pouco tempo. Pessoas que saíram da primeira televisão em preto e branco, como eu, para o universo da internet são testemunhas dos inúmeros deslocamentos ligados às formas de criar. A criatividade está voltada para a infinita computação inteligente, encaminho, pois, meu raciocínio para a virtualização integral que já está infiltrada em todas as áreas, atingindo modalidades de estar junto, de movimentos coletivos, de compartilhamentos e da possibilidade de escrever online com outras pessoas. No romance que escrevi, flertei com o tema da “desterritorialização” e alguns fenômenos espaço-temporais nos quais fiz a personagem transitar, inclusive, quando descobriu ser vítima do tráfico humano, crime que espelha um pouco de como nos sentimos sobre o despertencimento virtual, um lugar solto no universo, um espaço sem dono, um clube gigantesco.

A virtualização da inteligência apresenta o funcionamento tecnossocial da cognição, onde as literaturas sofrem mutações. Elas vivem sem um lugar fixo, estão em todas as partes, respondem a inúmeras interconexões, abrindo novos meios de interação. Quando falo de literaturas, no plural, refiro-me aos diferentes desdobramentos do fazer literário com enxertos e próteses que complementam, remodelam e desterritorializam. Os sistemas de realidade virtual transmitem mais do que imagens, favorecem uma quase presença, e isso é fascinante. Por meio das plataformas digitais, podemos estar quase lá, em corpo presente, na sala do leitor ou de outro escritor, ou uma sala cheia de gente discutindo literatura em tempo real. Estamos expostos e dispersos, presentes e ausentes, ativos e passivos, entramos em um novo cosmos de criação, com direito a existência após a morte. Qual a memória que você tem dos seus entes queridos? Álbuns com fotos de papel, vídeos, todas memórias estáticas, certo? A nova rede social aprendeu com milhões de usuários do Facebook, já falecidos, que é possível estender a vida. Bem-vindo à vida eterna com o Eterni.me que, em 2010, levantou o debate sobre se queremos, ou não, permanecer “vivos”. Nós escritores até podemos usufruir de certa eternidade à medida que nossas obras sobrevivem à nossa passagem por aqui, mas e os outros? Criando espelhos, como uploads de mensagens de voz e fotos, dados digitais e todo tipo de pista

que você deixou nos smartphones, por exemplo, os algoritmos de inteligência artificial, são capazes de criar uma versão virtual completa de você, ela pode interagir com seus filhos, netos, bisnetos, cachorros, gatos, inclusive respondendo perguntas e dando conselhos. É prudente se inscrever na lista de espera para um convite através do site *eterni.me*, se você estiver interessado. Aproveitar os dados do usuário para continuar a vida online também me chacoalhou os horizontes. Foi nesse momento que julguei escrever meu romance, na plataforma *Wattpad*⁸, porque queria tocar mais de perto a sensação de estar online compartilhando minha história enquanto a criava.

Minha tentativa de escrever o livro inteiro na plataforma teria sido um recurso importante para vivenciar o imediatismo da escrita, com o compartilhamento de outras pessoas que poderiam ler, ao mesmo tempo, que criava, mas, foi interrompido quando questioneei a comissão organizadora, perguntando se poderia apresentar meu trabalho de conclusão neste formato, entretanto, a mesma entendeu que não seria uma obra inédita e, portanto, não serviria para a obtenção do doutorado em Escrita Criativa – isso fez todo sentido. Tentei, então, publicar outra história apenas para participar de uma nova sensibilidade estética (mas não terminei o romance experimental) que atestaria o objetivo de um horizonte diferente, de um ponto de vista desproporcional daquele a que estávamos acostumados. Enquanto me recuperava do “não”, digo, do não publicar na plataforma de escrita, naveguei por outros buracos negros da internet e, cada vez mais, minha vontade de conhecer outras invenções de realidades tecnológicas afluíam. Foi então que eu esbarrei na “Noo”. Noonouri, 19 anos, feminista digital, blogueira de moda que usa um dos looks mais desejados da temporada e tem nomes como Kim Kardashian entre seus mais de 250 mil seguidores. (@2noonouri). Isso me remexeu os intestinos digitais. Aposentei lápis e papel e me deixei levar pela novidade. Bizarrices à parte, sinto que estou no epicentro da criatividade, mas preciso voltar para as plataformas digitais. Antes, porém, deixa eu te mostrar a popularidade do Alvarito (não o personagem do romance), mas o cachorro que tem mais seguidores do que eu no Instagram: 3.207! Segue lá @alvaritoschnauzermini. Alguma dúvida de onde veio a inspiração do nome para o guia espanhol?

Depois dessa é melhor você vir comigo para as plataformas digitais.

⁸ Link de acesso para a plataforma em: <https://www.wattpad.com/>

5. PLATAFORMAS DIGITAIS: UMA ESPIADA NELAS.

Tem de ser rápido, porque não temos tempo.
E ele se mete a resolver as coisas no gueto de cada um
Mas, eu tapo a boca do relógio.
Toda poesia é devoradora de silêncios – coisa que os ponteiros não entendem.

Conceitualmente, as plataformas digitais são um modelo de negócio que permite a conexão entre produtores e consumidores, de forma que se conectem a esse ambiente e interajam entre si, facilitando a comunicação. No caso da leitura e do processo literário, posso citar algumas plataformas, dando destaque ao *Wattpad* e ao *Spirit Fanfics*, que são as que uso com certa frequência, sobretudo quando discuto algumas fanfics com meus alunos em sala de aula. Escolhi explorar o primeiro, não porque o considere melhor, mas porque encontrei maiores possibilidades nessa plataforma.

Para exemplificar algumas das capacidades dessa ferramenta, ela permite ao usuário esparramar seus escritos gratuitamente. Luiza Carolina dos Santos fez uma análise muito bem estruturada no seu trabalho de Mestrado em Comunicação Social: “Quando a Leitura Encontra a Escrita”, onde foca, extensivamente, o seu funcionamento, me alcançando esclarecimentos que ajudaram a compreender alguns dos seus melhores benefícios. Também considero importante o *Widbook*, que é uma rede social de *e-books* brasileira, com plataforma Android, IOS e web. A *Kindle Store* e o *Amazon Kindle* são outros dois em uso intensivo, é claro. Eu li mais histórias no *Spirit*, mas, estruturalmente, me coloco melhor no *Wattpad*.

De acordo com a edição deste ano da pesquisa *Retratos de Leitura no Brasil*, da Fundação Pró-Livro e do Instituto Ibope Inteligência, 41% dos brasileiros já ouviram falar de livros digitais – um aumento de 11% em relação aos dados de 2011. Positivo! *Scribd* e *Kindle Unlimited* são serviços que funcionam como Netflix para livros digitais: você assina e tem acesso a uma infinidade de livros. A facilidade de não carregar o peso dos livros de papel e a limpeza desnecessária para retirar traças indesejadas, também são contempladas com a satisfação de ter as leituras todas organizadas, nestas novas plataformas, como o *Goodreads*, onde você pode marcar os livros que já leu e dar uma nota, destacar momentos especiais durante a leitura e avaliá-los de acordo com sua preferência. Se quiser ler além de livros e notícias, a sugestão é usar o *Pocket*. Nele, você pode salvar suas leituras, seguir amigos, ir para a área de trabalho, onde você pode salvar os links que estarão disponíveis sempre que acessar o aplicativo no seu celular. Você

prefere ler quadrinhos? Dos quatro mais elogiados que encontrei, apenas um contém títulos em português, o *Cosmic*.

A Revista Bula contribuiu com um levantamento de quarenta plataformas, algumas das quais já mencionadas aqui, e escolheu as 12 melhores para publicação de livros listando: *Kindle Direct Publishing*, *Kobo Writing Life*, *Wattpad*, *Xinxii*, *Escrytos*, *Creative Book Builder*, *Livrorama*, *Perse*, *Book Creator*, Clube de Autores, Livros Digitais, e *Widbook*. Acho que não temos mais motivos para não ler e, mais, a velha desculpa de que publicar um livro é muito caro, ou “ninguém lê”, vai para o lixo do passado. Agora, conte sua história, vamos experimentar o *Wattpad*.

5.1. A ESCOLHIDA: WATTPAD

Observar e usar a comunidade de ficção científica da plataforma de autopublicação, para leitores do *Wattpad*, é muito mais do que analisar as relações estabelecidas entre meu processo criativo e a construção do romance. Alguns debates como direitos autorais, formas de leitura e o modo como a obra circula na internet, são valiosos elementos para a abreviada análise panorâmica que aqui proponho. Embora tenhamos criado inúmeras tecnologias para encurtar nosso tempo, não estamos dando conta de todas atividades a que estamos expostos, se somos mais produtivos, também estamos mais ocupados e cada vez que adquirimos o domínio de uma nova tecnologia, o conhecido se torna inútil e, portanto, velho, em instantes, enquanto tantos outros recursos tecnológicos aparecem, ora substituindo o antigo, ora se aliando ao novo, a criação é muito mais intensa que o nosso entendimento, pelo menos no que diz respeito à Escrita Virtual.

A plataforma do *Wattpad*, foi criada em 2006 por Alan Lau e Ivan Yuen, permitindo com que inúmeras pessoas publiquem seus textos e divulguem seu material criativo, por computador ou app no celular. Segundo o próprio site, os usuários podem publicar artigos, relatos e poemas sobre qualquer coisa. O *Wattpad* possui mais de quarenta milhões de participantes espalhados pelo mundo, com bem mais de oitenta milhões de histórias lidas, em mais de cinquenta idiomas, é uma enorme associação internacional. Os usuários também podem interagir através de comentários e em grupos de discussão, montar suas próprias listas de leituras com conteúdo do site e votar se gostaram ou não da história. Temos, de fato, um espaço bastante interativo e fértil, para discutir literatura de massa. A obra literária, apesar de estar sempre muito além do que o

escritor imagina, já que cada vez que colocamos o ponto final, alcança para o mundo uma história que não podemos prever onde vai parar. No caso do *Wattpad*, isso ocorre de maneira muito mais veloz. Me pergunto sobre o status do autor neste amplo universo, alguns precisam da solidão, outros da multidão, todos nós precisamos ser lidos, mas, a que preço?

Notoriedade é uma moeda que só tem um lado: o reconhecimento feito de likes, ou pela crítica literária profissional nos leva ao mesmo pódio, mas com premiações distintas. A antiga tradição oral de contar histórias ao redor do fogo foi transplantada para a Netflix, será que exagero? Está bem, confesso que enxerguei indígenas ancestrais ao redor da fogueira contando suas histórias, depois, porém, vi eruditos que foram apenas acessíveis a um número reduzido de receptores habilitados para compreender os códigos enredados de palavras que exibiam em suas narrativas e, finalmente, saltei para a imagem da cultura de massa, caindo em cima da Netflix porque, afinal, é a segunda coisa que mais se faz na vida, depois de dormir, dizem! A Netflix é líder mundial em serviço de assinatura de filmes e séries de TV, via streaming, atualmente, com mais de 100 milhões de assinantes. De acordo com dados da economia.uol.com.br e com base no fechamento mais recente, o valor de mercado da Netflix é de US\$158 bilhões. Alguém aí não quer ser contratado como escritor roteirista dessa empresa?

Como ainda não fomos contratados, melhor comparecer na imensa rede midiática que o escritor do *Wattpad* pode alcançar, inclusive atingindo o Netflix. São seis perfis oficiais oferecidos: *Wattpad*, *The Wattys*, *Wattpad Ambassadors*, *Wattpad Romance*, *Wattpad fanfic* e *Wattpad Scifi*. O perfil *Wattpad* é o principal porque espalha as informações gerais e realiza competições e premiações, contando com mais de 191 mil seguidores. Ele também mantém seus seguidores atualizados através de uma conta oficial no Twitter. Outro perfil que faz muito sucesso é o *Wattpad Fanfiction*, que possui uma vastíssima comunidade com mais de 440 mil seguidores. Esta estatística nos permite pensar no *Wattpad* como uma grande oficina de Escrita Criativa, naturalmente, não tão rígida e criteriosa como uma oficina ministrada por mestres da Escrita Criativa, mesmo assim, uma oficina, um laboratório, um espaço de discussão, de troca de ferramentas, com muita interatividade, práticas de engajamento, divulgação e autopublicação. A história de *Flawed*⁹, por exemplo que se passa em um mundo onde todas as crianças são testadas, genética e psicologicamente, logo após seu nascimento e ganham uma nota de perfeição,

⁹ Link de acesso para a categoria *Flawed*, em: <https://www.wattpad.com/stories/flawless/>

ocupou em 2015 o décimo terceiro lugar no ranking de ficção científica, com mais de 1.723.00 leituras, 38.000 votos e 6.500 comentários. Olho no pormenor: tem todos os direitos reservados. Me pergunto, será que é um bom negócio? Quem lê esse tipo de literatura? Muitas das minhas alunas leem e gostam. Os usuários da plataforma são livres para enviar suas histórias como sugestão de inclusão em uma lista de leitura, entretanto, nem todas as histórias são aceitas, o que nos remete ao processo de publicação tradicional através dos editores. Faz-se necessário que a história apresente qualidade literária para que receba o selo de indicação, adquirindo o caráter das instâncias de consagração, para estar nas listas de leituras. Essas colocações proporcionam a competição entre escritores iniciantes, compreendem um treinamento bastante amplo agregando valores educativos, que pode assimilar um público grande através de rankings avaliativos, qualitativos e quantitativos. Para você começar a escrever basta baixar o aplicativo e criar uma conta, não é necessário passar por nenhum processo de seleção, é só você escrever e espalhar seu texto, compartilhando capítulos de forma mais serializada, geralmente com narrativas mais breves que exigem menos horas de leitura – já observou adolescentes na fila do cinema? Lembrou da fila do banco? Bem, é só pegar o smartphone, dois cliques e pronto você vai ler novos capítulos. A circulação da literatura está distinta e, nesse item, as propostas apocalípticas de alguns pensadores da antiguidade não servem mais para assustar o movimento da escrita online. Portabilidade versus o escasso tempo se conjugaram para trazer novas alternativas. Evidente que não estou assegurando a alta literatura, também, não estou autenticando o conjunto que chamamos de cultura de massa, estou ciente da problematização dos conteúdos. Algo interessante e que percebo hoje, através das plataformas virtuais e, portanto, na cultura digital é a inversão da lógica industrial que primeiro lançava o produto para depois procurar seu público. Pelo *Wattpad* podemos chegar no público durante o processo da escrita e antes que ele possa virar um novo produto, seja um livro de papel, uma série da Netflix, ou filme no cinema. Bem também pode ser mais uma história que vai para a gigante gaveta dos livros perdidos e abandonados. E se ninguém lembrar do seu livro?

5.2. COMO ANDA SUA MEMÓRIA?

Para se ter uma ideia do numeroso arremesso de produção nas plataformas digitais, vale salientar os mais de 250 mil capítulos no *Wattpad* que correspondem à 24h de leitura se tornando disponível a cada minuto e, bem, é preciso considerar outra questão:

a da memória. Tudo parece que diminuiu de tamanho e aumentou de volume, tenho um *e-book* LEV com mais de 7.000 livros, portanto possuo um mundo em um tablet. Um nano de tudo e com esse nano, que é uma bilionésima parte de algo, você constrói uma via láctea. Tudo mini – inclusive a memória. Estaria ela em processo de atrofia? Ela está sendo menos treinada? Estamos soterrados de informações, super estimulados por dados que ainda não aprendemos como filtrar. Escolher o que é assunto relevante é tarefa que exige tempo e dedicação, escassez à vista. Os aplicativos invadem nossa atenção a todo momento e, claro, se eu puder ir para o Google puxando meu iPhone do bolso do short, por que iria até a cozinha buscar o banquinho para pegar um livro antigo, pesado, com poeira da estante que fica na sala? Vou buscar o livro porque gosto de pesquisar assim, porque posso estar sem bateria no meu celular, porque o livro explora mais especificamente o que eu preciso assimilar, talvez, mas não adianta esculpir situações, o fato é que a nova geração atua com consulta online, imediata e completa. Eu quero me enganar achando que memorizaria mais lendo essas informações no livro de papel. Não sei se alcanço os transplantes neurais que estão ali na porta ao lado do corredor, mas seria maravilhoso.

Lembrar é narrar ou narrar é lembrar, como muitos afirmam? Para mim, lembrar é transformar registros em palavras que tenham ritmo, que tragam perturbação, que revolvam sentimentos e sensações, é acúmulo, é um *puff* de evocar histórias, é o departamento de estocar e misturar recordações, experiências e ideias. O cérebro é o hotel das memórias emocionais ou, se preferir, o museu do processo criativo, e falando em sistemas de preservação de memória, lembrei do Museu de Memes que vi no Google, dias destes. Me informei: imagens, desenhos, fotografia, impressão digital, sabe-se que 90% da informação transmitida ao cérebro é visual e que é processada 60.000 vezes mais forte que o texto (FELL, 2017). Quando o escritor entrega uma imagem através das palavras, está construindo pontes, registros e territórios. Há algo sempre radicalmente incompleto, insuficiente, provisório e contestável nas vias dos nossos processos criativos, menos a vontade de escrever e o prazer deste ofício. Ler e escrever ficção é uma forma de perceber e desenhar com as palavras a subjetividade das memórias que se embaralham, trocam de visual mil vezes e se apresentam como um novo objeto. *Tem WI-FI?* é o título provisório que escolhi porque me leva a imagem da conexão, do compartilhamento e assegura o vínculo da comunicação, mas, ainda é um título em construção, em rabisco, um esboço figurativo que, apesar de não sair da minha memória, ainda me soa incompleto. Não sei

se entrega, em mãos, o convite para o leitor descobrir sobre o que o livro se trata. A imagem precisa ter força, ser velcro para fechar e abrir outras figuras ilustrativas.

Estava tentando me organizar com tudo isso da memória e da imagem, ou da imitação, da forma de uma pessoa, ou a um objeto, quando meu cachorro, me olhando fixo, me intimou a levá-lo para rua. Costumo acordar e levá-lo para fazer xixi antes do meu café, mas hoje me parece estar com todas as aversões a ficar dentro de casa, não sei o porquê. Apesar de o ter levado cedo, o cão fez questão de bater na porta – demonstração irrefutável de que é urgente sair do apartamento. Peguei novamente a coleira e lá se foram mais 10 minutos da minha extinta uma hora escrevendo esta manhã, é sempre assim, o externo me roubando “tempos”. Enquanto eu estava na calçada esperando que ele identificasse mil cheiros que não percebo, pensei em um aplicativo que adoraria implantar em sua pele, um visor que acenderia uma luz vermelha toda vez que a quantidade de xixi fosse acumulada em seus rins. Um medidor que não o deixaria mentir para mim, porque provavelmente ele me enganou para que ele voltasse a passear, já que não fez xixi algum. Depreendi que tudo que eu queria era um leitor de urina, que tornasse minha vida mais fácil e economizasse meu tempo; e não é tudo que a tecnologia nos propõe? Opa, opa – nem sempre. Entendi que se pudesse continuar inventando aplicativos para “ler” os desejos do meu cão, não pararia enquanto não robotizasse todo o seu corpo, substituindo inteiramente sua originalidade. Seria um cão multifuncional, com inovações muito próximas das que prometem usar o corpo humano, como fio, mouse ou teclado. Imagens rebeldes da vida prática, todos os dias tentamos minimizar nossas tarefas para ganhar tempo, imaginamos modos de executar afazeres que não nos de tanto trabalho; ou seja, experimentamos o que os cientistas vivenciam, muitas vezes, reproduzindo e substituindo características humanas no computador. Estamos engolindo sapiência sem nenhum critério, armazenando informação sem tempo de selecionar conteúdos, comprometendo nossa memória com entulhos desnecessários, mas, que, às vezes, podem ser úteis. Em ciência da computação, o algoritmo é um decifrador de sequências infinitas de ações executáveis que visam obter uma solução para um determinado problema. Algumas bobagens são propulsoras de detalhes criativos, a exemplo da historinha do meu cachorro que a pouco comentei. Fiz questão de contar essa recordação sobre meu pet porque foi a que me levou a criar “Chora Menos”, o cachorro da personagem central. Na terra do escritor tudo vira literatura, mas precisamos que nos leiam, então acho prudente dedicar umas linhas a questão da leitura nas telas - é aí que você entra, leitor.

6. LEITURAS DIFERENTES? TEMOS.

Aceite: você, escritor, está sempre a um passo de avançar na primeira pessoa que terminar de ler seu novo livro e perguntar: o que você achou? (mesmo sendo vetado como diz a boa etiqueta do escritor). Isso se o seu livro for impresso, pois se for escrito no *spiritfanfiction.com* (plataforma de autopublicação), como já vimos no capítulo anterior, essa resposta vem bem antes, o leitor vai ler enquanto você publica os capítulos, participando, assim, do desenvolvimento criativo em andamento. Essa “intrusão” é emprestar o olhar contemporâneo do escritor para a formação do ritmo e movimento da leitura, que poderá ser de grande valia na correção de erros e acertos durante o processo da escrita. Tudo depende da questão do gosto e das opções que você tem. Vamos dar um rasante na Realidade Aumentada que permite interagir com modelos 3D, visitar museus, assistir exposições sem sair de casa, e transferir textos em imagens, só para incrementar outras formas de leitura.

Reforço minha aptidão pela realidade aumentada, leitura que possui a integração de elementos, ou informações virtuais, à medida que passamos às visualizações do mundo real, por meio de uma câmera, utilizando o uso de sensores de movimento, como giroscópio e acelerômetro. O uso mais popular no momento é na área de entretenimento, por meio de filtros de fotos em aplicativos e jogos. O usuário de RA pode usar óculos translúcidos ou câmeras conectadas a um dispositivo de computação. É uma experiência interativa no mundo real, onde os objetos que estão neste mundo são “acentuados” por informações perceptivas criadas por computadores, incluindo visuais, auditivas, somatossensoriais e olfativas. Pode ser construtivo (adicional ao ambiente natural), ou destrutivo (que mascara o ambiente natural). A realidade aumentada altera o mundo real do usuário, enquanto a realidade virtual substitui completamente o mundo real do espectador e muito mais. Estamos interessados em ler textos apoiados por RA? Difícil de responder. Qual sua reação? Comecei com a forma de leitura mais moderna, porque me parece bastante discutível, pois agrega facilidades de inteligência artificial, que nem todos concordam. Inovação é tudo que mais gosto e é chegado o momento de usar a gíria online do unicórnio, símbolo que aparece aqui com toda a sua força, já que uma empresa unicórnio é a que conseguiu algo tão difícil quanto encontrar a criatura mítica, saiba que as startups unicórnios do segmento do *Uber*, *Airbnb* e *Pinterest*, por exemplo, devoram sua imaginação, por que quando você as vê pela primeira vez fica espantado, não só com as cifras astronômicas de dinheiro que elas arrecadam, como pelo medo de ser o bisavô

mais desatualizado da rua. Toc, toc, toc, ou melhor, tec, tec, tec, abra a porta, é a inovação atingindo sua vida, mas vamos com parcimônia, podemos voltar atrás até chegarmos ao papiro. Se você me perguntasse: “O que você prefere, ler no livro de papel ou em uma tela com RA? Eu, agora, ficaria com RA – sem dúvida – porque aprecio os efeitos colaterais e esticados que as palavras, imagens e comunicação, em geral, deixam nesse tipo de leitura, então, acelero meu desejo de ler em uma tela capaz de produzir um holograma que, quem sabe, eu possa levar para dentro do box do chuveiro. Falando sério, os óculos de realidade aumentada servem muito mais do que ampliar sua leitura, também são leitores interativos capazes de cuidar de seres humanos enfermos, são maneiras de se ler muito bem equipadas, são novos costumes que podem consertar motores de automóveis, enfim, são retinas mecânicas altamente qualificadas. No entanto, é claro que a grande maioria dos leitores ainda prefere ler no papel, sem argumentos para discutir preferências, também eu, às vezes, me encontro neste grupo, embora aprecie a passagem para outras telas interativas. Fator responsável por essa aceitação aos livros digitais está na possibilidade do atravessamento de várias mídias dinâmicas ao texto, como áudio, vídeo e animação. Responder a essa pergunta, de preferência, é sempre fazer outras perguntas, faz parte do futuro.

As poucas experiências que tive ao ler realidade aumentada foram muito proveitosas, me deram vontade de jogar todos os meus livros fora e apenas andar por aí com meu celular, como se estivesse pegando *Pokémons* literários nas esquinas. Fofoca: parece que no próximo ano caçaremos objetos de Harry Potter – vou adorar! Muito provavelmente algumas histórias de ficção terão seus textos transformados em imagens multidimensionais, imagina ver as pessoas caçando objetos da Laila e do Chora Menos. Retomando o curso, dizia que minha sensibilidade foi aumentada e o sentimento de pertencer ao texto, seja como imagem ou como texto em si, foi muito mais gratificante através da tela do celular. A surpresa ficou por conta do prazer e da minha proximidade com o texto. A novidade compensou todos os sintomas negativos que, à princípio, me inclinei a julgar. Ler nesse nível é uma espécie de teatro e o teatro não é a interpretação em tempo real de um texto, de uma história? Bem, com a realidade aumentada, de certa forma, é a mesma coisa. Nossas imagens mentais, quando lemos um livro, no caso, um livro em papel, são altamente criativas, personalizadas e intertextualizadas pelos diversos processos que uma leitura exige, a partir da expectativa do horizonte de cada leitor. Na leitura “virtual” temos um pouco mais de interferência imaginária, perdemos um pouco da nossa fantasia inicial ao adicionarmos imagens impostas por efeitos de realidade

aumentada que nos aproximam da presença quase física dos personagens. Pergunto-me o quanto curioso pode ser a experiência de ler um parágrafo do livro de Miguel Souza Tavares, “Equador” e encontrar, ao meu lado, Luís Bernardo, um dos personagens da história, na minha sala. Eu também acredito além – que iremos desenhar os personagens conforme os imaginamos em uma tela interativa e, em seguida, trazê-los para o nosso lado. Mal posso esperar para tomar um drink com Anna Karenina. Telas extrassensíveis servirão de cenário interativo para que possamos, cada vez mais, tornar a fantasia real.

Os *e-books*, às vezes, proporcionam diversas comodidades, como já elenquei. O enorme potencial dos livros, em formato digital, já é consenso, mesmo sabendo que ainda é incipiente no Brasil. Infelizmente, o brasileiro lê pouco (já falamos sobre isso) e a grande maioria, além de despreparada para leitura, não tem dinheiro para comprar livros, muito menos smartphones. As crianças e adolescentes que têm aparatos digitais, como tablets, apesar da tela causar alguns danos às leituras mais longas, mesmo não completando uma leitura inteira, se beneficiam de resenhas, de games educativos, de anúncios de lançamentos, e acompanham blogs e canais literários que fortalecem o desejo pela leitura. Até agora eu estava me referindo à leitura individual, e a leitura em conjunto, como fica?

Um dos grandes benefícios de quem frequenta uma oficina literária, e, sobretudo, uma pós-graduação, é a leitura coletiva e a prática de criticar textos de colegas além do “gostei”, “legal” que obriga a pessoa a pensar nos efeitos dessa leitura e o que provoca nela, desenvolvendo todos os aspectos de alteridade e empatia que já conhecemos. Existem milhares de “oficinas literárias online” e, não podemos esquecer, a leitura em conjunto também é uma ferramenta terapêutica. Ler é decifrar mundos, ponto final. Lamento que nem todos gostem ou possam ler – tudo é uma questão de escolha e hábito. Já confessei que, ainda, prefiro ler no livro convencional e não me comporto como os adolescentes que leem e escrevem dentro de espaços virtuais, o tempo todo, mas, estou a caminho. Lá é a casa deles, por isso, optei por passar uma temporada com eles e experimentar a literatura sob essa ótica, mesmo sabendo que a maioria dos críticos não acredita na qualidade da produção online. Defendo esse espaço porque sei que é apenas uma questão de tempo, embora, concorde com o argumento de que os grandes escritores independem da forma e do local onde escrevem.

Acontece que minha intenção e meu desafio para fazer este doutorado também foi motivar-me a aprender o que há de novo na literatura mundial e, antes de me viciar nas telas, me atolei na Economia Criativa.

7. ECONOMIA CRIATIVA – MOEDA CRIATIVA

Uma Economia Criativa é uma abordagem de mercado que considera a criatividade como a força motriz do desenvolvimento empresarial e econômico, naturalmente, a Escrita Criativa faz parte do time titular, a par do audiovisual, moda, design, jogos, entre muitos outros.

Estudos científicos e governamentais começaram a se desenvolver para discutir a indústria criativa, a inovação, o comportamento do consumidor, a ideia da economia compartilhada – é a importância fundamental da escrita na mídia. Todos os setores que não incluem apenas os mencionados acima, devem ser considerados em conjunto para maximizar seus impactos. A criatividade denota valor em qualquer atividade e a Escrita Criativa é a atividade que se refere a praticamente “tudo que é escrito de modo criativo”; ou seja, sem ser copiado, ou técnico. Em nosso mundo fragmentado por diferentes classes sociais e cada vez mais inundado por imagens, sons, símbolos e ideias inovadoras, a tecnologia, a escrita e a leitura ganham democracia na forma de produzir histórias, como as já mencionadas plataformas digitais que são gratuitas e de acesso infinito em tempo real em vários países ao redor do mundo. O Reino Unido tem sido um líder no desenvolvimento da economia criativa, inclusive como um motor da inclusão social, desenvolvimento e diversidade. Estamos inseridos nas diferentes formas de fornecer informação, de gerar novos modelos de negócios, novos aspectos de consolidação, identidades e de lazer. O que me leva a pensar que é melhor criar um hábito – natural – para uma criança jogar online, do que obrigá-la a ler livros que, de forma alguma, dialogam com sua realidade e faixa etária. A fantasia, como sabemos, é fundamental para as crianças porque é a matriz de conflitos e condições humanas; por isso, se não forem expostas às histórias infantis, serão, muito provavelmente, adultos com poucos recursos emocionais para lidar com as adversidades da vida. E, se eles gostam de jogar videogame não estariam lendo também? Trabalho com aulas de inglês, inclusive dou aulas para crianças e, confesso, são muitas as reclamações das mães, que falam que os filhos ficam horas jogando. Inúmeras vezes, compartilho com elas que só pela quantidade de vocabulário que aprendem jogando em inglês, já vale como um enorme *input* do idioma. Quantas vezes um jogo levou um adolescente a comprar o livro depois de jogar? Alguns, são jogos de 250 mil palavras, ou seja, um livro que a criança “lê” e, eu acho válido “enganar” a criança, fazendo-a ler no jogo, afinal, apoio meu ensaio nos pilares da

tecnologia que auxilia a literatura, é muito mais positivo do que negativo. O grande abutre da nova literatura não pode ser o conservadorismo estático que propõe diversidade nula.

Exemplos para mim são provas de existência e vou para a Sony (apenas para sair um pouco da onipresente Apple) que disponibiliza às pessoas, ao redor do mundo, a melhor diversão, enquanto fornece o *hardware*, os dispositivos, o *software*, os programas e o conteúdo. Por que entrar no mercado de conteúdo se os negócios tradicionais da Sony são eletrônicos e computadores para o público em geral? Pela mesma velha resposta: *money*. O caminho mais curto para o caixa. O objetivo de empresas como a Sony é sempre transformar um produto simples em *souvenirs*, experiências e estilo de vida. Nunca se imaginou que a escrita voltaria a ser tão lucrativa! Antes da metamorfose provocada pela internet, os escritores se restringiam ao serviço de produzir longas narrativas, em livros, ou qualquer tipo de texto em papel, como os jornalistas faziam com suas crônicas e os roteiristas com suas narrativas impressas, críticos de cinema, ou teatro escreviam à mão e, em seguida, digitavam-os na máquina de escrever, direitos autorais estendidos a contratos restritos, apenas para citar algumas etapas do trabalho predecessor da internet, mas, hoje, é o movimento para o *mainstream*, é o que a maioria dos artistas deseja. A busca de um público, como esse, é imperativo, é busca de reconhecimento e capital, vai dizer que você escritor não vai usar o Facebook para divulgar o lançamento de seu último livro?

À medida que as economias globais se tornam cada vez mais competitivas e produtivas, as chaves para o sucesso econômico são sua genialidade e habilidades individuais, quero dizer, que a qualidade do pensamento criativo vale muito mais do que dinheiro. Durante a maior parte da história humana, o ingrediente fundamental das economias foi o suor, o trabalho humano e a mão de obra. Na era industrial do último século, o meio era dinheiro, ou seja, capital. Agora, na era da informação do século XXI, é talento, imaginação, habilidade e conhecimento, criatividade, genteeeee: “tô rica!”

No Reino Unido e nos Estados Unidos o investimento em ativos “intangíveis”, incluindo recursos humanos, bancos de dados, processos e tecnologias, supera os investimentos em ativos materiais, como edifícios e máquinas, com a diferença entre os dois cada vez maior. A mesma tendência é evidente em todas as economias industriais avançadas. Em seu livro, “*The Creative Economy: How People Make Money from Ideas*”, o autor John Howkins (2013) afirma que as pessoas possuidoras de ideias são mais poderosas do que as pessoas que trabalham com as máquinas, e em muitos casos, mais

poderosas do que as pessoas que são donas das máquinas¹⁰. Como vimos antes, a criatividade é um processo disruptivo que questiona os limites e premissas estabelecidas. Isso nos leva a pensar muito além dos limites e é o que praticamente define a inovação como um elo entre o fluxo de ideias criativas, com as realidades práticas da vida econômica, sendo a criatividade muito mais do que um trampolim para a inovação que por sua vez impulsiona mudanças, o salto é descomunal. A Economia Criativa emprega trinta milhões no Brasil e movimenta 3% de toda riqueza produzida¹¹.

Vamos pensar: a hierarquia cultural está em desordem, ou quase extinta. A ascensão das indústrias de conteúdo, o enfraquecimento dos independentes, agora misturados com os *majors*, o domínio da cultura *cool*, *hip* e *buzz* nos levam a observar a cultura transformada em uma “*commodity*”, que ajudou a intensificar a globalização e a desintermediação, razão pela qual muitos escritores novatos optam por publicar suas histórias em várias plataformas digitais. Há salas de montagem digital e laboratórios 3D já disponíveis em algumas universidades. O Parque Científico e Tecnológico da PUCRS (TECNOPUC) estimula a pesquisa e a inovação por meio de ações simultâneas entre academia, instituições privadas e governo. A Aquiris Game Studio oferece cursos de produção de videogames e conta com uma equipe muito apurada na produção de jogos digitais (AQUIRIS, 2020). Faço parte do grupo de estudos denominado TECFIC, liderado pelo Professor Dr. Bernardo Moraes, que produziu, em 2019, uma Visual Novel: Gato Bonsai¹², foi uma experiência muito interessante onde trabalhei, mais diretamente, no roteiro da história, mesmo tendo participado do design, criação e edição de música e, neste último semestre, nos comprometemos a trabalhar em alguns Podcasts. Também faço parte do Grupo de Estudos, liderado pelo professor Roberto Tietzmann, da Comunicação, chamado Vidica que apresentou uma leitura em realidade aumentada. Lemos dois textos publicados no site do The New York Times e produzimos um poema, de minha autoria, em 3D¹³. Alguns alunos de escolas americanas, na área de cinema, são convocados a cursar a disciplina de criação digital, a IT-Arts, que, por exemplo, é o centro do currículo tanto da USC quanto da UCLA e há um estágio em que todo aluno deve fazer uma Dissertação Digital, ou um design de sites da internet. Como todo processo virtual

¹⁰ O livro encontra-se disponível no link: <https://cutt.ly/OkMr307>.

¹¹ Dado presente na reportagem: Economia criativa emprega 30 mil e movimenta 3% do PIB mundial, R7.com, disponível em: <https://noticias.r7.com/economia/economia-criativa-emprega-30-mi-e-movimenta-3-do-pib-mundial-30122018>, acessado em: 8 de novembro de 2020.

¹² Link de acesso: <https://gatobonsai.itch.io/gato-bonsai>.

¹³ Disponível em: SILLA, V. *Realidade Virtual e comunicação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2020.

engloba a escrita, acho que dar uma olhada no conceito de *mainstream* pode ser colaborativo para completar a visão geral de nosso período atual em mudança. Além disso, para resumir o pensamento inicial, é claro, nossa influência é “magicamente” manipulada pela internet, Google, Youtube, Facebook, Instagram e outros processadores de divulgação. Ainda preciso recorrer a Frédéric Martel, em seu livro “Mainstream: A Guerra Global das Mídias e das Culturas”, porque ele fez um trabalho primoroso de rastreamento histórico sobre a evolução e o desenvolvimento da nova cultura de relacionamento.

Preste atenção, aqui comigo! O conteúdo é o cara do momento. Sem dúvida, a americanização cultural do mundo se refletiu na segunda metade do século XX, nesse crescente monopólio de imagens e sonhos. Até recentemente enfrentou competição de novos países emergentes – China, Índia, Brasil e dos países árabes – mas, também, de “países antigos” como o Japão e Europa, que querem defender suas culturas. Toda uma nova geopolítica de conteúdo está emergindo, me pergunto se a Índia, por exemplo, conseguirá se impor no mundo através do seu cinema, se a China chegará ao topo com seus games, se a Coreia, que fabrica *boybands* capazes de cantar em quatro línguas, poderá passar ao topo dos sucessos? Será que a TV Globo, que costumava reunir toda a família em frente à televisão para assistir às novelas, conseguirá se manter com o Ibope nas alturas? E pensar que, segundo dados da TV Globo, 104 países compraram novelas brasileiras, quem vai chegar primeiro no domínio do conteúdo global? Está dada largada.

O abate da temporada do escritor solitário é real, eu avisei! Não sou a favor de tudo que se consome e de como se produz a literatura hoje, tanto que posso nem usar o PowerPoint para apresentar este trabalho à banca examinadora, mas fico em todas as versões, acho que é cauteloso estar na ponta do lápis, com papel na mão, como online.

No princípio do doutorado, estava incrédula e, de fato, resolvi não pesquisar na web, depois, esfoliei-me, esfregando na própria cara todos os impulsos e esforços para cortar dois anos inteiros de artigos, de revistas e jornais e armazená-los em diferentes pastas de plástico, não foram nada proativos. Optei por coletar papéis em vez de usar arquivos no computador, pastas de papelão colorido, em vez de pastas em meus documentos do Word, porque queria cruzar o virtual com a mão-de-obra antiga. Simultaneidade e recursos diferentes, nunca se substituindo completamente, experimento trabalhoso para, enfim, chegar à conclusão de que o computador, que quer ser tudo e todos ao mesmo tempo, me venceu. Novo capitalismo cultural contemporâneo. E eu me

pergunto, por que o modelo americano de entretenimento de massa domina o mundo e como o faz?

A resposta está na capacidade de ser e estar “tudo”, o verbo “to be” em seu potencial máximo, a pequena palavra de quatro letras, “tudo”, aglomera o mundo, espalhando conhecimento, valores sociais, e novas manias, não por acaso, é a vedete dos americanos, que largam na frente quando se trata de fantasia e entretenimento. A estratégia cultural multimídia visa acompanhar a geração internet, que quer todos os conteúdos, em todos os momentos, em todas as mídias – sem exceções.

A partir desse mirante tecnológico, acentuei minhas respirações artísticas e tentei mesclar a energia da cultura de massa com a literatura. Tendo o alcance do conhecimento e da arte que transcendem as categorias dualísticas “*high*” e “*low*” e, entre a prudência de alguns e a extravagância de outros, escolhi o meio do caminho, o do bom senso criativo.

Não demora muito e os “*cultural studies*” vão estudar a “nobreza do *mainstream*”, por enquanto, resta-nos conhecer e extrair todos os seus aspectos positivos, trazendo o olhar da pesquisa para as inovações e o empreendedorismo, como startups. Se dermos uma olhada no link a seguir, <http://alaainovacao.com.br>, podemos avaliar, um pouco melhor, como as grandes empresas cresceram com as startups e, de quebra, atentar o olhar para os nativos digitais.

O inventor da expressão “nativos digitais” diz que as crianças da era da internet formam uma geração que pensa igual e não dá muita importância à privacidade. O Facebook não as ameaça com suas exposições e vazamentos de informações, até porque, normalmente, não frequentam este espaço. Em qualquer caso, é necessário estacionar no próximo parágrafo.

Há dezessete anos, o americano Marc Prensky, especialista em educação, criou as expressões “nativos digitais” (aqueles que sempre conviveram com a internet, leia-se: minha filha que nasceu em 2000) e “imigrantes digitais” (mais velhos, como eu que nasci em 1961) para diferenciar aqueles que nasceram na era da Internet, daqueles que tiveram que se adaptar a ela. Parte do meu desafio, de questionar o impacto da tecnologia na literatura atual, foi testar o quanto conseguia assimilar os avanços contemporâneos e o quanto a falta de contato com as mídias virtuais contribuiria para o meu atraso literário. Dei várias palestras em Feiras de Livros sobre o assunto e me surpreendi com a quantidade de pessoas, entre professores e adolescentes, que nunca ouviram falar das plataformas gratuitas, ou outros dispositivos tecnológicos na literatura. Foi o suficiente para eu não me sentir tão jurássica e correr para mais estudos. Marc Prensky, foi um dos

que me ajudou, porque é autor de vários livros e palestrante requisitado. Estudou nas universidades de Harvard e Yale e concorda que houve uso excessivo de informações pessoais no Facebook, mas critica os métodos de ensino atuais, considerando alguns dos requisitos curriculares defasados, como a sempre demandada tarefa de exigir que os jovens estudantes escrevam artigos e ensaios; tudo muito colhido em terreno nebuloso, creio eu.

“Precisamos de jovens que escrevam menos artigos e ensaios e produzam mais”, dizem alguns professores e educadores. Estou totalmente de acordo, mas, acrescento que, os nossos jovens, apesar de lerem mais e não, necessariamente, de boa literatura, enfrentam uma enorme barreira na hora de escrever, não seria o momento, de continuar a produzir artigos e ensaios e a apresentar materiais que estimulem a tão exigida “produção”. Na Europa e nos Estados Unidos já estão avançando nessa área, mas aqui ainda estamos atolados em burocracias retrógradadas, sem sair do mesmo lugar.

Os jovens, inseridos na economia criativa, que circulam pelas mídias digitais, com muito mais naturalidade e leveza, não consideram o uso de informações pessoais, os famosos “dados” ameaçadores, porque já sabem o que devem, ou não postar, tampouco, têm pânico de se expor, como os mais velhos, gente que vem, naturalmente, de uma educação mais rígida e preconceituosa, creio. Eles têm grande facilidade de compartilhar coisas, têm uma visão de mundo muito mais ampla e se comunicam facilmente com pessoas de todo o planeta, formando, talvez, aquela fatia horizontal de todas as gerações.

As avalanches de críticas, mais queridinhas do mundo de hoje, remetem à seguinte frase: os jovens só sabem se conectar virtualmente. Me questiono se a comunicação *face to face* é realmente melhor? Por quê? Desloco-me para o passado e fico imaginando minha avó gritando com o vô, em uma discussão acalorada, sobre não dar descarga na privada e, depois, o fofo se esquecendo de fechar a tampa novamente. Mais fácil enviar um Whats. Numa briga virtual, a gritaria seria mais complicada, abstrair no virtual tem outro formato, ninguém te dá um tapa, nem se leva uma chinelada da mãe. Mas, brincadeiras à parte, o alerta está ligado: os perigos da superexposição podem te conduzir a um encontro impulsivo, você pode acordar com o rosto cheio de tabefes, como já aconteceu com muitas pessoas. Sim, temos pedofilia, recrutas suicidas, ensinamentos religiosos, aulas de culinária, instruções de como pilotar um helicóptero, enterros online, *tutorials* de *make-up*, ou seja, a “realidade reproduzida online” convida a todo o tipo de experiências, ganhos e perdas emocionais, tudo que um bom romance faz. Plim! Ro-man-ce: ideia acesa: a internet como palco da maldade. Entenderam, agora, a sutíliza com que

escolhi abordar cada capítulo dos aqui escritos? Pessoal, a criatividade é orgânica e os assuntos aqui levantados borbulhavam enquanto eu escrevia o romance. Fervura de escritor tem ebulição além dos 100° C.

No ciberespaço tem gente clamando por perdas, tem pessoas recrutando dissabores, criticando o abuso das relações amorosas, reclamando que os valores humanos andam soltos nas redes sociais, mas, estão de costas para a verdade mais evidente: estamos todos sendo dissecados, feito rato de laboratório. O tal de “every click makes a choice” reina soberano, pena que o livre-arbítrio é pouco exercitado. A máxima da recompensa e castigo está sempre com o alerta ligado. Somos pets virtuais. A natalidade dos problemas virtuais vem junto com a opacidade dos novos territórios que demandam um critério mais caprichado. É preciso mais rigor nos impulsos, mas o povo tem ânsia, tem pressa e vai assim derretendo seu patrimônio sentimental – não é o tipo de conflito que todo escritor presta atenção? Isso também é conteúdo e é arte.

Toda interpretação
É digna de arte,
O absurdo que
A existência humana
Tem de suportar é estofo
Suficiente
Para renascer florido.

Um dos pontos fortes da literatura, em especial da ficcional, vem da capacidade de vivenciar emoções profundas, sem envolver nenhum tipo de contato físico. Quando inventaram a televisão e o telefone, as emoções não eram transmitidas fisicamente. A economia criativa é craque na emoção, engole sentimentos, nutre-se da criatividade, e faz o dinheiro circular. Os smartphones têm aplicativos que projetam tudo isso. As mensagens de texto são acompanhadas por emojis, ícones, vídeos, fotos, sons e, em breve, transmitira emoções nos hologramas de cada um de nós. A emoção nunca vai embora, mas existem muitas maneiras de demonstrá-la. Além disso, desfila seus intermináveis paradoxos em todas as esferas criativas. Aos que abominam os emojis, provooco, cutucando-os, quando digo que quando conversam cara a cara, muitas pessoas fazem de tudo para esconder suas emoções, portanto, os emojis são muito mais econômicos e simpáticos. As comunicações frente a frente são superestimadas. Segredinho aqui: se você tiver que terminar um relacionamento amoroso por vídeo chamada, fica bem mais

fácil de dizer adeus. (se eu tivesse postado uma frase dessas seria a hora dos revoltados lotarem de mensagens desaforadas meu post.)

A preocupação com o uso impulsivo e excessivo de smartphones é um problema recorrente, mas que está longe de ser sanado. Gastar um terço da vida curvado sobre um celular pode ser bastante prejudicial, sabemos, mas não nos afastamos! Nos Estados Unidos, Inglaterra e Japão a dependência da tecnologia já é vista como um grave problema de saúde. Recursos tanto no iPhone quanto no Android, para oferecer relatórios com as horas que você passa no celular, já foram inventados. No Facebook e Instagram também temos uma seção para configurar as redes sociais, onde você pode ativar notificações para quando um máximo pré-determinado for ultrapassado. Todas essas preocupações acompanham o aparato de conflitos que permeiam a vida de hoje, servindo de base para compor a “viciada” personagem Laila, nas entranhas da internet.

Não gosto da palavra “viciada”, que aqui repito em aspas, porque, na verdade, a Laila não está dependente de nada, ela é mais uma menina que vive deste modo, entre as redes tecnológicas porque é onde consegue expressar e compreender suas emoções. Lida com o caráter bipolar da internet, transita por eles com desenvoltura, mesmo que, às vezes, um tanto insciente. Em uma entrevista ao *The New York Times* em 2010, o fundador da Apple, Steve Jobs, foi questionado sobre a relação de seus filhos com duas de suas criações: o iPad e o iPhone. A resposta foi enfática: “Eu limito a quantidade de tecnologia a que eles têm acesso” (JOBS, 2010). Sua ressalva fez sentido quando um dos muitos estudos realizados no mundo sobre o uso da internet e smartphones, realizado pela Universidade de Seul, mostrou, como todos já sabem, que o uso excessivo de telas como o de celulares gera alterações químicas no cérebro (incluindo tumores) que levam a reações semelhantes às da síndrome de abstinência e outras similares que resultam da dependência de drogas. Estou contando os segundos para a invenção de soluções além das telas saudáveis que já tenho no meu *e-book*. O recente documentário *O Dilema das Redes Sociais* (2020) também confirma as preocupações mencionadas acima.

A questão é se você já passou, ou não, por adaptação digital e como comprometer seu tempo de uso na internet. O velho bom senso sempre responde: a medida certa decide, a carência infiltra e você tolhe. Estamos vivendo em um mundo extremamente violento tanto fora quanto dentro das telas. Estamos em estado lancinante pela conexão tecnologia e, detalhe, somos alérgicos a dor. As bulas literárias, onde ancorei algumas trajetórias, me convenceram a apoiar as mudanças no Ensino e na Educação, apostando na inclusão de mais disciplinas que exercitem: a felicidade, a criatividade, os estudos sobre o futuro,

como usar seu dinheiro, como explorar seus talentos, qual espiritualidade mais se adapta a você e outras tantas questões subjetivas. Se estamos diante de uma nova era, devemos ensinar como vivê-la. As formigas se espreguiçam quando se acordam, é preciso ter cautela ao usar músculos adormecidos, deixa eu me esticar aqui antes que os conservadores me desanquem. Me posiciono e me defendo que não sou a favor de remover matemática, ciências e outras disciplinas essenciais, mas rever, talvez desacelerar e revisar, o que é mais importante na formação desta nova geração, adicionando disciplinas contemporâneas e experimentais que preparem melhor nossos jovens. Planejamento é a palavra de ordem. Precisamos aprender a criatividade, conhecê-la, experimentá-la, mesmo que você nunca se torne um artista, ou inventor. Temos que educar nossos filhos de maneira diferente. Eles são extremamente criativos, porque não têm medo de errar ou arriscar, no TED (Ideas Worth Spreading), Ken Robinson, já em 2006, defendeu essa reformulação na educação. Vale a pena conferir o vídeo. “Será que as escolas matam a criatividade?” Criar é a força motriz de toda a humanidade.

Sempre soube que os “*teens rule the world*” e não considero a internet ou os videogames os principais motivos pelos quais os jovens estão mais ansiosos, o mundo é a mola que impulsiona as coisas, estamos todos mais nervosos, mas a conta não é da internet. Estamos diante de jovens cada vez mais talentosos, na música, na literatura, nos inter-relacionamentos, na velocidade do aprendizado. Criam muito facilmente, decidem qual música vai “bombar” nas *playlists* mundiais, determinam que roupas o mercado deve investir, são usuários que gostam de velocidade e agilidade – um ponto para o Snapchat, Tik Tok e afins. São de geração instantânea, justamente por estarem expostos a um *input* imenso e diversificado, globalizado e rápido, são gente-twitter. Naturalmente, todo excesso é uma doença e estou atenta a essa superexibição online, por essa razão, sublinhei tanto o tempo gasto na internet nos parágrafos anteriores e, mais, fiz meu romance com uma protagonista que não sai da frente do computador e do smartphone. Laila e sua rede de familiares não seguem a cartilha do prudente, a avó, a mãe, a melhor amiga, e aí grifo as mulheres, me parece, estão mais atrevidas com o uso da internet, algumas meninas até precisariam de um tratamento mais específico no centro de reabilitação. E eu? Você? Teremos que ir para a Zona de Silêncio, no povoado de 150 pessoas de Green Bank, no estado de West Virginia, nos Estados Unidos? Os celulares não funcionam lá, não há wi-fi, nem rádio, nem tecnologia. Desesperador. *Off-line? Me? Sem Netflix?*

Nem mesmo a avó de Laila aguentaria, pois ela mora em um “lar de idosos” e escreve uma história no computador, representando algumas avós que conheço, que

tampam a solidão e abrem a mente através do avanço tecnológico. São mulheres de sessenta anos para cima que participam de clubes de leitura, que circulam todos os dias no Facebook, que participam em muitos grupos de Whatsapp, são estrelas-avós assistindo o neto crescer, agir e se comportar, estão curiosas para trilhar novos caminhos, muitas imaginam escrever suas memórias em alguma plataforma digital. As letras também são rugas.

8. TOPOGRAFIA LITERÁRIA: *TEM WI-FI?*

Quando estou trabalhando, não quero ninguém mais na sala, inclusive, eu mesmo (FRANZEN, 2012).

Esta frase do brilhante Jonathan Franzen em *Como Ficar Sozinho*, destila fortemente o que sinto quando estou escrevendo. Criar responsabilidade pela história que estamos desenvolvendo é convocar todas as nossas memórias afetivas e transformá-las nas melhores palavras possíveis. Afinal, escrever ficção é uma espécie de traslado de alguma fantasia que exige destreza e imenso trabalho, somos compelidos a saquear das curvas da memória, substâncias mescladas que nos fornecem a base da história. É indispensável escolher com precisão e clareza os detalhes da narrativa, bem como da personagem principal, que deflaga e aconchega cenários, cenas e demais aparatos que sustentam o enredo. A seleção dos detalhes autenticadores, que certamente criarão as sensibilidades mais aguçadas nos leitores, são estratégicos para transformar nossa ficção em verdades, eles são os receptores ativos de nossos desejos, enquanto escritores. A lealdade com que se consegue incorporar a personagem que vai contar a história vem de inúmeras tentativas de ajustá-lo (a), nas entrelinhas, escondidas na história, na prova de figurino, nas decisões trabalhadas, no contínuo exercício da paciência, todas as variantes são possibilidade multifacetadas que cada escritor tem de escolher e apurar, linha a linha – o afoito se esborracha na página dez. Quando um personagem é muito bom, você o coloca em qualquer contexto e de certa forma nem precisará de (tantas) aventuras, mas, claro, fórmulas são gessos precoces e perigosos. No fundo, queria compartilhar que me senti criando a biografia da personagem protagonista e, muitas vezes, acreditei mais no charme do Chora Menos e da Lourdinha do que na aborrida Laila.

Então vamos fuxicar nas cicatrizes emocionais para estocar alguns dejetos literários que colhi e passear, um pouco, nas entranhas do processo criativo que atravessei. Vale reafirmar que nem sempre escrever um romance, significa seguir uma ordem cronológica hermética, portanto, sigo aqui, nas páginas desse ensaio teórico reflexivo, uma rota que surgiu espontaneamente. No início, selecionei e previ quais itens me pareciam colaboradores desta pré-formação, quero dizer, fixei meu olhar interior nos armazéns intocados de quinquilharias, os meus guardados mais íntimos foram revisitados durante todo processo de contar a história. Toda vez que começava a digitar, eu transpunha da minha memória emocional e das minhas leituras encurraladas, em algum lugar da mente, que eu não faço nem ideia onde é, saberes literários, quero dizer,

montagem de frases, de ritmos, de combinações semânticas e de todo arsenal que eu dispunha naqueles momentos. O que fiz foi focar total atenção neles. A história me convocou a escrevê-la e, depois de aceitar o convite, tudo que procurei fazer foi desbloquear artigos neurológico-emocionais que poderiam auxiliar minha narrativa. A única convicção que tenho é de que você precisa se sentar e escrever. A história vai caminhar por dentro de seu corpo, mas você precisa extraí-la – em palavras, sempre há um ponto de partida, que, provavelmente mais tarde, se revelará mutante, mas servirá como adubo para todo enredo. De acordo com o entusiasmo do escritor pela ideia inicial, pode-se esperar uma criação literária promissora, ou várias revoadas relâmpagos que vão deixar você confuso e, por conseguinte, perdido. O foco e o planejamento são elementos fundamentais. Flanar nas memórias e criar seres postiços quase nunca é casa própria. Residência fixa não é coisa de cigano, ficção é montar e desmontar acampamento.

No meu caso, não foi muito diferente, pois estava em um ônibus nas altas montanhas do interior do Marrocos quando ouvi a frase: “Tive um derrame no deserto e era Ramadã.” E amanheceu, para mim. Com uma serendipidade dessas – pronto – já não tinha mais dúvida de que, a partir dessa frase, conseguiria inventar toda uma outra história que acabei de contar no romance *Tem WI-FI?*.

É a história de uma YouTuber rica e bem-sucedida que está sempre em busca de curtidas e seguidores por meio de seu canal no YouTube chamado “Me coça”. Essa personagem enfadonha, aparentemente frívola e displicente, é fruto de uma sociedade preconceituosa, despreparada e autoritária que clama por erros de cálculo cada vez que agrega ou subtrai condições humanas. As chamadas Culturas de Massas são alguns dos cenários subjetivos por onde circula e vivencia os seus conflitos. O universo pop, muitas vezes criticado, é também espaço de criatividade; temos que educar e treinar nossos sensores para que o sangue digital, que circula nas telas e pulsa nas veias da *web*, saia delas. São apenas dispositivos diferentes, são apenas lugares transitórios, são apenas formas de fazer e pensar a literatura, mas são outros, são capacidades de fragmentar e juntar estilhaços. Todos procuramos a nossa identidade embaralhada na criação cultural a que fomos submetidos, estamos todos, constantemente, preenchendo os espaços desabitados, se não, seria erro de reencarnação.

Laila me pegou pela mão e me empurrou para o universo digital. Aprendi com muitas *youtubers* como é a rotina delas, como se fabrica conteúdo, quais suas formas de leitura, como estudam e de que modo lidam com as adversidades da internet. Nessas

vitruines da mídia, encontrei vivências com grande diversidade para estocar o poderoso radar do que vivemos, em termos de transformação humana.

O que as redes sociais dizem sobre nós e a forma como nos “compomos” para os nossos amigos, estranhos, seguidores, familiares e outros, nada mais é do que um meio de escrever ficção sobre nós mesmos, a questão da imagem, antes aqui elucidada, também serve de suporte técnico. O modo como nos colocamos neste espaço virtual, como utilizamos este lugar e como nele nos comportamos, é um processo muito próximo do autor que escreve um romance, com o detalhe fatal de que a humanidade, em geral, ainda é analfabeta no meio digital e a dose de exposição de cada ser humano, está legitimamente ligada aos seus desejos mais intrínsecos, algo que o escritor manipula com desprendimento ficcional. Se considerarmos que cada usuário de plataformas digitais é uma espécie de escritor, que escolhe os setores que busca mostrar em sua vida, podemos inferir sua própria identidade nas redes sociais como um personagem de si mesmo. Somos todos escritores do personagem digital que escolhemos exibir aos demais usuários, treinamos nossas habilidades cognitivas, nossos desejos e limitações, mas ainda somos pré-adolescentes na era digital: ousados, impulsivos e, muitas vezes, inconsequentes.

Foi por aí que farejei a dose da exposição da personagem, e percebi que poderia ser um ponto nevrálgico. Sabe o jogo de sempre? Entre o real e o imaginário? Escritores vendem ilusões e eu estava começando a ter minha própria fábrica. Não sei bem por que fiz questão de trabalhar com a minoria endinheirada do Brasil, talvez fazendo um pouco de birra com a aclamada quantidade de filmes nacionais que contemplam sempre a parcela dos desprezados da favela, ou dos pobres sem educação, é, na verdade, mais um desabafo, e não uma generalização, claro que não faria isso. Talvez meu instinto estivesse mais debruçado na sacada dos milionários, na arena dos perfis falsos e da segurança internacional, esse foi apenas um fio reflexivo para mostrar um pouco da elite brasileira, seja ela boa, ou não. Toda a trama teria que ser inserida na revitalização da tecnologia, que hoje atinge a latitude e a longitude existenciais da grande maioria dos brasileiros mais afortunados. Laila preenche o ciberespaço com suas efusões, onde o lucro e a celebridade são estimulantes, mas não menos letais do que o tráfico humano.

A primeira parte do romance conta a história da Laila, anunciando conflitos com sua mãe e demonstrando a proximidade afetiva com a avó. Uma mãe asfixiando a filha, exercendo a maternidade atrás de uma cortina de dinheiro e mordomia. Enquanto Laila expõe sua intimidade no Youtube, sem parcimônia, a mãe esconde seus segredos no cofre da vida pregressa. Um jogo de proteções inversas, começa em alta velocidade, onde a

mãe se afasta dos sentimentos da filha, e onde a filha, escondida atrás das telas digitais, também se afasta da convivência com ela. A rapidez dos capítulos impõe o ritmo da trama. Laila é aquela jovem adulta que luta por cada like perdido e circula nas redes sociais, atirando desaforos e selfies na tela, lugar onde circula muito mais do que na vida real. É uma protagonista que responde um pouco ao seu tempo, representando muitas meninas que apreciam o jogo do caça clique, vendendo suas imagens e sentimentos pelo falso preço grátis da internet. Laila, como muitas youtubers e influenciadoras digitais, não percebe o perigo da “droga digital” e acaba potencializando sintomas que se mimetizam nas beiradas do patológico, do velho narcisismo perigoso que, acredito, dialoga diretamente com a mutilação de muitos sentimentos equivocados. É uma boa hora de se tematizar esse problema em romances e não sou a única, mas gostaria muito de alcançar a esses jovens algumas reflexões sobre a ameaça da vida online, sem esbarrar no tom didático, por esta razão muito do estilo da escrita foi recolhida de revistas *teens*, em blogs e em redes sociais, estamos discutindo o “ser humano” e o seu comportamental. Laila tem milhares de seguidores, poucos amigos e um desejo irresistível de se livrar das preocupações excessivas de sua mãe. Destrama que foi adotada e, muito mais, descobre seu maior problema, o de ser impulsiva, intempestiva e inepta a assumir as consequências de suas atitudes. Vive no *mode* usa e descarta. Diz e encerra a fala. Apaixona e se desapaixona, por uma hora algo é tudo, na seguinte, é nada. Eu precisava gerar esse efeito de impermanência, inclusive nos contínuos conflitos. Para tornar Laila única, me dediquei a esmiuçar seus sentimentos mais entravados, procurei entender o que ela queria da vida, o que a motivava a agir assim e, principalmente, qual seu maior medo, porque depois seria mais natural expor suas ações de modo a providenciar a ebulição da pressa, a avalanche de acontecimentos que a deixaria atucanada e sem noção das suas atitudes. Criar personagens e inseri-las na história, não é passe de mágica, nenhum “abracadabra” funciona sem o devido planejamento. Essa palavra, aliás, que tem origem no Aramaico, significa: “criarei conforme falo”, ou “eu faço com as palavras”, define muito bem o ato de escrever. Depois que você sente seu ritmo, que você adquire o ponto certo da história, fica mais perceptível instalar a adesão – o momento que o leitor “vive” através da personagem, suas “loucuras”, sem duvidar de que ela fosse capaz de fazer isso ou aquilo e, principalmente, sem sofrer as consequências. Foi quando embalei nas paixonites da Laila que fiz com que ela se envolvesse com o marroquino. Na segunda parte, o marroquino Zayn narra a história passada no Marrocos contando, por e-mail, como foi o sequestro de sua prima na Medina de Fez. A composição do personagem Zayn foi uma

espécie de desgarramento da Laila, foi um *strip tease* da personagem brasileira estereotipada pela aparente superficialidade para entrar em um marroquino sofrido, cujos valores morais estão por trás de uma cultura totalmente diferente da nossa.

Na terceira parte do livro, Laila e Zayn entrelaçam capítulos que percorrem toda a trama. Na última etapa, a avó e o pai aparecem como importantes personagens auxiliares, desvelando detalhes da quadrilha que a traficou do Marrocos para o Brasil e expondo parte da máfia de médicos que anuíram com o tráfico de pessoas, dentro do hospital brasileiro.

Quando acabei de escrever o livro, o fenômeno de entender que ele era apenas um grande rascunho, uma espécie de pré-livro do romance que eu pretendia fazer, acoplou-se na minha pele. Talvez tenha sido uma desconfiança passageira, ou uma constatação de infinitude que todos os escritores vivenciam depois de colocar o derradeiro “fim”. E, logo, me veio a continuação da história, a vontade de seguir contando as trapalhadas da Lourdinha, como seria a chegada da Laila na família marroquina e de que modo Marina viveria no Marrocos. Não vejo a hora de botar o pé na terceira pessoa e começar o (verdadeiro) romance, que a filha da Laila vai contar. *Inshallah*, dê certo! Por ora, tenho prazos e pontos que precisam ser finais.

As incertezas do mundo atual nos impedem de planejar o futuro com clareza. Estamos à deriva de nossos controles, o ano de 2020 nos deixou soltos em nossos alicerces e acumulamos novas interrogações. O mundo, apesar do espantoso avanço da ciência, anda um pouco estrábico, perdeu os óculos na esquina do egoísmo, com a avenida da arrogância. Nesta junção caótica coloquei o Chora Menos para mijar no poste, lugar onde Laila pensa que se apaixona por um desconhecido atropelado.

Mas antes que tudo isso clareasse em minha mente, ouvi o “assobio” da alma literária (bem, é assim que gosto de chamar a essência poética, a embalagem de granulado que serve de enfeite para fazer as misturas literárias que almejo).

Este assobio veio embalado no meu fascínio pela seguinte lenda: na antiga Pérsia, o rei Shariar descobre que foi traído por sua esposa, ela tinha um servo como amante. O rei ordenou que os dois fossem mortos. Então ele tomou uma decisão. Todas as noites ele se casava com uma nova mulher e, na manhã seguinte, ordenava sua execução para nunca mais ser traído. E assim foi por três anos. Um dia, a filha mais velha do primeiro-ministro, a bela e astuta Sherazade, diz a seu pai que tem um plano para acabar com a barbárie do rei. HorrORIZADO, o pai tenta convencer a filha a desistir, mas ela segue em frente. Ela se casa com o rei e, na primeira noite com ele, pergunta se ele pode contar uma história para

sua irmã mais nova, já que ela morreria na manhã seguinte. E, então, ela conta uma história e, na parte mais emocionante, ela para e o rei, curioso e entusiasmado, a deixa viver para que ela conte o resto na manhã seguinte e ele possa ouvir a história. Ela estava contando histórias e sobrevivendo. 1001 noites e 3 filhos foram o resultado da eterna “magia” de fazer ficção.

Foi essa lembrança de infância sobre Sherazade que, inconscientemente penso, me levou a visitar o Marrocos e a criar o romance *Tem WI-FI?*. Essa história e sua dinâmica, de alguma maneira subliminar, me auxiliaram a criar episódios como placares laterais que se sobrepõem à medida que as coisas acontecem. A vida da *youtuber* tinha que caber nesse universo da internet, dentro do enxuto e variado Marrocos e do imenso e contrastante Brasil. Pulverizar mais de um conflito, todos próximos uns dos outros, onde as tais lâminas de deslocamento horizontal sugerissem velocidade e consistência, extraindo fervor e movimentando a leitura foi uma consequência do meu estilo de escrita.

Quando cheguei na Medina de Fez a primeira coisa que me veio à mente foi a vulnerabilidade de perder um filho no gigantesco labirinto da cidade murada. A cada ano, em média, 250.000 pessoas desaparecem, sem deixar vestígios. Está tudo na internet, basta você colocar: “número de crianças desaparecidas”, no mínimo, terá meses para escolher em qual se basear, os títulos são assustadores: Mais de 82 mil pessoas desaparecem no último ano¹⁴. Você sabia que 1,2 milhão de crianças desaparecem todos os anos¹⁵. Onde elas estão? 40 mil crianças desaparecem por ano no Brasil¹⁶ e assim vai. Estamos diante de uma realidade tão surpreendente quanto o impacto da tecnologia que vim até aqui trazendo. O tráfico de pessoas é um negócio multimilionário e uma das mais graves violações dos direitos humanos. O continente africano sofre demasiado com a transferência de seres humanos, pois a pobreza e a desigualdade reforçam a atividade ilegal. Quando você visitar o Marrocos vai ficar admirado com a quantidade de crianças, porque é um país com uma população relativamente jovem. A crise financeira agrava a situação do tráfico internacional de pessoas e é um crime que movimenta muito dinheiro, com um lucro global anual estimado em mais de 31 bilhões de dólares. Existem mais escravos humanos no mundo hoje do que nunca na história, representar essa fatia imunda

¹⁴ Dados disponíveis na página da Agência Brasil. Link de acesso: <http://agenciabrasil.abc.com.br/>

¹⁵ Dados disponíveis na página NatoSafe. Link de acesso: <https://natosafe.com.br/voce-sabia-que-12-milhao-de-criancas-desaparecem-todos-os-anos-no-mundo/>

¹⁶ Dados disponíveis na página Observatório do Terceiro Setor. Link de acesso: <http://observatorio3setor.org.br/>

do caráter humano, em um romance que retrata a falsa leveza dentro da violência mascarada da internet, é que foi o desafio.

Embora o tráfico de pessoas seja frequentemente um crime oculto e estatísticas precisas sejam difíceis de obter, os pesquisadores estimam que mais de 80% das vítimas são mulheres e mais de 50% crianças¹⁷. O tráfico de pessoas é um empreendimento criminoso de crescimento rápido porque tem um risco relativamente baixo e um alto potencial de lucro. As organizações criminosas são cada vez mais atraídas pelo tráfico humano porque, ao contrário das drogas, os seres humanos podem ser vendidos repetidamente. A pena para o crime de tráfico de pessoas (reclusão de 3 a 8 anos) é inferior às penas aplicadas para o crime de drogas e armas. Como não escrever sobre isso?

¹⁷ Link de acesso: <https://natosafe.com.br/voce-sabia-que-12-milhao-de-criancas-desaparecem-todos-os-anos-no-mundo/>

9. A INTERNET E O VAREJO HUMANO

A bofetada que levei, quando compreendi a dimensão do tráfico humano me dói, até hoje. É preciso lembrar que as pessoas não são boazinhas, me digo isso muitas vezes, sei que por ser brasileira e viver em um país onde a malandragem põe o pisca alerta e segue em frente, infelizmente me faz ficar de plantão 24 horas. Notícias que, desde que comecei as pesquisas sobre esta questão, constatei, tristemente, que a cota de humanidade se foi. O roubo de seres humanos é um crime perpétuo que destrói famílias, fratura a crença afetiva, asfixia infâncias e está fora de controle.

A internet é, sem dúvida, uma invenção fabulosa, recheada de interações atrativas onde a periculosidade que se vê nas redes sociais não atinge a todos – ainda bem. O desfile nas telas do Facebook e Instagram de figuras exageradas pela síndrome de auto importância, ou alguns reducionismos exibidos em poucas linhas no Twitter, não são nada diante, da gigantesca rede criminosa, que vende crianças. Comercializar pessoas, todos nós sabemos é crime, entretanto, quando busquei números, como alguns dos acima citados, ainda não tinha ciência da rapidez com que se consegue aliciar uma mulher, por exemplo, através dos bate-papos online. Eu achava que eram só os homens que faziam isso, (ingenuidade, again), me despedacei ao constatar que a “amiga”, a nova amiga que tanto nos entende, grande parceira das madrugadas insones, na verdade, é uma traficante capaz de tirar R\$ 47.000 só na comissão inicial. Isso (lá no início da pesquisa) quando eu assisti um dos vídeos do canal da Danny Baggione chamado: Sobrevivendo na Turquia¹⁸. Se o ensaio, aqui proposto, comportasse espaço para aprofundar a questão do tráfico, teria mais cem páginas só de exemplos e fontes para citar.

Os crimes são variados, a criatividade, tão elogiada por estas páginas, também tem seu lado ruim, inclusive com uma força aniquiladora. O berro convulso de uma criança raptada ecoa na imagem de um osso exposto. A maternidade se desintegra, a tristeza se aglomera, pelos familiares, feito pessoas sem guarda-chuva na parada de ônibus. O susto de estar vivo é traumático, deixando marcas indeléveis. A sujeira do tráfico se espalha em vendas de órgãos, assassinatos, servidão, drogas, e na falência do amor que sangra incessantemente vida afora.

Encontrei no estudo da Dra. Elena Krsmanovic (2020), intitulado: Media Framing of Human Trafficking for Exploitation – A Study of British, Dutch and Serbian Media,

¹⁸ Vídeo Sobrevivendo na Turquia. Link de acesso: <https://www.youtube.com/user/turquiaeseusperigos>

uma ideia mais precisa do amplo quadro de exploração do tráfico humano, através da combinação qualitativa e quantitativa, e de dados colhido durante sua pesquisa. O papel da mídia na luta contra o tráfico é fundamental e este livro não só traz uma imensa contribuição para alertas dentro na comunidade escolar, como agrega conhecimento junto a criminologistas, e outros órgãos protetores dos direitos humanos. Trata-se de um documento valioso que possibilita medir a rede de prostituição, migração, violência, escravidão moderna, as suas vítimas e as artimanhas destes ladrões de vidas, reitero que é uma lastima que a globalização, a evolução humana e tecnológica tenha também alavancado o crescimento do crime.

Quantos anos leva uma criança de dois ou três aninhos para terminar de esculpir, no seu imaginário, o rosto da mãe biológica? Quando esquece de seu verdadeiro pai? Sabe algum dia que foi traficada? O que você faria se fosse ela? Muito provavelmente você sentiria um vazio confuso, uma mistura de bastardia e não pertencimento.

nem de lá, nem de cá
sempre impuro, sempre muro, sempre ausência
um ser-fragmento que carrega na mão fechada um saquinho de terra
um pó de pertence, um solo seu, um resto então
uma mulher cauterizada
uma placenta órfã, uma lágrima esquecida,
uma mochila de estilhaços
seres que se fundiram no desatino impreciso
seres de recantos, de olhares de caravanas
seres flutuantes, anversos, deslocados
quinquilharias da existência, daquela que a vida algoz
sabe deixar para trás
gente oca de origens, que dilatam na terra alheia
a força para viver o mosaico que puderem
alguns conseguem ser rastros
outros biombos com infiltração
poucos depuram o híbrido
para sediar o desatino
de ser
bastardo
de si mesmo.

É!!! Bastardos de muito mais: de suas vontades, de suas matrizes, de seus sonhos imberbes, é gente perdida, feita de milk-shakes de sangue - transplantado a força.

Andrea Romaoli Garcia é embaixadora da União Internacional de Telecomunicações (UIT) do sistema das Nações Unidas e representante da *Simuka Africa Youth Association*. É advogada internacional, especialista em inteligência artificial e economia inteligente na *Blockchain*, entre outros títulos. Aconselho, fortemente, a conhecer o trabalho dela, em especial, a entrevista bastante didática alertando sobre os perigos invisíveis nos aeroportos, nas portas dos colégios e em grupos no Facebook. Está no canal do Youtube já citado: Sobrevivendo na Turquia.

Andrea Romaoli no artigo “Tráfico Humano e o Papel Essencial do Profissional em Negócios Internacionais¹⁹”, publicado em dia 26 de maio de 2020, no site da JusBrasil, esclarece alguns dados assombrosos. Ela afirma que: “a impunidade tem métricas desanimadoras e que se a exploração for interrompida ou encerrada, a vítima poderá ser resgatada e até receber apoio no país de destino. Todavia, o que ocorre, frequentemente, é a deportação como migrantes irregulares”. Em uma sociedade global, movida pela competitividade e consumo, que cria polos extremos em que, alguns países, se beneficiam de riqueza e, outros, de pobreza, o espaço virtual sendo democrático aceita a intercomunicação como um grande aeroporto comunitário, que lança voos interessantes e, muitas vezes, fatais. Acrescenta, Andrea (2020):

Além da degradação das relações de trabalho que mais profundamente são vivenciadas pelo gênero feminino, há a sedução exercida pela mídia e pela publicidade, em que a mulher se submete a uma ordem distorcida de trabalho, pois serve de objeto para vários veículos de obtenção de capital e, também, cede aos anseios emitidos pela mídia, orientando-as sobre quais produtos ela deve adquirir, o que acaba gerando conceitos culturais deturpados nas mulheres desde sua infância até a vida adulta.

O ego é um troço teimoso e persistente, exige cada vez mais favores, demandando preços sempre mais elevados, é um padrão exigente e perturbado. Se a classe mais desamparada precisa trabalhar para sobreviver, ou pagar o básico para seus filhos, e se deixa comprar e vender, a mais abonada alimenta a indústria da beleza e paga por procedimentos cirúrgicos valores exorbitantes – e não só. Tudo tem preço. Quanto custa um ser humano no mercado hoje?

Pelas leis brasileiras, o corpo vivo, ou morto, no todo, ou em cada uma de suas partes, é *res extra commercium*, ou seja, fora de comercialização, explica o médico Marcos de Almeida, especialista em bioética da Unifesp. Vamos adiante? De acordo com

¹⁹ Link de acesso: <https://andgarcia.jusbrasil.com.br/artigos/855457002/trafico-humano-e-o-papel-essencial-do-profissional-em-negocios-internacionais/>

a revista Abril²⁰, que inicia um texto bem-comportado sobre a profissão mais antiga do mundo (prostituição), confirma que, apesar da barreira legal, tem gente que ganha dinheiro com algumas partes do corpo, não só no mercado negro, onde um rim pode ser vendido por mais de 20 mil reais, mas também por vias legais: nos Estados Unidos e em alguns outros países, quem doa sêmen, óvulos, sangue e leite materno ganha uma bonificação em dinheiro. Até consigo entender alguns valores aproximados acima citados, porém preciso dar um zoom no quanto custa a “matéria-prima” do corpo humano, outra vez, foco nos detalhes. Plasma sanguíneo (uma máquina retira o sangue, separa o plasma, e devolve ao corpo o restante), nos Estados Unidos, quem doa recebe cerca de R\$ 50 pela bondade concedida, se contabilizarmos em termos de rendimento anual, um doador permanente ganha R\$ 5 mil reais. Já os óvulos podem render 11 mil reais, sêmen pode chegar a R\$ 7.500, cabelo, com 150 gramas de fios, com 40 centímetros de comprimento vale, no mínimo, R\$ 180: (único item da listinha aqui que pode ser vendido no Brasil). Aumentando o zoom, podemos “colar” do bioquímico Etelvino Bechara, da USP, os preços mais em conta do mercado:

DNA (0,02% do corpo) = 13,2 de DNA placentário: 9,7 milhões de reais

GORDURA (20%) = 14 kg de ácido esteárico: 400 reais

PROTEÍNA (15,2%) = 11kg de albumina de soro bovino = 38 mil reais

MINERAIS (5,6%) = 3,9 kg de fosfatos de cálcio, magnésio e zinco, e cloretos de sódio e potássio = 1050 reais²¹.

Continuo?

A incerteza do mundo pandêmico nos leva a mais uma pergunta, que entrou na fila, por último, mas deve ser a mais urgente nestas considerações: Como evitar o contágio dos novos vírus em uma atividade que esconde mais de 25 mil vítimas?

Muito embora eu tenha focado o lado viscoso e pesado da internet, nesta reflexão sobre o impacto da tecnologia no tráfico internacional de pessoas, gostaria de ressaltar que antecipo o aspecto positivo, acrescentando minha euforia em prol do vasto potencial que temos em nossas mãos e, justamente porque estamos conectados e online, que teremos como combater a fome no mundo, a violência e a desigualdade. O canal da Laila

²⁰ Reportagem disponível na Revista Veja. Link de acesso: <http://super.abril.com.br/>

²¹ Informações baseadas na cotação em preços do catálogo da Sigma-Aldrich, multinacional que comercializa produtos químicos. Link de acesso: <https://www.sigmaaldrich.com/brazil/cotaes-e-pedidos.html>

“Me Coça” iniciou um singelo e tímido movimento para chamar atenção aos crimes online, espere o livro II, para você ver como se brinca de seguidores em questões sérias.

A Era da aliança disruptiva e do compartilhamento permite interação entre humanos e máquinas, novas leis estarão disponíveis para melhor controlar os direitos humanos, a sustentabilidade e as fronteiras têm apoiadores distintos, o envolvimento nas encostas da tecnologia – reparem bem – são beiradas estreitas, em um primeiro e distante olhar, mas, nunca escasso, não por acaso *www*, representa: *World Wide Web*, a rede de alcance mundial. Deixemos, pois, a distopia de lado e vamos olhar, com mais atenção, para algumas possibilidades de mitigar o problema do Crime Organizado.

O que você já sabe é que, o presente Ensaio, é uma pista de algumas etapas das minhas experiências que se sobrepõem no romance, de modo que se complementem, como dois reflexos, até formarem um único sentido: o da singularidade literária, uma espécie de junção particular que se move e se encaixa, segundo a entendemos. Experimentei, pois, uma tecelagem feita de fios alternados entre o processo criativo e o romance. Estico-a, aqui, feito passarela, esperando que seu pisar seja agradável, macio e distinto, afinal, nós escritores sempre arrefecemos a caminhada para que, nosso patrão, o leitor tenha uma ótima jornada, até outras produções culturais.

As narrativas especulativas têm me chamado a atenção, pois o universo recreativo desse tipo de ficção tem demonstrado uma grande abordagem criativa e muito bem frequentada pelas mulheres. O que exatamente eu quero pensar com essas narrativas?

10. NARRATIVA ESPECULATIVA

A literatura especulativa permitiu-me espreitar este universo que engloba elementos básicos de qualquer narrativa ficcional (narrador, enredo, personagens, espaço, tempo...), mas que agrega setores do imaginário, além do romance tradicional. O romance *Tem WI-FI?* não é uma narrativa especulativa, com as características que listarei a seguir, porém gosto de pensar em sua estrutura psicológica como uma intersecção entre o romance tradicional e a narrativa especulativa, porque os limites de cada um ora complementam uns aos outros, ora roçam pontos interessantes que eu entendi como cocriadores. Em alguns momentos do processo criativo do romance pensei misturar alguns elementos quase irreais, mas percebi que esse entre-lugar poderia comprometer a autenticidade da história, tornando sua base duvidosa.

Muitas vezes, entendi o romance, *Tem WI-FI?*, como um tabuleiro de jogo, onde todas as possibilidades de escrita estão disponíveis, não é sempre assim o início da criação? Sim e não. Sim, porque qualquer elemento irreal ou imaginário está a favor da escrita, e não, porque na maioria das vezes não selecionamos o máximo que podemos para iniciar a narrativa.

O que me reservo a observar é que, a incorporação das variantes utilizadas neste romance que criei foram intensas. Por vezes, circulei pela literatura clássica, outras, invoquei características do best-seller e até tendi à tentação da Fanfic. Impressionante como toda a vasta literatura que debulhamos em sala de aula, durante as disciplinas cursadas, comparecem quando você está escrevendo, talvez até autorizando um ensaio mais reflexivo e não tão enxuto, em 10 linhas de citações e duas de pareceres. A quantidade de teoria que fomos expostos nas aulas servem justamente para apoiá-lo, em especial quando você pratica a arte de escrever. É, portanto, uma das delícias da escrita ficcional, o reconhecimento das misturas, das inumeráveis leituras que se transformaram em texto, dos sentidos literários que saem de dentro de você durante o processo de elaboração de um romance, é fantástico. É como se tudo fizesse sentido, nunca imaginei que, enquanto escrevia, poderia lembrar e usar tantos aprendizados. Eis a beleza de uma carreira de pós-graduação. De alguma forma inusitada, notei que todos nós contamos histórias de poder para empoderar a nós mesmos. Nos filiamos aos deuses, às semideusas, aos monstros e às fadas sininhos para entendermos o mundo ao nosso redor, para nos conectarmos com os outros e para produzir ficção, a realidade que também mascarada nos permite avançar na mente das pessoas.

Quando trabalhamos com narrativas “comuns”, alguns desses elementos como o ambiente, podem ser delimitados muito rapidamente. Às vezes, desde o início, determinamos o espaço onde a história está contida. Se você quer escrever sobre um homem à procura de uma amante em Londres é isso, já temos o lugar onde vai acontecer parte ou toda a história.

Na narrativa especulativa por outro lado, muitas vezes, precisamos imaginar novos mundos, adaptar nossas premissas à realidade, criar personagens que não são humanos e narrar histórias do ponto de vista de objetos inanimados. Na literatura especulativa a escolha do momento ideal, por exemplo, para sua narração pode ajudar na “suspensão da descrença” dos leitores, ou seja, na imersão das pessoas no universo e na criação de uma história verossímil. Na saga “Jogos Vorazes”, Suzanne Collins usa o presente para criar uma narrativa mais dinâmica, claustrofóbica, com um ritmo rápido e urgente, que lança o leitor na atmosfera da história desde a primeira frase.

Essas poucas linhas sobre uma das caracterizações, incompletas e pouco profundas, sobre alguns elementos da narrativa especulativa, são suficientes para demonstrar que esse tipo de narrativa, a meu ver, amplia e intensifica o vigor da imaginação. Explico-me: tenho a sensação de que narrativas especulativas podem fazer parte de outra história como se fosse uma *mise en abime*, sinto aquela criatividade fermentando, instigando-nos a pensar mais internamente, libertando-nos de alguns dos laços de verossimilhança que um romance exige, por exemplo. Uma das questões debatidas por alguns escritores, quando se questiona se é mais fácil escrever narrativas especulativas já está aqui, e me atrevo a acrescentar o meu “não” ao deles, percebe-se que isso pode ser ainda mais trabalhoso e difícil de fazer.

A terra da ficção científica dialoga diretamente com a questão desse ensaio, porque é um terreno futurista, povoado por inúmeros adolescentes, garotas que, geralmente, especulam sobre mundos que podem estar por vir. Elas têm um tanto da Laila e da Lourdinha. A questão da sexualidade, por exemplo, tem sido amplamente explorada nessas histórias, oferecendo liberdade para imaginar sociedades, diferentes das culturas da vida real, muitas vezes, ampliando o debate sobre o tema. O papel das mulheres cresceu na ficção especulativa, com ênfase em algumas escritoras como: Andre Norton (1984), Ursula K. Le Guin (2003), Anne McCaffrey (2005), Connie (2012) e mais recentemente C. J. Cherryh (2016).

As mulheres têm sido ativas no *fandom* de ficção científica desde cedo. As “*Ficwriters*”, mulheres que escrevem fanfics, reforçando o conceito acima, são, na sua

maioria, histórias criadas por fãs de livros, sagas ou séries e que se passam num universo alternativo, criando outra versão da história original, circulam num espaço mais democrático, em que seja possível escrever *fanfics* com temas rejeitados pelos produtores culturais e pela sociedade, destacando-se não só como narrativas envolvendo protagonistas femininas, mas também com relações homossexuais etc. Só por esses poucos exemplos, acredito na importância da *fanfiction* na cena contemporânea.

Outra relevância para entrar neste universo online é conhecer a gama de conceitos e atitudes derivados das fanfics, como Mary Sue (termo usado para descrever um personagem original que, muitas vezes, é super idealizado e, portanto, não tem falhas). Além de siglas e gêneros regulares, como drama ou ação, também encontramos subgêneros, baseados na relação com o cânone, como crossover. No crossover, os personagens de uma determinada história se misturam com outra, podendo acontecer com um personagem já existente, ou sendo transportado para outro mundo já criado, a exemplo dos Vingadores: Guerra Infinita, que uniu vários personagens do universo Marvel, em um filme. Seria o caso de levar Laila para fazer ciúmes, ao cercar Steve, na nova versão da Mulher-Maravilha interpretada pela israelense Gal Gadot?

A margem de lucro das ficções especulativas como a *Dark* (que tratam de elementos como morte, violência, traição) são impressionantes, mas o que mais me chama atenção é a quantidade de jovens que se identificam, vivendo, falando, vestindo-se como esses personagens. *Movieverse*, por exemplo, remete às adaptações cinematográficas de livros, o que costuma mostrar como um filme e um livro da mesma saga, diferem; *Virtual Season*, são criações solo ou colaborativas de roteiros para toda a temporada de uma série. Muito são os subgêneros baseados na relação dos personagens que utilizam termos como *ship* (casal romântico); *Lemon and time*, que apresentam histórias de sexo explícito; *Slash* e *Het*, que trata exclusivamente de relações homossexuais, principalmente entre homens; *Crackfic*, arrebatada histórias de humor, mas, com um aspecto ridículo; *Angst*, já articula temas deprimentes e angustiantes. São inúmeros os desenvolvimentos nessas rodovias cavadas por histórias e seus fãs e eu não consigo nem chegar perto dessa vastidão.

Como vimos, o vínculo afetivo que alguns fãs desenvolvem com a identificação que possuem com os personagens potencializa não só a fidelidade de seus objetos, mas de suas trajetórias. Para os produtores culturais, essa adesão do leitor à narrativa é interessante porque cumpre o papel de manter o leitor consumindo seus produtos por muito mais tempo. Quando uma série é grande essa relação se fortalece e adquire status de torcida inter-relacionada, onde os adolescentes compartilham suas opiniões, em tempo

real, nas redes sociais (como o destino dos personagens) e interagem com o final da história, demonstrando o desejo de saber mais sobre este personagem e fazer julgamentos sobre eles. Algumas dessas questões colaboram para fazer do fandom um par decente para a cultura de massa, com um certo desejo de autonomia que predomina neste tipo de narrativa. Parece que a leitura de fanfics lideradas pelo gênero feminino, por exemplo, é um bom termômetro para averiguar a mudança nos hábitos de leitura desta nova geração. Lendo mais e coletivamente, os jovens participam dessa cultura interativa, agregando a essas comunidades e-books, audiobooks e um conseqüente gosto pelo ato de escrever. Soma-se a esse fenômeno o espaço aberto para uma mídia *mainstream* muito mais inclusiva, conforme mencionado anteriormente, onde o início de histórias com personagens de ficção, que não se limitam a um espectro essencialmente heterossexual, avança com mais liberdade e conteúdo. Outro aspecto, que considero extremamente importante para estimular o exercício da leitura, é reforçar o que também repostei no início: os jovens (de 13 a 17 anos) leem mais e escrevem mais do que antes, inclusive na língua inglesa porque encontraram, na tecnologia, desdobramentos reformulados, mesmo tendo seus pontos de partida baseados em Naruto, Harry Potter, One Direction, Percy Jackson e outras obras de ficção, vivenciaram um espaço de troca e identificação, nunca experimentado. Esses leitores adolescentes, como já citei, também são aqueles que escrevem as fanfics; ao contrário de outros livros infanto-juvenis, como Jogos Vorazes, de Suzanne Collins, ou Harry Potter, de J. K. Rowling, cujas escritoras já tinham mais de trinta anos, os adolescentes das *fanfictions* estão muito bem-preparados para servir a essa juventude conectada.

A breve abordagem da Narrativa Especulativa só está presente aqui porque trata, diretamente, com o prazer da produção da cultura de fãs que existe desde 1930 e foi estabelecida na década de 1960. Começou a ser estudada academicamente apenas na década de 1990, nos Estados Unidos, e na década de 2000, no Brasil. Isso porque o *fandom* não foi considerado um objeto de estudo válido pela academia e ainda encontra resistência neste meio.

O lúdico sempre absorveu mais atenção, brincar libera emoções, entrelaça saberes e permite a criação de atividades interdisciplinares que transferem para os meios digitais propostas e invenções que potencializam as práticas convergentes e promissoras. O playground da vez recicla os impactos da união entre ensino tradicional e as novidades virtuais, e responde pelo nome: Humanidades Digitais.

11. HUMANIDADES DIGITAIS

Se pensarmos na possibilidade transdisciplinar, que incorpora os métodos, dispositivos e perspectivas heurísticas das ciências humanas e sociais, ao mesmo tempo que mobiliza ferramentas e abordagens únicas abertas pela tecnologia digital, podemos dizer que a PUCRS está entre tantas universidades que promovem a integração de diferentes disciplinas. O espaço Delfos, criado para armazenar toda a gênese dos escritores, proporciona entrevistas com escritores e alunos, incentivando diversos aspectos culturais da literatura e da tecnologia. As perspectivas abertas pela tecnologia digital, nas atividades humanas, são cada vez mais impactantes, surpreendentes e inimagináveis no mundo contemporâneo. Esse fenômeno, que muitos estudiosos comparam ao impacto civilizatório causado pela transição da comunicação oral para a escrita, emerge em todas as esferas da sociedade, atinge direta, ou indiretamente, todos os seus agentes e subverte suas noções de tempo, espaço e conhecimento. É gosto muito desse entrelaçamento, tanto para possibilitar a comunicação em rede intercontinental, quanto para aumentar, exponencialmente, a capacidade de armazenamento e processamento de dados para convergir todo tipo de coleções em conteúdo digital, ou para facilitar o acesso a esse conteúdo ou informação em dispositivos móveis na vida cotidiana. Esse fenômeno está se tornando um campo fértil de investigação, sob o rótulo de toda uma área de departamento de Humanidades Digitais.

Essa interseção da computação com as disciplinas das ciências humanas é impermanente e continua a ser discutida, por essa razão, não me compete definir os diversos conceitos que as Humanidades Digitais incorporam, até porque definir um único conceito seria diminuir sua amplitude e as definições de Humanidades Digitais já ultrapassam a de 800 tentativas. Em se tratando de primórdios, menciono o papel da Linguística como pioneira na conexão entre a computação e a Humanidade porque abriu fontes importantes que invocaram outros caminhos.

Roberto Busa foi um padre jesuíta e um dos pioneiros no uso de computadores para análise linguística e literária, foi autor do *Index Thomisticus* (desenvolvido desde 1949) e considerado a primeira experiência na aplicação da informática aos estudos, pois ele pensou colocar toda a sua obra de S. Tomás de Aquino (1225-1274) no computador, na época dos cartões perfurados. É importante citar, brevemente, outra fonte para destacar a existência de dois manuais que resultaram dessa primeira etapa. O termo surgiu pela primeira vez, em 2002, por meio de troca de e-mails entre dois americanos, e foi cunhado

por John Unsworth, mas, ganha notoriedade com a publicação *Companion to Digital Humanities*, em 2004 e 2016.

Outro exemplo de iniciativas inovadoras é visto em *Debates in the Digital Humanities* (2012), um livro construído online onde várias pessoas podem escolher o que colocar lá, sendo assim, um livro sempre em construção, pois está, continuamente, aberto a novas postagens, de frases ou parágrafos. Destacam-se as frases, ou parágrafos mais lidos, proporcionando, aos que não desejam ler todo os livros, uma leitura mais dirigida. Este projeto desenvolvido pela “comunidade de práticas” é aceito como forma de validação no trabalho acadêmico.

Essa “comunidade de práticas” funciona como uma espécie de rede social, servindo para reunir as diferentes investigações feitas por pesquisadores acadêmicos de diferentes áreas, de distintos lugares e, portanto, de dessemelhantes linguagens. A sua utilização como metodologia de investigação na área das humanidades: o potencial do *crowdsourcing* remete-nos para plataformas de escrita, como o *Wattpad*, frequentemente, aqui referido, um local de cocriação. Obviamente, os riscos, a autenticidade e as colaborações dessas “comunidades de infinitos” são questionadas e, ainda, espremidas pelas mais severas críticas, mas, ainda, é um desdobramento das relações da internet.

Muito provavelmente, esta iniciativa pode abrir caminho para outra transformação, ou seja, uma nova forma de fazer pesquisa acadêmica, abrindo a investigação para a comunidade de alunos de doutorado ou jovens pesquisadores, onde o compartilhamento de suas ideias e conclusões são apresentadas como um resultado acadêmico. Num momento em que todos falam em *open data*, *open science* e aberturas paralelas de inquirição, é necessário considerar esta nova forma como pelo menos ponto de partida para, quem sabe, poder considerar outros tipos de validação de pós-graduação no futuro. Cameron Blevins²² é um dos exemplos que selecionei para ilustrar essa ideia de comunidade, sua pesquisa sobre os correios dos Estados Unidos, foi o resultado dessa experiência com a colaboração das comunidades. E aqui temos mais uma prova de que a temida internet, que no início ameaçava acabar com a credibilidade acadêmica, não funcionou.

Humanidades Digitais é o que fazemos todos os dias, estamos todos conectados e interligados em nossas áreas de trabalho, utilizando recursos tecnológicos. Esse ato, que já é natural em nosso cotidiano, consolida a união de áreas, antes separadas, como

²² Link de acesso: www.cameronblevins.org/

Literatura e Digital, História e Computação ou Filosofia e Digital. Sendo cada vez mais indivisíveis e espiando por trás da porta do passado, encontramos, em 2005, um grande ponto de inflexão na questão digital. Só para lembrar, o Twitter ainda não existia, o Facebook estava na infância e o YouTube não havia sido inventado e, portanto, a “vida” websocial coincide com o nascimento das Humanidades Digitais como comunidade de práticas interdisciplinares e a democratização do conhecimento e das opiniões que preenchem o vasto material humano, hoje amontoado em forma de nuvens. O Twitter é tão relevante que, desde 2010, o Congresso dos Estados Unidos decidiu arquivar todos os tweets, material que certamente será usado por historiadores no futuro, mas a iniciativa terminou em 2017, porque o volume de tweets publicados era enorme²³.

Os entraves aos impactos da tecnologia são reguladores de novos rumos, estamos vivenciando os enxertos digitais de forma ainda experimental e esse engajamento online ainda está em constante afirmação.

As perspectivas abertas pela tecnologia digital em nossas vidas, por meio dos dispositivos móveis no dia a dia, são cada vez mais surpreendentes. A velocidade com que vão ganhando novas formas de viver e se relacionar não nos ajuda na lenta jornada de atualização, o tempo ainda é escasso para a nossa multitarefa, ainda bem que não só nós humanos estamos conectados, as coisas também estão passando por esse processo, objetos estão ganhando vida. Em breve, o globo inteiro vai avançar em novas veias com mais produtividade, mais informações em tempo real, sem limites físicos, e com as distâncias de apenas um toque no teclado.

Uma discussão bastante contemporânea é que, se permanecermos os mesmos, seremos seres antigos lendo novos mapas, com ferramentas ancestrais, com grande parte da população mundial não habitando o interoperável. Pensar na metodologia do sistema de ensino tradicional, nos colégios e universidades, sem considerar as mudanças contemporâneas é gerar filhos sem autoconfiança para entrar no mercado de trabalho. Talvez pudéssemos começar com exemplos fora do padrão, poderíamos estudar a força da gravidade na Física com animações ou vídeos, que fazem parte do universo atual das crianças, sei que algumas iniciativas já estão em andamento e elas trazem estruturas além da lousa, como ensinar gramática com experimentos ao alcance de um Netflix, ou recorrer a um cruzamento de vídeo onde a *Iliada* seja inserida, em forma de música nas mãos de um avatar - refiro-me a uma didática interativa para complementar as existentes. Se a

²³ Reportagem disponível em: <https://www.npr.org/sections/thetwo-way/2017/12/26/573609499/library-of-congress-will-no-longer-archive-every-tweet/>

Amazon empregasse seu filho, ele seria capaz de lidar com toda a tecnologia que ela usa hoje? Essa empresa, como tantas outras, teve sucesso por causa da convergência de três tecnologias (catálogos de varejo, vendas online e algoritmos) e, em muito pouco tempo, teremos robôs ainda mais rápidos trabalhando em armazéns, drones melhor desenvolvidos entregando pedidos e sistemas de vendas altamente aceleradas.

Apoiar a anti-inovação, baseada em fatos de que mais e mais robôs assumirão seu trabalho, é um perigo que precisa ser explicado. Sim, os robôs estão tocando tarefas repetitivas e, sim, vamos supor que eles roubam a vaga de cinco funcionários, porém esses cinco novos desempregados não ficarão na rua sem trabalho, novos empregos serão criados. Esses novos trabalhos demandam novos treinamentos, a questão é como capacitar uma população já tão indefesa em suas necessidades básicas para tarefas cada vez mais especializadas? Seremos capazes de devolver vida ao mundo sem realidade tecnológica? Quais empresas vão estocar mão de obra humana se, por exemplo, um robô em uma indústria automotiva custa um ano do salário de um funcionário, sendo que vai durar “para sempre”? É um caminho sem volta, mas isso é apenas um desespero instantâneo, eu prometo.

Consentir que precisamos nos atualizar é mister. Aceitar o Podcast como referência bibliográfica e desenvolver teses com menos rigor acadêmico, aderindo formas criativas de demonstrar discussões, são muito bem-vindos. A entrada exorbitante de termos ligados à vida online, aos estudos de tecnologia, à força do design, às descobertas digitais, às impressoras 3D e às tendências atuais entre os jovens são elementos fundamentais, são terrenos e modos de aprendizagem que aqui já estão atrasados, perderam o trem das oito. Esse discurso de que as aulas de arte, ou música são menos importantes que as outras, são tomadas que não incentivam a criatividade. A Inteligência Artificial já deveria ser uma disciplina obrigatória, estamos palpando o novo no escuro. Ousadia é o fermento do futuro.

Neste sistema apressado de evolução digital, tudo o mais que podemos ver e tocar, ou seja coisas físicas (como animais ou plantas), podem estar na internet, interagindo conosco. É a Inteligência das Coisas, que surge com uma força consistente, por meio de sensores e dispositivos. Estamos avançando nesse raciocínio de comunicação com os objetos, estamos ampliando nossos diálogos, galopando em alta velocidade para um futuro que é presente, e criando um universo virtual paralelo que nos garante uma interação simultânea.

De encruzilhada em encruzilhada, caminhamos entre o humanismo e a travessia digital e tudo nos chama a refletir, trocar, reavaliar e debater em cada etapa deste novo caminho. Adepto de todos os perigos e de todas as vantagens da tecnologia, ainda há dúvidas de que ela não aprimora a literatura? Enfrentar a tecnologia e a literatura não parece fazer mais sentido.

12. A VIDA NO ANO 2020, E COM WI-FI

Incorporando tudo o que já foi visitado até agora, peço permissão para brincar com uma história de trem; não o das oito, como mencionei anteriormente, escritor sempre gosta de contar algo e, para introduzir um novo elemento neste ensaio, pensei no trem, só que ele vem sem freios. Essa simples analogia serve para introduzir a um povo, digamos que ancestral (faz de conta, tá?!), o que entendemos por tecnologia. Terei de dizer como a internet funciona para estas pessoas entenderem como pegam esse trem, ou melhor, vou colocar nossos ouvintes imaginários, longe das cidades grandes e não familiarizado com computadores, escutando, junto com um amigo um podcast que começaria assim:

As plataformas da internet são como as plataformas de um trem, onde temos pontos de partida para chegar em diferentes destinos que nos levarão para dentro, para os lados, para fora, em todas as camadas de estações de informação. As janelas são interativas e não apenas para nos proteger do vento exterior e da paisagem. Os arquivos são casas antigas de uma aldeia particular, os vagões ligam-se em todas as dimensões e os nossos destinos nunca acabam. Estamos sempre em movimento, não temos opção; ou pegamos o trem, ou estacionamos até que o passado feche a última porta. A solidão digital é muito triste e implacável, tenta o moço do podcast exclamar. Mas deixando o lado trevoso para trás e correndo novamente nas trilhas da internet, com todos os bilhetes de embarque na mão, é hora de você encontrar a cabine e o assento. Palavras são passagens que precisam ser validadas, não podem expirar, não aceitam confusão, não cabem só no bolso, há muito tempo. A literatura, com todas as suas variantes, costuma ser passageira de primeira classe e já se acomoda ao lado do digital que, como já analisamos, apresenta inúmeras vantagens.

De repente me intrometo na contação, me imagino pegando esse mesmo trem e sentada, bem quieta e concentrada, disposta a registrar o panorama apressado que voa pelo lado de fora do vagão. Depois de tudo pronto para partir, as pessoas já acomodadas, o serviço de bordo oferecendo água, e eu, tendo relaxado o suficiente para aproveitar a jornada, me surpreendo com a repentina entrada de mais um passageiro em minha cabine. Ele chegou, sem educação, o desgraçado nem licença para sentar-se pediu, se esparramou na minha frente, espalhando sua bagagem, sem cuidado, e disseminando doença por tudo que tocava, com sua força acelerada. Não falei lá no início que tudo estava conectado? Quando que eu poderia imaginar que faria uma analogia fuleira com uma historinha de trem, internet e sobre esse invasor onipresente? Ao escolher fazer o ensaio, através dos

paradoxos na tecnologia, jamais poderia contar que um inimigo fosse atingir o planeta, e que a flecha da pandemia apontaria para o mesmo caminho que tracei para cobrir o impacto da tecnologia na literatura, e, por conseguinte, na minha vida pessoal. Como eu poderia saber que o ensaio, justamente, propõe um catálogo de novidades tecnológicas para ilustrar a bombástica colisão da internet na vida das pessoas, fosse também trombar com a potente transmissão de um vírus sobremaneira incontrolável e perigoso. Em tempos de confinamento, com tantas ondas de vírus, a tecnologia apresentou-se como definitiva e essencial, tomou assento na primeira classe, com direito a mordomias vitalícias, encurtando a distância entre o presente e o futuro. A transformação que levaria anos foi acelerada no ano de 2020, trazendo a massificação do homeoffice, EAD (Estudo de Aprendizagem à Distância), impondo padrões de consumo e convenções sociais para áreas de cliques nervosos. A longa quarentena se esparramou por todo ano, fazendo com que até aqueles que não tinham aderido à internet repensassem sua importância. O mundo está sendo forçado a compartilhar. A cocriação torna-se vital, a humanidade precisa fazer outro dever de casa e esse envolve colaboração e responsabilidade mútua – estamos todos no mesmo vagão, brincando de viajar.

13. ALGUMAS POSSÍVEIS RESPOSTAS E OUTRAS TANTAS PERGUNTAS

Stilicidi casus lapidem cavat.
(Lucrecio poeta latino, 98-55 a.C)

O que disse Lucrecio, “ao pingar, a gota escava a pedra”, me inspirou a gotejar este atravessamento entre meu processo criativo, a tecnologia e as inspirações para construção do romance.

No início do ensaio, tentei apurar como a tecnologia transforma nossos sentidos e acredito que, durante esse processo de refletir e usar diferentes dispositivos para escrever, confirmei a desconfiança de muitos de que a tecnologia não transforma nossos sentidos, ela os revela e de maneiras diferentes. Ao longo desses meses que venho pesquisando e vivenciando o mundo virtual, percebi como esses dispositivos nos auxiliam no desenvolvimento cognitivo, ampliando o infinito potencial criativo que temos. Nos bastidores dessa jornada, aprendi que somos obrigados a desenvolver nosso processo de adaptação, com uma certa emergência para não nos atrasarmos no uso de máquinas inteligentes, viver e inovar em rede é mister. Convencida disso, atesto que esse futuro é sempre mais rápido do que o esperado, ele até pode vir em gotas, mas elas se acumulam velozmente. A cada minuto que passa somos reféns do obsoleto, porque não temos mais consciência da quantidade de elementos técnicos que já temos no mercado. Muitas e muitas vezes tive de atualizar os dados desse ensaio porque algumas novidades, ficaram “ridicularmente” velhas, algumas plataformas se modificaram e milhares de aplicativos nasceram, tecnologias emergentes brotam a todo instante, todas vêm e vão com pressa. A escala do planeta revela que 100% das empresas globais já são impactadas pela tecnologia e a escrita criativa, expoente notório do novo mundo, está mais onisciente do que nunca, já é pedra escavada, com todos os sistemas de linguagem e escrita. A palavra vale muito, o texto vale trilhões, os algoritmos são espertos e impacientes, o novo capital cibernético também está com pressa. A literatura observa tudo.

Por meio de diferentes ferramentas digitais estamos compartilhando histórias e narrativas ficcionais, enquanto os robôs afinam suas capacidades de diagnosticar os gostos do público. A leitura interativa veio para ficar e já podemos pensar em aposentar os muitos óculos antigos, porque, em breve, teremos um só com ajuste nos óculos digitais, nos permitindo ler em realidade virtual, ou não. Se você já experimentou o aplicativo *Speechify*, entenderá as pedrinhas do caminho. As roupas inteligentes já estão na trilha do mercado, são feitas de tecidos que reagem ao ambiente, ondulam, captam, detectam e,

quem sabe, em breve, não matarão os indesejados vírus. Os leitores se aglomeram para ler em diferentes plataformas e, seja em torno de conteúdos informativos, de entretenimento ou educacionais, o engajamento do usuário depende de uma experiência que trabalhe com apelo sensorial, conciliando diferentes formatos de narrativas, vídeos, animações e mecânicas interativas e gameficadas. O ensino agradece o aprendizado com a ajuda de jogos, crianças e jovens podem exercitar mais prazerosamente o raciocínio, o trabalho em equipe e a resistência ante à derrota.

Está foi outra questão que levantei ao iniciar esse Ensaio: pensar como nós alunos usamos os aplicativos para transitar na vida acadêmica. Posso dizer que cada semana, diferentes grupos de Escrita Criativa, que participei, compartilharam posts com novas descobertas que fazem parte das formas inovadoras de digitar, editar, gravar, selecionar e assim por diante. É possível refletir sobre quantas atividades diferentes na literatura podem ser realizadas em apenas 10 minutos. Quantos e-mails você lê em 10 minutos? Quantas empresas abrem e fecham em 10 minutos? Quantos minutos cabem hoje nesses dez minutos da antiguidade? Quantas *fake news* são reproduzidas em 10 minutos? Nossos sensores transmutam nossos sentidos e a tecnologia vem agregando elementos que sustentam essa forma mutante de fazer literatura, de valorizar a arte e de se comunicar com o global. Eis um bom início de resposta para o impacto da tecnologia na literatura.

Impossível não falar da vida literária AC (Antes Coronavírus) e DC (Depois Coronavírus), com o perdão do trocadilho, a cada nova onda de vírus, novas ondas de tweets aparecem para registrar comentários e sacudir opiniões. Já assumimos que existem inúmeros modelos de relacionamento com a literatura, que o reforço, via tecnologia, inova a forma de interação, e nesta difícil empreitada de combater a transmissão dos vírus surgiu a difusão dos conteúdos escolares. A plataforma Moodle mesmo já adotada, anteriormente a pandemia, foi utilizada pela maioria das universidades, permitindo colocar todos os alunos em contato com a disciplina, proporcionando acesso a vasta literatura a ser lida, dicas de leituras complementares, ementa do programa, discussão sobre temas relativos à matéria, mudança de tarefas, fazendo a vez de tantas salas de aula, agora em um espaço virtuais, de fácil acesso que, além de economizar tempo, garante acessibilidade às informações. No que diz respeito à literatura, acumulamos um número de links impressionante, assim compartilhamos sugestões de leitura, entrevistas com escritores. As idas à biblioteca tornaram-se escassas, o volume de livros e o peso de carregá-los também foi atenuado, já que hoje temos muitas bibliotecas online disponíveis, com PDFs para todos tipo de material. Em alguns trabalhos escolares, os professores

trabalham a arte com a literatura, transformando o dever de casa em posts no Instagram, com poemas ou frases que foram trabalhados com os estudantes, apenas para citar um dos muitos projetos desenvolvidos com frequência. De alguma maneira, os *instapoetas* ressuscitaram a poesia livre. As livrarias seguem buscando alternativas para unir tecnologia, aproximando pessoas e conteúdo, marcas e negócios, todo o planeta está disruptivo e conectado.

Os aspectos negativos também pingam seus excessos em sótãos profundos. A enorme quantidade de tempo que passamos online, à mercê de redes sociais, e a dependência dos aplicativos, é gigante. As doses de dopaminas que nossos corpos produzem, quando temos validações nas redes sociais, são dosagens impressionantes, muitas pessoas estão se movendo em trilhas artificiais para produzir conteúdo pseudoverdadeiros, estamos todos um pouco falsos e andamos distorcendo a realidade, com muito mais potência do que imaginávamos, maltratando, assim, nossos valores mais sinceros. Precisamos nos cuidar melhor, usar protetor solar, é algo que não fazíamos há muitos anos, muito em breve, teremos que criar um protetor contra o excesso de luz azul da tela e sabe-se lá que outros virão. Inventamos, usamos, nos protegemos. Inventamos, usamos, nos protegemos. Inventamos, abusamos, mal nos protegemos. A necessidade de checar o celular, em busca de novidades, e a mania avassaladora por fotos nos afogam em grandes minutos de procrastinação, emergindo, sucessivamente, possíveis novos viciados em tecnologia, multiplicando estímulos, subtraindo o foco. Quase toda tecnologia funciona como uma especiaria, é usada para compensar alguma coisa, a escrita digital é cúmplice desse desafio atual e não poderia ser diferente. Para responder à demanda de crescimento infinito, faz-se necessário agregar cada vez mais usuários, logo tecnologias começaram a ser criadas para usar pessoas. Os caça-dados fazem de tudo para pensar em como trazer mais pessoas para uma plataforma enfim é um fato: estamos diante de uma tecnologia feita para o homem, estamos sendo pets digitais e gostamos! Algoritmos de redes sociais alcançam 80% de precisão na previsão do comportamento humano e o desafio para as grandes empresas é aumentar, ainda mais, essa precisão. Estamos aprendendo a ensinar os computadores inteligentes a encontrar comportamentos anômalos e corrigi-los, algo que antes costumávamos fazer com as máquinas. O problema é parar a competição humana de querer ser o melhor em tudo, penso eu.

Bem, falei o tempo todo sobre a Web, que em inglês significa “teia”. O destino da humanidade é um assunto que tem muito a ver com a literatura, pois é, também, o que garante o registro do que vivemos, missão que há anos é dada ao contador de histórias.

Se contar histórias sempre foi uma necessidade humana, seja na forma oral, como os antigos faziam em volta da fogueira, ou na digital, como alguns indígenas estão se organizando para contar suas histórias²⁴. Chegaremos no 10D? Haverá outros tipos de internet? Vamos ler em telas que projetaremos com as mãos? Por enquanto, estamos acolhendo benefícios. Sem precedentes, a leitura interativa ajuda muitas pessoas com deficiência a terem uma experiência antes inimaginável, eis aqui um último exemplo das múltiplas qualidades do iPhone. O Skype veio preencher a lacuna das visitas à distância, os aplicativos auxiliam o debate sobre práticas inovadoras e novas ferramentas poderão ajudar a escrever de outras maneiras. Estamos no momento da partida, do aproveitamento máximo do potencial humano, estamos catalogamos a nossa capacidade mais rica: a de criar. As empresas líderes procuram pessoas que questionem a autoridade, que ousem mudar, que não tenham medo da curiosidade e que desafiem os limites padrão. Ciência e arte. Estamos no esboço de dois polos desafiadores e você não pode mudar o mundo sendo obediente. O mundo, neste momento, parece-me buscar valores criativos nesta ordem:

- Ser curioso, incansavelmente curioso;
- Maravilhar-se como as crianças;
- Trabalhar em conjunto;
- Alimentar a fantasia;
- Não ter medo de experimentar o novo.

Grau 26, de Anthony E. Zuiker com Duane Swierczynski, é o primeiro romance digital interativo. Ele não é apenas um livro, é uma experiência completa onde você pode acessar seu site e participar de algumas cenas relacionadas à história do romance (ZUIKER, 2009). Os jogos e a Netflix estão remodelando a maneira como assistimos televisão, alcançando uma gama de seguidores e proporcionando empregos para muitos roteiristas. Uma plataforma vale um trilhão de dólares, não há necessidade de investigar, por que já concluímos que estamos na era do intangível, estamos criando uma humanidade e as pessoas não podem mais ser separadas pelas ciências humanas e exatas. Vamos ler o DNA da criatividade.

Em 2019 tive a oportunidade de assistir à palestra do escritor estadunidense Paul Auster no evento Fronteiras do Pensamento. Acontece que ele não pôde vir ao Brasil devido a uma emergência familiar, então, o objetivo da organização do evento foi oferecer ao público uma videoconferência com o autor que estava em Nova York. Para compensar

²⁴ Link de acesso para o conteúdo em: indios.online.org.br

sua ausência física, a palestra foi reduzida para interação ao vivo com o público. Foram muitas as perguntas que continham o tema tecnologia, inclusive a minha, mas o que impressionou o público que lotou o Salão de Atos da UFRGS foi que ele disse que não usava celular ou computador para escrever seus livros. Seu trabalho mais recente é o ambicioso calhamaço 4321, romance que trata de quatro versões do mesmo personagem, o detalhe ficou por conta de mais de mil páginas escritas à mão. Auster se posicionou muito bem, quando questionado sobre o uso da tecnologia, confessando que sua esposa havia o presenteado, recentemente, com um iPad e que ele, agora, o utilizava para pesquisar suas dúvidas e fazer suas pesquisas. Ele ressaltou que as redes sociais encurtam os espaços e fazem com que um único ser humano se sinta no centro do mundo, mas reafirmou que esse tipo de tecnologia não o seduz. Ele soube exemplificar de forma inteligente os outros aspectos negativos das redes sociais, inclusive condenando o uso descabido do Twitter, quando abordou o presidente de seu país.

De vez em quando, porém, o rosto amigável do escritor ficava congelado na tela grande e o público sussurrava a falha na comunicação. Logicamente ele se arrependeu do ocorrido e se desculpou muito, como se fosse sua culpa. Nenhuma notícia, até o momento, porque já tratamos do lado bom e do lado ruim há muito tempo nesse Ensaio, mas a parte mais interessante de suas respostas, veio com um intenso fortalecimento positivo quanto ao uso e hábito do livro de papel. Ele lembrou que a novela ainda é um gênero jovem, pois acaba de fazer 300 anos e que a grande maioria das pessoas no mundo não gosta de ler romance. Embora essa grande fatia da humanidade não aprecie as delícias de um bom livro, todos os seres humanos, em todos os tempos da história, precisam contar histórias – já falamos sobre isso. Ele demonstrou zero preocupação com a chegada dos *e-books*, levando em consideração as notícias que o mundo apresenta essa nova forma de leitura, exemplificada com algumas estatísticas que nos Estados Unidos, quando os *e-books* apareceram, muita gente começou a ler assim, mas que, tão logo, a novidade completou seu ciclo, as pessoas voltaram a ler nos livros de papel.

Terminou elogiando a magia da videoconferência que lhe permitiu estar perto de nós e que contar histórias é uma vida em 3D. Se um romance, por exemplo, consegue chegar ao leitor e torná-lo mais vivo durante a leitura, do que se ele vivesse sua própria história, teria tingido sua função essencial.

Embora encontremos pessoas desfavoráveis à Internet, o novo passageiro literário pode precisar viajar em um vagão novo, com wi-fi, é claro. O lápis e o papel contra o computador, o escritor contra o robô, o antigo contra o moderno, a bagagem emocional

humana contra os algoritmos racionais, o conteúdo da alma contra os scanners reprodutores de sentimentos. Os contrastes são infinitos e os resultantes são incertos. Quanto mais nos refinamos com a ajuda da tecnologia, mais entendemos o quão perfeitamente equipados somos como humanos.

A arena de batalha mudou, temos que nos mover em um planeta onde, nas palavras de Ana Paula de Jesus Assis, todos os dias, criamos algo como 2,5 quinquilhões de bites, ou seja, 4 torres Eiffel empilhadas com conteúdo, ou seria mais do que isso? Onde está o desafio? 120 milhões de profissionais terão que ser treinados novamente em 3 anos para tentar acompanhar as novas invenções.

Não considerar as mudanças que estão chegando, de forma absurdamente rápida, é viver dentro de cavernas literárias, sem garantia de janela para entrar ar e luz. Estamos criando um planeta para viver – acredite em mim –, uma lua artificial está sendo construída para gerar luz por 24 horas. Esses últimos dados foram coletados do renomado estudioso da cultura digital. O já citado Gil Giardelli, que, além de ser um ativista da web e difusor de conceitos digitais, tem incluído em seu discurso o apelo à colaboração humana.

Assim como novas palavras foram criadas ao longo do desenvolvimento da história humana, o glossário do vocabulário tecnológico cresceu exponencialmente, e, arrisco dizer, faltam palavras para acomodar todos os elementos que compõem nossa passagem apressada nesse século. Portanto, temos algumas palavras novas para significar novas atitudes, contudo perdemos o sono ao pensar na imensidão de fronteiras desobedientes que surgem a cada nanotempo. Dormir se tornou um hábito nem sempre sereno, trazendo incertezas e angústias no travesseiro de cada um de nós.

Quando o assunto é qualidade de sono, olha essa, a multinacional Ford lançou uma cama de casal (sim, você não leu mal) que evita distúrbios do sono, roncos e roubo de espaço. Uma luz pontilhada aparece no lençol se a pessoa invadir o lugar do cônjuge, avisando-a de que precisa se virar automaticamente. Quando eu afirmo que a tecnologia invadiu nosso dia a dia, me vem milhares de exemplos e super acredito nos paradoxos da natureza e em suas deficiências. Com toda a polêmica sobre a escassez de abelhas na natureza, os Estados Unidos já se mobilizaram para produzir 10 milhões de abelhas artificiais que foram criadas para polinizar mais do que as naturais. Temos wi-fi e mel.

As inovações, acima apontadas, ilustram as atitudes tecnológicas que representam o muito falado “*Disrupt yourself before someone else disrupts you*” –, é a nova ordem mundial, repetida inúmeras vezes nas palestras de inovação do MTI. Precisaremos de,

pelo menos, 160 horas semanais para nos mantermos atualizados, como fazer? Foi o que Gil Giardelli perguntou. Não sei!

Prometi amostras de inovações e sigo com mais algumas, no afã de provar que o vasto catálogo do 5G já está disponível na esquina do morro, você poderá baixar um filme no seu celular em 35 segundos, talvez, depois dos confinamentos, você almeja viajar, conhecer seus anciões? A agência de viagens vai preparar sua próxima jornada até o lugar de onde você veio, fique tranquilo, basta comprar o envelope com o kit de DNA na farmácia mais próxima, por 15 dólares, e você vai saber a sua origem; com isso, a agência de turismo marcará sua próxima viagem de acordo com o resultado.

Sem dinheiro para a tão sonhada viagem? Entendo. Que tal uma cerveja para animar? Se quiser degustar com luxo, poderá usar seu DNA para ter uma cerveja personalizada em Dublin, ou distrair sua frustração apenas produzindo o bebê perfeito que durará 200 anos. Brincadeiras à parte, somos todos dinossauros apavorados. E o escritor? Qual é o futuro da narrativa? Ainda não tenho resposta.

A Levis, marca icônica de jeans, ficou um pouco desacreditada no mercado, nos últimos anos, mas já voltou a brilhar porque produziu a jaqueta jeans onde você ativa o celular na manga, enquanto anda de bicicleta. Você vai dançar à noite? Muito mais divertido dançar em uma festa de gravidade zero, e, olá meninas, se sua calcinha brilha é porque você está ovulando e podem ter certeza de que, se alguém abusar de você com calcinha *touch screen*, como é chamada, ela aciona a polícia imediatamente. Não está acreditando? Tem muito mais, é só ir lá no *youtube* pescar o link.

Melhor não ser tão negativo e ir logo para casa colocar o seu pijama, não esqueça de ligar o leitor dos seus sonhos, mas isso só será daqui a 20 anos, não é? Você tem medo de sair para a rua e se infectar? Pegue uma máscara japonesa, a *c-mask*, rainha da pandemia com um design arrojado te defende contra qualquer vírus, ou bactéria, mede sua temperatura, avisa se você está contraindo algum tipo de vírus, oferece um Bluetooth e um WI-FI perfeito, você pode atender naturalmente suas chamadas ou ditar mensagens para seus amigos e, caso encontre um estrangeiro pela frente, basta ajustar sua língua materna para oito idiomas diferentes.

Parece que a ficção atropelou a Escrita Criativa, onde quero te levar, afinal? Aventurei respostas.

Vamos dar um salto aos robôs, os chamados “bots”, que leram e corrigiram as redações do colégio e seus algoritmos davam a mesma nota dos professores, com um detalhe: leram com mais precisão, em menos tempo, e sem cansaço. Dito isso,

embarcamos direto na questão da sociedade sem empregos. Se você colocar na sua *checklist* tudo o que você faz desde acordar até ir para a cama e encontrar 5 itens que podem ser executadas por robôs, você já poderá continuar em casa de pijama! Então para que serve o ser humano? Todo esse ensaio elogiando a tecnologia para chegar até aqui e dizer para você: não sei! Ou te enganei!?!

Atenção redobrada! A tecnologia não é, nem nunca foi, o foco, a gestão do futuro sim. O impacto da tecnologia na literatura é apenas um “rastreamento”, onde o escritor e o leitor estão caminhando de mãos dadas para as novas colônias interplanetárias do amanhã.

Discutir um molde epistemológico não era meu objetivo no Ensaio, por essa razão, optei por um passeio que deslumbrasse um panorama instável do futuro e que, por trás da couraça do impacto da tecnologia na Escrita Criativa, despertasse a melhor das perguntas: o que importa afinal nessa história toda de tecnologia e literatura? Essa resposta eu me atrevo a dar, mas mais lá para frente, ok? Estamos todos focados na varanda dos fundos, dos séculos passados, dos gloriosos séculos anteriores da literatura com L maiúsculo, o que faz todo o sentido porque são os clássicos que servem de modelo, porém olhar para a nova forma de fazer, pensar e compartilhar literatura é fundamental para mim.

Por que, afinal, meu recorte foi um tema tão oposto à minha idade? Não teria sido muito mais conveniente pesquisar as grandes referências da literatura do século 19, como apontado? Provavelmente sim, mas preciso explicar a você que, mais que qualquer coisa, precisava entender o que é ser jovem na literatura. Ser jovem hoje não tem nada a ver com idade. Ser jovem é quando você enfrenta mudanças. Esta foi a minha opção: conectar-me com as transformações digitais desse momento que estou circulando, averiguar os *loopings* das amпуlhetas, atuar no aprendizado atual que é feito de mosaicos, produzir a escrita das co-digitações, onde aulas com espaços concretos e tempo cronometrado estão no caminhão de despejo.

Em meio a todas essas mudanças, uma interrogação que me acompanha sempre é: O que devemos fazer para garantir nosso espaço na literatura atual? A resposta óbvia – um bom romance, uma poesia primorosa, um texto extraordinário, nada que todos os grandes escritores já não tenham feito, mas, sobretudo, temos de apresentar romances, poemas, temas, conflitos e personagens que o leitor não encontre no Google, porque as pessoas “googleiam” o tempo inteiro, por assim dizer – precisamos invocar outros nudes mais reveladores. Mesmo o processo criativo se reproduzindo em outros meios, criamos

em meio a simultaneidades e excessos, uma pequena caverna de vez em quando é tudo de que precisamos para nos isolar das distrações modernas.

Portanto, essa migração incessante para a Inteligência Artificial pode ter levado você a falsa ideia de que os computadores e suas equipes de algoritmos dominarão o mundo dos negócios na literatura. Erro de mira. Desconfiança equivocada, a tecnologia, você já percebeu, se tornou uma *commodity* e o “humano” nunca foi tão valorizado como agora.

Os robôs vão fazer, cada vez mais, tarefas repetitivas, tudo será automatizado para que possamos fazer o que é único em nós: avaliar, decidir, criar, persuadir, resolver problemas emocionais, e a ficção ainda terá muita matéria-prima, pois nossos sentimentos e reações estão com elevada estatura emocional. Teremos mais tempo para a arte e para enaltecer a grande estrela no centro das incertezas: o ser humano. Somos excelentes quando a vida exige “incertezas”, as máquinas não. A palavra tempo vem, mais uma vez para protagonizar nossa vida e é tão preciosa quanto a palavra silêncio. Tempo e silêncio.

Temos que aprender a fazer uma pausa. A pandemia nos colocou de robe em casa, mas ainda não deu seu apito final. Quando digo “pausa” me refiro a ausência do barulho ininterrupto dos estímulos, pense na rotina de grandes artistas que estiveram no Marrocos como: Ernest Hemingway, Roland Barthes, Rubem Braga, Paul Bowles, Truman Capote, Matisse e tantos outros, imagina que calmariam desfrutaram. Precisamos parar, reaprender o que é estar sereno, o psi que não propagamos precisa de eco, reduzir alguns impulsos artificiais pode ajudar a ouvirmos nossa melodia.

Nossa voz é o som que devemos encontrar, é dela que surgem as boas histórias, que espalham agrado. A voz sagrada, que vem da voz interior é a que invade a escrita quando tudo flui e converte em ficção. O negócio é abastecer o tanque de ideias, informações e vontades poéticas para depois esvaziá-lo, é quase como se caminhar na espiritualidade – é na ausência que escutamos o barulho do Criador. Se estamos recebendo estímulos por muitas horas consecutivas, se atravessamos semanas cumprindo agendas, correndo atrás dos boletos e tentando produzir ao mesmo tempo, teremos menos clareza nas escolhas que devemos fazer, a cada palavra que brota. Com toda certeza, a inspiração é diferente, essa pode vir por meio de estímulos, de leituras e de diálogos com outras artes. O equilíbrio entre a quietude poética e o ruído do capitalismo é balanço de ajustes milimétricos. O conflito é uma indústria de excessos e de crescimento rápido. O mundo tem pressa e todas as empresas líderes já estão recrutando os “rebeldes”, os ousados, os que desafiam o status quo, o futuro quer saber como ativar o verdadeiro

potencial criativo, valorizar as capacidades intrínsecas, ou seja, os aspectos humanos e nós, os escritores, estamos em alta, ou melhor, em alto relevo.

Garanti somente uma resposta: O que importa afinal nessa questão toda de tecnologia e literatura e respondo já: A Laila. O Zayn. As mães. Os Chora Menos da vida. Os seres que nos rodeiam e que nos provocam laços.

Não adentrei os aspectos da construção da personagem, porque quando criei Laila me deparei com uma *youtuber* semipronta. Deixo por aqui mais um tchau, do que uma análise da personagem. Quando ela começou a se esticar na tela da história, tive a sensação de que já a conhecia muito bem. Por meio dela pude conduzir um pouco do pensamento de uma jovem adulta que saracoteia na internet, buscando, na chupeta digital, seus likes de aprovação. Laila tem sua autoestima plugada 24 horas nas redes sociais, forma tempestades emocionais com frequência, carregando na mochila o peso excessivo das inconseqüências e da incompletude visceral. Laila te engana. Sendo a personagem central, é ela quem carrega os maiores conflitos, e a atenção ao plural “conflitos” – tendência de me aproximar um pouco mais dos *scripts* da Netflix e seu efeito stickness. O ritmo das “aventuras” e os múltiplos conflitos que forjei no romance são reflexos dos formatos de algumas séries presentes na plataforma, principalmente aquelas que se dirigiam ao adolescente como: *Gossip Girl*, *Control Z*, *Siempre Bruja* e outras, as que me interessam. Aparece o Zayn.

O personagem que circula no Ocidente, mas com valores marroquinos indiscutíveis e dolorosos. Um ser humano amputado pelo desaparecimento da prima, sua primeira paixão. Zayn esteve off-line de seus laços familiares, precisou crescer com os choros silenciosos de sua tia, sob o mesmo teto de dor e abandono. Ele carrega a cultura marroquina no bolso da calça jeans, sem nunca desistir de encontrar a garota roubada.

Mães. Não espere que elas sejam coesas e consistentes. Mães e avós são mulheres errantes que lutam, continuamente, para proteger seus filhos, e eu não estiquei mais a partícula da “mãe” porque realmente gostaria de aprofundar as questões no “livro 2”, isto é, a continuação da história que será Laila indo morar no Marrocos e vivendo o ponto-chave entre os dois países, o binarismo implacável de culturas diferentes, mas com cruzamentos absolutamente idênticos, a força e o amor materno.

As particularidades de um Marrocos impenetrável e exótico que, em 2014, desmantelou mais de 100 redes de tráfico de pessoas para a Europa, sempre foi o fio condutor na história. O tráfico de seres humanos é condenado como uma violação dos direitos humanos pelas convenções internacionais e está sujeito a uma diretiva da União

Europeia. No Brasil, temos 25 milhões de crianças e adolescentes desaparecidos. É um crime que consta do Código Penal Brasileiro, no artigo 148, com o título: *Dos crimes contra a liberdade pessoal* (Brasil, 1940). É uma atividade que movimenta muito dinheiro, com um lucro global anual estimado em mais de 32 bilhões de dólares. Infelizmente o tráfico humano, negócio exterior e invisível, só ganhou notoriedade internacional na última década.

14. CONSIDERAÇÕES FINAIS – UM KIT ESCLARECIMENTOS

SOU CURIOSA. Desde o lançamento do iPhone, em 2007, houve uma proliferação espetacular de dispositivos portáteis que fazem de tudo um pouco. Os celulares multifuncionais não foram criados por Steve Jobs, mas ganharam sua característica mais famosa – a tela preta espelhada, cujo nome, em inglês, deu título à instigante série da Netflix, “Black Mirror”, que debate, justamente, seu impacto na sociedade, ao lado do documentário mais recente: “O Dilema das Redes”, teremos muitos outros ainda.

Tenho perguntas sobre a falta de privacidade que é sempre perigosa. Recomendo a leitura: Dez argumentos para você deletar agora suas redes sociais, de Jaron Lanier, que também assusta, mas, convoca a medida de sérias restrições. Entendo que onde falta a tolerância, acende-se o lado violento do ser humano, ambientes onde pessoas preconceituosas te engolem e onde diferentes dogmas religiosos assumem a razão, é espaço que inflama o ódio. Contudo, são nos lugares onde o controle excessivo transborda, que o dominado vomita, escondido, de raiva, e a internet comporta-os todos.

O universo online, infelizmente, também se presta para abraçar essa fatia nociva, somos todos bravos por trás dos escudos. Quando me ocorreu ambientar o romance na classe A, passei a colecionar outros preconceitos. Quantas críticas recebe uma “patricinha” por carregar uma bolsa de R\$15.000? Sabe-se que o preço de um like pode ser muito mais violento do que as barras de ouro. Será que quanto mais rica uma menina for, mais ela estaria mais exposta nas redes sociais? Por quê? Hoje a tecnologia lidera um conglomerado de redes sociais que produzem os tão cobiçados dados, mas enquanto nossos dados são armazenados e brincamos de “Revista Caras” no Facebook, os governos estão em alerta, pela segurança nacional e no caso do romance, internacional.

MARAVILHEI-ME, como criança, quando cheguei no Marrocos e descobri como juntar os pontos entre a internet e o tráfico humano. Depois achei a parceria do Roland Barthes, quando ele assume o que chamou de “incômodo”, nas características pré-estabelecidas das teses acadêmicas, então permiti-me distanciar de todos os terceiros que nos evocam tantas formalidades e me joguei na primeira pessoa, representante da literatura contemporânea, mas, nem por isso, mais encantadora. Quando reli Barthes, em *O Neutro* (2003), adquiri segurança e ativei o burburinho criativo instantâneo e direto, como acontece na comunicação online. Encantada com a possibilidade de evitar as rígidas regras acadêmica nesse ensaio, aumentei minha confiança, adquirindo a devida

porcentagem que garante que o ensaio emoldura espaço de questionamentos, de troca e de diálogos.

TRABALHAR EM CONJUNTO nunca foi meu forte. Não gosto de trabalho em grupo, mas admito que pesquisar grupos e misturar fontes me fascina. Todos os autores de referência devem ser debatidos com outras perspectivas, nem piores, nem melhores que os grandes cânones literários e filosóficos. Vasculhar outros repertórios midiáticos é acatar novos pensamentos que estão tentando ler o presente. Fica um convite à desconstrução de alguns curativos feitos, apenas de leituras estreitas, filhas únicas da antiga pesquisa acadêmica. Desculpa o tom, desculpa a falta de Bakhtins, Saussures, Pigliás, metodologias e argumentações ausentes, não estou aqui para defender, nem para me posicionar, sou andarilha, sacoleira de literatura, criadora do canal Me Coça e tenho, frequentemente, recorrido a sites e palestrantes do TED (*Ideas Worth Spreading*), Podcasts, comentários no Twitter e posts em perfis de redes sociais para captar melhor o universo deste setor digital, para apoiar minhas reflexões e não poderia ser diferente.

Foi aos poucos que consegui descolonizar as raízes profundas remanescentes e cavar em terrenos mais dispersos. Foi ali que plantei outras sementes, muitas delas mais superficiais, espero não me enganar e que não me julguem como uma pesquisadora menos séria, que me protejam da toxina da literatura descartável. Para melhor ajustar isto, usei um pouco da fórmula, ou metodologia de usar 90% de citação indireta e 10% de citação direta. É bastante aceitável que as Referências Bibliográficas tendam a ser menores do que qualquer Bibliografia que costumamos ler, porque lemos muito mais do que aquilo que usamos em um trabalho final, e aqui, em particular, fiz meu recorte em outras minas literárias que farejavam melhor as trilhas de inovações: uma busca distinta e inconclusa que renova tanto e tudo.

Concordo com Gil Giardelli quando diz, em suas palestras, que se leva muitas horas de dedicação, por semana, para se manter atualizado no mundo. Nosso Brasil está muito despreparado para ouvir o futuro, temo que não estejamos no futuro e já somos fósseis. Corremos o risco de continuar usando desculpas “de que o livro é caro”, sim, o livro é muito caro, muitos estados brasileiros não têm internet, o abismo social é assolador, a questão dos poderes governamentais é assustadora e a presença persistente da COVID-19 nos ameaça, mutilando sonhos e afetos. Por outro lado, a ciência voa e desloca conhecimento, e, é através dela que proponho a tentativa mais otimista, tenho treinado um olhar mais furtivo para os aspectos positivos e inovadores. A tecnologia

permite uma abertura mais democrática e hoje você transporta conhecimento com o uso do celular.

Aprender um idioma ou estudar com o Prêmio Nobel, gratuitamente, se você quiser, é muito fácil. *Tem wi-fi?*. Go Google. Estamos unidos por uma imensa rede descontínua, de aspecto festivo, mas com cartilagens macias e perigosas.

Sou órfã de ideias fixas, sinto-me altamente disruptiva, afoita na busca do rompimento encadeado pela ordem absoluta. Por mais que tenha feito cronogramas e planejamento dos capítulos, meus personagens, muitas vezes, avacalharam com tudo. Surgiam de repente, com cara de hóspede mimado e se deixavam ficar. Invasão de privacidade literária aceita.

Roland Barthes, em *O Neutro* (2003), reflete sua metodologia e questiona o espaço para a exposição de suas aulas e reflexões: Por quê? Por que essa exposição descontínua? Talvez incapacidade minha de “construir” um desenvolvimento, um curso? Incapacidade ou aversão? (Quem pode distinguir entre inaptidão e falta de gosto?) Talvez, minhas razões, álibis?

É apenas um dos muitos fragmentos da ordem alterada que escolhi para ilustrar o quão orgânico e anarquista pode ser o processo criativo, seja conteúdo de um canal do YouTube, ou Ensaio, como esse, bem como a criação de um romance que aparece desordenada, sem o GPS, calcado no definitivo. A escrita nunca foi linear, nem mesmo organizada, somos seres da estética multifacetada, do aleatório catalogável, do pêndulo do deslocamento que vai e vem, do talento que ora espirra belas palavras, ora entope com ideias imberbes, às vezes estamos todos em branco.

Aposto mais algumas fichas em Barthes, que “chantageia” a teoria em *Roland Barthes por Roland Barthes* (2009):

Muitos textos de vanguarda (ainda não publicados) são incertos: como julgá-los, retê-los, como predizer-lhes um futuro, imediato ou longínquo? Eles agradam? Aborrecem? Sua qualidade evidente é de ordem intencional: eles se apressam a servir à teoria. No entanto, essa qualidade é também, uma chantagem (uma chantagem à teoria): goste de mim, guarde-me, defenda-me, já que eu sou conforme à teoria que você reclama: não estou fazendo o que fizeram Artaud, Cage etc.? - Mas Artaud não é somente “vanguarda”; é também escritura [...] (p. 67)

Digo mais, a teoria é o que nos permite desconstruir, ousar, transgredir a forma e a ordem literária, embora muitos escritores discordem de seu uso excessivo, sob o argumento de que lendo muitos teóricos, corremos o risco de bloquear e restringir nossa própria coleção emocional e teórica. Esse Ensaio flerta com algumas teorias que auxiliam meu processo criativo, que envia e provoca o porvir, o futuro de hoje e de amanhã, abrindo

espaços para novas descobertas, terreno de perguntas sem respostas terminais. A rodovia digital em Escrita Criativa que nunca para que cria atalhos e desvios, a incerteza mais certa, uma experiência contemporânea, de infinitas possibilidades, um vislumbre do tanto que ainda vamos aprender.

Roland Barthes sempre precisou subverter a ordem, ver as coisas do avesso, reestruturando o interior do seu processo criativo, por isso dou a mão para ele. Só quando saturamos o nosso primeiro “eu” é que espiaremos o segundo, o terceiro, os demais “eus” eternos e sucessivos que um escritor tem e que dialoga com ele, entre os seus personagens e as suas palavras. Essa transferência do pensamento criativo para as palavras e das palavras para frases, histórias e construções ficcionais, são voos únicos, com escala na emoção, com bagagem teórica e com aterrisagens turbulentas ou pacíficas, dependendo das infinitas variações intelectuais e emocionais que temos já tratado aqui. A tecnologia nos transporta em diferentes locomotivas, entre trens e jatos, bicicletas e jetskis, talvez, mais precisos e rápidos, os meios têm variantes, mas o combustível é sempre o mesmo: humano.

ALIMENTEI A FANTASIA e engordei meu método, com base no ingrediente mais genuíno da primeira sabedoria intuitiva do escritor: o impulso. Escutei e anotei minhas ideias que se misturaram e viraram texto, algo como um fluido criativo, com pouco zelo no formal, com raros trechos aos grandes filósofos e linguistas do passado, preferi olhar para dentro e para frente, pelo gosto e curiosidade. Procurei registrar o olhar do que se aproxima, da minha sensibilidade criativa às inteligências artificiais que um dia, ainda, pretendo viver. Sinto que os algoritmos estão me deduzindo agora mesmo, no meio dessa reflexão e estão ficando cada vez mais inteligentes e rápidos, tenho medo deles. Sinto-me desatualizada e vigiada, aquele medo, que mostrei no início dessas páginas, de que as inteligências artificiais nos rastrearão em termos de comportamento para, em seguida, nos atropelar em eficiência; já está acontecendo. A verbosidade da GPT-3 open AI²⁵, gerador de linguagem não tem ideia do que está falando, mas já escreve como humanos, vale conferir. Podemos checar através de @manwblueguila, que forçou um “bot” a assistir mais de 1.000 horas de novelas da Globo e então pediu para ele escrever uma novela – é incrível. Mas, então, quando você pensa que isso já é suficiente, vem a *fake voices* que é outra inteligência artificial, que usa um algoritmo que soa como

²⁵ Informação disponível online a partir do link: <https://openai.com/blog/openai-licenses-gpt-3-technology-to-microsoft/>

a sua voz, ou seja, reproduz a voz da pessoa e, se não prestarmos a devida atenção, você poderá usar a sua voz para “dizer” coisas que não disse.

Mas minha voz ainda não foi reproduzida e quando escrevo eu ganho um salvo-conduto convocando meus “eus” provisórios, portanto mutáveis, flexíveis e desobedientes, será difícil me clonar. São esses “eus” que me apoiam e me prometem arrepios. As ameaças mencionadas acima são exemplos da abertura digital que estamos concedendo, essa brecha está nos jogando em abismos inimagináveis, e, como é um caminho sem volta, preferi me jogar sozinha, nem que seja para vivenciar esses desafios que os magos da tecnologia vêm trazendo do futuro. A literatura precisa experimentar esses novos rumos, bastante manipuláveis, viciantes, mas também facilitadores de uma nova perspectiva sobre o processo criativo do escritor e do leitor. Cada vez mais circulamos na fragmentação, porém contamos com uma imensa rede de compartilhamentos digitais capaz de unificar nichos e interagir com vozes estrangeiras com olhos mistos e inteligentes. É necessário derreter e decantar a escrita para que possamos bebê-la em estado puro, e com efeitos colaterais positivos que nos desloquem do nosso mirante, estacionado no topo, sempre da mesma montanha – eu quero ser avatar.

Não adianta trazer respostas para perguntas do tipo: o livro de papel vai desaparecer, ou as máquinas vão dominar os humanos, ou a tarefa do escritor será suplantada por um aplicativo inteligente que fará nosso trabalho com mais precisão e velocidade. Quando questionada, não respondo, nem com sim, nem com não. Aponto para o lado da inclusão, compartilhamento, embaralhamento, interatividade e transdisciplinaridade, na extraordinária integração curricular. Vamos ler e escrever aonde for mais conveniente para nós, como sempre fizemos, talvez, para alguns, o lápis e o papel são opções e não anulações. Desde quando o rádio desapareceu?

Considerando os pontos entre as diferentes modalidades de tecnologia e literatura, pretendo abordar a literatura transgênica, a fim de continuar experimentando as infinitas formas de amalgamar ficção. A “Escrita Transgênica” não é contemporânea, muito pelo contrário, ela vem de algum tempo, mas me senti amparada pelo termo que encontrei neste trecho de *“As Ironias da Ordem: Coleções, Inventários e Enciclopédias Ficcionalis”*, de Maria Esther Maciel (2010):

Considerando as inegáveis afinidades entre essas noções, talvez não seja descabido o uso do adjetivo transgênico - que, na biologia, significa “o animal ou o vegetal híbrido”, que contém material genético tirado de outras espécies, através de técnicas da engenharia genérica [...] para designar o texto híbrido que se contém, de cruzamentos, enxertos, mesclas, justaposições de diferentes

gêneros textuais. Do que poderia advir uma outra nomenclatura, “escrita transgênica”, certamente insuficiente e provisória como as demais (p. 128).

O que mais “*atopos*” do que uma personagem Youtuber e vítima de tráfico humano? A palavra grega *atopos* além de apontar para aquilo, ou aquele que não está fixo no lugar ou na fala, também caracteriza o que é estranho, extraordinário. Foi a representação do presente emergente, fragmentado e compartilhado que procurei unir em Laila.

O romance “Tem WI-FI?” representa nossas instabilidades, nosso eterno trânsito de almas, nossas incertezas representadas através da Laila, que se funde e se desloca na classe alta de São Paulo, alicerçando as condições humanas em um espaço virtual que amplia o circuito criativo do leitor. Afinal, fantasia também é feita para enganar mentes, e me arrisco a afirmar, todos nós estamos atrás de um personagem quando criamos nosso perfil, em dispositivos digitais; a tecnologia é apenas uma ferramenta dos sonhos fabulosos. A personagem central com sua sombra, sempre em deslocamento, mas presa ao corpo, é como as ampuhetas que produzem esse deslocamento de areia, areias que se movem cada vez que viramos o objeto, entretanto, que não saem de seus limites impostos.

A personagem central vai e vem, dando a impressão de estar dentro dessas cápsulas de vidro, sua vida é um movimento preso em mãos trocadas, seus passos usam palmilhas errantes até que outras sejam descobertas. Somos tantos outros dentro de nossos vidros. O romance visa proporcionar essa agonia aprisionada em duas âmbulas, essas angústias presas em ciclos repetitivos que nós humanos produzimos, não raro e que, às vezes, deixamos passar por um funil estreito e lento, essa compreensão repetida e temerosa de nossos limites emocionais.

Este antigo relógio foi amplamente utilizado na arte para simbolizar a transitoriedade da vida. A narração de histórias liberta e desloca os sentidos. Contar uma história consistente e delicada, fabricar personagens e utopias, onde a cena da internet servisse de palco para condições humanas recorrentes, atemporais e inconstantes foi meu pacto literário neste trabalho.

Durante o processo da escrita, forjei a personagem para enfrentar o medo, a necessidade de pertencer e o amor; e tudo deveria acontecer por causa da internet e pela internet. Adicionar profundos elementos humanos com um certo alívio cômico esteve, sempre, presente enquanto escrevia essa longa narrativa. Então eu me perguntei: qual é o impacto da tecnologia na literatura? Será que a tecnologia foi arremetida, impelida a nós?

Definitivamente, NÃO TENHO MEDO de experimentar o novo. Sei que a realidade sempre parece estar contra nós. Os escritores ampliam as suas frustrações porque treinam com mais frequência as verdades artísticas, estamos mais expostos à crítica, somos obrigados a lidar com vários “nãos” e, por isso, lutamos contra os fracassos, contra a esperança, principalmente o de um dia fazer um romance que apresente o resultado exato do que projetamos da mente para a tela. O fascínio de usar este mecanismo complexo da internet, desafiou-me e fiquei absorvida, não só com a sua enorme capacidade de gerar dúvidas, de agregar o desconhecido, de flertar com a falsidade, mas com a possibilidade incerta de encontrar apenas uma resposta – na internet nada é uno. O momento de ebulição de uma narrativa pode fluir de um esboço, do pigmento menor, da centelha inicial que, se soubermos utilizá-la junto com alguns recursos técnicos, podemos transformar uma gota de tinta em um quadro completo, são os tais valores criativos que elenquei na página setenta.

Comparar o impacto atual da tecnologia com o “atraso cultural” das tribos berberes foi um convite que não pude negar. A tentação desse contraste gritou mais alto e apareceu na forma de Layla e Zayn, como antes escrevi. Aprendi as belezas da cultura berbere-marroquina que ainda vive isolada no alto das montanhas e, por não usar smartphones, exercita a felicidade de forma tranquila, simples e respeitosa. Naturalmente, eles têm muitos conflitos, parecidos com o modo como vivemos, mas não lidam com o dinamismo da tecnologia; por quanto tempo? Ainda não sei. Acredito que, com a sempre hábil, híbrida e fértil capacidade da tecnologia, em breve as cabras das altas montanhas do Marrocos serão catalogadas por algum aplicativo, mas isso são reticências, preciso voltar ao ponto final.

Meu ponto final neste romance não poderia ser diferente dos outros. O ponto final do romance *Tem WI-FI?* é o ponto de partida para outra história que, muito provavelmente, se desdobrará após os devidos ajustes dessa primeira. O romance terminou porque o prazo é dono de tudo, mas seu primeiro formato ganhou uma espécie de rascunho de como penso uma história fictícia, e espero que ele tenha deixado minha rubrica – mesmo que sejam nas raras linhas que conseguirei comover o leitor. Bem ali, presta atenção, ali é o espaço onde os sentimentos deslizam, ali estão as paisagens do meu pensamento.

A ideia de continuar a história só apareceu quando eu escrevia os capítulos finais, porque senti muita vontade de continuar escrevendo, ao mesmo tempo que constatei que, tudo que escrevi neste romance poderia ser o esboço do livro real. Real no sentido de

“melhor”, mais bem tratado, ou não. Vou chamá-lo de livro II, onde a personagem viverá uma experiência desafiadora, sendo mãe e filha no Marrocos. Prevejo minhas andanças nesse novo projeto, uma vontade imensa de escrever um livro na terceira pessoa. Não o fiz, agora, porque o romance *Tem Wi-fi?* precisava desse narrador e ainda não me sinto literariamente madura para escrever em terceira. Mas, lembra da coragem? Tenho.

– Com licença, obrigada!

Apenas me agachei em um lugar de esperança. Sei que passamos por um período de colapso, efêmero e indelével, porém acredito que até ele pode decolar para a nova Era, um espaço-tempo de plena colaboração, coexistência e cooperação: o tal início do ano 2021. Da mesma forma que os pessimistas franzem a testa, quando digo que os adolescentes estão lendo mais hoje em dia, e se apressam em dizer que não leem nada da literatura clássica, da mesma forma que não vão acreditar na era “co-tudo”. Me escutem, seus teimosos, seus pensadores negativos. Já somos co-muitos, até as leituras dos jovens são co-lidas e discutidas em fóruns virtuais, muito mais do que quando eu tinha a idade deles.

Assim avisto mais um trampolim do que uma montanha mágica, acho que estamos muito mais perto de evoluir, até chegar perto dos segredos profundamente guardados da antiguidade, a ciência está avançando, vertiginosamente, a tecnologia está voando em direção ao espiritual, e tomara que um grande “eject” seja dado, para que possamos acordar e nos descobrir co-criadores do que eles chamam de deus. É pela interação que chegaremos à paz, e o escritor está a serviço dessa etapa, do consórcio das multiplicidades. De que adianta escrever ficção se não entretém, se não informa, não acolhe o agora, o ontem e o depois, se não reflete conflitos humanos? Estamos, constantemente, buscando a felicidade literária, seja através de uma indicação para algum concurso importante, seja pela tentativa de fazer livros menos criteriosos. Se, porém, *Tem WI-FI?* cumprir uma desses quesitos, terá contribuído para proporcionar ao leitor prazer, e eu, genuinamente, desejo que você leitor curta as aventuras que criei, que suas leituras sejam fáceis, que virem as páginas com gana de saber o que vai acontecer, espero ter ludibriado vocês em algumas travessuras do enredo, que vocês duvidem das voltas frenéticas da narrativa e que, ao se entregarem ao travesseiro, confessem que gostaram, tudo me serve e tudo, como disse, são resquícios de ficção. Como Joseph Addison (1712) escreveu, em *Os Prazeres da Imaginação*, que as palavras, quando bem escolhidas, têm tamanha força dentro delas.

E eu continuo. Fui lá, lááááááá no fundo das palavras bem escolhidas, fui pelo poder mimético, fui pela força lírica, fui porque amo a literatura e, mais ainda, escrever-ficção. Suspeito que em alguns momentos da narrativa eu tenha conseguido preencher o pensamento do leitor com – delicadeza – almejo que alguns sintam-se tocados pelo medo do abandono, que as mães prestem, cada vez mais, atenção nos filhos que correm nos shoppings, às vezes, longe da vista da babá que mira o celular, por um minutinho, alerta para que pais não relaxem o olhar nos aeroportos, nas praças e, sobretudo, no imenso parque da internet, onde ainda não foram erguidos muros altos.

Já temos nas mãos telas dobráveis que vamos enrolar e enfiar no bolso, cem idiomas, em tempo real, no celular, malas que nos acompanham até o balcão de embarque e chips para detectar onde estão nossos filhos, *eyestrackings* poderosos estão à espreita, mas até onde eu sei, ainda não fornecemos dispositivos que reparem o dano emocional de perdas humanas. Mesmo diante da urgência da trama e da rapidez dos capítulos, há um alerta para roubo de crianças, espero que Zayn e Laila deem as mãos e ensinem a palavra mágica: precaução. Que a perda da prima de Zayn na Medina de Fez possa ilustrar a importância da vigilância severa que as crianças exigem, o mal é astuto. Sem “cortesia literária”, preciso ameaçar, colocar placas e sinalizar essa perpétua questão da segurança digital, não dá mais para deixar espaço para gangues preencherem as crateras da internet. Mais do que um alerta para os jovens que estão sendo cada vez mais hackeados, ênfase que resolvam seus 120 nanotédios (o microtempo que já não aguentamos mais com a mente sem atividade) seja viajando de carro, elevador ou a pé, com atenção. As filas são momentos desagradáveis, bem sei, que amenizados pelas distrações dos smartphones se tornam até suportáveis, mas os olhos da maldade não piscam. A ansiedade vai fazer você olhar para o seu celular, eu entendo, você quer ser recompensado, mas cuide da sua mochila, outra vez repito, sua desconfiança não tem recreio. Pena que, muitas vezes, sejamos assim, conectados e inseguros, estamos envelhecendo com insegurança total. Temos wi-fi e senhores aposentados que encontram seu hobby no parque do Facebook, por favor, selecione melhor seus posts para que, um dia, não seja abruptamente surpreendido por uma inteligência artificial capaz de prever suas escolhas, reestruturando seus sentimentos. Já ouviu falar disso não? Vovô, os algoritmos têm munição pesada e com alta precisão. Você acha que estou brincando, sendo uma alarmista, chamando você para o ringue do medo ou, pior, bancando a tia do conselho no final dessas linhas? Não. Acontece que hoje, os hackers contam com análises mais externas: o famoso exemplo dos produtos que você compra, que, em alguns meses mais, outros sensores biométricos serão

capazes de fornecer aos hackers acesso irrestrito ao seu mundo interno, e então eles irão explorar o seu coração – não o coração metafórico, o coração dos sentimentos, quero dizer, a bomba muscular que regula sua pressão arterial. Você sabe como, não é? Eles irão correlacionar sua frequência cardíaca, suas ansiedades, pressão arterial e, muito mais, eles vão ler seu nervosismo enquanto digita o número do seu cartão de crédito. Tenha isso em mente. Nossa senhora do algoritmo que me detenha agora, chega de amanhã distópicos. Você já entendeu que você é o que posta nas redes sociais?

Ao mesmo tempo que me inquieto com a incalculável perversidade do mercado que explora as crianças para o sexo, desobedecendo à minha decisão de não apresentar mais aspectos negativos, como prometido no parágrafo anterior, preciso informar que, infelizmente, este comércio ilegal cresceu em proporções gigantescas, nos últimos anos, por causa da internet. O submundo da internet é implacável. É de suma importância pedir ajuda aos órgãos responsáveis para que amparem constantemente as muitas vidas violadas, em especial, mulheres e crianças que tiveram seus projetos amputados. Na revista *Pensar Contemporâneo*, o ator Ashton Kutcher, silenciosamente, salvou 6.000 crianças do tráfico de pessoas com uma organização sem fins lucrativos: Defensores Digitais de Crianças, da qual sua ex-mulher, Demi Moore, é co-fundadora²⁶. Os esforços da organização foram tão eficazes que, com a ajuda deles, a polícia conseguiu identificar 5.894 vítimas de tráfico sexual infantil. Ainda estou considerando a ideia de ampliar o canal “Me Coça” para que sirva de espaço de controle, ou de informação sobre essa questão do tráfico humano.

Como muitos, levanto a hipótese de que estamos apenas no início de uma longa revolução, muito mais séria: a transformação total da cultura e da informação na era da reprodução digital, um novo caminho, onde produtos de nicho se multiplicam, onde o público traz, para mais perto de sua micro-comunidade, tudo o que aprecia e que se vincula ao coletivo. Youtube, Wikipédia, Facebook, TikTok, Twitter, Kindle, iPod, iTunes, iPad e outros aplicativos que fazem parte do entretenimento de hoje, são apenas indicadores de uma das facetas da reinvenção da cultura. O paradoxo, sempre presente, quando os antigos colapsam e os jovens líderes das indústrias criativas assumem o controle, faz parte das curvas emergentes que gostemos ou não, conseguem colocar no topo a globalização e o giro digital, mobilizando, juntos, um inevitável reajuste das balanças internacionais, acentuando a circulação de informações.

²⁶ Link de acesso para a reportagem em: <https://www.pensarcontemporaneo.com/ashton-kutcher-silenciosamente-6-mil-criancas/>

A popularização de aplicativos para smartphones é um fenômeno relativamente recente, embora o mundo esteja usando aplicativos para quase todas as tarefas que antes exigiam tempo e presença física. Ser otimista, nesta etapa da quarentena, tornou-se um exercício árduo, mas é preciso esforçar-se, colocar de lado a lassidão e o tédio para compartilhar caminhos e abrir as asas da união contra o que é desumano. Para que serve um doutorado se não me sinto capaz de compartilhar um pouco deste mundo com as pessoas? Reitero que o tráfico de pessoas pode ser reduzido, talvez até evitado, e além de punir os responsáveis pelo brutal assassinato da reputação que sofre um ser humano, arrancado de sua própria família, temos que reparar a vida dessas vítimas, essa violação de identidade precisa ser interrompida.

Quando as pessoas fantasiam e contam histórias, em especial as que espelham e reproduzem a sociedade em que estão submersas, disparam gatilhos emocionais, somos todos intertextualidades de uma mesa redonda, servindo iguarias da sua terra, com algumas sementes em incubação, ainda não podemos avaliar o deslocamento deste tempo, mas é possível suspeitar de um cardápio com muita variedade. Hoje todos que frequentam a internet, de certa forma, tatuam tudo sobre si nas telas, todo texto que você escreve fica armazenado e pode ser manipulado na pele da vida digital, onde perfis são selecionados aleatoriamente, ou não, a partir de seus códigos de identidade, algumas sequências de dez números podem servir como RG na rede e, pronto, a magia do golpe que decifra suas postagens mais descuidadas foi feita. Precisamos enfrentar os softwares de reconhecimento de palavras, a atenção com que analisam nossas palavras positivas e negativas, só para exemplificar, passa a limpo aí: algoritmo não perdoa.

São fendas profundas, evidências severas, de um tempo de imensa transitoriedade, de um momento histórico único de deturpações nas redes sociais, da invasão das *fake news* e de discursos de ódio criados por perfis falsos.

Detesto entrar no modo ranzinza, mas já que idolatro tanto a nova geração, preciso fazer um chamado:

Oi, galera! passa para a vida real: é preciso sair da passividade do “aluno” que só vai para a aula (mesmo que EAD e com a câmara desligada) e entrar na pergunta: qual é o nosso projeto para o futuro Brasil? Porque, cara, vocês são os que vão morar nele. Antevejo o próximo conteúdo do me Coça: luz, câmera, post e que venha um novo código de ética, que a literatura dance ao som de novas maneiras de fazer ficção, que os podcasts recém-nascidos sirvam de lar para a dramaturgia de áudio, que a Netflix vá de novos filtros digitais, narrativa holográfica – apresente-se –, todas as renovações de aplicativos

inteligentes são bem-vindas e que o blaterar dos camelos, que são animais que representam a força e a humildade, possa ecoar um pouco nas redes digitais. Ainda existe muito espaço para acolher nichos positivos e bolhas criativas. Já sinto o hálito do momento final e gostaria que fosse elevado. Quero dizer que foi um prazer estar um pouquinho com vocês, mostrando a minha escrita e aquilo na vida que me aproxima e me afasta de mim mesma – a silenciosa máquina de coser palavras nunca cessa, é preciso continuar acreditando que visitar o mundo é também escrever. Desejo definitivamente que o que escrevo acalente, perturbe, emocione o suficiente para ajudar a humanidade a viver melhor.

E

Há de tudo

Mulheres sem dono. Viagens irrepetíveis

Assoalhos mal lustrados, lugares revestidos de ego

Homens-meninos. Açucares salgados.

Nesta amostra de vida há sossego e descobertas vantajadas.

Há dor

Percebo a dor. Apalpo a dor. Escrevo a dor.

Vejo o ruído e escuto a paisagem

Sou tua-tuaregue nos risos, desertos e mares que uso de edredom

Ao amanhecer tomo picolé derretido no sol que chove

Nessa proporção de sentidos avulsos e inversos, condense o choro e toco a eternidade

E ela vem do jeito que a gente puder

(Há de se deixar lutar)

Porque ao alcançar o fim do fim da finitude

Descontado a cada segundo que passa, recebe-se a nova cota da nova etapa

A da longínqua infalibilidade da ilusão

De grátis recebemos um pacotinhos-biscoito

Que é a vida em embalagem

E vamos consumindo-a. Até restar dois ou três

Até engolirmos tudo

Uns digerem, outros vomitam, alguns nem provam.

15 - REFERÊNCIAS

- ADDISON, Joseph. **Os Prazeres da Imaginação**. 1744.
- ALVES, Daniel. **As humanidades digitais como uma comunidade de práticas dentro do formalismo**: dos exemplos internacionais ao caso português. Artigo disponível em: <https://journals.openedition.org/lerhistoria/2496>, acesso em 20 de dezembro de 2021.
- BALZA, Guilherme; SCARELLI, Thiago. Crise financeira agrava situação do tráfico humano internacional, aponta relatório dos EUA. **UOL**. Disponível em: <https://cutt.ly/Kk4vjCR>, acesso em: 18 de janeiro de 2021.
- BARTHES, Roland. **A morte do autor**: O rumor da língua. São Paulo: Martins Fontes 1984
- BARTHES, Roland. **O Neutro**. 1ª. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BARTHES, Roland. **Rolando Barthes por Roland Barthes**. 1ª. ed. São Paulo: Edições 70, 2009. p. 1-240
- BILTON, Nick, JOBS, Steve. Was a Low-Tech Parent. Artigo publicado em **The New York Times**, 2014.
- BOTTOM, Alain. **A arte de viajar**. Rio de Janeiro: Intrínica Ltda, 2012
- BORDINI, Maria da Glória. **Criação literária em Érico Veríssimo**. Porto Alegre: LPM, 1995.
- BLEVINS, Cameron. **Cameron Blevins**. disponível em: <https://cutt.ly/uk4nCvu>, acesso em: 15 de novembro de 2020.
- COUPLAND, Douglas. **Microserfs**. 1ª. ed. Nova Iorque: Harper Perennial, 2008.
- DOUGLAS, Charles. Saiba o ranking das novelas da Globo mais vendidas para o exterior. **Bastidores da informação**. Artigo disponível em: <https://cutt.ly/Nk4mu9P>, acesso em: 18 de janeiro de 2021.
- ECO, Umberto. **Confissões de um jovem romancista**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.
- ECO, Umberto. **Não contem com o fim do livro**. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- ETTORE, Barelli; PENNACCHIETTI, Sergio. **Dicionário das Citações**. São Paulo. Martins Fontes, 2001.
- FELL, Ashley. Why storytelling is so powerful in the digital era palestra ministrada em: **EDxUniMelb**, 2017.
- FERRAZ, Karol. Cultura de fãs: fanfictions e sua força na cultura participativa. **Medium**. Disponível em: <https://cutt.ly/6k4mTnb>, acesso em 18 de janeiro de 2021.

FRANZEN, Jonathan. **Como Ficar Sozinho**. 1ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FUMEIRO, Antonio. O mistério de pessoas desaparecidas no Brasil. **Blasting News**. Disponível em: <https://cutt.ly/0k4m1Vz>, acesso em: 17 de janeiro de 2021.

GARCIA, Alexandre; AGUIAR, Plínio. Economia criativa emprega 30 mi e movimenta 3% do PIB mundial. **R7**. Disponível em: <https://cutt.ly/Gk4Qpad>, acesso em 18 de janeiro de 2021.

GOLD, Matthew K.; KLEIN, Lauren F. **Debates in the digital humanities 2019**. London: University of Minnesota Press, 2019.

GOSCIOLA, Vicente. **Roteiro para as Novas Mídias**. São Paulo: Senac, 2003.

GUÈRIN, Marchand. **Manipulações genéticas**. Rio de Janeiro: Edusc, 1999.

GUERREIRO, Dalia. Padre Roberto Busa, S.J. **Biblioteca e humanidades digitais**. Disponível em: <https://bdh.hypotheses.org/87>, acesso em 18 de janeiro de 2021.

GUERREIRO, Dalia. Literary and Linguistic Computing. **Biblioteca e humanidades digitais**. Disponível em: <https://bdh.hypotheses.org/94>, acesso em: 18 de janeiro de 2021.

GUERREIRO, Dalia. Roberto Busa, S. J., and the Emergence of Humanities Computing. **Biblioteca e humanidades digitais**. Disponível em: <https://cutt.ly/Uk4Eepp>, acesso em: 18 de janeiro de 2021.

HARTLEY, Scott. **O Fuzzie e o Techie**: Porque as Ciências Humanas vão dominar o Mundo Digital. 1ª. ed. São Paulo: Bei, 2018. p. 1-244.

HILL, David. Pantend book writing system creates, sells hundreds of thousands of books on Amazon. **Singularity Hub**. Disponível em: <https://cutt.ly/2k4EHIS>, acesso em: 18 de janeiro de 2021.

HOME, Aquiris. **Game Studio**. Artigo disponível em: <https://www.aquiris.com.br/en/>, acesso em: 8 de novembro de 2020.

HOWKINS, John. **The Creative Economy**: How People Make Money from Ideas. 2ª. ed. Londres: Penguin UK, 2013.

IGLHAUT, Christina. Os influenciadores futuros são virtuais. **Deutschland**. Disponível em: <https://cutt.ly/Uk4Rttr>, acesso em: 18 de janeiro de 2021.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da Leitura no Brasil** – 4ª Edição. Disponível em: <https://cutt.ly/TkMio6I>. Acesso em: 13 de março de 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da Conexão**: Criando valor e significado por meio da mídia propagável. 1ª. ed. São Paulo: Editora Aleph, 2014. p. 1-408.

JOKURA, Tiago. Quanto custa o corpo humano. **Superinteressante**. Disponível em: <https://cutt.ly/mk4RnD1>, acesso em: 17 de janeiro de 2021.

KING, Stephen. **Sobre a escrita**: A arte em memórias. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Suma de Letras, 2015

KRSMANOVIC, Elena. **Media Framing of Human Trafficking for Sexual Exploitation**. Artigo disponível em: <https://cutt.ly/ZkMiruB>, visitado em: 15 de novembro de 2020

LEVITAN, Lucas. Photo Invasion. 1ª. ed. Londres: **Republic of Ideas**, 2015.

LUPTON, Ellen; PHILLIPS, Jennifer Cole; **Novos Fundamentos do Design**. 1ª. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

MACIEL, Maria Esther. **As Ironias da Ordem**: Coleções, Inventários e Enciclopédias Ficcionalis. 1ª. ed. Minas Gerais: UFMG, 2010.

MARCUS, Gary. GTP-3, Bloviator: Open AI's language generator has no idea what it's talking about. **MIT Technology Review**. Disponível: <https://cutt.ly/ik4RVuI>, acesso em: 17 janeiro de 2021.

MARTEL, Frédéric. **Mainstream**: A Guerra Global das Mídias e das Culturas. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MEUSBURGER, Rose. Economia criativa emprega 30 mi e movimenta 3% do PIB mundial. **R7.com**. Disponível em: <https://cutt.ly/JkMppJr>. Acesso em: 8 de novembro de 2020.

MCLUHAN, Marshall; FIORI, Quentin. **O Meio é a Massagem**. 1ª. ed. Imã, 2011.

NEIRA, Juliana. C-mask, a smartface mask that can translate and transcribe for you. **Design Boom**. Disponível em: <https://cutt.ly/Sk4TPzQ>, acesso em: 17 de janeiro de 2021.

NEWBIGIN, John et al. **The crative economy**: introductory guide. London: British Concil, 2010.

NOVO, Benigno. Tráfico internacional de pessoas. **JURISWAY**. Disponível em: <https://cutt.ly/nk4Of63>, acesso em: 17 de janeiro de 2021.

PAIVA, Ricardo. O descaso com as crianças desaparecidas. **Gazeta do Povo**. Disponível em: <https://cutt.ly/gk4OPCH>, acesso em: 17 de janeiro de 2021.

Revista **Pensar Contemporâneo**. Disponível em: <https://cutt.ly/QkMiGZW/>. Acesso em: 20 de junho de 2019.

PORTAL COMUNIQUE-SE. **Gil Giardelli**: “estamos criando castas tecnológicas”. Disponível em: <https://cutt.ly/hkMo0XZ>. Acesso em: 5 de maio de 2019.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. 12^a. ed. São Paulo: Cultrix, 2014.

ROCHA, Rodrigo. Netflix fecha em alta em NY e se aproxima de máxima histórica. **Valor**. Disponível em: <https://cutt.ly/Ek4O7Us>, acesso em: 18 de janeiro de 2021.

SANTOS, Luiza Carolina. Quando a Leitura Encontra a Escrita: uma Análise das Relações Estabelecidas na Comunidade de Ficção Científica da Plataforma Wattpad, **Dissertação de mestrado** apresentada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social, da PUCRS, 2015

SCHREIBMAN, Susan; RAYMOND George S.; UNSWORTH, John. **A companion to digital humanities**. Malden, Ma: Blackwell Pub, 2004.

SILVA, Ricardo. As 12 melhores plataformas de publicação de livros. **Bula**. Disponível em: <https://cutt.ly/ek4PzRp>, acesso em: 18 de janeiro de 2021.

ROBINSON, Ken. Será que as escolas matam a criatividade? The Social Dilemma, [s.l.]: Exposure Labs, 2020. TED (Ideas Worth Spreading). Disponível em: <https://www.ted.com/tedx>., 2006.

LIBRARY OF CONGRESS. Update on the Twitter Archive at the Library of Congress. **Library of Congress Blog**, disponível em: <https://cutt.ly/wkMaiwh>, acesso em: 15 de novembro de 2020.

SAKATE, Marcelo. A revanche humana. Revista **Veja**. Disponível em: <https://cutt.ly/VkMaOlv>. Acesso em: 5 de abril de 2019.

WIKIPEDIA. Marc Prensky. **WIKIPEDIA**. Disponível em: <https://cutt.ly/4kMaH18>. Acesso em: 12 de maio de 2019.

WIKIPEDIA. Philip M. Parker. **WIKIPEDIA**. Disponível em: <https://cutt.ly/NkMa1nc>. Acesso em: 20 de dezembro de 2018.

WIKIWAND. Netflix. **WIKIWAND**. Disponível em: <https://cutt.ly/WkMsr2m>. Acesso em: 1 julho de 2019.

ZUIKER, Anthony E.; SWIERCZYNSKI, Duane. **Grau 26**. Rio de Janeiro. São Paulo: Editora Record, 2009.

16 – ROMANCE: TEM WI-FI?

TEM WI-FI?

Para escribir un libro esencial, el único libro verdadero, un gran escritor no tiene, en el sentido corriente, que inventarlo, porque ya existe en cada uno de nosotros, sino traducirlo. El deber y la tareas de un escritor son as de un traductor.

(Marcel Proust)

LAILA

Quando eu era criança, costumava brincar de ver o mundo todo de cabeça para baixo. Eu estava erroneamente certa.

CAPÍTULO 1

Vamos construir vidas e isso faz de nós pedreiros inconstantes desde o nascimento até a morte. O resto é uma questão de amortecer as etapas do processo que desvenda o corpo e a alma. Eu, até pouco tempo estava intacta a essa consciência de me brotar, de me descobrir, de querer saber quem eu era. Existia na melhor maneira possível, eu era e ponto. Tinha um canal no YouTube, um cachorro, uma penca de amigos, só isso. Minha imigração espiritual para a vida online foi muito normal, angariava inscritos, influenciava pessoas e tinha a séria pretensão de desfoder o país.

Até que uma das “tais etapas, do processo que desvenda quem somos”, me deixou por debaixo da porta um aviso: eu deveria comparecer imediatamente no departamento de origens: DNA. Levei anos para desabrochar dos pedregulhos que me soterraram e fiquei tempo demais nas prateleiras: achados & perdidos.

Tudo começa pela mãe e a minha é legastênica. O que potencializa nosso curto-circuito quando discutimos sobre alguma coisa. Não é tão severo assim, nem a legastenia, nem nossa relação, mas também não é uma sinergia, digamos, perfeita, já deu para entender. Muitas vezes, me perguntei se o fato de eu não ser tão “nobre”, de olhos claros e cabelo loiro como ela, não a perturba. Ela é mega loira, de tanto descolorir os cabelos, mas claro que diz para as amigas que são naturais, de origem, sabe! Mas, cara, desde que me conheço por gente, ela descolore a cabeleira no salão. Se ela tivesse optado por ter mais filhos, quem sabe uns não seriam clarinhos, do tipo olhos azuis, pele alva, mini seres como ela e, bem, não tão parecidos com meu pai. Qualquer dia vou perguntar para vóvis só para tirar da cabeça uma ideia que tem me perseguido ultimamente, o problema é que me esqueço, na real tô nem aí, mas é só chegar na cara dura e perguntar por que minha mãe não teve outros filhos e pronto. Mamis sempre me disse que foi porque encontraram um pólipó no útero e não era aconselhado outra gravidez. Sexta-feira, vou lá visitar a vó porque tinha prometido ajudá-la nos capítulos de uma história que ela deu para escrever na plataforma digital e anda atrapalhada com a coisa. Vó Tite, como todos chamam, sempre foi uma grande leitora, mas escrever, isso só se deu depois que ela entrou para este Spa, ou será que ela já escrevia antes e eu sequer tive a curiosidade de querer saber? Duas questões a resolver. Agora preciso focar no conteúdo dos próximos vídeos que vão ao ar daqui a quinze dias. Ontem, passei o dia na função do próximo assunto e só saí da frente da tela para comer uma pizza e tomar um banho, mas rendeu muito. Meus dias

passam voando e sinto que se eu não cuidar posso tranquilamente virar a noite na internet - adoro. Hoje, por exemplo, tô muito pilhada adiantando detalhes de um cenário pra uma websérie que pretendo lançar perto do final do ano. Chora Menos deve estar com fome e tenho que levar ele para dar uma volta antes de dormir. Esta é a única hora que não curto morar sozinha, porque só tem eu para levar meu doguinho para passear. Mas aí a pessoa se enrola, escreve mais um pouco, dá umas bordinhas de pizza para o cachorro, disfarça o olhar, escreve mais ainda, mas tem uma hora que o bicho já tá se batendo na porta para sair. Boto a coleira, pego o saquinho plástico, procuro a chave, passo a mão no celular (porque deusolivredercersem) tropeço no elevador, me dou conta que já são uma da manhã e, bem na curva da esquina, no poste favorito do Chora Menos, avisto um corpo estirado no chão, do lado contrário da calçada.

CAPÍTULO 2

É muito, mas muito deprê, ver alguém deitado, assim, no chão. Foi um tal de: Ninguém toca. Chama a ambulância. Junta gente. Junta o morto. Ataca um carro. Soleta o nome da rua. Para o trânsito e o peste do Chora Menos me caga bem no ralo-do-lado-do-cara estendido no chão. Faço aquela cara de quem não tinha como evitar e me abaixo para juntar as fezes e aí dou uma olhadinha, escapada do fundo da minha curiosidade mais mórbida, e descubro que o cara é um gatooooo, ou era? Será que morreu, meuuuu? Resolvi ajudar. Mandei um whats para o pai para pedir ajuda, só que é claro, ele nem visualizou a mensagem, então resolvo acordar a secretária dele, implorando para ela arranjar uma ambulância que venha mais rápido do que as outras e, me desculpendo pelo incômodo, mandei um emoji feliz, depois que ela me garantiu que em 10 minutos os paramédicos estariam aqui, vesti um jaleco imaginário e relaxei. Começo a me sentir o máximo e digo para todos que a ambulância já vai chegar e, de fato, ela não demorou. Me meti a organizar o caos e dispensar os transeuntes apavorados que cruzavam o farol e só não fui dentro da ambulância, com o gato desfalecido, porque estava com meu cachorro. Quando assisti os primeiros socorros, me voltou aquela vontade de ser médica, a mesma vontade que surgiu depois de ver alguns episódios de *Grey's Anatomy*, só que logo passou quando vi o sangue jorrando da cabeça do *boy* atropelado. Por um lado, fiquei contente de não precisar estudar tanto e por outro, aliviada de ouvir dos socorristas que ele tinha boas chances de se recuperar.

Voltei para casa com os batimentos cardíacos alterados, não pelo susto e pelo pavor do caso, mas porque me dei conta que me apaixonei pelo corpo atirado no chão. Sequelamento ativado, olhar burro estacionando no meio fio da loucura com a carência, me conheço, posso ser tola de A à Z, duas vezes mais que qualquer um, basta surgir um lindo destes no *square* para eu meter meu terreno. O mais engraçado é que não deu para ver bem o rosto dele, mas fiquei com a ideia fixa de que ele tinha olhos verdes. Impossível saber a cor dos olhos do homem já que ele estava de olhos fechados, mas meu ego atrapalhado já apontava que eram verdes. Projetos e projeções à vista. E eis que este último pensamento me deu um *start* pro novo núcleo de conteúdos no canal. Me sentei na mesa vermelha e saí esboçando um monte de ideias e claro que, no meio e nos intervalos, uma comidinha para baixar a ansiedade junto com a levantada básica para checar o número do CEP, que nunca sei, quando tem que preencher os dados para compra

on-line. Sempre que tô nervosa, compro on-line. arrebatei uma saia longa baphoniquíssima, uma blusa cigana, ah, e uma tornozeleira de prata. Juro que isso eleva meu potencial criativo. Segui talhando textos e designs no computador e praticamente virei outra noite tratando de conceituar os novos vídeos. Nove da manhã, a mãe me liga, a doida que acha que eu já estaria acordada, para me contar do acidente perto da minha casa. Alguém filmou o cara no chão e postou nas redes sociais, leia-se Facebook, lugar de onde ela nunca sai. Que mal gosto. Gente doente. Coitado do muso abatido, pera, deixa eu dar uma olhada, vai que tem o nome dele. Nada. Um post vazio, sem nenhum apelo e zero de informação. Quer saber, me obriguei a não twittar nada hoje, só que vou ter que quebrar a promessa e desabafar lá. Parti pro banheiro, pro café, pro Twitter, pro Snapchat e pro Face de volta e nada de saber alguma coisa do menino atropelado. Homem ou menino? Casado ou namorando? Gay ou Bi? Pre-ci-sooo stalkear, mas sem o nome fica bemmm mais complicado. Putz, como é que não pensei nisso antes? Papai queridão pode me passar a ficha, se é que ele foi para o hospital que ele trabalha. Dois minutinhos e já descubro.

Boa sorte, ou boa *network*, me levaram ao nome Guilherme Tuty, 24 aninhos, arquiteto, estudou em Boston e crânio esfacelado com leves rupturas ósseas. Deu entrada Hospital, dia 20 e sem alta prevista. Se pá rola uma visitinha amiga? Custa nada tentar. Pedir pro pai é mesmo que estocar vento, minha mãe, nem pensar, porque não vai entender, a vó talvez, mas, na real, o melhor é eu chegar lá na cara dura e inventar uma desculpa qualquer. O ponto mais complicado é se alguém me reconhecer, ou pelo papis, ou pelo canal.

Com uma saia longa azul marinho e regata branca, para mimetizar com o clima hospital, cheguei, de mansinho, no horário de visitas da tarde e bati na porta de leve, como se eu fosse uma velha conhecida. Entrei com ares de “a amiga das antigas”, dei de cara com a mãe do desconhecido e a enfermeira que estava trocando o curativo. Merda, tinha que ser bem na hora que eu estava lá. Fingi ser íntima dele e fiz uma série de perguntas sobre o acidente. Descobri que o apelido dele era Tuio e que a namorada era linda de doer. Como? A tal me entrou dez minutos depois de mim e escorregou para o lado dele com toda a beleza produzida de uma paulistana com cabelos crespos bem tratados e grana no banco. Ok que era lindaaa messssmooo, mas precisava ser residente fofa? Linda e médica! Quando o Tuio me viu fez uma cara de dúvida e tenho certeza de que se ele desconfiava que estava confuso, ao me ver teve a certeza de que o acidente tinha lesado o cérebro. Menti para elas que eu era uma ex-vizinha e que ele foi colega de um amigo

na faculdade. Estava me empolgando no grau de proximidade quando escuto a voz de alguém conhecido.

Pai?

CAPÍTULO 3

Pqp! Mas tinha que ser assim? Pensei em entrar no banheiro para ele não me ver, mas ele avançou quarto adentro com seu ar de *doctor star* e só ficou descolorido, quando me viu sentada no sofá ao lado da cama do paciente.

– Vocês se conhecem?

Largou um ponto de interrogação gigante e depois emendou:

– O que você está fazendo aqui minha filha?

Xiiii, meti a mesma ladainha de colega, excluindo a parte da vizinha, caso papis querido resolvesse lembrar de uma vizinhança que nunca existiu. Nisto, o *boy* Tuio combinava feições de doente, com sobrancelhas interrogativas de sequelado e eu olhava bem feliz, inclusive já tomando algumas decisões de onde passaríamos nossas próximas férias juntos. Enquanto papis e a candidata a ex-namorada trocavam diagnósticos, eu me apurava nas imaginações do nosso futuro caso. Tuio e eu na Jamaica, Tuio e eu desfilando na escola de samba, Tuio e eu em Bali, Tuio e eu no avião, eu e meu *boy* no canal, *likes* e *likes* dos fãs sobre nós dois, Tuio e a sogra lá em casa, nosso novo cachorro chamado Lego e tals. Aproveitei o vácuo e tratei de dar fuga na hora que papis o examinava e, dando um tchau geral e aconchegante de quem está muito ocupada, vazei. Todos se convenceram de que eu era conhecida dele, menos *my new crush* Tuio lindoooo.

Reserva um espaço aí na agenda porque o meu próximo vlog vai ser porrada, soco em *slow motion* no seu coração. Toda quarta tenho que preparar alguma ideia para editar na quinta, porque gosto de estar no ar com novidades no domingo. Prefiro dar uma caprichada nas produções de esquetes durante a semana. O conteúdo do próximo pode ser algo tipo: “ame o seu longínquo como ama a si mesma”, ou “ame o seu atropelado como ama sua manicure”.

CAPÍTULO 4

Querem escutar o pensamento de mamis? Quando estou nervosa dispara em mim a voz de mamis e seria algo mais ou menos assim: “Minha filha não desgruda da internet, almoça e janta no computador e muito provavelmente toma banho com o celular do lado da pia. Podia imaginar que ter uma filha fosse uma preocupação atrás da outra, que quase sempre estaria com as duas mãos ocupadas, uma proporcionando uma vontade imensa de fazê-la feliz, e outra oferecendo proteção. Meu maior medo é vê-la triste, e passo todos os dias com as emoções em movimento acelerado, como se fosse um ioiô gigante que sobe e desce nas minhas veias, eu cuido da Lailinha o tempo todo, sou um radar que avalia seus comportamentos e assim mantenho minha vida em forma. Desde o dia em que ela chegou entendi que minha rotina não seria mais a mesma, tudo que fosse relacionado com a vida dela me envolveria, inclusive a união do nosso casamento, que poderia se restabelecer ou não. Antes de tê-la podia quase apalpar as felicidades que ela me traria, podia jurar que não pediria mais nada ao universo, podia antecipar algumas linhas do destino dela, o que nunca pude acertar é que ela seria uma youtuber, determinada, obediente e intranquila. Quando ela surgiu, o mundo cessou por alguns segundos, como ele sempre faz, quando a mãe recebe o filho nos braços. Tudo parou para que eu pudesse admirar aquela beleza tão escura e misteriosa. Dois olhinhos fortes que me seguiam como se fossem câmeras a transmitir todos meus sentimentos. Ser mãe não poderia estar fora de mim. Casei cedo, por amor e própria vontade. Escolhemos um ao outro e planejamos nossa vida inteiramente juntos e, de uma maneira muito interessante, fizemos dar certo. Tenho convicção de que o dinheiro me proporcionou a calma e a segurança para seguir adiante em muitos momentos de crise. Ao contrário de muitas mulheres da minha época, não precisei ficar numa relação por falta de opção. Sempre teria para onde ir, nunca precisei pensar que eu não teria um lugar para morar ou que meu desamparo seria motivo para continuar casada. Quando minha filha chegou, trouxe junto a completude. Tem mulheres que dizem "eu nasci para ser mãe", eu afirmo que sou mãe desde que brinquei com a primeira boneca. Passei a vida sendo mãe das minhas amigas, mãe dos meus cachorros, mãe da minha mãe, mãe de tudo que despertava zelo.

E expressei esse talento de forma muito potente porque, desde que diagnosticaram a legastenia, utilizei todos os outros órgãos do meu corpo para compensar o que os olhos escondiam. Jair, sendo médico, me acompanhou muito bem clinicamente e isso fez toda

a diferença. Éramos jovens, ricos, bonitos e com planos maravilhosos. Um casal do bem, mas que sofreu o primeiro kit decepção, quando os meses passaram, e eu não engravidei. Depois de muitos tratamentos e uma gravidez lenta e delicada, perdi o bebê. Seguimos tentando e eu segui perdendo meus filhos, mesmo antes de chegarem ao meio da gestação. Não seria pedir demais que as pessoas compreendessem que comprar roupas e decorar minha tristeza fossem forças compensadoras. Fiquei órfã de filhos. Muito depois é que veio a Laila e meu universo manco agora se faz ágil e realizado. Esperar que ela fosse uma menina perfeita e igual a mim, seria abusar do destino, mas também quando ela enveredou para a profissão de youtuber, dei uma contraída e essa situação me perturba até hoje, é muita exposição. Não bastando ter uma filha que mora na internet, me vem mamãe com aulas de informática me dizer que está escrevendo um romance para lançar no ano que vem. Entre um marido médico, que dedica 200% da vida ao hospital e clínica, uma filha que passa o dia todo na frente do computador, mamãe resolve se ausentar numa história de ficção. Sobreí outra vez! Não faz mal não. Tenho boas amigas e o Clube me abrange, durante as melhores horas do dia, quando jogo golfe. Agora se elas se metem a viver dentro de um computador, sem pegar um solzinho, se alimentando de notícias virtuais e escalando vidas alheias, que não venham se meter na minha vida, dizendo que sou uma socialite incurável. E daí. Gosto. Posso. E quero. E qual a diferença de "causar" na rede com milhares de estranhos e a minha vida real de "causar" com humanos ao vivo? Hoje acordei e vi uma notícia da Bruna Marquezine que estava na Grécia (também amo a Grécia) e que tinha virado meme dos famosos que postaram imagens simultâneas fingindo estarem com ela no local. Cada um "causa" do jeito que pode. Tudo pode. O que não pode é viver intoxicada pelos canais de YouTube como se fossem parques cheios de árvores e natureza. Laila não está percebendo, mas anda cada vez mais branca com aquelas saias longas e com a cara na tela fuçando conteúdos e desperdiçando “a vida em cliques”, como ela vive dizendo.”

CAPÍTULO 5

Deu para sacar o teor de sensibilidade da minha mãe, já rolou barraco de todas as voltagens, com meu pai a coisa vai mais de boa, mesmo tendo dado algumas turbulências fortes como quando ele ainda acompanhava meus vídeos sobre sexo, sobre questões de gênero, gente foi foda. "Imagina minha filha falando sobre masturbação na internet? Como que os caras vão me encarar no hospital? As enfermeiras vão me olhar com que respeito? Os colegas? Meu chefe, e os pacientes?" Agora ele já meio que leva numa melhor. Acho que não assiste mais. Parece que deu uma contornada no "*establishment*", será? Acho que ele acabou afrouxando as tarraxas dos preconceitos, porque tem lugar mais liberado de *choices* que o ambiente de um hospital? O que rola nos plantões até o "do mal" dúvida. Eu sempre quis ter uma irmã mais velha que me desse uns conselhos legais, me abrisse alguns alçapões, só que não rolou, e acho que é por isso que eu gosto tanto de ter estes papos com minhas seguidoras. Meu pai quis ter mais filhos, mas acabou que o tempo se aligeirou e mamis ficou velha demais para o segundinho. Quando eu larguei a facul de nutrição, aí o bicho pegou. Ele ficou muito puto porque, no fundo, ele queria que eu fizesse medicina e eu apareci com odontologia e depois nutrição no mesmo ano e quando mandei que ia largar a faculdade, aí esticou a briga até agora pouco. Achei que ele ia surtar. Acontece que estou adorando ter meu próprio negócio e já ganho mais que muito médico que ele conhece. Eu dei fuga da universidade e, nem tão aos poucos, comecei a virar celebridade virtual. Eu sei que eu sou a grande troteira da família mas, meuuu, esse foi o melhor jeito de conseguir crescer por aqui. Este avatar de felicidade se transformou no meu trabalho e com esse monte de *views* fiz uma puta grana. Papis analógico, mamis socialite, vóvis digital. Não fiz jornalismo, não gosto de fazer os vídeos no meu quarto e pego leve nas caras e bocas, tipo não sigo o *script* da maioria dos youtubers. Por que meu canal se chama "Me Coça"? Pensa aí, enquanto eu sigo afrontando minha geladeira atrás de um pote de Nutella. Que porra é essa? Deixa eu voltar lá na auto avaliação da minha vida virtual, tipo... exponho minha intimidade e não exponho. Tenho um certo controle sobre o que deixar aparecer, é quase como a sensualidade, é quase um vício, é quase brincar de bonecas com as pessoas. Agora tem o lado mais duro, porque tipo, não dá pra tomar um porre, dançar salsa e merengue, ou dar um chupão no *boy* da vez, que alguém vai filmar e pôr na internet. E eu vou de samba, sertanejo, reggaeton, MPB, hip hop, funk e Frank Sinatra. Falo de economia, de bobagem,

de holocausto, de dietas, de abortos, de bandidagem, de coração, e do fracasso na educação brasileira. Meu conteúdo, quando eu tava de bronca na escolha errada que o nosso país fez de ter investido (no pós-guerra) no ensino superior e - não no fundamental deu uma boa ouriçada nos index que mostrei do Brasilzinho analfabeto. Foi bem sulfúrico. Esse meu pai curtiu. E, aos *drops*, penso que ele começou a compreender meu olhar sobre o mundo conectado. Tudo são *clicks* e *likes*, pai. Apps, exposições que se compõem de anonimato. Meu pai é daqueles 15 maiores salários na área médica, trabalha sem parar e não bate nem na trave do cargo de um político daqui. Tenho dó de ver ele se acabando naquele hospital. Hoje, senti muito orgulho dele quando entrou no quarto do *my new love*. Entrada acanhada e profissional. Parecia um daqueles homens de revista americana, bem vestido, com olhar sério de atingir a jugular de New York e eu ali, pousando de filha e de candidata ao trono (vazio) do atropelado da vez.

Segundo meu pai, Tuio não teve perda de consciência e memória importantes, livrando os sinais básicos de uma lesão mais preocupante. Isso explica que as regiões do cérebro responsáveis pela criação de novas memórias que poderiam parar de funcionar, não pararam e ele vai lembrar de mim, quando tiver alta.

Dr. Roberto Jair Tyfolli, Doutor em Neurologia, Coordenador da Residência Médica em Neurologia do melhor hospital de São Paulo, membro titular da Academia Brasileira de Neurologia, e mais não sei quantos títulos, sem filtro, que não cabem em cinco folhas, atestou com uma simplicidade quase automática de quem só de olhar a sutura na cabeça de um paciente, que meu novo caso está bem e que logo vai para casa. E eu, logo vou procurar por ele.

CAPÍTULO 6

Atingir 3 milhões de *views* em menos de 24 horas após o lançamento é resultado de muito trampo que distribuo em horas de reunião com todo pessoal, horas de edição, horas de filmagens, discussão de roteiro e um monte de outras etapas que reforçam um bom resultado. Este é meu trabalho, já disse que adoro fazer isso, mesmo que me tome dias e noites. Talvez minha mãe tenha um pouco de razão quando diz que eu só faço isto e que passo tempo demais online. Tô sempre correndo atrás de novidades e tentando reinventar meus talentos e carismas para atrair *viewers*. Tá cheio de youtubers por aí com imitações de gente famosa e paródias de sucessos que claro, também, curto fazer, mas o que mais me dá tesão é levantar questões que ainda estão sem respostas e que estão bombando no momento. Fica foda de discutir com uma avalanche de pessoas as tuas opiniões que estão sempre movediças de argumentos. O Brasil é um lugar de insegurança, uma espelunca sem planejamento e por isso mesmo facinho de polemizar. O dia que falei a favor da vida das piriguetes, rolou um aborto de *likes* porque o conteúdo estava muito unilateral e a galera não entendeu minha provocação. Lailalovers não me deram ibope e tive que fazer um conteúdo de contraponto que me deu muita dor de cabeça. Acontece. Nem sempre dá erro. Foram poucas as vezes que fiquei pagando de louca e que não deu certo. Uma das piores vezes foi o vídeo dos desapegados. Gatos, digo *boys*, *crushes* e afins, que influenciei minhas fãs a desapegarem, enumerando motivos que eles dão para gente chutar o cara e procurar ser feliz com outra coisa. Achei que seria inofensivo, mas o *stress* atingiu seu ápice e os masculinos da vez me boicotaram total. É que eu sou conhecida por não durar muito com os namorados porque não vejo mérito em desenvolver uma paciência absurda para e com alguém que já te sinaliza que não é legal. Caramba, este vídeo foi bem no início, acho que eu tinha uns 17 anos e ainda tava de boas com a sinceridade online. Eu desovo quando percebo o cara me empatando a vida, acho que era mais ou menos assim a chamada do vídeo. Pior é que fiz todo o vice-versa direitinho, dando força para eles fazerem o mesmo com meninas que não faziam sentido naquele momento da vida deles. Me atacaram de *disposable*, direto. Foi no osso - disseram que eu era craque em iludir *crushes*. Cara foi muito forte a resposta do público. Acabei pedindo desculpas no conteúdo seguinte que foi um tema que acabou sendo muito legal porque trabalhei um quiz sobre as 100 desculpas que você vai pedir na vida. Naquele ano eu ainda não tinha uma equipe trabalhando comigo e não dava conta de tudo. Amadora,

ingênua e atrevida. Hoje, me acho mais solícita e inconstante, amadureci?

– Vem cá, Chora Menos. Sobe aqui. Me conta o que você tá achando deste tema?

Too mellow?

Chora Menos não respondeu com o olhar, que às vezes faz, de quem não entende a pergunta. Pulou no puff branco, que fica ao lado da mesa, onde trabalho e onde passo muito tempo. Ele se amarra em sentar ali e ficar de codiretor. Já fiz alguns takes com ele e a galera super curte quando ele aparece nos vídeos. Ganho, ou melhor, eu ganho e ele consome, ração da melhor qualidade, já que fechei um bom patrocínio com a *the best* de São Paulo. Chora Menos é um *artist*, famosinho, exibido, um parceiro do bem. Nunca reclama que eu fico enfurnada no apartamento e quando vai passear recebe muitos ois dos vizinhos ou fãs que reconhecem ele da telinha. Agora que assumi que Chora Menos foi atropelado e teve a sorte de chegar até mim e ter uma vida linda, me dou conta que o *boy* que eu to de olho tam-bém fo-iiii atro-pe-la-dooo. Será que isto é um bom sinal, ou tô atraindo só os sequelas da vez?

CAPÍTULO 7

Sequelamento ativado, em modo silencioso, porque não é bom espalhar minha nova paixão mesmo tendo certeza que meu pai já deve ter informado a mãe sobre minha ida no hospital e que ela já deve ter contado para mais duas amigas e anota aí: ela já comentou a minha visita bizarra ao hospital com minha vó e, depois, acham meu trabalho na rede me expõe demais. Os seres humanos se expõem sem parar e sempre foi assim, a internet é só uma ponte mais curta que nos leva ao que mais buscamos: aplausos! Eu, pelo menos, assumo que gosto dos meus likezinhos, mesmo entendendo que quando eu consigo me afastar do que os outros pensam de mim e da vida, eu me sinto melhor e mais conectada comigo mesma, se é que me conheço, nem sei quantas vezes fui incapaz de regular reações e, muitas vezes, o meu eu me surpreendeu com desejos estranhos e caprichos que me entubaram goela abaixo, somos todos vitrines, lugares onde estocamos nossa imagem, pedaços de nossos eus que mostramos e que escondemos enfeitando para que alguém nos queira, nos leve para casa, nos deseje e não nos deixe sozinhos - noossa, agora desandei na filosofia meuuuu. Estar e/ou ser sozinho é uma condição humana que não dominamos. No mundo externo, o que se encontra é só uma camada de verniz do que rola no rebuliço interno ao qual somos obrigados a conviver. Nossos subterrâneos são labirintos movediços onde só nós conseguimos viver. Em dois somos muitos, em quatro estamos mais fortes, em dez enfrentamos um mundo e em muitos mais somos perigosos, e, também, solitários - o que as redes sociais da interação humana sabem muito bem explorar. Eu junto todos meus eus e me apresento no canal, gosto de estar assim, com milhões me seguindo e sozinha na minha sala com minha coleção de ampuhetas.

Acho que este próximo conteúdo sobre o uso do smartphone vai ser bem legal e os fãs vão curtir muito, até porque sou do time que defende o celular a qualquer custo. Estou preparando um conteúdo embasado num estudo feito em 2016 na Universidade de Singapura que avaliou a inclusão de aparelhos tecnológicos na sala de aula e a questão é: ajuda ou atrapalha? Monitoraram o comportamento de 100 alunos, com idade entre 18 e 29 anos e quando estavam com celular tiveram melhor aproveitamento, aqueles que tiveram o celular removido apresentaram, em testes acadêmicos, notas 17% menores. A conclusão rola em cima dos hábitos, mais uma vez. Os jovens, hoje, estão tão conectados que forçar um hábito diferente, como ficar off-line, deixa a galera muito ansiosa, a ponto de afetar drasticamente a capacidade cognitiva e detalhe - Singapura está entre os líderes

mundiais em educação. E agora que São Paulo liberou o uso de celulares nas salas das escolas públicas, tenho um bom tema pra discutir on-line, que é um assunto sem fim, tudo que eu preciso pra atingir envolvimento no canal. Mas se eu não fizer um roteiro caprichado, pode ser um desastre anunciado da cruz da preguiça com a falta de criatividade, os contrapontos têm que ser muito bem costurados e não vão faltar pesquisas londrinas e americanas para nossa discussão. Os exemplos se estendem como um corpo cansado na cama e minha meta é chegar na condição humana mais pop: a ansiedade.

Ontem estava lendo sobre o caso do inglês de 16 anos que em 2012 tentou se matar, porque não conseguiu uma “selfie perfeita”. Vai dizer que não dá vontade de gravar um programa destes?

CAPÍTULO 8

Já falei que não existe a menor chance de eu sair sem meu celular, porque tudo que eu preciso tá nele ainda mais com a novíssima capinha musa que eu mesma fiz, com meus aplicativos de estimação. Não dá pra ficar sem meus Apps mimosos, vai que eu precise mandar um Snap – deusolivre sem Live e sem Insta não fico. Também não saio, sem meu gloss roxo, JURO em capslock mesmo. Agora mesmo tô caminhando, tô aqui na rua óh, e lendo, olha que porcentagem do caralho... 95% dos adolescentes levam celular na escola, 92% admitem trocar mensagens durante as aulas, aí me pergunto como que o professor vai disputar uma vaga na cabeça deles? Eu não entraria nesta guerra. Pera, quase bati neste galho, meuu essa árvore ainda desaba na minha cabeça porra. Por mim, eu não só deixaria meus alunos usarem celular como também usaria. Claro que vai gerar um monte de xingamentos essa minha colocação e, quer saber, tanto melhor, só não posso levar *unfollows*.

Minha geladeira tá precisando de uma limpeza, tenho que anotar isso aqui e, pera, olha o que tô lendo aqui! – que na Inglaterra, a coisa tá bem complicada, porque apresenta o cenário mais grave de dependência, a tal nomofobia, termo que usam para quem tá viciado no celular, tá foda. Tipo um em cada três adolescentes já podem ser considerados viciados, porque ficam on-line mais de seis horas diariamente. Ah! Fala sério, meuuu, eu então sou viciada kkkk eu toco na tela muito mais do que 4.000 vezes por dia, mas, na real, desconecto a hora que eu quiser e, se não fossem meus dez milhões de seguidores, eu certo de que daria 3 *fails* no meus dois celulares. Hum acho que tive uma ideia bem legal. Me dei conta que tô na mira certa desse novo vídeo que vai cutucar o povo de muitas idades, com vários links e quem sabe incluo entrevistas na rua porque são fundamentais para gerar argumentos e identidade imediata, se pintar alguma autoridade política vai ser muito bom também. Caramba, dá para ficar bem legal e sem aquela pegada da zoeira (dessa vez) e, putz, não tinha pensado nisso, mas umas palavrinhas com algum médico especialista podem reforçar o conteúdo e impactar fortemente a galera. Bora trabalhar, com meus celulares a postos, sim, vocês já descobriram que tenho dois, na verdade três para não perder tempo com busca lenta. Deixa eu ver no whats se a vó confirmou minha ida lá amanhã, ainda não, acho que nem visualizou. Meus pelos tão todos ouriçados e ávidos para colher impressões do mundo digital na terceira idade, odeio esse título “terceira idade”, e se tivesse a “quarta idade”, “quinta idade”, meu que horrível,

vacila chego lá e as véias não vão falar comigo antes das 15hs porque tão fazendo maratona de séries. Vai ser hilário, ops! Agora me bateu um clarão. E se o *crush* da minha vida (Tuio) assistir meu novo vídeo e descobrir que eu sou eu? Tipo como vou chegar nele sendo a outra eu, a eu melhorada, digo a Laila ponderada e tranquila que ele conheceu no hospital, não tô a fim de pagar de louca já de cara, mas também acho que ele não se liga em me ver e, quer saber, nem deve saber que sou youtuber, com certeza tá lá naquele hospital sendo sedado, mega drogadito. Complexo! Sim, sim (tenho mania de dizer dois sins) ser celebridade virtual requer estratégias complexas, mas enquanto ele não se joga nos meus vídeos de enquetes, a chance dele me sacar fica bem reduzida.

Vixi! Mas quanta ligação não atendida meu. Vai ver são antigas, eu só uso esse celular quando tô muito sem bateria nos outros. Como será que se vê quem ligou?

Eita, pera. Ué foi a mãe, cacete quanta chamada, cara será que deu ruim, aconteceu alguma coisa? Tuio morreu? Já enviuei e nem sei.

– Mãe, o que houve?

Ela não esperou três segundos pra me ligar, outra vez, dizendo que estava todo mundo atrás de mim desde seis da tarde de ontem e que eu não respondia em nenhum dos celulares e que já estavam chamando a polícia, porque a vó só queria transferir minha ida lá e não conseguiu me avisar e que eu sempre tô grudada nestas porcarias de celular e como eu não atendia eu podia estar doente e ela estava preocupada e o pai já queria vir pro meu apê e que podia ser sequestro, e meuuuu que alarde foi esse?! A doida intuiu da sua *fast-doideira* que eu tinha sido assassinada? Ou quem sabe me assaltaram, virei refém? Aí começou a me contar que acordou cedo, e que sonhou comigo e que um bando de moleques tinha partido para cima de mim na rua, porque eu era uma louca que tinha chamado todos eles de abusadores, delinquentes e não sei que mais.

– Mãe, mamisssssssssss, eu coloquei meus dois celulares no freezer para eu não usar nenhum dos dois, tô fazendo uma experiência e para provar pro mundo que não sou viciada como vocês dizem e ter alguma experiência concreta pra falar no meu novo conteúdo. O outro celular não sei nem onde anda.

– Você podia ter mandado um e-mail.

– Tá louca, mãe! Quem ainda manda e-mail?

CAPÍTULO 9

Não ir à vóvis, hoje, me deixou um pouco frustrada e não gosto de ficar assim, porque me dá uma ansiedade horrível, ainda mais com a mãe infernizando meus ouvidos com um monte de medos bobos que me atingem e me deixam insegura. Imagina se eu vou ser linchada, assim, na maior! Não consigo me concentrar no vídeo e meus celulares não chegaram ao ponto de congelamento, estão só gelados o suficiente para não funcionar. Merda. Não sei o que fazer. Pior foi ter que escutar toda a ladainha da mãe de me mandar para Espanha pra ficar dois meses na casa da irmã dela, que é bem gente boa, mas eu, sinceramente, não acho que eu tenha que voltar a fazer terapia ou ir pra Madrid para me desintoxicar da “*weblife*”, como ela diz. Jura que eu vou largar meus seguidores. Sem noção.

Isto de me ameaçar começou a ir longe demais, cada vez que eu deixo ela nervosa, ela me ameaça de ir pra casa da tia Pilar. Que inferno meuuu. Tô feliz aqui no Brasil. Uma coisa é passar uns dias em Madrid, outra é ir com a mãe passar mais de trinta dias vivendo de compras em euros. Não vou mesmo. Sim sim, porque a ideia dela é ficar vinte dias lá comigo e depois voltar para o Brasil e eu fico lá fazendo o que, Senhor? Overdose de mamis e tia Ana Pilar me regulando a vida, nem pensar. Já falei para ela que não tenho como abandonar o canal e ela me retrucou que posso trabalhar por lá, o que é possível sim, mas sem equipe de suporte seria complicado. Claro funcionária e teria alguns pontos positivos, mas agora tenho o Tuio. Eu já expliquei para ela que na minha época se demorava mais para conquistar público, parece estranho eu falar assim só com quase 22 anos, mas é que de lá pra cá aconteceram tantas coisas e as mudanças são tão rápidas que eu posso perder muita audiência em pouco tempo, leia-se duas semanas ou trinta dias. Me criei nas plataformas e compartilho minha vida com tanta gente, que para eu sair de São Paulo, só se for para cobrir conteúdos que falem de uma Madrid diferente e para isso eu não preciso ir até lá. Sem meu tablet, não respiro bem, é tão difícil assim de entender? O que que eu faço com meus milhõezinhos de seguidores? Depois que superei aquela fase dos cyber bulliyings e dos haters, e recolhi um mundaréu de conteúdo, a mãe quer me tirar de circulação porque botou na cabeça dela que não saio de casa para nada. Amo meus preguinhos forrados um a um com celofanes coloridos onde penduro todas minhas ideias ao redor da sala, minhas ampulhetas, meus dedinhos nos teclados musos. Minha rotina me ama, vou levá-la como pra Madrid? Vai fazer cinco anos que tenho o canal e claro

que já cogitei dar uma pausa, mas longe de satisfazer as instruções maternas eu agora tô num momento muito bom e tenho que aproveitar. Minha missão de influenciar um monte de gente é levada na brincadeira por minha mãe.

A última vez que fomos para Madrid, comi tanta bobagem e comprei tanta merda desnecessária que jurei não ir mais neste tipo de viagem para esfriar a cabeça, como ela diz. Se tivesse um curso de aperfeiçoamento de youtuber, até que encararia, só que tô mais pra dar palestras do que aprender técnicas novas. Será que a mãe fica botando estas coisas na cabeça do pai ou é ele que enche o saco dela dizendo que sou viciada? Como é que pode, eles não entenderem que minha vida não é sobre contar *likes* e dar busca em fotos perfeitas pra postar, não tenho a neura de ser perfeita, nem ninguém diferente do que sou, minha geração é de fala mansa, de aceitação e de alguns suicídios, eu sei, mas lidamos com as diferenças com muito mais naturalidade do que eles escovam os dentes na mesma pia. Gente chata.

- Chora Menos, você quer passar dois meses na Espanha?
- Me olhou com pressa, talvez susto.

CAPÍTULO 10

Dia de visitas: primeiro o boy, depois a vó. Desta vez, o Tuio estava num quarto arejado com uma decoração minimalista, tipo *loft* americano, com poltronas confortáveis de couro azul escuro e uma TV LED 32, na parede ao lado da mesa de refeição com cafeteira elétrica ultra moderna. Não tinha ninguém no quarto com ele, quando eu entrei e fui logo dando a real de como nos conhecemos, ou melhor, de como eu conheci ele, já que ele estava estendido no chão. Me escutou atento e com o olhar danadinho querendo escapar do rosto machucado.

– Sei bem que você deve estar me achando a maior maluca, mas...

Não consegui avançar na explicação porque um enfermeiro entrou com as medicações e pediu para eu sair um pouco do quarto. Deve ter injeções na parada. Melhor mesmo eu sair, só que não podia imaginar que eu sairia para não mais voltar. Quando o enfermeiro saiu do quarto e fez menção de entrar ele me aplicou aquela de: sem mais visitas, ordens médicas.

– Sério? (*#fail*)

Fui para o asilo da vóvis e dei de cara com uma mesa com jogo de cartas e vi com meus próprios olhos uma das senhoras jogando no celular ao mesmo tempo que lançava suas cartas. Na hora me veio o “inserir” no vídeo, esta imagem que noooooossa, ilustra bem a mania de fazer várias coisas ao mesmo tempo.

Quando a vó me viu deu um sorriso tão lindo que me senti culpada por não ir mais seguido lá. Largou as cartas e foi até a porta me receber. Me apresentou para mais duas amigas que é o que sempre faz quando apareço. Mostrou a nova colcha que a mãe comprou para ela e logo foi para o computador ler os últimos capítulos que escrevia direto na plataforma digital. Confesso que achei meio mal escrito, a narrativa tinha uma voz antiga, algumas palavras legais mas outras já desbotadas pela falta de uso, enfim, a história poderia ficar legal. O que mais me assustou, foi a cena que o personagem está com duas armas na mão e ameaça os clandestinos a largar a mercadoria roubada. Ela me perguntou com um olhar tão meigo o que eu estava achando da cena que não tive coragem de falar sobre o tom descritivo demais.

– Vó, a senhora vai contar essa história por quê?

– Ué, eu gosto. Tô na fila para o além e tem muita coisa que preciso fazer, uma delas é contar essa história.

– A senhora já tinha essa história na cabeça a muito tempo?

– Bastante. Só resolvi escrever agora porque você me ensinou que mais pessoas podem ler sem eu precisar de editora para publicar, e como não preciso me preocupar com “grandes” literaturas, posso escrever do jeito que eu sei. Enquanto Deus não vem me buscar vou escrevendo e é mais uma coisa para me ocupar. Sabia que a doutora falou com Seu Maurício e ele deixou todos aqui lerem em conjunto na TV principal? Ontem estava cheinha a sala para leitura e fomos até o capítulo 20. Também vou ser famosa, Faísca.

– Vó, deixa eu te ajudar com isso aqui óh, dá pra fazer assim e a capa pode ser melhor editada, posso colocar o título em preto, nossa a senhora já tem vários seguidores! De onde veio a ideia desta história? Tem a ver com alguma coisa real?

– É, eu tinha uma amiga que passou por tudo isso e essa história nunca saiu da minha cabeça e sei lá, como já te falei, me deu vontade de escrever.

– Tá ficando legal, muito legal mesmo. E quantas páginas vai ter?

– Perguntei com a melhor entonação empolgada que eu tinha.

– Não faço ideia. Só sei que quando eu vi no teu canal a “propaganda” dessa tal de plataforma de escrita eu pedi para o meu professor de informática me ajudar. Talvez umas duzentas páginas porque ainda tenho muita coisa para contar. Você tem pensado no que sua mãe disse sobre ir para a Espanha?

– Aiiiiii vó. Até você! Olha só eu me sinto bem normal...

– Mas você não sai da frente do computador.

– Quem falando kkk e sua amiguinha também estava ali bem faceira jogando cartas e jogando no celular.

– É. Só que somos velhas e você é muito novinha para se enfurnar dentro duma tela. Eu não tenho nada a perder.

– Vóvis, não fala assim. A senhora tá super bem de saúde.

– O corpo até que está bem, mas tem verdades emocionais que cansam a gente.

Achei que o tom da conversa estava descambando para o melancólico e tenho horror a lamentos. Fomos para o pátio interno tomar um milk-shake e fiz um vídeo bem legal dos idosos em seus momentos de lazer ao ar livre e prometi para ela assistir junto a leitura de seus próximos capítulos na sala de recreação e informática. Demos um tchau mais longo, com seus dois olhos cor de ameixa embaçados me espiando por de trás dos óculos, acrescentando um “pense na Espanha” junto com o abraço apertado. Eu amo ela.

CAPÍTULO 11

“Uma semana sem redes sociais, quem se anima?” Foi o que encontrei no recado que a avó postou no whats do grupo da família. Só pode ser coisa da minha mãe que foi lá dar letrinha para vó me contagiar com suas ideias de detox digital. Meu eu até posso ser uma *heavy user*, como muitos, porra mas longe, bem longe do ácido emocional que tão me colocando. Mas que cisma essa gente! Isso já é perseguição, o tema detox-veneno do conteúdo está se espalhando sem nem ter ido ao ar. Administrar pedido de vó é foda, fica mais dolorido de dizer não. No começo da semana fiquei zangada, mas depois pensei que até pode ser uma ideia boa, porque já testo o desafio e agrado a família, antes que me mandem para um *rehab*. Vou tentar ficar sem conectar nos próximos dias e daí posso contar no canal meu experimento de uma semana off line.

Decisão tomada e bem tomada a ponto de eu ir dormir na casa da mãe, com um celular só, o Chora Menos e sem iPad. Lá seria mais fácil quebrar o hábito. Me programei para ir desconectando aos poucos sendo que de jeito nenhum eu deveria postar alguma coisa no Twitter. Tirei o feed do Facebook do meu celular até porque não curto o Face, mas inacreditavelmente, pra mim foi o vício mais difícil porque minha mãe, meio que escondida de mim, checava o Face todos os dias pela manhã, coisa que eu também fazia na minha casa antes de tomar o café. Síndrome de Estocolmo: refém emocional de Mark Zuckerberg, tadinha, acha que eu sou viciada, mas ela também é. Tarja preta da conexão ou Prozac para desligar, Viagra para transar, Rivotril para focar, Lexotan para dormir, estamos todos altamente químicos. Eu tarjo no canal e nas redes sociais e o mundo inteiro tarja há anos em tudo o mais e ninguém vem dar um *stop*.

Recaí no sábado à noite quando me senti sozinha e sem nada para fazer, a sensação de solidão foi horrível (porque o Twitter é uma companhia) daí espiei o Twitter e todos falavam da blusa transparente da Anitta, acabei não resistindo e quis participar de várias discussões. Domingo foi melhor. Não trapaceei entrando pelo site do Facebook nem no Twitter, juro de cabeça erguida e sem óculos escuros que não fui nem no Insta e não tive tremores. Domingo à noite, eu e Chora Menos voltaríamos para casa e sem ter atingido a meta de passar todo final de semana sem usar o celular e redes sociais. Me abalei um pouco, tipo me deu uma vontade de chorar, talvez uma nota 6 de fracasso e o pavor de pensar que talvez, sim, sim, eu pudesse estar abusando um pouco do uso da internet no meu dia a dia. Tomei a resolução de baixar a bola e só usar o Twitter pela manhã e foi

assim durante toda semana seguinte, usei o Twitter só pelas manhãs. Me permiti estar feliz assim até porque o Twitter me faz bem, me deixa mais calma, quando estou com o Twitter posso narrar minha vida e me sinto amparada pela imensidão humana que me responde e acompanha. O Facebook, para mim, é mais tranquilo de administrar porque não posto fotos e nem entro em discussões, vejo as fotos de pessoas felizes fazendo uso de lugares mágicos como papéis de paredes paradisíacos, mas acho careta. Oiiiiii, que porra de foto é essa? Tuio e a namorada saindo do hospital com direito a selfie e tudo?

CAPÍTULO 12

Acordei chata. Fui para o espelho do banheiro, me olhei bem e disse: “Sou uma youtuber, tô chatona me repetindo, eu sei, aumenta o volume porque quero reafirmar para mim mesma que sou uma *creator* e não acho que tenha que abrir mão disso. Produzo conteúdos incríveis (santa modéstia) e valorizo a conectividade, sim, e sim, sim, dito o que é tendência nas redes sociais. Tuito bostinhas de vez em quando, tuito merda e apago merda, quem não? Se o Tuio ainda não se ligou em mim, amanhã ele vai sacar quem sou eu. Viraliza ou desativa.”

Mãos à obra. Hora de contratar minha seguidora mor, migs braço direito, que hoje é minha fotógrafa favorita e *my best*. Imagens bacanas são brilhantes, é o que a Lourdes costuma dizer e preciso causar com o melhor visual para não deixar dúvida para concorrência. Tenho o apoio do *fandom* inteiro e não lembro da última vez que saí de casa sem tirar uma selfie com alguém, então, tá na hora do povo retribuir.

Acionei a equipe técnica e a filmagem da tattoo foi linda. Curti não só de tatuar “Tu” e “Io” nos pulsos como a adoção de um novo Pet chamado Tuinho. Bichano magrela com três cores de preto, um olhar macio e um rabo imenso sacudiram as fãs do canal e deram o recado mais rápido do que eu imaginava. A repercussão atingiu milhares de seguidores que multiplicaram a frase: *To e you*. Só duas pessoas não curtiram e se manifestaram com trinta minutos de diferença: meu pai, que mandou um whats no grupo da família avisando que estaria chegando no meu apê em menos de meia hora e o próprio Tuio que fez um *post*, digamos, desaforado, falando sobre assédio sexual, ou será que virtual? Era só o que me faltava ser acusada de abordar o bofe atropelado. Muito bem, meu amor! Farta contribuição para polemizar o canal. Agora o que aconteceu no final da gravação foi invasão de privacidade e me deixou em choque. É surto na escala familiar. A vó não se manifestou ainda, mas deve de estar a caminho. Por ordem, então: minha mãe adentra meu apartamento, larga a chave no sofá, vê que estou gravando, se ataca de vez e invade a gravação, anunciando que vou tirar férias na Espanha. Oi!?

– Laila aceitou nosso presente de aniversário e vai para Madrid no final do mês para buscar conteúdos novíssimos para o canal.

Corta, corta, reação no ar de cara de espanto e total descontrole por parte da equipe do canal. Resultou no Chora Menos rosnando para Tuinho que brincava no chão e um take dos meus pulsos enrolados em plástico transparentes com as recém feitas tatuagens.

O Tuio não deve ter levado mais do que duas horas para se pronunciar e ligou umas cinco vezes para meu contato no celular número 1 depois de ter mandado vários whats me xingando e com ameaças de me processar. Vocês acham que fui muito óbvia?

Abro a porta pro pai que entrou bufando, sentou no sofá e me atrolhou de frases horripilantes, do quanto eu era irresponsável e que logo, logo, o nome dele estaria envolvido na filhinha youtuber que assediou o paciente nas redes sociais.

– Amanhã compro tua passagem.

– Bateu os olhos no Tuinho e disse:

– Devolve já esse cachorro.

– Imagina, pai, se o mundo vai dar bola por causa de uma tatuagem. Tem milhões de caras com o nome Tuio. Tem vários Tuios se manifestando no Twitter, adorando a homenagem. Já tem seis meninas que vão fazer a mesma tatuagem e querem conhecer o Tuinho. Pra que tanto *stress* assim, eu, hein, que nervoso?

– Vai embarcar no final do mês e pronto. Você é maior de idade, eu sei, mas um tempo fora vai te ajudar. Nem que você só fique 10 dias, pelo amor que você tem à sua mãe, não me desautorize.

– Pai, desde quando a mãe decide o que tenho que fazer? O que deu em vocês? Meu aniversário nem é agora, tá tudo louco, meu!

E comecei um processo de envergar a boca para baixo anunciando um choro sentido que sempre deixava meu pai desnorteado. Desta vez, não surtiu efeito. Ele parecia aflito.

– Cadê a mãe?

– Tive que dar um calmante para ela.

– Mas, nossa! Que exagero. Por que tanta reação? Eu fiz um vlog normal. Nem quando eu apareci de calcinha, vocês ficaram assim! Quem não tá entendendo nada, sou eu. Mó Carão, hein!

– Sua mãe vai com você.

– Nem pensar. Paiiiiiiiii, ouve. Calma, senta aqui, vamos conversar. O que que tá acontecendo?

O hospital está me acusando, se posicionou a favor do tal Tuio que é filho do deputado federal, José Bernadito, conhece?

Olhei para cara da Lourdes que estava petrificada na cadeira ao lado da televisão. Não consegui responder nada.

– Mudanças de planos, você e sua mãe vão semana que vem.

– Pai, não posso deixar minha vida assim, sem mais nem menos. Tenho um monte de pessoas que dependem de mim para trabalhar, tem os cachorros, meu, que problemão! Eu não acho que fiz nada...

– Devia ter pensado nisso antes.

– Pai, eu, com a mãe, nãooooooooo vou.

– E nem sozinha. Desta vez, você vai como eu achar. Já falei com sua tia em Madrid. Sem esquema, Laila.

– Então, a Lourdinha vai comigo.

CAPÍTULO 13

Mitei no canal e me ferrei com a família. Nunca que eu podia imaginar que o Tuio era filho do deputado federal, e olha que eu dei uma busca no Insta dele, e não encontrei nada. Pontinhos para ele, que não se apresentou como filhinho do papai, gostei mais ainda kkk, o que será que ele achou do vídeo? Acho que nem viu, de repente, alguma irmã mais nova pode ter mostrado para ele. Meuuuu, mas precisava fazer todo esse auê? Que ofendidinho, vai ver foi coisa daquela namorada cabelo desgranhado, cara de a certinha do plantão. Vontade de virar para ela e mandar: “Oh amore, venceu a progressiva, corre lá pro salão!” Sacaram a musiquinha? Se me provocarem mais um pouco mando mais rima fácil, tudo com “ao” para os meninos do MC d’ vulcão..

Conheço meu pai e sei que não vou ter como fazer ele mudar de ideia. Se a mãe sair da jogada eu até encaro uns dias na Espanha. Calma, vou primeiro enfileirar a vida, pera, calma Laila, vai dar tudo certo e, pre-ci-so pedir um *iFood*, depois conectar com minha psi-on-line, e pensar num conteúdo para ir ao ar amanhã sobre qualquer coisa que justifique a *overreactiondotcom* da minha família sobre o assunto: ida Madrid. Falar com a Lourdes, minha humaninha de estimação e pedir desculpas para ela pela grosseria do meu pai que pediu pra ela ir embora, imediatamente, é a primeira coisa a fazer. Já estou começando a imaginar meu feed no Instagram, lindo, cheio de fotos de lugares diferentes e de pessoas interessantes. Conheço, legal, Madrid e acho que dá pra fazer uns conteúdos exclusivos de lá. Youtuber é mídia e celebridade, ao mesmo tempo, mas as pessoas, às vezes, piram e tratam a gente como produto, e tenho certeza de que se eu não fizer um vídeo muito do sincerão sobre esta minha ida repentina pra lá vou receber um monte de mensagens pesadas. Posso falar com o Xyko que super saca de audiovisual e reina absoluto na Web e fazer uma megaprodução cinematográfica para as produções esquetes. Nada de me abater, foco nas estratégias que esse perrengue todo com meu pai vai passar. Quem nunca passou por uma semana destas de entortar a franja?

A âncora da realidade está muito forte agora, mas, amanhã quando o planeta acordar, eu vou mostrar o que se faz com a sinceridade on-line. Se a aparição relâmpago da minha mãe hoje na gravação lacrou os *likes* do dia, amanhã preciso recuperar a minúscula repercussão negativa que pode vazar nas redes. Saltos importantes à vista, *baby*, e sem zoeira.

Não me importo de expor meus erros, e pensando bem, admito que posso ter feito um estraguinho na vida do pai, óbvio que fiquei super chateada, mas como eu ia imaginar que a reputação dele poderia estar em jogo, cara, que perverso! Minha psi-on-line sempre me diz que sou muito solícita e que vivo querendo agradar a todos, porque no fundo tenho medo de não ser aceita. Aí vem todo aquele papinho de que sou colecionadora de *likes* e que eu sempre discordo, porque não sinto que eu seja assim. Eu faço o canal porque eu curto e sim, sim, me sinto acompanhada, agora meu pai bem que podia ter colocado essa minha última aprontada na lista de bobagens feitas por adolescentes, no caso nem sou mais, mas pra ele eu sou e aí começa a lenga lenga de que minha filha não foi responsável, e aquele monte de apelos culposos que os adultos conseguem produzir, para pedir desculpas ao deputado papai de Tuio sem humor! Eu salvo a vida do *boy* e ele vem me pressionar na minha carreira! Zero chance de eu ficar calada, talvez o pai tenha razão, é melhor eu ir pra Madrid pra não fazer mais cagada por aqui. Pera, Chora Menos, você vem pra Espanha comigo? Vou dar o Tuinho de presente para vó, é só ela trocar de nome que tudo vai ficar bem, o pobre do cachorro nem teve tempo de se acostumar com o nome.

Meu pai não tem ideia do quanto me esforcei para ganhar o primeiro certificado do YouTube, conseguir mais de cem mil inscritos foi muito batalhado e, depois, manter os seguidores e chegar aos milhões mais ainda. Quando você tá acompanhada de muitos zeros no contador da plataforma, não tem como sair pela porta dos fundos sem dizer adeus. Vou gravar um vídeo só com minha voz e só vou aparecer no final com uma mala na mão e a coleira do Chora Menos na outra. Se a vó não quiser o Tuinho, sei que vai rolar briga de fãs para ficar com ele. Vou contar tudo como aconteceu desde o momento que encontrei o corpo no chão, minha ida no hospital e a certeza de que ele é o cara que me interessou e por isso fui à luta. Tá, desrespeitei a namorada dele, mas então ela que se garanta, em vez de mandar o sogro atingir meu pai. De repente, se o pai topar mando uma nota ao hospital também e, querem saber, acho que ir atrás do que se quer nunca foi ofensivo, nem escancarei tanto assim, penso. A gravação começou bem cedo e dormi quatro horas esta noite. Botei a Lourdes, cada vez mais ruiva, pra falar no final dando seu depoimento e vários closes do Tuinho brincando, o que resultou numa audiência incrível. A campanha #tuiome se espalhou nas redes e até meio dia já tinha explodido na plataforma. Uma galera, manooooo, um montão de meninas mandou recados se posicionando e curtindo a ideia de adotar cachorros e colocar nome de ex. Tive que fazer um apelo para não tatuarem nome de crushes, desaconselhei o imediatismo e sublinhei que as letras tatuadas durariam uma eternidade que a relação poderia não suportar. Tive

inúmeros feedbacks de mães enchendo meu saco porque eu estava sendo uma influenciadora inconsequente, mas os hashtags #tuiuome aumentavam espantosamente, motivo pelo qual atingiu as mães no Facebook. Assustador é o poder de influenciar. Apesar de ter escrito uma carta para mim mesma antes de gravar, com receio de esquecer alguma coisa e com medo de não ser tão espontânea quanto devia, decorei estatísticas de pessoas que tiveram depressão e pânico ao frear os sentimentos. Abandonar a mãe castradora que implantamos dentro de nossa consciência não é fácil. Quando fico atucanada, frases caóticas e de calibre altamente filosófico invadem meus pensamentos e me dá um desarranjo mental do tipo: nossa trajetória por esse mundo é curta demais para não sermos firmes com nossas vontades e, daí, já emendo noutra que descamba para umas sinapses psicológicas muito bregas, mas juro que me entendo e sigo pensando que nossos desejos, são apenas escravos de um sentido secreto de buscar a razão de existir, descobrindo quem somos e para o que servimos, e vou aumentando a quantidade sulfúrica-emocional até esgotar os ataques de existencialismos ridículos que me batem de vez em quando. Vixi, baixa a véia curandeira disfarçada de coach e tá feito o engodo e o escrutínio. Basta focar em algum conteúdo novo para retomar meu prumo e me tranquilizar. Transmitir minha angústia via conteúdo, cara ajuda muita gente. Liguei no concentra e consegui dar o tom sincerão que precisava e microfone ligado: falei que estava arrependida de ter envolvido uma pessoa desconhecida e que tinha feito isso sem pensar que fosse atingir a vida dele, afinal eu queria mesmo chamar a atenção do cara, bla bla bla, bem, tipo fiquei triste, porque detesto desapontar os outros, embarguei a voz na hora que mencionei que tinha afetado meu pai e que minha mãe estava arrasada e bla bla bla. Sinto que este foi um momento de ápice único no canal, ainda mais precedido da cena com a mala na mão. Meu, que treta! Tenho certeza de que minha popularidade só aumentou, foi como com a youtuber britânica Marina Joyce, que seus inscritos, no ano retrasado, suspeitaram que ela sofria abusos de seu namorado e era mantida em cativo, não podendo sair de casa, o movimento foi mundialmente comentado. Era mentira, mas ela ganhou um número considerável de inscritos.

Meu resultado foi mais tímido, mas as sementes que espalhei pelas terras da web, desviando um pouco da causa e atingindo as ditas mães reguladoras e excessivamente apegadas aos seus filhos foram bem germinadas. O apelo materno sempre funciona. Tive que puxar o vídeo para o lado bom do arrependimento e dar uma chamadinha básica nas mães. “Mães, desistam de criar seus filhos em gaiolas afetivas, vocês vão sofrer pelos filhos de um jeito, ou de outro, então, relaxem!” Sei que não sou mãe ainda, mas prometo

confiar nos passos dos meus futuros descendentes.

Resultado disso foi a invasão dos fãs no aeroporto no dia de embarque, Lourdinha que o diga.

CAPÍTULO 14

Faixas com #tuiome, presentes para o Chora Menos e camisetas com meu rosto foram o pouco que consegui ver antes da barreira que quatro policiais improvisaram no embarque. Meus pais sentiram de perto o que desencavei por esta vida que me deram. Convencer a mãe de não ir foi a parte mais complicada, porque ela chorava toda hora, estava convicta de que eu não deveria ir sozinha, foi só quando berrei que eu só iria se fosse com a Lourdinha, que ela recolheu o kit chantagem e se libertou de uma culpa dolorida que jamais entendi. Odeio ver os outros sofrendo por mim. Como é que pode uma mãe ser tão insegura, tá certo que eu sou meio ousada, mas véi também nunca dei motivo para ela surtar assim. Pra que me traumatizar? A vó, queridona de sempre, me tranquilizou explicando que a mãe morre de medo de me perder, ainda por conta, daquela vez que eu era criancinha e eles me perderam, mas o que que adianta me proteger sem calcular as arestas. Que culpa tenho eu se me perdi na praia, gente acontece! Não matei ninguém para ter que ser expulsa assim do Brasil. O que fiz teve algumas consequências graves, mas, cara, foi só um jeitinho de conquistar um crush, onde tá escrito que isto é ilegal? O corpo é meu e eu tatuo o que eu quiser e vou adotar quantos cachorros me aparecerem na frente e ponho o nome que me vier na cabeça. Tá cheio de Tuios por aí, foda-se!

Quer saber, embarquei feliz da vida, porque, me expor ao lado de meus errinhos e mostrar ao mundo que não ser feliz todos os 365 dias do ano é normal, e até rolou uma paz tão da boa. E quer que eu dê a real: não gostou do post, dá um like e vaza. Faz parte dar umas mancadas e, com talento, você consegue recuperar os cliques positivos, e sim, coletei mais inscritos no canal que certo que vão fazer esta viagem conosco. Brilha comigo e bora pra Espanha, galera!

A última semana foi de correria geral e o tempo que perdi agilizando o embarque do Chora Menos foi desesperador. Ele já tinha passaporte, mas convencer a companhia aérea de que ele iria comigo dentro do avião foi mais difícil. O chip de identificação foi barbada e o certificado de inspeção também, mas descolar o aval de cachorro de assistência emocional me tomou três dias.

– Passageiros do voo Ibéria 542, favor se dirigir ao portão de número seis. Daremos início ao embarque.

Praticamente fomos as últimas a entrar, porque estávamos de Business Plus. “Suas emoções voarão em outro nível” dizia o anúncio, um tantinho a mais de Euros e você terá poltronas mais amplas, conexão com a internet, estréias de filmes na sua tela, cozinha gourmet e bodega top plus. Xentes, tudo que eu preciso! Já tô amando esta ida pra lá. Lourdinha, então, que nunca pisou na Europa e muito menos viajou de business tava doidinha. Chora Menos descansava com a cabeça nas patas. Delícia de espumante, me sentia como uma adolescente sim, sim, que ao invés de ficar de castigo, ganha uma recompensa. Tô nem aí mais pro Tuio sequelado, ele que fique lá se recuperando. Um dia, ainda vai me agradecer porque viralizei ele nas redes.

Afrouxei as cordas da cintura da saia, declinei a poltrona, troquei a música da playlist e garanti a decolagem com golinhos de Cava, admirando as bolinhas que corriam apressadas em ebulição para a beira do cálice como se tivessem urgência de escapar de uma cachoeira ao contrário. Rumo a Barajas!

CAPÍTULO 15

Eu estava cheia de planos para Madrid, imaginando que depois da tia Pilar buscar a gente no aeroporto, iríamos fazer um tour pra Lourdinha conhecer a cidade, já fazendo fotos de revista e post sinceros no Insta. Insônia é uma amiga invisível que se deita comigo toda vez que vou para cama, nunca consegui dormir muito bem nos voos e, desta vez, não seria diferente. Estava excitada demais e o filme que comecei a assistir me roubou o sono. Pensava sem parar nos últimos dias, na cara da minha mãe no aeroporto, da voz da vovis no celular e do beijo apertado que o pai me deu. Acho que só apaguei lá pelas quatro da manhã, ao contrário da migs que capotou logo depois da janta.

Acordei um pouco confusa com a chacoalhada do voo e quando olhei para o lado encontrei a Lourdinha com olhos arregalados e mãos em gancho no assento do avião.

– Não é nada, turbulência é normal, quando a gente atravessa o oceano.

Falei para ela com minha voz preguiçosa.

Lourdinha, me disse que já fazia mais de vinte minutos que a porra do avião cruzava o oceano e sacudia assim.

– Já vai passar!

Falei abrindo a revista de bordo e mostrando para ela umas pulseiras que eu tinha pensado em comprar.

A próxima deslocada da aeronave foi algo tão horripilante quanto minha memória pode lembrar, da primeira curva no escuro que a Space Mountain deu, quando eu tinha uns seis anos. Larguei a revista e me concentrei nos barulhos do voo. Meu rastreamento mental não detectou nada de diferente, até o momento que, um ruído fino apareceu, vindo do lado esquerdo da janela. Chamei a aeromoça que veio com todo semblante treinado e profissional que ela tinha, me dizer que estava tudo bem e que esse barulho era da asa, que era normal, só uma turbulência, que eu ficasse sentada com a fivela do cinto apertada.

– Normal, porra nenhuma!

Falei pra Lourdinha que rezava com as mãos juntas em direção ao além, de onde ela falava com Deus. A próxima despencada foi algo tão surreal que comecei a gritar histérica pedindo para o piloto descer e estacionar a merda do avião, que estava caindo.

– A asa é lá atrás, porra, oh, moça, volta aqui!

Eu gritava histérica, chamando atenção de todos, junto com os latidos do meu cachorro. Acordei o resto do povo que dormia, gentes como vocês conseguem dormir?

Daí duas aeromoças vieram me trazer água e chá pedindo para eu ter paciência que só eram ventos.

– Ventos?! Isto é uma ventorréia, moça! Um tufão que descabela até meus pentelhos de dentro deste voo desgraçado que nossaaaa, quanto tempo falta de voo?

– Cinco horas e meia, mais ou menos. Logo, logo, estaremos pousando em Madrid.

– Moça, tem certeza de que tá tudo bem?

A resposta dela chegou, ao mesmo tempo, quando ela e sua amiguinha fardada de Ibéria tiveram que se segurar no compartimento acima, que abriu ejetando máscaras de oxigênio.

– Puta que pariu, mas que porra de vento é esse que não para?!

E o avião segue se deslocando na horizontal de um lado para o outro como se estivesse ensaboado, deslizando solto no universo e mais dois vácuos na vertical e vou morrer, agora tenho certeza e por isso que eu tenho que seguir meus instintos e devia ter ficado no Brasil, tudo culpa da neurótica da minha mãe que fica dando chilique, dá a mão aqui, Lourdinha, sua patinha também Chora menos, te amo meu bichinho, meu Deus, tô morrendo de medo, vômito, máscara, nunca mais ando de avião, essa geringonça, geringonça, não sei como meu pai fala, vai cair, minhas pernas balançam sozinhas, eu não consigo falar nada, por isso que eu gosto de ficar em casa com meu canal que não sacode, é muito mais seguro, agora a voz do comandante explica os tais ventos e promete estabilidade, reforça para ficarmos sentados com cintos de segurança, é um avião de papel sendo deslocado na mão de uma criança, adeus mãe, Chora Menos chora, mijo nas calcinhas, todos os passageiros gritam e caímos mais não sei quantos metros, tchau Tuio, vóvis desculpa aí qualquer coisa, não amo mais ninguém, psiuuuuu.

Quando acordei vi que Lourdinha segurava meu braço e a aeromoça me oferecia um chá, soube que estávamos livres dos ventos e a duas horas de Barajas.

– Amiga, você nos deu o maior susto. Desmaiou total. Tá tudo bem agora?

– Voltaremos de trem, navio e ônibus para o Brasil.

CAPÍTULO 16

Depois de pegar as bagagens foi tudo muito lento e seguro, o sorriso inocente de tia Pilar nos esperando me deu forças para recuperar os nervos retesados. Adoro ouvir ela falando espanhol com um vestígio do português nas esticadas das vogais e seu jeito meigo logo nos deixou à vontade, inclusive, quando contamos pra ela que só dormiríamos este fim de semana em sua casa e que depois iríamos para um hotel. Ela ficou espantada e repetia sem parar que não era nenhum transtorno nos hospedar, e que não se importava com meu cachorro, mas foi só depois de muita insistência que aceitou nossa decisão. Ficar na casa dela era perfeito, mas não teríamos a liberdade de chegar de madrugada e dormir até a uma da tarde, algo do tipo pós night até a siesta, e eu ainda teria que dar relatório para mãe todo santo dia pelo whats. Tia Pilar nasceu no Brasil e lá permaneceu até seus vinte e poucos anos quando se casou e veio morar aqui. Nunca esqueceu a língua portuguesa porque continua estudando.

Durante o trajeto de Barajas até a casa dela, fui narrando o pânico que tive no voo e qualquer mexida no carro me fazia lembrar do avião. O medo grudou em mim, ainda bem que eu teria uns bons dias até o próximo embarque para me libertar do pavor que foi a viagem. Respondi as perguntas clássicas de quem busca no aeroporto: como foi o Chora Menos no avião e como está a família no Brasil e se era a primeira vez que Lourdes vinha a Madrid e voltei a questão de como foi o voo porque eu ainda estava com paniquito de medo e, ao mesmo tempo, aliviada de estar viva em solo europeu. Minha alma olhava pela janela tentando adquirir um novo ar, apurando uma cidade marrom com seus madrilinhos andando na rua de sobretudos e mantas no pescoço indo trabalhar, descendo dos ônibus e dando a mão para as crianças, uma construção com tijolos vermelhos chamou minha atenção e penso em como todos nós, que deslocamos na vida, porque, ao mesmo tempo, somos nômades por natureza, construímos microcosmos de nossas emoções e origens no lar onde vivemos – foi o desarranjo filosófico da vez. Lembrei do meu amigo, Walter, que tem origem italiana e, volta e meia, pendura na sala alguma coisa da Toscana, Lenara decorou a casa com cores chinesas, um casal de ex-colegas da faculdade transportaram a Suécia pra super casa que compraram, lustres antigos, cristais e quadros de bisavós compõem a Estocolmo deles no Brasil, Lourdinha abaianou o apê e eu estranhamente misturo etnias, nunca tinha me dado conta, talvez a mãe tenha um pouco de razão quando diz que vivo entre mundos. Nãooooo vou usar o computador em todos

estes 10 dias e o celular vai ficar na mala. O pacto que fiz comigo mesma foi o de olhar o celular só à noite. Observei que o apartamento da Tia Pilar também tem isto. Os quadros aristocráticos e móveis espanhóis formam um ambiente de composição que resgata a soberania dos avós, uma espécie de museu simpático e acolhedor que recolhe regalos de família junto às duas poltronas vermelho carmim onde deixamos as bagagens. Cheiro de lar, cheiro de café passado, pão e afeto. Deixei Lourdes tomar banho primeiro porque, apesar de estar, louca para tirar o peso do avião e as calcinhas mijadas, queria conversar com a Tia e programar nosso fim de semana. Entre Gran Via, Touradas e mercados, Tia Pilar me fazia perguntas incríveis sobre o canal. Acabei prometendo uma entrevista pocket com ela para ir ao ar quando chegasse no Brasil. Daí tivemos a ideia de fazer um mini tour com Lourdinha para ela conhecer um pouco da capital espanhola e já poderia gravar Tia Pilar de guia, fiquei animada, ia ser divertido.

– Amanhã, que é domingo podemos ir no Rastro e hoje depois da siesta, se vocês quiserem, podemos dar uma volta pelos pontos turísticos, Palácio Real, Plaza de España, Plaza Mayor, Mercado San Miguel, Parque De El Retiro, Puerta del Sol e, à tarde vamos no bairro que você chama de “descolado”, Malasaña. Como va tu madre?

– Eita, tia, daquele jeito, atenta a qualquer movimento meu cada vez mais loira e kkk muito bem vestida, como você sabe. O pai trabalhando sem parar e a vóvis escrevendo um romance na tela.

– Tira! Tengo cómo leer esto en mi computadora?

– Claro.

– Como lo hago? No tengo instalado.

– Eu instalo para você. É uma plataforma que se escreve e se autopublica, eu baixo depois. Que delícia de café, posso pegar mais um pouquinho?

– Pero cómo noooo

– E preciso dar água para mi perro.

– Si, puebre chico, mira cómo te observa.

– Tia, me voy tomar un baño.

Foi durante a ducha quente e forte que senti a enjoada sensação de estômago embrulhado, cujo desconforto aprendi a interpretar como se fosse um termômetro marcando febre, algo não diagnosticado estava por vir, pensei que poderia ser vestígios do fuso horário, do clima pesado, do caso Tuio, do medo do avião e de ter que lidar com isso dentro de nove dias, nunca, porém, poderia imaginar que algo pior ainda estava por vir. Quanta previsibilidade e segurança viver no meu canal, se as pessoas soubessem que

zona de conforto VIP é interagir com o mundo de dentro de casa, dariam mais valor ao virtual. Tudo por causa da implicância da mãe de que eu estou viciada no mundo online. A falta de sorte com o caso Tuio, que envolveu meu pai, fez com que ele empacotasse todos as discordâncias deles comigo e me despachasse para cá. A resolução incontestável e definitiva para me tirar de São Paulo, me desorbitou. Deslocamentos deste porte me atrapalham, permanências me afligem, namoros com mais de quatro anos me enlouquecem, dividir a rotina com bofes me atolam de raivinhas, desde a tosse ao jeito do cara falar, sempre fui assim de enjoar deles, no começo me apaixono, amo transar com eles e depois, só muda o pau, eles não percebem, mas nessa altura da relação, já estou fora, o resto é só questão de tempo e oportunidade para arranjar uma desavença qualquer que vista a profunda repulsa que pego deles, uma espécie de enfermidade escondida na pele. Odeio o hermético, acho que minha mãe já me sufocou que chega e isso não se extrai com qualquer um. Já foram quatro, quantos mais serão, não sei, já é difícil lidar com os medos do novo e os ranços dos antigos boys que conquistei, por mais pertence que se tenha, a vida te empurra pro movimento, no meu caso específico ela me chuta lomba abaixo, o único jeito que consegui dominar isto foi com o uso da internet. Muito mais proativo, muito mais seguro. Entendo as meninas que preferem meninas, não compreendo com a mesma clareza meninos que gostam de dar para meninos, entre paus, buquetas, ataques terroristas, mães inseguras, hackers e depilações que desfilam seus humores nos youtubers da vida, escolho a idade média virtual, que é como gosto de chamar o presente. Viver sem meus dedinhos nervosos e onipresentes nos iPhones e iPads é inimaginável para mim, e, a partir de hoje, preciso teclar só à noite, assinei meu próprio contrato-socorro. Poderia prever a dificuldade da minha diluída abstinência enquanto explorávamos Madrid, mas que eu iria para o Marrocos dentro de uma semana, não.

CAPÍTULO 17

Nosso passeio city-tour foi adiado porque estávamos cansadas demais para fazer tudo numa tarde só. Como o dia estava bonito e frio, decidimos fazer um piquenique no El Retiro com as primas que estavam loucas para nos ver. Tia Pilar comprou um monte de coisas boas pra gente comer e a ideia, além de parecer relaxante, seria perfeita para fazer umas fotos lindas. Chora Menos foi junto e aproveitou demais atrás da bolinha e atendia a chamada de seu nome em espanhol, tanto quanto no Brasil. “Llorar Menos vieni”, e ele vinha feliz e totalmente ambientado. Até que a bolinha foi parar na perna de um chico muy hermoso, e logo em seguida, abocanhado pelo seu perro enorme. Briga feita. Mandeí a Lourdinha lá buscar a bola e o Chora Menos, porque saquei que ela tinha “olhado o chico”, um poquetito mais do que el normal. Assistimos a cena de longe, dei uma filmada, porque os gestos deles, tentando separar os cachorros era hilário e Chora Menos acuado dava ré com todo corpo tenso, foi muito engraçado. Impossível imaginar o que a Lourdinha dizia, mas ao invés de ir buscar meu cachorro, ela ficou por lá. Fiquei de longe sacando a cena, até que ela deu um grito pra eu ir até lá. Sim, sim, tive que ir conhecer o el bofe, já que eles ficaram horas conversando, ou seja quase todo piquenique. Dos 125 hectares do parque, conseguimos usar alguns metros quadrados em comum, que nos conectou para o resto da vida. Jardins, lagos, monumentos, mais de 15.000 árvores, optamos por um pinheiro bem podado ao lado de ciprestes e canteiros de flores, mas Chora Menos escolheu dividir a bolinha com o buldogue mais brabo que conheci. Meu o bicho era malhado de marrom com preto e uma cara fechada negra, que depois olhando no Google soubemos que é da raça Alano Espanhol. O cachorro dele se chamava Alvarito, e tem até uma conta no Instagram com mais de 3 mil seguidores, pode?! O dono do dog, guia turístico, professor de história num liceu perto dali e de origem marroquina. Alvarito, o bulldog dele, tinha sido comprado na feira em Marrakesh e, também, veio de avião para cá, assunto este que a Lourdinha teve muito a compartilhar. Aha! O original nome do cara? Álvaro! Álvaro, Álvaro, e Álvaro era só o que se ouvia no carro. Foi o que bastou para minha best marcar em cima do espanhol, ficando direto com ele no whats e eu de sobra desfazia a mala e andava de um lado para outro do quarto.

Meu medo de voar não melhorou nos dias seguintes, ao contrário, parecia piorar e eu só ficava imaginando como iria entrar no avião para voltar ao Brasil. Queria que alguém viesse me buscar, mamãe, Tuio, pai help, me manda um remédio que me apague,

que eu só acorde quando eu chegar em casa. Estou apavoradíssima desde o voo e não consigo comer nada direito. Durmo com um certo pavor e acordo enjoada, tentei amenizar com plasil e pantoprazol que trouxe no kit medicamentos, só que não melhorou. Se eu falar para mãe, ela vai ficar toda preocupada, e capaz de me aparecer por aqui e eu não queria envolver Tia Pilar, não me sentia à vontade, sabe como é. Lourdinha estava sabendo, mas só pensava no Álvaro. Me dei conta que estava ansiosa demais e entrei várias vezes no Google para pesquisar meus sintomas, consegui meditar um pouco com meu aplicativo e através de app Rehab-you fiz mentalmente o percurso do aeroporto, ao embarque, a decolagem, o voo, mas não me doutrinei, ao contrário. Num voo curto, um comprimido de ansiolítico me deixaria ok, talvez, mas o voo da vinda teve 6 horas de turbulência e minha aflição maior era não poder descer. Estar numa jaula movediça a milhares de metros de altura, me deixou em surto véi, me drenando toda confiança, que eu pensava ter. Apesar de estarmos super bem acompanhadas pelo novo guia-boy da Lourdinha, fazendo passeios muito show, me sentia tensa e cansada. Estava em contagem regressiva para voltar para São Paulo. Fiquei toda desregulada e não só voltei a postar várias fotos no Insta, como tuitava sem parar. Tia Pilar insistiu tanto que ficássemos com ela porque se sentia sozinha e resolvemos não ir para o hotel. Na quarta-feira, acordei chorando e tive que ligar pro pai que me aconselhou a ir em um médico de Madrid para tomar outro medicamento mais forte. Pela primeira vez, achei que a mãe estava centrada e deu a boa ideia de eu ficar mais dias por aqui, até me recuperar para o voo de volta ao Brasil. Essa sugestão super me acalmou. À tarde, foi de compras, girls day, e confesso que abocanhei as muitas saias longas que Madrid oferecia. Álvaro se revelou um cara muito legal e um guia nota dez, Chora Menos teve mais dois contatos com Álvaro, mas não ficaram amigos. Quando avisei que talvez precisasse ficar mais dias em Madrid, Lourdes gelou, mas Tia Pilar ficou muito contente. Eu achava que já era abuso ficar na casa dela com uma amiga e um cachorro e queria ir pro Airbnb, mas ela só faltou chorar. Acho que estava se divertindo com nossas aventuras e o apartamento era enorme com suítes independentes.

– Lailinha, vamos a la agencia de mi amiga, ella puede cambiar la fecha del vuelo para usted. Adelante menina.

– A gente tenta on-line primeiro

Respondi, um tanto desanimada.

– Eu tenho outra ideia.

Disse a Lourdinha, mexendo nos cachos do cabelo e com um dos fones de ouvidos pendurado na camiseta azul.

CAPÍTULO 18

Ouvir a voz da vó me dizendo: “Faisquinha, isso passa é normal ter medo, você não teve uma boa experiência, mas tudo vai dar certo. Eu também já peguei um voo assim quando estávamos perto de Casablanca e levei um tempo para melhorar”, me deixou tão feliz.

– Acontece, vóvis querida, que Faisquinha aqui não tá melhorando.

– Calma menina, ainda é muito recente. Olha vamos ajeitar tudo daqui do Brasil e você fica aí até se sentir segura. Aproveita e faz uns conteúdos para seu Canal, só não diz pra sua mãe, que eu falei isso.

Conversar com a vóvis me acalmou e melhorei bastante depois da consulta com o médico. Um cara jovem e atencioso que me fortaleceu a esperança, me recomendando continuar com o velho Pantoprazol e procurar curtir Madrid. Falar com a família no Brasil, fazer um shopping decente e ficar acolhida na casa da Tia me ajudou, mas quem deu para trás, foi a Lourdinha. No começo, não entendi por que ela ficou tão em choque quando ventilei a possibilidade de ficar mais uns dias na Espanha. Primeiro achei que fosse a questão da grana, mesmo sabendo que ela ganha bem, porque afinal trabalha comigo, mas depois entendi melhor qual era a questão. Meu discurso para convencê-la estava pronto e estaria disposta a emprestar uma quantia legal para ela, bancaria, sem problemas, todas refeições e programas, até porque sem gastar com hotel também estava econômico. Pelo amor de Deus, ela pre-ci-sa-va ficar comigo, porque, voltar para Brasil sozinha, só anestesiada por alguma equipe médica que, eu juro que ia fazer meu pai movimentar. Mas eu conheço a figura e pelas caras tinha alguma coisa que não estava legal. À noite, de luz apagada no quarto quando eu ia pegar no sono, ela falou:

– O Álvaro vai para o Marrocos semana que vem, eu queria ir com ele.

CAPÍTULO 19

Acendi o abajur, ficamos até às três da manhã conversando e fazendo planos para os próximos conteúdos. Eu estava gostando demais das ideias que estavam rolando, e meu, os dois últimos vídeos que fizemos em Madrid aumentou em 8% o número de inscritos o que foi muito massa. A qualidade das fotos da Lourdinha e meus posts compartilhando com a galera meu novo medo de voar criaram uma legião de fãs que se identificaram com a fobia aérea. Estava mega me sentindo amparada, mas no momento que Lourdinha falou que o Álvaro estava na última etapa de seu curso para ser guia turístico em Marrocos, eu afrouxei as pernas e as ideias. Naturalmente, ele tinha pilhado ela para ir junto, mesmo sendo um pouco tenso, porque afinal era uma espécie de teste. Ele acompanharia trinta pessoas por oito dias e mais dois no deserto. Ela estava super apaixonada por ele, o que era bem fácil de equacionar, porque filho de pai marroquino e mãe espanhola resultou numa mistura genética absolutamente perfeita. Ela, agora loira e branquela, se sentia atraída pela virilidade escura dele. Ele é, de fato, muito charmoso e, sobretudo, querido. Tinha qualidades árabes que no Brasil não se encaixavam. A oportunidade de viver um love desses no Marrocos é de tentação grau elevado. Mil e uma noites reduzidas a 10 noites com potência máxima, quem não vai? Comecei a invejar a sorte dela e as chances de tocar no exótico e imenso deserto do Saara. Me explicou que ela não teria que pagar nada só a passagem de ida e, num quase apelo, me perguntou se eu ficaria bem em Madrid, enquanto ela iria até a terra vizinha.

– Eu volto para Madrid em dez dias, juroooo, e a gente vai junto para o Brasil – me disse ela com as mãos se mexendo numa mescla de empolgação e promessa.

– Tranquilo, amiga.

(Menti)

Confesso que fui dormir chateada, porque contava com a parceria dela, mas, por outro lado, feliz porque seria uma viagem maravilhosa, de onde ela poderia trazer fotos lindas para gente propor um conteúdo inédito. Revigorar os conteúdos era minha prioridade, o tal detox da internet até agora tinha sido um fiasco, embora eu estivesse bem menos em contato com as redes sociais. Ganhar mais 10 dias na Europa me serenou o humor e estava adorando estar com a Tia, que é o oposto da mãe e tem calma para abraçar todas as decisões. De repente, me bateu uma vibe de intriga e fiquei cismada com a coincidência do boy da Lourdinha ser filho de marroquino e oportunizar a ida dela numa

excursão para lá e a vóvis ter largado que tinha passado pelo trauma de um voo com turbulência máxima, indo para onde? Marrocos! Nunca soube desta viagem dela, na hora não dei muita atenção mas, agora, deu uma ligada na engrenagem da vida, que de vez em quando, conecta dois pontos.

Passei o dia inteiro pensando na ida da Lourdinha para lá. Estava de boas e abalada ao mesmo tempo. Não queria dizer para ela não ir, mas também não queria ficar sem ela em Madrid. Pô, a gente tava super postando mil fotos no Insta e no Snap e fazendo uns vídeos bem massa para o canal, se ela saísse da Espanha eu certo de que ia perder o embalo. Bateu uma bad e não aguentei e fiz um Skype com vóvis que estava terminando o banho, pós aula de dança. Agora estava mais ocupada ainda, porque a gerontóloga-chefe lá, tinha convidado a vó para ser a monitora da nova modalidade do Spa-clínica: um serviço de creche para os idosos. Ela me narrou todas as ideias que tinha lançado para manter os velhinhos ocupados, acrescentando as atividades do lugar com sessões de ioga, sala de vídeo game, aulas de Escrita Criativa e mini excursões aos museus de São Paulo. “Minha Faísca, estou super animada com estas ideias e acho que vale tudo para a cabeça dos velhos (falava sempre como se ela não fosse velha) não deteriorar. Imagina que eles podem passar o dia, um turno ou até três estadas por semana, porque ainda estamos ajustando as atividades.” Senti que ela estava a mil, porque falava mais alto e rápido e ainda queria colocar aulas de inglês e Tai chi Chuan. Pensei que assim ela ia matar os velhos de tantas coisas para fazer, mas depois entendi que esta nova implementação, sob controle da minha vó, iria funcionar como uma creche mesmo, onde os idosos poderiam se entreter de segunda a sexta das 8 às 18hs, bom demais.

Deixei ela falar mais um tanto, até que se deu conta que não tinha perguntado nada para mim.

– Faísca, você está um pouco desanimada, tá tudo bem com você? Conta para sua avó.

– Tudo bem, vóvis, tá tudo certo.

– Quando você volta? Estou com saudades.

– Vou ficar mais uns 10 dias, como a mãe sugeriu, até me sentir mais firme para pegar o voo de volta.

– Você está um pouco tristonha, não é? O que que aconteceu agora?

– Aí, vóvis, é que a Lourdinha vai viajar para o Marrocos com o tal namorado novo que eu te mostrei no outro dia.

– E... Você está com ciúmes, Faísca?

– Nãoooo. Já faz tempo que a nossa história acabou. O problema é que eu não estava muito a fim de ficar sozinha aqui, só com a tia e...

– Por que você não vai junto pro Marrocos?

– De avião? Oiiiiiiiiiiiiii!

CAPÍTULO 20

Minha questão emocional da vez é o medo. Bem simples de explicar e bem difícil de resolver. Viver por detrás da tela é muito menos arriscado, já disse, eu sei. Minha vó não disse nada sobre meu desconforto estomacal e sobre o trauma que fiquei da turbulência constante no voo de vinda. Me apresentou uma solução que agora não tenho como esquecer. Quer saber, tô suave disso aí, não preciso forçar uma barra de voar mesmo agora que tipo fiquei iscada de conhecer a terra das Mil e uma Noites. Não me senti nada à vontade de comentar a ideia da vó com a Lourdinha porque achei que ela gostaria de ir sozinha com o novo *boy*, mas quando ele mostrou o roteiro da excursão, acho que entreguei no meu sorriso, a vontade de ir junto com eles.

Álvaro estava se saindo muito bem como guia e entendi que precisava vender o tour.

– Todavía tenemos dos vacantes, salimos en cinco días de aquí y dos horas de vuelo y estamos en Casablanca. Perfecto para usted entrenar el miedo.

Olhei para Tia Pilar que desconfiou do meu jeito pidão e do convite silencioso, apontando para o Chora Menos, como quem diz, quem fica com ele?

As cores do lugar exótico começaram a aparecer na minha mente, como num desenho que você vai preenchendo com lápis de cor, ou melhor com pincel digital, até tornar meu desejo de conhecer o Marrocos mais visível. Me conheço! Sou bem medrosa, mas também curto adrenalina. O problema instalou-se na minha cabeça, feito um novo App, bastaria dar o *start*. Porém, para começar, Chora Menos ficaria sozinho em Madrid e para terminar meu pânico de entrar em um avião estava altamente presente. A propósito, eu iria ficar mais dez dias na Espanha, justamente para suavizar meu medo de voar e aí, de repente, me invento um voo daqui uns dias. Jura meu!!! Sou muito surtada, tá ligado. Quem ganhou a maluca da vez foi Tia Pilar que saiu da sala com um ar de já volto e apareceu cinco minutos depois fantasiada de camelo. Foi de rachar o bico, como dizia vóvis. Mas onde que ela tirou essa roupa? Disney? A cara da Lourdinha olhando a tia foi digna de um post imediato.

Nisto, a Lourdinha sobe no banquinho xadrez de colocar os pés que fica em frente ao principal sofa da sala, e começa todo um discurso de amizade e tamujunto e o medo não pode dominar a gente e somos amigas desde sempre e que não ia me deixar assim e que a ideia insana de ir todos pra África era muito boa e vendo a cara da Tia Pilar vestida

de camelo, quase chorando pelas palavras carinhosa de uma Lourdes emocionada e desajeitada ainda em cima do banco, me reforçou a nítida sensação de que somos bemmm loucas com o que, uma ida para o Marrocos seria a coisa mais certa e maluca que a gente podia fazer. Álvaro ria de feliz. Olhei para o Chora Menos já com pena só de pensar que teria de deixar ele numa Pet Hotel com pessoas que ele nem conhecia numa língua estranha. E se eu desse PT na porta do avião?

Medinas, dunas de areia, conteúdo inacabado sobre os celulares e vício, camelos, Tuio, vó, tâmaras, youtubers, São Paulo, pai, árabes, Chora Menos, Marrakech, *every click we make a choice*, mamis, medo do desconhecido, Álvaro e Lourdinha, euros, milhares de pensamentos sobrepostos me retardaram o sono e amanheci com muitas dúvidas e uma fome assombrosa. Todos já tinham tomado café e me senti uma retardatária inconveniente. Achei um bilhete da tia Pilar avisando que tinha ido no mercado. Foi bem bom não ter que conversar com ninguém, porque teria que explicar minha decisão de não ir ao Marrocos. Abri o “clube de escritores online” e comecei a ler os últimos quatro capítulos que a vó tinha feito - estava ficando interessante a história. Um pouco triste, é verdade, mas interessante. A torrada com mel estava uma delícia e só deixei de dar a última mordida, quando li no texto que a personagem tinha medo de voar. Meu, será que vóvis tá me copiando? Alá que me regule!

CAPÍTULO 21

Quando Álvaro viu na minha ficha de embarque que meu nome era Laila com “i” me perguntou por que não era com “y”. Na hora respondi que não sabia e que meus pais tinham me registrado assim. Ele me disse que Layla, com “y”, em árabe, queria dizer escura como a noite.

Estávamos bastante animadas e as providências para a viagem tomaram todo nosso tempo. Minhas primas iriam cuidar do Chora Menos e dormiriam no apê da tia. Solução perfeita, o valor da excursão era razoável, porque estávamos muito perto do Marrocos. Segundo Álvaro e os sites que consultei, o dia a dia lá era barato para nós e quase todas as refeições estavam incluídas. Quando falei para eles que não iria por causa do medo do voo, tia Pilar já tinha ajustado tudo com meu pai e marcado uma consulta no psiquiatra da Paula, minha prima menor, para avaliar meu pânico e prescrever medicamentos para enfrentar o voo. A proximidade da viagem fez com que eu não tivesse muita oportunidade para pensar no percurso. Se eu não conseguisse entrar, eu voltaria para casa com a tia Pilar que se mostrava cada vez mais compreensiva. Quando falei com o pai sobre minha ida, ele ficou meio relutante. Disse que o Marrocos não era um país legal para eu conhecer, que as comidas lá são perigosas, que eu estava com dores no estômago e que eles são muito pobres e não sei mais que tanta bobagem falou. Quando expliquei para ele que seria o melhor exercício para ver como eu me sairia num voo maior, o de retorno ao Brasil, ele meio que ficou quieto. A mãe ligou duas horas depois, claro que deu um ataque, ameaçando de ir me buscar no dia seguinte se eu insistisse nessa ideia absurda de voar com esse trauma gigante. Que para o Marrocos eu NÃO iria e que eu fosse achar outro lugar, que fosse para um país da Europa e que ela me proibia de fazer essa viagem. Só rindo. Cada vez mais neurótica! Botei na conta da “doença” dela de ser sempre ultra protetora e não me abalei mais, porém juro que temi ver ela na manhã seguinte aqui em Madrid.

“A TERRA DO SOL POENTE”, reino mágico onde tudo acontece. Nunca pensei que o “tudo” pudesse englobar o que passaria por lá. Marrakech conhecida como “Cidade Vermelha” é também a cidade das mil e uma noites, um lugar mítico e místico. Com este título, eu já me sentia uma marroquina montada em um dromedário com panos na cabeça e produzindo muitos conteúdos para o canal. O Me Coça nunca teria viajado para tão longe.

A cada tanto eu relia no celular um pedaço do roteiro e cada vez mais me apaixonava pelo excursão.

DIA – 04/10 – Casablanca

Chegada e recepção pelo nosso guia Mr. Samir no aeroporto de Casablanca, a capital econômica de Marrocos. Traslado para o Hotel, no trajeto veremos a Mesquita Hassan II, a maior fora de Meca, andaremos pela via costeira à beira-mar. Tarde livre. Jantar e acomodação no Hotel.

Meu! Eu já estava muito pilhada para ir e o percurso do voo já não estava mais importando. Eu botei na cabeça que eu teria que ultrapassar esse medo de voar e agora que já tinha largado no canal que iria nesta viagem, não poderia mais desistir. Me sentia bonita, imprevisível e sísmica. Atestar meu fracasso de voar, não seria uma boa ideia, muito embora muitos e muitos fãs tivessem compartilhado do meu medo contando as aventuras deles e seus desesperos em voos com turbulência, eu sentia que, dar a volta por cima, seria uma maneira de dar coragem para eles também. Quando se tem muitos seguidores, tudo que você sente é compartilhado. Tamujuntos, me mandavam tags com emojis de amigos, fotos de avião, mensagens de incentivo e um monte de oração, que lindoooo.

DIA – 05/10 – Casablanca/Rabat/Chefchaouen (cidade azul)

Cidade Azul? Lindeza de dia cinco. Nada na minha imaginação superaria o que senti quando cheguei neste local. Eu ia despedaçando o roteiro e curtindo todo percurso como se pudesse prever as aventuras que viveria por lá. Nunca, mas nuncaaaaaa tente imaginar o Marrocos, ele é feito de muito mais.

CAPÍTULO 22

O ser humano precisa controlar tudo e não poderia ser diferente conosco. Pesquisamos o clima, o tipo de roupa, algumas palavras, costumes, comida, dinheiro, cultura e outros itens importantes para aproveitar a viagem da melhor maneira possível. Jura né!

Fizemos uma janta para Álvaro nos passar algumas dicas do tour e transmitimos alguns conteúdos sobre a cultura do Marrocos no canal, o que foi, repito e confesso, um pouco ingênuo pois, só indo até lá para se mensurar o que é “estar” no Morocco, como eles dizem. De qualquer modo, os três dias voaram, contornei o surto de mamis numa boa, o pai foi o que mais fez pressão para eu não ir, quer saber, achei bem esquisito meuuu, quase me proibiu, mas no fim largou de mão, e pasmem: Tuio me mandou um privado, dizendo que estava curtindo muito meu canal, é doido hein?! Vóvis, fofa, seguia agitando o *complex* de idosos a ponto de duplicar o movimento da creche em duas semanas. Igual a mim, profi no arrecadamento de gente kkkkk. O último capítulo que ela publicou falava sobre a inconstância do deserto, a personagem Amélia dizia para o amante russo: “não há um momento sequer em que o cenário do deserto não esteja se modificando” e ele escutava atento, como um menino prestes a adormecer. “Não é possível fincar bandeira em lugar nenhum, o vento do Saara movimenta os grãos, assim como a ginástica da vida, esculpe músculos no corpo ativo.” Confesso que me surpreendi com alguns trechos que ela postou e um comichão cognitivo começou a desencadear coceiras nas minhas indomáveis curiosidades. Outra vez tive a forte impressão que ela estava escrevendo alguma história paralela com minha vida. Acho que estou viajando mas putz, esse *feeling* meio que se aproxima de mim. Tá de brincadeira, vóvis?

Volta e meia ela insinua que o passado é um morto-vivo. A consistência desta frase nunca fez tanto volume na minha vida, principalmente quando despertei no Hospital Center University Hassan II Fes. Sempre me chamou de a netinha mimada, a queridinha protegida da família, a moreninha andarilha, os diminutivos carinhosos dela nunca fizeram tocar o sinal de alerta, até porque, que motivos eu teria para desconfiar de algo? Achava aquilo tão bobo, só a pouco linkei com o resto das pistas que a vida estava me atirando na cara, mas eu passava batido, tava muito mais preocupada em angariar seguidores do que investigar meu passado. Aliás, só pra constar: odeio passado.

O voo foi extremamente tranquilo, o que foi turbulento foi me despedir do Chora

Menos. Quem teve que chorar menos fui eu, porque a saudade antecipada dele me transtornou um pouco, ou será que foi a preocupação se ele iria comer bem, dormir, sentir minha falta, meu... quase que entendi o que minha mãe sente em relação a mim, mas foi “quase”. Todos os dias eu via fotos dele e da minha prima Tita mandava um relatório completo. A excursão era curta e, logo, estaria de volta, pra ele dormir esparramado nos meus pés.

Tomei os medicamentos para me acalmar e baixar a ansiedade de voar, e partimos, com um céu azul lindo. Cara nem sofri muito e o grupo estava animado fazendo plano para a tarde livre em Casablanca. A única instrução que Álvaro nos deu, ao desembarcar no aeroporto de Casablanca foi de ficarmos juntos e com olho vivo nas mochilas ou bolsas de mão, porque o aeroporto é lugar propício para tráfico de drogas. Tudo correu muito bem, nos instalamos no Hotel Kensi Basma, almoçamos por lá e fomos fazer um tour com Álvaro até Rabat, num carro alugado por ele. A organizada capital de Marrocos ganhou o apelido de cidade-verde porque tem mais de 200 hectares de espaços verdes e foi declarada Patrimônio da Humanidade pela Unesco, segundo me disse um aplicado Álvaro, que explicava algumas coisas entre beijos na Lourdinha. Ela filmava tudo e fotografava ao mesmo tempo, tia Pilar anotava a parte histórica e sorria muito, acho que nunca pensou que aproveitaria tanto um país tão próximo e distinto. A cidade foi fundada em 1150, para minha total surpresa ainda estava super bem preservada. A mãe tocou tanto o terror de que o Marrocos é um país perigoso, cheio de muçulmanos, que confesso, cheguei meio apavorada, mas bastaram os primeiros instantes em solo marroquino para me sentir totalmente em casa, Rabat é super civilizado e elegante.

Nosso grupo ainda não estava completo, tinha outros sete participantes, todos europeus, três casais de Portugal, e duas mulheres também de Madrid. Eu estava amando a viagem e não via a hora de andar de camelo no Saara. A excursão dava a opção de escolher como chegar nas tendas de luxo, ou se ia de 4X4, ou camelos, os camelos levavam de 45 minutos a 1 hora. Nós todos escolhemos ir de camelos até as tendas onde iríamos passar duas noites no meio do deserto. Mano, era tanta novidade que eu já nem lembrava das chatices de São Paulo, a chegada foi tão intensa que não saímos na noite, jantamos e ficamos no hotel. Custei muito para dormir, porque o excitação tomou conta da minha cabeça, estava agitada e tia Pilar, que dividia quarto comigo notou, porém ficou quieta e não falou nada, uma fofa. Amanhã seria o dia da cidade azul e comecei a pensar que cada lugar aqui tem uma cor. Que cor seria o deserto? Amarelo, por supuesto. A tia me perguntou como seria a cara do nosso guia local, dei um Google e vimos que o cara

era o *boss* de todas as agências top de lá e de onde Álvaro logo seria empregado, se passasse na última etapa de avaliação. Na mini bio dele, dizia que ele é do povo berbere, um dos povos mais antigos do continente africano. Álvaro disse que ele só se juntaria a nós em Fez, antes de ir para o deserto, e que o cara tinha um conhecimento profundo da história do Marrocos - sorte a nossa. Por fim apaguei com um terço de remedinho e cheguei a sonhar que vestia uma túnica longa azul forte típica da sua tribo, ele por sua vez estava amarrando camelos e abrindo espaço entre as infindáveis dunas.

CAPÍTULO 23

A língua do povo berbere é uma das mais difíceis de seguir. É apelidada de Tamazight e inclui 25 línguas diferentes e mais de 300 dialetos, cerca de um terço da população marroquina fala berbere. Foi só o que escrevi no Twitter, hoje cedo. Tudo me fascina nesta terra que recém pisei. Sla, eu me sentia tão leve, tão solta na vida, eu nunca tinha experimentado uma leveza destas, só quando bebia muito. Fora os atraentes estímulos que uma viagem exótica sempre traz, me sentia uma cliente feliz quando ganha um brinde além da compra. Tudo era extra, ultra, over, e eu queria ver as mulheres locais, olhar nos olhos das marroquinas, pintar meus olhos de escuro, tocar nos cabelos sedosos, sentir o fedor dos camelos, mexer na areia, ouvir eles falando estas línguas tão irreconhecíveis para nós, comprar panos, filmar as tamareiras e beber chá de menta sem parar.

Quando chegamos a Chefchaouen já era noite escura. Estávamos em um ônibus grande e lotado porque mais vinte pessoas se juntaram ao nosso grupo. O ônibus estacionou com dificuldade arranjando um espaço entre outro ônibus de turismo e um pequeno caminhão. Álvaro assumiu o controle e explicou no microfone em espanhol e depois em inglês que as ruas são muito estreitas e que não sobe carro, portanto teríamos que seguir a pé e cada um seria responsável por sua bagagem. Começou a roubada, pensei olhando para a tia Pilar, que tinha trazido uma mala cheia de roupas, mesmo Álvaro tendo dito para ela que não deveria.

– *Rif mountains, the blue city, founded in 1471 by Jews and Moors fleeing Spain...*

Álvaro parecia talhado para ser guia e demonstrou domínio incrível, tudo registrado pelas lentes de Lourdinha que, cada vez mais, se apaixonava por ele. Ninguém sabe ao certo porque a cidade é azul, alguns dizem que foram os judeus que pintaram de azul, outros dizem que foi pintada para afastar os mosquitos e outros dizem que foi só para representar as cores do mar. Está lançado o desafio. Quem criar a versão mais original, para justificar a cor dessa cidade, vai ganhar uma janta especial do grupo, acrescentou o Álvaro.

– Agora vamos descer do ônibus e podem me seguir. Quem precisar de ajuda com a bagagem pode pedir ajuda para estes dois caras que estão ali do lado de fora. Algumas moedas já os deixam feliz. *Let's go.*

O mesmo guia que passou as instruções, carregou a mala da tia Pilar declarando

que tinha adotado nossa pequena família.

Verdade seja dita, não se via nada nas ruelas e os tons azuis estavam escondidos pela fraca iluminação. O Hotel Parador Chefchauen, o “Hotel Xaxaxem”, como dizia tia Pilar, estava bem longe da entrada da cidade e pelo caminho com pedregulhos que andávamos, presumi que o hotel era meia boca. Situada no norte do Marrocos, rodeada de montanhas altas, a tal “Xaxaxem” não teria muito como disponibilizar um hotel 5 estrelas. Ledo engano, diria meu pai. Sim sim, as acomodações eram bem refinadas para um prédio no meio de vales, do tipo esquecidos pela humanidade. Duas noites azuis, #nunca esquecerei.

Amanhecemos com o telefone tocando, o despertar do hotel, conforme combinado, nos tiraria da cama cedo. O café da manhã foi bem marroquino e muito igual ao do outro hotel. Uma neblina forte escondia as montanhas, mas já se conseguia ver a cidade pintada de azul. Li que a cidade foi construída para ser uma espécie de fortaleza do século 15 e que, de uma maneira respeitosa e seguindo a tradição judaica, as pinturas ainda são feitas pela população local, como uma forma de lembrar que Deus e o céu estão acima de qualquer coisa.

Álvaro juntou o grupo e avisou que teríamos uma mudança de roteiro, porque amanhã iria chover muito, então, ao invés de dormir mais uma noite, substituiriam por outro passeio. Alguns gostaram, outros, como sempre, reclamaram. Vamos aproveitar o dia hoje aqui. O sol logo vai se impor e faremos um passeio guiado a pé, vamos todos parar em um café na Praça Uta para fazer um lanche e depois, quem quiser, retorna para o Hotel ou pode ficar lá pelo centrinho. A tarde é livre e vocês podem desfrutar da beleza e dos artesanatos locais. Quem quiser comprar bolsas de couro pode deixar para comprar depois, porque vamos conhecer muitos lugares que trabalham com couro. Amanhã seguiremos para Volubilis, ruínas romanas, Meknes herança do século 17, almoço... mas eu já não escutava mais nada, porque estava usando o wi-fi do hotel que resolveu me conectar lindamente. Estava seca por uma boa conexão e, enquanto o povo ouvia as instruções, eu xeretava nas redes sociais.

CAPÍTULO 24

Amei a cidade índigo. Até hoje penso nela, são minhas memórias emocionais que me levam de volta para a calma e a tranquilidade transmitida pelo azul de sua medina, um labirinto de infinitas ruelas lúdicas e irresponsáveis.

À tarde, gravamos um vídeo para colocar no canal. No começo, Álvaro aparecia vestido com a famosa *djellaba*, uma espécie de roupa de lã, com capuz que cobre o corpo inteiro dos nativos. Explicando que Chefchaouen vem do berbere e que significa “olhe os chifres”, tem esse nome porque está localizada na região das montanhas Rif, entre os picos Tisouka e Megou, que se erguem sobre a cidade com o formato de dois chifres. Lourdinha aparecia atrás dele, pouco exagerada, kkkkk com uma túnica vermelho-cáqui e um turbante azul escuro, com os dedos em forma de guampa, atrás da cabeça do *boy*. Tia Pilar, sentada ao lado de um ancião de sei lá quantas rugas que mais parecia uma tartaruguinha, estava linda com óculos de sol, sentada na frente de uma porta em arco de ferro com detalhes entalhados a mão na madeira em azul. Quando Lourdinha deu um zoom no rosto do senhor marroquino, vi a boca enrugada em forma de cágado, e pensei como é impressionante ver o rosto se deformando junto com o tempo, são os anos de vida que aprofundam os olhos, aumentam o nariz e fazem o lábio superior da boca imitar uma tartaruguinha. Via isto em alguns idosos no residencial da vó e pensei, com saudades, que ela teria gostado muito de fazer esta viagem junto com a gente. Tia Pilar, um pouco nervosa, porque nunca tinha gravado, olhava fixa para a câmera e contava em espanhol que “Xaxaxem” é considerada sagrada e que é um famoso local de peregrinação, onde estão enterrados antigos profetas locais. Nesta hora, combinamos dela apontar para o senhorzinho do lado, mas ela ficou com vergonha e não fez o gesto combinado. Foi aí que Lourdinha deu um zoom e eu avistei a morte o espreitando de perto.

Eu ainda não tinha encontrado minha túnica porque estava mais focada nas bolsas de couro coloridas. Comprei duas e uma mochila. Um paraíso de artesanato, que em dirham, moeda oficial, me tentava, enlouquecidamente, a comprar, tecidos tingidos de cores lindas e não sei quantos mil potinhos de cerâmicas feitos de mosaico. Dos 200 euros que eu tinha trocado em Casablanca, só me restavam 50.

Depois que largamos a filmagem na rede, a resposta dos fãs foi imediata, inundando de *likes* e comentários nos Instas. Postei no Face também, porque a mãe e a avó iam curtir e tudo estava indo bem até eu ver a mensagem da *crazy* da minha mãe

avisando que iria nos encontrar em Fez. Tá bem surtada essa mulher, hein! A necessidade, quase doentia, dela estar sempre grudada comigo estava se tornando um problemão na minha vida, meuuu, a mulher não deixa eu respirar! O Skype veio para suprir a ausência, mas ela parecia resoluto em aparecer por aqui, foi só quando ameacei o pai de que se ela viesse até aqui, eu me mudaria de São Paulo para o Rio de Janeiro, que ela abortou a ideia. A louca já estava até de passagem emitida, que se ferre, ela que lute para trocar a passagem, quem mandou comprar? Perdi um tempão na noite falando com ela e jurannnnndo que eu tava super bem, que voltaria com ela para cá, prometi ir para França também e que iria para Suíça com ela, e fui prometendo, e enrolando e depois de mais de meia hora de papo, arrematei com juras de nunca mais voltar aqui, sei lá que porra era essa (claro que vou voltar véi) mas né, dei todo tipo de suporte psicológico pra que ela desistisse de embarcar pra cá. Depois de enumerar alguns pontos “negativos” do Marrocos para ela não vir - ela cansou e acho que desistiu. Mãe aqui não tem shopping, eeeeeeeeeeeeeeee é tudo com areia, estradinhas, sujo, uma mentirada do caramba, e ela vendo pelo canal as lindezas que eu postava kkkkk.

Mamis, a cidade azul é a capital do haxixe!

CAPÍTULO 25

O zum zum dos tumultos pelos becos divertidos, no dia anterior, e os chás de menta me devolveram o prumo do astral marroquino. Não pense que eu me esqueci desta insistência desesperada dela de boicotar a viagem para o Marrocos. Não era ela que queria tanto que eu me liberasse da internet? Por que, quando eu estava em Madrid, ela só falou uma vez em ir até lá? Quando eu chegar no Brasil, ela não me escapa.

Olha essa ampulheta, meeeeeeu, que coisa mais lindaaaaaa, precisooooo dela, é musa. Vai ficar linda na sala. Pena que é tão grande para carregar, mas eu vou ter que levar. Ontem, eu já tinha ficado de olho numa parecida, mas todos me convenceram de que eu iria encontrar outras mais bonitas e menores. Não obedeci. Voltamos ao café e comprei a ampulheta de madeira e ferro com a areia laranja. Minha coleção de ampulhetas não seria completa sem ela. Estes objetos de medir o tempo me fascinam. Por muitos séculos, a humanidade guiou-se pela sombra de um objeto projetada pelo sol, depois vieram as clepsidras, ampulhetas com líquido dentro, e agora me deparo com uma ampulheta musa, marroquinamente linda, com duas âmbulas transparentes de um azul bem clarinho, que me faz pensar em céu e que me deixa intrigada ao representar a transitoriedade da vida. Sou breve, pensei. Nunca uma frase clichê, tão curta, faria um sentido tão longo.

Minha despedida da cidade azul foi mais um “até breve”, porque quero voltar muitas vezes, com muitas amigas, com Tuio e com a mãe, se ela se comportar. Inshallah! Após descansamos em torno das enormes muralhas históricas da medina, vimos o famoso portão Bab El Mansour e visitamos o santuário Moulay Ismail, a mesquita onde está sepultado o sultão, até porque é um dos raros monumentos religiosos marroquinos cuja entrada é permitida a não muçulmanos. Álvaro explicou que íamos ver, entre a decoração, quatro relógios “*comtoises*” presentes de Luís XIV ao sultão. O rei francês pretendia, com este presentinho, obter o perdão da Mulai Ismail por se recusar a dar a mão de uma de suas filhas ao soberano marroquino. O tempo sempre batendo na porta para nos dizer que temos que ir. E fomos de Mekne para Fez, a cidade mais antiga de Marrocos. Dentro de mim, uma sensação estranha também sacolejava o tempo, um pensamento de ilusória certeza de me ser, o estranhamento feito comida indefinida, algo que estava me deixando mais inquieta do que de costume, devia ser a proximidade com o deserto.

CAPÍTULO 26

A visita começou pelo portão do palácio Real, sede judaica do século 16, o primeiro Mellah (Bairro de judeus) construído em Marrocos. Quem disse isso foi o guia local, o tal Zayn Hovil, que tanto imaginei de túnica e turbante marroquino. Mas ele apareceu, falando no microfone do ônibus, de jeans Diesel e camisa branca.

Nos passeios a pé, ele e Álvaro iam sempre na frente do grupo. Quando as ruas estreitas se bifurcavam e eram aproximadamente 9.000 ruelas com becos idênticos bem fáceis de se perder, um foi na frente do grupo e o outro atrás, formando um trem de um único vagão. Passamos na frente da Universidade Al Qaraouine, a mais antiga da região, e meus olhos foram turistando por cada centímetro ocupado nas lojinhas e casas que se amontoavam em cores, cheiros e produtos. Uma confusão de comércio, pessoas, curtumes e memórias. Estranhas memórias de alguma coisa que não vi, não vivi.

– *Are you enjoying here?*

Nossa, meuuuuu, mas levei um susto e me agarrei na mochila. Calma menina, eu me disse em silêncio, é só o guia local falando com você Laila, responde sua anta.

– *Oh! Yes. I love here.*

Aí ele apontou para uma das mil túnicas que estavam penduradas na lojinha e disse.

– *Beautiful for you.*

– *The white?*

– *No, the red.*

– *Do you think I can buy for a good price?*

– *Not now. We follow the group. After, we come back here and I negotiate for you and your friends.*

Levantou a voz e disse para o dono da lojinha em árabe para ele separar a túnica branca. Mas não era a vermelha? Mas, meuuuu, como que ele vai saber voltar aqui, são trilhões de lojas iguaizinhas e becos malucos, vai ver ele ganha comissão.

Nisso, a Lourdinha que filmava de longe com o celular, apareceu no meio das batatas com um sorriso tão especial que falei pra ela escolher uma também. Seria meu presente para ela.

– *The blue, for my friend too.*

Tasquei orgulhosa o meu inglês.

– *Let's go. Curtume de couro agora. O mais antigo do mundo – disse Zayn.*

Meu, mas o guia é multilíngue, e fala português com sotaque de carioca kkkkkkkkkkkkkkk. Certo que a gente vai precisar dele no próximo vídeo do canal.

– *You look moroccan!* – disse ele, olhando para mim com aqueles olhos pretíssimos e eu olhei pra Lourdinha, que olhou pra tia e, feito *strike*, olhamos para o Álvaro, que estava distribuindo raminhos de hortelã.

CAPÍTULO 27

O cheiro do curtume é mais fraco do que os esgotos paulistanos e menos forte do que alguns camelos, a folha de hortelã que os guias distribuíram, que achei que fosse frescura para impactar turistas, serviu para não vomitar. A beleza das cores, no processo de curtir couros, é inesquecível, uma colméia gigante a céu aberto, com tons de aquarela infantil. Os tratamentos e pinturas são todos feitos manualmente, tal como manda a tradição. É trabalho pesado, já que os trabalhadores passam muitas horas seguidas dentro dos tanques. Impossível não registrar eles tingindo couro, lãs, peles. Filmei um pouco para a Lourdinha dar uma relaxada, porque tudo era intenso e a gente não conseguia não bater fotos ou filmar. Gratidão por estar aqui na cidade imperial com a parceria tão boa da tia e da Lourdinha. Álvaro nesta etapa da viagem estava mais colado no guia *boss*, então nos distanciamos um pouco. Pensei no Chora Menos que, na verdade, deve estar mega guloso comendo tudo que não pode. Uns dias a mais e a gente vai se encontrar, com lambidas saudosas e amassos caninos, preciso comprar um presente para ele aqui. Tô impressionada com o poder de encantamento de um país tão pequenino. Uma variedade de lugares naturais tão grande, no Norte da África, com montanhas, mar, cidades, vilas, vales, ladrilhos, óleo de argan, sabedoria, dunas, beleza, espiritualidade, riqueza interior, laranjas, vermelhos, sangues – foi fácil me apaixonar pelo Marrocos.

As notícias do Brasil pareciam cada vez menos importantes para mim. Estava tão imersa na viagem que nem me conectava mais durante o dia. A mãe estava mais calma, o pai trabalhando muito, como sempre, e a vó seguia escrevendo na plataforma e organizando a creche com multi-atividades, a última foi colocar um salão de beleza terceirizado no Spa. Me sentia menos ansiosa com a desconexão e o canal se alimentava praticamente sozinho com fotos e memes que fazíamos, quase todas as noites, quando a gente chegava nos hotéis. Lourdinha estava cada vez mais grudada no Álvaro, que já tinha prometido ir passar as férias em São Paulo.

No final do dia, voltamos a loja e comprei as duas túnicas que tinha escolhido e seis *babouchas* para levar de presente. Zayn sabia de cor as ruelas daquele mercado-labirinto confuso e similar. Nos levou, junto com o grande grupo, a uma parte do mercado que parecia menos apertada e, quando falo apertada, digo do tamanho de um corredor de ônibus. Zayn juntou mais uma vez todo o grupo e explicou que metade do grupo iria com Álvaro e a outra metade com ele. Teríamos quatro horas livres para aproveitar as compras e tomar o chá de menta. Se alguém se perdesse, podia ir para o ônibus que estava na

entrada, no portão do Palácio Real. Não se preocupem com roubo porque as medinas são muito seguras, tem muita polícia secreta espalhada pelas ruelas, mas sempre é bom ficar atento com celulares, carteiras e máquinas fotográficas. Seguimos com Zayn que caminhava rápido e desviava de todos; e nós o seguíamos, super atentos, entre sujeira, cheiro de mijo, homens com dentes deformados, mulheres com sorrisos amarelos e olhares envelhecidos. Outras mulheres mais jovens passavam sacudindo pulseiras coloridas, eram mulheres lindas e bem cuidadas, que também contrastavam com marroquinos magros. Um verdadeiro corredor humano com odor e misturas. Compramos mais um monte de coisas, inclusive uma mala extra, e eu falava da minha mãe! Achei umas quatro saias longas absolutamente divinas, como não adquirir? Meuuuuu, não tenho maturidade para ver esse monte de panos lindos e não comprar. Depois de um tempo, o amontoado de pessoas que se mexiam e falavam vários idiomas nos deu um cansaço e uma fome não prevista. Zayn nos conduziu a um lugar impressionante. Ainda bem que eu estava filmando, porque manoo, foi sinistro, no meio daquelas lojas amontoadas, de repente, entramos por uma porta baixa com inscrições douradas em árabe e, como a passagem do Harry Potter no metrô, nos colocou num restaurante chique e aparentemente secreto.

Pratos sofisticados e deliciosos em um ambiente reservado, foi como se tivéssemos passado para um outro portal. Aprendi que para os árabes o externo não importa. Casas e mulheres não devem mostrar sua beleza, para não despertar inveja, guardando a riqueza dentro de si. Nem os pacotes de presentes possuem embalagens que ostentam, a maioria é embrulhada em jornal, justamente para não exibir, para não mostrar a jóia, o ouro, o objeto, o que quer que seja que provoque inveja e luxo excessivo. Quando eu estava perto do ônibus, uma marroquina me abordou insistindo para eu dar a mão para ela, achei que fosse um tipo de cigana que queria ler as linhas da minha mão e, quando resisti e tirei a mão, ela puxou outra vez e começou a fazer uma tatuagem de *henna*, com símbolos redondos e formas triangulares, com uns traços delicados e numa velocidade absurda, me disse em inglês que duraria quatro dias. Dei uns dirham para ela e entrei no ônibus, encontrando o resto do grupo, também lotado de sacolas e badulaques.

CAPÍTULO 28

Outra vez demorei para pegar no sono. As imagens do dia se atiravam na minha cabeça, anéis, carne, túnicas, tagines, bolsas, cobre, burros, azulejos coloridos, imundices, luminárias, pátios internos, falas, universidade islâmica, latão, souks, labirintos, azeitonas, medo, cavalos, o mosaico de memórias do dia e uma sensação estranha de familiaridade com Fez. Ter de reorganizar as malas e ajeitar as compras foi um pouco trabalhoso. Estava excitada demais e não queria tomar outra pílula para dormir, mas não consegui pegar no sono. Fodeu.

Combinamos de amanhã usar as túnicas que compramos, hoje, para entrar no clima do deserto. Separei o tênis e a bata longa. Depois que saí do banho, encontrei tia Pilar dormindo toda torta, em cima da cama, de roupa e óculos. Dei uma olhada nas redes sociais e, antes de apagar o abajur, li os últimos capítulos que a vóvis tinha escrito. Voltei com mais convicção, de que sim, sim, ela estava escrevendo sobre as coisas que estavam acontecendo conosco na viagem, quase em tempo real, talvez estivesse olhando as fotos e criando uma história de acordo com sua imaginação, ou a tia Pilar andava contando para ela tudo que estávamos fazendo por aqui. A protagonista estava se apaixonando pelo guia, usava os cabelos longos presos, como os meus, e tinha visitado a Medina de Fez, a única diferença foi que a personagem tinha se perdido lá no meio daquelas ruelas empoeiradas. Achei engraçado, mas a gente acaba que esquece de reparar os detalhes. Estamos sempre correndo atrás das tarefas e não paramos para observar as pistas que a vida nos dá.

Por hoje, preciso dar um corre até a recepção para ligar para mãe, porque não quero acordar tia Pilar e a conexão dos quartos nem sempre é boa. Amanhã teremos que acordar mais cedo, porque teremos um longo percurso através das Ziz Gorges, esculpidas em rocha vulcânica. Certo que não teria wi-fi no deserto por uns dois dias, e, antes que a mãe pirasse, resolvi telefonar. Foi bem legal de falar com eles, porque senti que ficaram mais tranquilos ouvindo de mim que eu estava amando a viagem. Deu saudades da mãe e do pai também.

Acordei com todos sensores a postos. O grupo já estava se preparando no lounge para colocar as malas no bagageiro, como de praxe. Quase todos estavam vestidos de marroquinos, menos os guias que continuavam de jeans. Escolhi meu *kaftan* verde e Loudinha estava com um turbante azul e amarelo no cabelo. Álvaro entrou no ônibus com a bandeira do Brasil, foi o que deu para todos sofrerem de um biculturalismo desenfreado. Começamos a cantar músicas brasileiras, parecendo uma excursão de colégio. As outras

nacionalidades seriam homenageadas nos outros dias, pensei. Os acampamentos em tendas de luxo no deserto estavam chegando perto de nós, e foi por um triz que nós não chegamos até eles. Imaginem uma estrada, onde cabiam só dois carros, em penhascos com neblina, um carro, em velocidade desaconselhável, para as Cordilheiras do Atlas e um ônibus, de “brasileiros” esfuziantes, a uma altura de quase 3.500m. Foi aquele instante que o suspiro veio em coro, só eu gritei “PUTAQUEOPARIUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUUU”, Deus foi mais rápido e segurou a mão do motorista. Me deu um ataque de nervos, o Álvaro teve que sentar do meu lado e me acalmar. Tia Pilar tinha me dito, ontem, que o Zayn ficava toda hora me olhando, se ele teve alguma intenção de ficar comigo, perdeu o tesão. Putz, mas será que de tanto em tanto, eu vou escapar da morte? Ou é só uma brincadeira de adrenalina, nas dramáticas Montanhas do Atlas? Testes dos santos desamparados? Senhor, que porra é essa? Quero minha *digital life* de volta, meu cachorro, meu Tuio, meus fãs virtuais. Todos tentaram me acalmar dizendo que o cume mais elevado já tinha passado e que, logo, estaríamos em um campo de Berber no meio do Erg Chebbi Triste, as mais altas dunas de areia do Norte da África. Tudo é alto neste lugar, meu! Olha lá aquelas silhuetas pontiagudas, é muita montanha pro meu gosto. Me falaram que na volta a gente ia ver neve, sério? O que me tirou da bad foi o Zayn que, assim que o Álvaro saiu do meu lado, veio conversar comigo. Foi a primeira vez que reparei nele com mais tempo porque eu meio que tinha tirado ele para pateto, sei lá, tinha um jeito meio molenga, apatetadinho, sabe? Tinha uns olhos bem interessantes, isso eu já tinha sacado, olhos que, naquele momento, me tranquilizaram feito mirada de mãe, dois grãos de feijão a me espiar, à voz baixa e lenta, me contou num português quase perfeito que o povo Berbere é que domina a região e só saem das montanhas quando o tempo está bom para buscar suprimentos.

– Vamos conhecer uma família na volta e aí você vai experimentar o verdadeiro chá de menta e a hospitalidade desses nativos.

– Você é um Berbere?

– Sim, nasci aqui perto, mas desde meus treze anos que moro em Marrakech.

Depois morei na Espanha. E você Laila, só morou no Brasil?

– É.

– O que você estudou? No que você trabalha?

– Estudei um pouco de nutrição e um pouco de odontologia, mas sou youtuber.

– Como se chama o canal?

– Me coça.

Eu mesma achei estranho o que escutei de mim.

Ele achou graça e mudou de assunto, como se isso não tivesse importância e me perguntou que músicas eu tinha na minha playlist. Me mostrou, no seu iPhone, fotos lindas do Rio de Janeiro, de quando estive lá. Ele na praia do Leblon, corpicicho bemmmm do sarado, ele mergulhando nas águas de Búzios, ele com um amigo no Corcovado, ele mimetizado de carioca com a camisa da seleção brasileira de futebol. O pateto tinha mandado bem no Brasil.

– Hoje à noite você vai dançar comigo.

Não respondi, até porque fiquei na dúvida se era uma pergunta ou uma afirmação. Me fiz de louca, mais louca. Ataquei com outra pergunta para disfarçar.

– É verdade que neva no Marrocos?

– Claro. Temos centros de esqui em parte do território das Montanhas Atlas.

– Eu não quero voltar de ônibus por essas estradinhas, meu!

– Não voltamos por aqui. O que aconteceu é bastante comum porque temos pouco espaço, mas você *got really scared*.

– *Really scared!!! I almost died.*

– Se você fosse minha namorada, aprenderia a força das mulheres marroquinas.

Shukran – disse baixinho e com os olhos grudados em mim.

Se levantou mexendo de leve nos meus cabelos e foi sentar no primeiro banco junto com Álvaro. Tia Pilar ficou só sacando. Certo que ela estava dando os relatórios para vóvis, que transformava tudo em ficção. O que nunca soube, foi como vóvis conseguiu esconder tão bem minha verdadeira identidade por tantos anos e porque, agora, estava escancarando este “segredo” no Wattpad, a tal plataforma que escrevia.

CAPÍTULO 29

Quando nos transferiram do ônibus para os carros 4x4, para ir até o Hotel que dormiríamos, próximo as dunas de areia, senti, pela primeira vez, o cheiro do Saara. O ar que me acolheu veio das dunas, vestidas de terracota, e, junto com o visual alaranjado, fomos recebidos por marroquinos locais, anfitriões muito sorridentes e receptivos. O abraço quente e macio do deserto e a devoção do sol nas areias, fizeram me sentir como uma rainha nômade. Por muito tempo não me sentia tão bonita. Meus cabelos escuros e lisos escorregavam do lenço floreado de seda que eu tinha escolhido para usar hoje. Cada carro tinha um motorista marroquino trajando *djellaba* de algodão. No banco da frente iam dois marroquinos e nosso carro lotou bem rapidinho. Ao nos acomodarmos, aos poucos, nos carros, entramos no clima de festa porque o som que rolava era super alto e meu, que som! Pensa numa música marroquina super astral, tipo, sei lá, um reggaeton, cara de fazer inveja a qualquer playlist brasileira. Partimos dançando dentro do carro que bombava, dando um clima de *off road*, e eu amando estar ali com os marroquinos, voando nas dunas do deserto, fazendo manobras e contornos de rali, exibindo suas habilidades, ultrapassando um ao outro. *Unforgettable!* Quando estacionaram avistei um pequeno grupo de camelos, engoli em seco. Fui direto tocar num deles, tirei os sapatos e pisei no carpete fofo de areia, algo em mim colidiu, uma felicidade diferente me fez lembrar de quando eu era criança e via o mundo ao contrário, nas pontas das mãos, nas aulas de ginástica olímpica. A cambalhota que invertia tudo, me dizia que eu estava diante do meu passado, que seria logo meu futuro, a ponta cabeça que espelha os inversos do sagrado. A colisão do meu íntimo, com algumas das 21 tribos, esfoliaram uma estrangeira dentro de mim, uma deslocada não só da realidade para o virtual, mas de uma Laila estranha, talvez mais autêntica, no encontro mais assombroso que se pode ter, o de você com sua verdade.

O hotel Aubergedusud estava localizado nas areias do Saara, numa parte mais reta, com a entrada de cimento, uma única árvore à esquerda com um cesto de palha embaixo, duas lamparinas de ferro no chão e de cada lado, tapetes persas. A luz filtrada pelo resto de sol nos recebia com minimalismo e desbotamento. Na recepção tinha uma fonte, alguns quadros e esculturas africanas. Os funcionários marroquinos atentos em nos receber levaram nossa bagagem aos quartos, o Hotel só tinha um andar, parecia uma casa gigante no meio do Oasis, com areia e tapetes coloridos espalhados pelo chão. Desta vez, fiquei no quarto com Lourdinha, porque Álvaro dividiu o quarto com Zayn, que era primo-irmão

do dono do hotel. Nos instalamos com calma, alguns foram tomar banho de piscina, eu optei pelo banho de chuveiro para depois encontrar o pessoal por lá. Não deu dois minutos e começou uma tempestade de areia que croquetou meus cabelos molhados, assustando alguns desavisados, deixando de boas a galera que estava dentro da água apavorada. Brincadeiras do Saara! Fui para o banho outra vez, desta vez escolhi uma calça preta larga e um mini blusa colorida. O jantar foi um banquete à luz de velas e comidas típicas com o Álvaro fardado em traje de gala africano, pro surto apaixonado da Lourdes chegar no ápice que fazia milhões de selfies com o bofe à la marroquino. Quando vi o Zayn, de turbante cinza e a mesma calça jeans senti umas sinapses com aqueles coraçõezinhos que sobem quando você vê a tela da live, todos se movendo em direção a mim. Ele parecia mais alto, mais homem, mais gato. Quantos *likes* uma foto com ele, neste ambiente exótico ganharia?

A noite foi de coar o universo. Depois do jantar, de vodcas, mel, canela, sésamo, açafraão, pimenta preta e vinhos, dançamos como índios ao som de tambores marroquinos. Seis berberes fizeram a surpresa da noite e estavam sentados no chão do lounge do hotel, tocando um som mega envolvente que, sei lá, tinha alguma coisa intrigante, palpável e que, de alguma forma, revirava a alma por dentro. Impossível não balançar, a gente vira cobra quando fica hipnotizada pela flauta e os guias souberam administrar muito bem a alegria brasileira, tirando todos para dançar, num ritual educado e divertido. Quando foi minha vez de dançar com Zayn, mandei um la la la, ou seja “não” em árabe (eu estava louca para usar estas palavrinhas que tinha recém aprendido), mas ele não aceitou o meu não, então escondi a vergonha no bolso e disfarcei minha timidez. Quem estava pateta era eu que fiquei toda dura, recuada, tímida mesmo, logo eu que adoro dançar, mas, meuu, eu simplesmente não conseguia me soltar, cara, me bateu um estagnado que, ao mesmo tempo, era uma projeção, um desejo exótico de me agarrar no homem, tipo, sei lá, tesão de última hora. Eu ainda não tinha experimentado a imensidão do Saara, não tinha ficado muda com sua magnitude, mas tinha ficado mexida com a sensualidade desse nativo.

A música entorpecia os sentidos de um modo diferente. As vergonhas caíam do corpo, que tentava se defender do modo ocidental de se comportar. De repente, tudo ao redor foi desaparecendo. Pessoas, uma a uma. A decoração: os quadros, as velas, as mesas, os copos, as luzes e o chafariz pequeno que tinha no meio do hall. Depois sumiram os músicos sentados no chão, as paredes, os tapetes persas, e, por fim, ele. Só a dança indomada saía feliz. Um transe singular vinha do charme do momento, que decifrava todas as virtudes da decência.

No início, quando ele me tirou para dançar na frente de toda aquela gente, me bateu umas de mico, sabe quando você acha a cena meio careta, sei lá, achei que era uma coisa de botar os véios pra dançar, mas aí, ele me deu as mãos e me levou para dentro do som dos tambores. E, mesmo encabulada, fui me despojando da timidez e me deixei levar pelo seu encantamento. De pés descalços e de cabelo solto, me entreguei, aos poucos, ao ritmo daquelas vozes que cantavam sem eu entender uma palavra. Ele mexia os ombros e dobrava os joelhos com a desenvoltura viril própria de um homem que tem no sangue muita sensualidade. Naquele segundo enorme rezei forte e secretamente para não me apaixonar por ele. Não foi o suficiente.

Com calça jeans e camisa preta tão normal, como um cara qualquer da minha cidade, Zayn levantou todas as partículas da paixão accidental. Agora lembro que as luzes dos abajures eram claras e que o ambiente estava coberto de elementos africanos. Os vasos e os ornamentos marroquinos enfeitavam, com displicência, a noite do deserto. Depois a melodia cessou e, como se tivesse emergido debaixo d'água, respirei novamente. Sem saber, eu tinha despertado, em mim, o desejo exótico de tudo que viria a encontrar na travessia no meio do Erg Chebbi. Tudo foi uma espécie de antecipação do que me esperava dentro do deserto. Nas mais altas dunas do deserto, no norte da África, me reencontrei.

Deixar bagagens no hotel e seguir, com uma mochila, para um acampamento no deserto. Estava escrito no programa, era a etapa que eu mais ansiava fazer.

No fim da tarde do dia seguinte, nos dividimos em alguns 4x4 até o local onde estavam parados os camelos que nos iriam levar até as tendas de luxo. Não era a primeira vez que eu subia num camelo, já tinha subido em uma vez em um evento beneficente, para tirar uma foto que mamis embestou, porque eu tinha, porque tinha que ter essa lembrança, mas, com certeza, foi a primeira que andei mais de uma hora num deles. Meu animal parecia manso e um pouco perdido, na real. Amarrado no camelo da frente ele avançava, às vezes, pela lateral, encostando sua cara pilantra no corpo do vizinho da frente. Todos os camelos andavam em fila indiana e respeitando a ordem, o meu era o aprontão do grupo. Senti uma enorme afinidade com ele e, durante todo o percurso, fui conversando, mentalmente, com meu novo *pet* grandão. O sol lambia as dunas com sua cor de ferrugem. Uma imensidão de areia me remetia a um oceano seco, majestoso. Impossível não pensar na criação num local de tamanha beleza e unicidade. O silêncio permitia qualquer trilha sonora – fiquei em silêncio. No início foi difícil acalmar os pensamentos que pulavam do fundo da consciência numa revoada de sinapses que, ainda,

atravessavam o meu deserto interno. Aos poucos selei os ruídos e experimentei uma tranquilidade diferente, uma desaceleração incomum, toquei o destino e disso nunca esquecerei. O molejo dos passos do camelo, que depois soube que eram dromedários, ditaram o ritmo da jornada, mas só adquiri a senha para adentrar no deserto quando olhei para o chão e vi na areia a sombra elegante das longas pernas dos animais. Compreendi a missão do sol. Acima o céu azul, ao lado as sombras escuras, em mim a paz, a ausência do som – o barulho do útero.

Descemos todos para os animais descansarem, enquanto o sol se exibia recolhendo suas últimas mechas de luz. O tempo, mesmo lento, também se despediu do sol, que, certamente, já buscava aconchego na pele ressecada do deserto. Anunciava-se a escuridão e nossos guias nos fizeram retomar a jornada. Subi feliz, outra vez, no meu grandão travesso e fomos até uma duna próxima às tendas. Sheherazade teria sentido inveja da minha cara quando me mostraram meus aposentos no meio do deserto. Minha nova casa tinha duas camas cobertas por uma colcha verde, que disputava a beleza com as paredes cobertas de panos marroquinos. O chão, todo coberto por tapetes persas, era absolutamente divino, ainda mais com lamparinas grandes nos cantos. Um pequeno banheiro, também forrado com tecidos, ficava do lado esquerdo, no meio, uma pia antiga e do lado direito, um box com chuveiro. Pensa na sensação de tomar uma ducha sabendo que, ao teu redor, só tem areia, escorpiões, cobras e você tá ali nu, envolto em cores. Meuu, eu já nem queria sair da tenda, de tão surreal que parecia, por mim, ficava ali mesmo curtindo os panos, fumando um, com um som legal e pá, tá feito o filme pro canal. Dei uma caprichada nos takes e nos detalhes e escolhi uma música linda pra fechar o clima cigano. Ficou massa. Me vesti com cuidado e usei lápis bem preto para contornar os olhos, um batom nude completou o look e me deixei ser árabe por esta noite.

Fomos até a tenda central onde seria oferecida a janta ao ar livre. Toda magia estava a postos, enquanto jantávamos sobre tapetes persas coloridos e mesas com toalhas laranjas e vermelho. Cadeiras forradas com tecidos africanos reforçavam a harmonia da mesa que oferecia tâmaras, carne de ovelha, cuscuz, saladas e uma infinidade de pratos exóticos. Mandei um whats pra Deus fazer um *booking* pra mim, quando eu morrer, decidi morar neste lugar. Velas surgiam de todos os lados como se fossem filhotes da grande chama que a fogueira produzia e que dominava o ambiente, com o conhecido fascínio do fogo. Ao ar livre, entre dunas imensas que encostavam suas costas no gigantesco céu do Marrocos, conheci o poder do universo de conectar nossas vidas dispersas.

Não me lembro da vida em que eu estava. Não lembro do que comi e do quanto

bebi. Lembro do que te prometi e dos teus olhos escuros tentando entender minha promessa. Não nos beijamos ali, mas senti tua boca como se tivesse misturado todas tuas essências e, segurando minha vontade de te amar com as duas mãos, te disse:

– Se eu voltar ao deserto um dia, fico com você, prometo.

Nunca entendi este momento. Nem lá naquela noite de teto estrelar, onde senti uma enorme atração por você, nem anos depois quando nos aproximamos. Todo cenário era testemunha da paixão indominável que fazia força para se desgarrar de você, lembro de um momento que me virei e dei de cara contigo me olhando de longe. Sabe quando o encontro dos olhares te dá um choque? Fiquei com vergonha e com muita vontade de morar para sempre com você no deserto. A noite prometia muitas horas mágicas, eu simplesmente não obedecia a meu instinto, eu queria e só queria estar com você, queria aproveitar o fogo de chão, a lua, os cheiros, os barulhos do deserto, mas nesse transe me perdi, ou, melhor, acho que desmaiei porque, de repente, tudo apagou, como se alguém tivesse apagado todas as luzes, abaixado o som e fechado a porta. Não tenho clareza das coisas. Minha memória me enganou e me deixei furtar por uma fraqueza absurda. Num instante, lembro de alguém falar em Ramadã, nem sabia o que aquilo poderia significar. Tudo o que eu queria era ir para minha casa e parar de sentir aquele torpor. Em algum momento vi sangue, meio que me assustei, perdi Zayn de vista, acabou o sonho, a realidade adjunta, preciso apenas dormir, parar de sangrar. Tive medo. O medo levou toda magia, assassinou minha noite no Saara, atravessou sua lança na altura de minhas coxas. Tudo se foi, tão subitamente a fantasia cessou e não consegui mais me entender, nem falar.

Muito depois, quando consegui vislumbrar a desordem das coisas, compreendi que me levaram num 4x4 para um hospital e que não pude receber socorro dos homens, porque não podiam me ver, nem me examinar, era Ramadã. Para potencializar o pior, porque tudo segue o protocolo do desespero, o carro atolou e foi ali no meio do nada que perdi ainda mais sangue e encontrei a paz.

Em árabe, Saara significa deserto e Saara, para mim, passou a significar cinco letras de muitas galáxias complexas, enigmáticas e brutais. Andar pelas dunas daquela terra árida, permeada por animais “invisíveis” e perigosos, como as cobras e os escorpiões, não foi nem a metade da emoção que senti, no início daquela noite absolutamente linda, ao relento. Devolvo-me o protagonismo, por um segundo, aquele segundo em que apenas alguns grãos escorregam na ampulheta e são eles que atravessam o minúsculo funil para gerar os punhados mais sólidos, eu jamais desconfiaria que a noite

mística e apavorante estava contando os minutos para me revelar as curvas do seu destino.

CAPÍTULO 30

Abri os olhos e vi minha mãe.

Morri e é ela que me recebeu, pensei na confusão do ambiente cheio de luzes que me encontrava. Até focar os olhos e constatar que eu estava deitada em uma cama de hospital, acho que foram mais uns quatro dias de embaralho mental. Falavam francês e inglês. Os médicos eram barbudos, as enfermeiras sorridentes e alguns usavam *cheche*, a tal echarpe de até 5 metros que colocam, na cabeça. Camelos ziguezagueando nas tardes, passos hipnóticos, silêncio, luzes, vozes, outra vez. Não suspeitei que o medicamento que estavam me dando misturava meus pensamentos. Teve um dia que juro que vi o Tuio do meu lado na cama, mas era ele que estava doente, ou eu? Eu estava doente? Meu, o que aconteceu?

Algumas razões escoavam dentro dos pensamentos, mas eu não entendia o porquê, eu abria os olhos e achava que estava no deserto, fechava os olhos e ouvia que estava no Brasil. A caótica explosão de ideias que desfilavam no meu debilitado consciente eram fagulhas de realidades, fusão de sentimentos, suores epidérmicos, fraqueza, sono, desvio, fraqueza, sono, desvio, uma fila indiana, como as dos camelos, o guia puxando o camelo-chefe – a deficiência. Andava por terras ainda áridas e estéreis, nos Ergs, não das grandes concentrações de dunas na areia, mas nos Ergs de grande concentração de células e sangue em ebulição, queria explicar isso para minha mãe, mas a voz não saía. Mãe, tô em lugar de vazios, mãe me tira daqui, mãe, onde é o pavilhão da morte do bem, mãe, esta é a fila pra voltar para a vida, mãe, o deserto é o nada mais abarrotado que já vivi. Mãe, onde estou? A vóvis também já morreu? Quem está com o Chora Menos?

Entendi, dois dias depois, que sofri uma hemorragia violenta e que cheguei no hospital de Fez desmaiada. A primeira coisa que me veio na cabeça, depois do medo de entender que tive alguma coisa muito séria, foi a certeza de que eu iria voltar ao deserto, fosse qual fosse o motivo de eu estar no hospital. Onde estava Zayn? Conforme os pensamentos clareavam, fui calcificando a ideia de voltar para as tendas assim que ficasse boa. Fiquei perdida, me sentia igual aos meus celulares que, quando os descongelei, buscavam rede, girando e girando a bolinha da busca. Foi só quando acomodei algumas consciências que saquei a necessidade de voltar para o deserto, eu precisava voltar para lá. O lugar onde deixei meu sangue. Teria que me recuperar logo, os meus sentidos precisavam retornar aos seus devidos lugares e voltaram, quem não voltou foi minha vida – a antiga.

O Dr.Hani, que depois vim a saber, foi o médico marroquino responsável pelo meu primeiro atendimento, um senhor baixinho, de olhos azulados e turvos, me disse com uma voz calmante:

– Você teve uma hemorragia uterina grave com anemia acentuada. O Dr. Jamal, ginecologista, que você já deve ter visto, está cuidando do seu caso. Você já recebeu três unidades de sangue, a pressão normalizou, mas ainda requer atenção. Chamamos sua família para acompanhar você de volta ao Brasil, quando tiver alta.

Tudo isso num inglês lento e bem pronunciado.

Eu tinha mil perguntas, mas não fiz nenhuma. Estava com preguiça de falar inglês, me sentia cansada demais para elaborar um diálogo, o meu braço estava preso com uma agulha fincada, eu só pensava em sair dali, o mais rápido possível.

Me recuperei melhor do que a junta médica previu. Amassei toda ansiedade e botei no lixo. Não estava dando conta do meu quadro clínico, eu queria apenas voltar para as tendas de luxo no deserto. Só isso. Minha meta era voltar para as tendas de luxo, do ponto onde larguei e continuar a viagem pelo Marrocos. Constatei, porém, que estava absolutamente equivocada com meus planos e só saí do hospital quatro dias depois. Fiz uma bateria de exames cautelosos para, finalmente, voar para o Brasil, acompanhada dos meus pais, claro. A mãe se jogou de São Paulo para Fez no outro dia, o pai veio um dia depois, pois tinha uma cirurgia importante. Tia Pilar e Lourdinha seguiram, mesmo contrariadas, a viagem até Marrakech, a última cidade antes de voltarem para Madrid. Chora Menos voltaria com Lourdinha. A Laila, aquela youtuber voraz e inconstante, imigrava de um espaço simulador para a realidade, ainda não sabia que nunca mais me sentiria presa. Ser livre se aprende no deserto.

CAPÍTULO 31

O voo para o Brasil foi tranquilo, em termos de turbulência, eu não lembro de ter sentido medo quando entrei no avião, também não tenho muito claro o percurso até o aeroporto, é muito provável que tenham me dopado bastante. Dormi bem na primeira etapa do voo e só acordei de madrugada, para ir ao banheiro. O sangramento voltou e não quis assustar minha mãe, por isso, não falei nada. Como perdi muito sangue, já não sabia se este fluxo era muito ou pouco, de qualquer modo, aguentei mais um tanto e voltei a dormir. Quando acenderam as luzes da aeronave, para servirem o café da manhã, senti o absorvente empapado no meio das pernas. Quando sai do banheiro, falei para o pai que achava que estava sangrando bastante, outra vez. Ele não fez cara de assustado e, com isso, me tranquilizei. Me disse que era melhor não comentar com a mãe porque ela ficaria nervosa e que, logo, já estaríamos chegando em São Paulo, estava tudo sob controle. Me perguntou se eu me sentia bem e me deu um beijo carinhoso na testa com um te amo, minha filha.

Do aeroporto de Guarulhos, fomos direto para o hospital porque a hemorragia voltou com força. Meu pai deve ter organizado tudo enquanto esperávamos a bagagem na esteira. Fiquei bem apavorada com esta ida apressada para lá, mas eu tinha que me controlar porque minha mamis querida estava pálida.

Devia estar bem biruta das ideias porque pedi para a mãe ficar no meu lugar no canal e nas redes até eu me recuperar por completo. Tudo aquilo que eu fazia, a Lourdinha tentava fazer com auxílio da mãe e da equipe. Manter o canal em alta era primordial, tinha projetos maiores para este ano e sempre que temos projetos, a vida pulsa e faz o corpo corresponder. Troco *likes*, foi o que disse para meu corpo, você me dá saúde e eu te dou equilíbrio, prometo não ficar mais horas e horas diante das telas e jurei a um Deus que ainda não conhecia, por inteiro, que faria esportes quatro vezes por semana. Cada vez que os médicos entravam no meu quarto e diziam que eu ainda não ganharia alta, eu aumentava a promessa. Acrescentei comer frutas todos os dias, fazer ioga, Deus querido, se você me tirar daqui na sexta-feira eu como verduras e só trabalho seis horas no canal, Deus “não esquece de me favoritar”, eu mendigava aprovação dos médicos, solicitava cura de Deus e, aos poucos, transformei minha batalha numa espécie de videogame, que nem sempre ganhei.

As visitas no Hospital começaram a me fazer bem, a vóvis foi a primeira, Lourdinha ia dia sim, dia não. Pelo período da manhã, me sentia bastante enjoada, à tarde

conseguia me animar um pouco e fuçava no celular. Nunca pensei que a mãe fosse capaz de produzir um conteúdo tão bom quanto o da campanha #mamisme. A danada se aproveitou das minhas férias forçadas e fez um conteúdo muito legal, digamos que se vingando um pouco das estripulias que eu causava como filha, muitas mães aderiram e apoiaram. Ela teve um ataque de bom senso e fez uma gravação contando como se sentia sendo minha mãe, ou seja, mãe de uma youtuber, até aí nada de original, mas quando começou um desfile de argumentos sobre o excesso de estímulos que as crianças e adolescentes recebem a coisa ficou osso. “Excessos, são excessos o tempo todo. Excessos de presentes, recompensas, atividades, de *likes*, os seres humanos só miram para fora e não para dentro de si mesmos, as pessoas não sabem se interiorizar, como fazemos para trabalhar as perdas? Como eu faço para pensar, ponderar antes de agir? A maioria, e me incluo, primeiro vai para o Twitter e depois resmungam no Insta, as frustrações são nervos expostos, não maturamos, não tragamos antes de soltar as palavras” e, assim, foi o teor do incrível desabafo de mamis. Quem foi a seguinte? Vóvis, claro, que tratou de desarticular mamis, como lhe convinha, pegou a espátula e assentou o cimento materno. Foram ao ringue virtual. Falou muito sobre o que está escondido por trás dos excessos, as faltas, as falhas e as ganâncias humanas. A era do empoderamento é muito mais que adequar salários femininos e dar voz às mulheres pela opressão que sofreram, a rivalização de mulher para outra mulher é que está em jogo. Onde elas aprenderam a falar assim? Mamis e vóvis, irritantemente, conseguiram atingir algumas questões implicantes e estrangeiras a terceira idade. Vóvis aproveitou o espaço e divulgou seu “romance” na plataforma digital e convocou um monte de senhoras a ler seus capítulos, o que quintuplicou o acesso de leitores no Wattpad dela. Aprenderam o caminho do sucesso, o canal vivia e borbulhava. Recebi uma proposta publicitária e o dinheirinho foi um convite para eu escapar de vez desta maldita cama de hospital: R\$ 2 milhões por uma campanha publicitária, mitei.

– Ou vocês me dão alta desta porra ou eu saio sozinha.

– Laila, você ainda não tem a avaliação de todos exames médicos.

– Que monte de exames são esses? Não aguento mais este monte de agulhas furando meu braço, chega, meu!

– Você teve uma boa melhora e estamos fazendo de tudo para que você fique logo boa. Calma, menina.

Quase chorei falando com o enfermeiro-chefe. Ele prometeu passar minhas reclamações para o tal hematologista de plantão. Me aplicou uma injeção que, certamente,

tinha calmante, porque logo dormi. Acho que era de tardezinha quando acordei, mas aí fingi que dormia. Dois enfermeiros estavam revisando o prontuário quando escutei em um volume baixo o resto de conversa:

– Acontece que o sangue dela não é AB.

CAPÍTULO 32

Uns a vida enverga.

O meu big bang não foi há 13,8 bilhões de anos, foi ontem, quando ouvi este comentário, que ainda não sei se foi na minha imaginação, sonho ou real, mas cara achei bem intrigante. Não conseguia parar de pensar sobre a composição do meu grupo sanguíneo. Tipo “O”, na real nunca nem soube direito que tipo de sangue eu tenho. Meus exames de check-up são tão raros e cara meu pai sempre coordenou tudo e eu jamais prestei atenção nisso. Sério mano... achei que os enfermeiros estariam falando de outro paciente, só pode. But, se o que estou pensando for verdade, minhas ampulhetas marcaram até agora, um tempo opaco e obtuso. Tô ferrada, que descarga de adrenalina, meu, que medo, Devo estar viajando nos efeitos dos remédios, ou será que tenho problemas psicológicos de distorção? Nunca me senti tão oca de verdades. Preciso controlar meus impulsos, mas dessa cama daqui tá foda porque fico vulnerável a qualquer tipo de estímulo. Não sei bem como vou descobrir se esta história de sangue, que não é AB, sei lá que porra é essa e se tem a ver comigo, mas deixa só eu botar a cabeça para funcionar que dou um Google e já me oriento. Tenho certeza de que ouvi a enfermeira dizer que eu não tinha sangue AB e que o cara comentou algo do tipo “incompatibilidade”. Talvez eu esteja delirando mesmo e realmente precise ficar por aqui mais uns dias, mas amanhã vou perguntar para o médico bem direitinho que história é essa. Véi, não consegui dormir direito, nem com efeito dos soníferos e quando vi na bolsa de sangue, pendurada ao meu lado na cama, a letrinha “O-”, bem grande, perdi de vez o sono. Fiquei atendida em todas conversas das enfermeiras que entravam no quarto, durante a noite, para medir pressão, dar remédios, tirar febre, enfim, não dormi nada. Me dei conta que a vóvis poderia ser minha aliada, só não sabia como. Se eu perguntasse direto para o pai, minhas chances de descobrir algo seriam aniquiladas e era bem provável que me deixasse aqui por mais tempo do que o necessário. Sei que tinha que ter cautela, mas minha curiosidade se jogou na frente e perguntei a enfermeira que veio checar minha pressão se eu ainda tinha que fazer alguma transfusão de sangue, e mostrei para ela meu braço todo roxo de tanto tomar injeções, dramazinho básico de paciente dodói. Ela disse que ia olhar a ficha médica e depois retornava. Não voltou. O bom é que a mãe já não dormia mais comigo, eu estava na fase final de recuperação e não precisava mais de acompanhante no hospital. Como filha de pai médico, estava sendo super bem tratada, pena que Tuio já não estava mais aqui, poderíamos ter sido vizinhos de quartos.

A disputa nos “céus” pelo espaço nas nuvens entre Dropbox, Google Drive, iCloud, SkyDrive não é nada comparada a disputa dos anjinhos do mal que devem estar em laboratórios de criatividade para superar as sequências de problemas que vinham me atingindo. Tivesse feito meu mapa astral ayurvédico não teria me aventurado a ir para Madrid e, muito menos, para Marrocos, o detalhe é que este “preparo” de roubadinhas, que me assolavam ultimamente, não seriam páreo para o que me esperava no mês seguinte, mas eu não tinha nem ideia do que a vida tinha me reservado. Meuuu, nem as fake news seriam tão falsas como a minha origem.

No dia seguinte, indaguei com a chefe de enfermagem no turno da manhã se eu tinha sangue dourado. Me senti ridícula falando isso, porque me soava como um filme da Disney, onde a Cinderela esnobava versões nobres. Nunca tinha ouvido falar neste tal sangue, mas no Google dizia que era um tipo de sangue raro e que, por isso, chamavam de sangue dourado.

– Olha eu teria que ver com seu médico, não tenho como acessar o prontuário agora. Mas o que preocupa você, posso ajudar?

– Pode sim, sim. Melhor, deixar para lá. Vou ver com meu pai.

Mas a vontade que eu tinha era de dar uma convulsão daquelas para ver se a querida não ia conseguir minha informação.

– Ok. Logo você terá alta e vai voltar para casa.

– Assim espero. Obrigada.

Não ia rolar de conseguir informação por aqui e eu não podia dizer que “ouvi” um papo de que eu tinha sangue dourado, ou AB e que no meu saco de sangue tinha “O-”. Precisava pensar em outro jeito de saber se eu tinha ouvido mal, se era sobre outro paciente ou sobre mim. Mas qual?

CAPÍTULO 33

Não sei se perceberam o meu nervosismo, ou se só foi uma coincidência porque me proibiram de usar o celular e, como eu não estava em posição de criar um caso com os médicos, acatei. Dois dias depois, pedi pra vóvis me visitar, estranhei que ela não apareceu. Quando a Lourdinha veio me ver, pedi para ela me contar os últimos capítulos que a vó tinha postado, ela não fazia a menor ideia do que eu tinha escutado dos enfermeiros. Quando ela me disse que a personagem tinha ganhado o nenê e que deu uma complicação na cesariana, eu gelei. Perguntei se no romance tinha algum momento que estava falando sobre transfusão de sangue, e tive a certeza de que a resposta inocente e positiva da Lourdes, era a confirmação do que eu suspeitava e temia, a pista que me levou a entender que por alguma razão bizarra, o romance da vó estava conectado com minha vida. Não demonstrei nenhuma reação sobre isso, ao contrário, fiquei de boas falando sobre outros assuntos, sobre o canal, sobre Tuio, sobre um Snap que ela mandou pro Álvaro, sobre criar conteúdos, enfim, fiz de tudo para despistar qualquer fato que pudesse dar ideia para todos que eu estaria paranoica querendo ver coincidências em assuntos tão distantes e distintos. À tarde, veio o médico gineco e pedi para ele se o Chora Menos podia me visitar e ficamos um bom tempo no quarto rindo de algumas notícias na imprensa e fazendo gracinhas do dia a dia, enquanto ele me examinava, olhos, garganta, estômago e me perguntava coisas sobre o funcionamento do YouTube. Pediu uma última ressonância magnética e comentou com a mãe que eu teria alta no domingo. Os últimos exames estavam ótimos.

– Como você se sente Laila?

É pra dizer a verdade, que eu tô louca e tenho sangue dourado e que minha vó escreve uma ficção sobre minha vida, ou imitar as verdades evitadas como vocês fazem?

Abri um sorriso e disse que eu estava ótima. Guardei, nos meus compartimentos, toda minha vontade de voltar para o Marrocos, de buscar o beijo que não dei, de viver a noite no deserto que nem tinha começado. Quantas coisas inacabadas! Minha paixão relâmpago pelo guia muçulmano, parece que se dissolveu junto com os medicamentos. Tudo fora hormonal?

Ele disse que voltaria na sexta-feira e que eu podia começar a dar caminhadas pelo hospital, estava liberado o uso do celular e que queria que eu experimentasse duas saídas do quarto por dia. Avisou que estava diminuindo os medicamentos e que meu cachorro poderia vir amanhã cedo. Dieta livre e sem mais exames de sangue. Deu um tchau e saiu.

Meu pai chegou um pouco depois e parecia bem humorado, praticamente teve o mesmo discurso clínico e bate-papo animado que o Dr. Ribeiro. Vai ver, todos são meio assim simpáticos, apressados e eficientes. Me disse que seria bom eu ficar uma semana na casa deles, porque teria os melhores cuidados com empregadas e a mãe por lá. Nem cogitei dizer que não e ele certo que estranhou.

– Você fica até se sentir bem forte e, aos poucos, pode retomar o canal lá de casa mesmo. O que você acha, filha?

– Boa ideia, pai.

Me deu um beijo na testa, outro na mãe e saiu, igual ao Dr. Ribeiro.

– Por que a vó não veio?

– Laila, você sabe como ela é ocupada naquele residencial. Agora que você vai lá pra casa, ela vai aparecer. Quer que eu vá à sua casa pegar umas roupas?

– Se pá, eu mesma busco.

CAPÍTULO 34

Nessas de dar duas caminhadas diárias pelos corredores do hospital, ganhei uma aliada de calibre alto. Na primeira vez que saí da cama, me senti um pouco tonta porque, na real, não fiz nenhuma cirurgia, mas meu organismo estava fraco e foi só nesse momento que saquei o quão fraco. Prudentemente, me mandaram caminhar acompanhada de uma enfermeira bem magrinha, mas beemmm mais magra do que eu, era tão magra que achei que eu teria que cuidar dela, aos poucos, porém, fui aprendendo a força física que ela tinha, foi com muita tranquilidade que aquela boca bicuda e um pouco inclinada para à direita, me deu o atalho para um caminho que eu jamais imaginaria trilhar. Sofia era muito gente boa, trabalhava duro para pagar a pós do curso de enfermagem, risonha e tagarela, ficou enlouquecida quando soube que seria encarregada de acompanhar minhas caminhadas duas vezes ao dia, curti muito o canal e já saiu pedindo uma selfie de cara. Gostei do jeito dela, estava sempre atenta à minha pressão e aos sintomas clínicos, talvez um pouco exagerada demais, mas me fazia rir e eu caminhava com alegria e segurança. Ficamos amigas em segundos. Fazia perguntas engraçadas, sem nenhum constrangimento, sobre minha vida pessoal, se é que uma youtuber pode ter uma vida pessoal, porque no momento que você fala de tudo, te mostra de calcinha e escovando os dentes na frente de uma câmera, você distribui suas intimidades para uma plateia que você não vê, mas eles te conhecem aos montões.

– E essa pele acanelada, Laila, você faz bronzamento, onde? Você já assistiu toda a temporada de Game of Thrones? Esse teu dente quebrado foi como? Faz terapia a muito tempo? Você lê todos os comentários? E o Tuinho, ficou com quem? No Marrocos, os caras são bonitos, tipo dá para pegar? A gente podia fazer um conteúdo com a ala médica... kkkk.

E foi aí que entrei camuflada de íntima e, entre várias respostas, enganchei a pergunta crucial do tal sangue dourado.

– Cara, com esse meu sangue dourado foi foda de me recuperar, mas acho que agora fiquei bem, se você quiser pode ir lá em casa para ver a gente produzindo pro canal.

– Sangue dourado? Que é isso?

– Um sangue raro, você não sabe, não existe?

Ela riu, sorrindo com os lábios tortos.

– Olha, o que sei é que você tem um distúrbio de sangramento.

– Isso é grave?

– Depende. Os médicos não te explicaram, nem seu pai?

– Acho que não perguntei direito, mas hoje à tarde vou fazer isso.

– Claro. Laila, olha só, eu posso chamar uma amiga pra ir junto? Ela é fãzona do Me Coça e, meuuu, curte muito você, ela vai ficar amarradona.

Por dentro, o mundo parou, mas eu não podia podar este fluxo de sinceridade que ela parecia verter, tão ingenuamente, se foi antiética, não foi por falta de profissionalismo, talvez pudesse ter sido sim, mas foda-se, meuuuu, eu precisava dela e eu tinha que fingir familiaridade com a história do meu sangue para ver se ela falava mais alguma coisa importante. Mas quando você recebe uma notícia dilacerante dessas a paulada te machuca até o osso e a dor da verdade estampa tuas reações, bochechas afora mesmo, você pousando de natural. Os pensamentos se mexiam dentro de mim, como se alguém tivesse me anestesiado e, agora, descolava os tecidos, os músculos, a epiderme, um cirurgião impecável rasgava minhas entranhas, eu não posso desmaiar agora, te concentra Laila, fica firme, sorri, anda, respira.

– Claro, vocês são minhas convidadas de honra e a equipe vai curtir, vacila, até a gente inclui vocês no vídeo, tomara que eu possa ir embora daqui na sexta mesmo.

– Vai sim, você agora só tá aqui pra ficar mais forte, porque no hospital ainda temos controle sobre sua alimentação, que precisa seguir à risca para aumentar a resistência e deixar você bem fortona. Os exames finais dando ok, você estará livre.

– Meu, mais duas noites e tô livre, se tivesse emojis pra colar agora seria de uma carinha feliz, outra exausta.

CAPÍTULO 35

Acredita em coincidência? Quem vem de jaleco e coque no mesmo lado do corredor que eu tô andando com a Sofia? A noivinha do Tuio, toda se achando de médica, me deu um olhar babaca e saiu posando de singela. Recolhe a cauda de sereia amor, porque nem quero mais saber desse teu Tuio, filhinho de político. Tem mais alguma coisa ruim pra me acontecer nesta caminhada, meu?

– Tá sabendo daquela residente que passou ali? É a noiva do Tuio!

– Não acreditoooo.

Contei a história, desde o início, por que a Sofia tinha acompanhado o rolo pelo canal, mas não sabia dos detalhes e aí que a gente riu, tipo muitooooo, e tivemos que ir para o pátio interno porque já tava ficando escrachado demais nossa risadas em pleno corredor das enfermarias. E assunto vai, comentário vem e a verdade, sem querer, estacionou na vaga vazia do meu lado!

Nosso passeio foi intenso e falei demais, me esqueci da básica de deixar o outro falar, mas eu tava desregulada, meuuu, tensa demais, e aí desandei a falar da viagem para o Marrocos, e ela continuava me fazendo perguntas, super interessada em me ouvir, e quando eu disse para ela que queria voltar logo pra lá ela mandou a real:

– Sim, mas você tem que se recuperar mais, não pode sair viajando de volta para lá mês que vem.

– Por que não?

– Olha, melhor ver com os médicos. Talvez eles vão te aconselhar a ir ano que vem, com mais segurança.

Daí não segurei mais e fui direto ao ponto:

– Sofia, tem algum problema com o meu sangue? Eu tenho alguma doença muito grave?

– Tenho certeza que se você perguntar para os médicos que estão cuidando de você, eles vão te explicar.

– Cara, agora tô ficando em pânico, eu tenho leucemia?

– Não, fica tranquila. Você está saudável e fora de perigo.

Segurei as duas mãos dela, com tanta força, que seu sorriso torto congelou, implorei que me dissesse o que eu tinha, mas ela não cedeu aos meus apelos, ao contrário, me conduziu, imediatamente, de volta ao quarto sem nem pestanejar.

– Espero que estas questões se resolvam da melhor forma e vou continuar torcendo

para sua melhora. Bora fazer uma selfie.

Fizemos várias fotos no jardim e respeitei a decisão dela de me levar para o quarto. Obedeci sem resistência, não queria prejudicar o trabalho dela. Nos despedimos com carinho e fiquei no quarto matutando sobre a tal hemorragia. Perguntei a uma das enfermeiras se o Dr. Ribeiro viria me ver ainda hoje, ela foi muito atenciosa dizendo que iria checar a informação.

– Você está se sentindo bem? Vamos ver sua pressão... ok tá ótima. Vou ministrar os seus remedinhos e vou lá ver, para você, se um dos doutores vem ainda hoje para te ver, ok? Você vai ficar no último soro e depois estará livre.

– Obrigada, você é muito querida.

– Deixa eu arrumar esta borboleta aqui.

– Tá me ficando um pouco mesmo, quando vão tirar?

– Assim que acabar. Eu soube que teus pais não puderam doar sangue, que pena não!

Meuuu, despenca de vez o resto do mundo porque eu prefiro ser soterrada de uma vez só. Tentei me acalmar, não consegui perguntar mais nada e me botei a examinar as causas.

– Tudo que eu sabia era que a mãe tem uns 62 quilos, não tem tattoo, o pai kkkk deve estar nos seus 78, então por falta de peso é que não seria, acho que não tiveram hepatite, será? Problemas nos rins, pulmão... nossa, não sei nada da saúde dos dois.

Rimos. Eu de nervosa, ela de inocente.

CAPÍTULO 36

Nenhum dos dois médicos apareceram e acabei dormindo um pouco melhor, acho que porque estava exausta da noite anterior. Na manhã seguinte, depois do café, recebi a visita do Dr. Ribeiro, que entrou animado e contente, anunciando que eu teria alta amanhã. Só mudou o semblante quando eu tasquei a pergunta que eu já devia ter feito desde o início, mas estava perturbada demais para juntar os fatos.

– Meu sangue é raro, meus pais não puderam doar, o que está acontecendo Dr.?

Ele me olhou com cautela e puxou a poltrona, sentando-se ao meu lado.

– Laila, você sabe que quando você se bate fica logo com um hematoma, ou quando era pequena e caía ficava toda roxa, ou quando você vai no dentista sangra bastante nas gengivas, a sua menstruação é com muito fluxo, bem...

Eu tinha vontade de esbofetear, botar meu kimono, muso, da Fendi e dar um golpe certo no pescoço dele, agarrar os óculos e jogar longe, mas, ao invés disso, acertei o volume da voz e demonstrando um controle incrível e falso falei:

– Dr. pelo amor de Deus, o que eu tenho? E que história é essa de sangue raro?

– Deixa eu te explicar, tem uma proteína sanguínea, de uma espécie de macaco chamado Rhesus, 60% desta proteína é comum aos seres humanos e, bem...

Olhei tão fixo para ele, com olhos histéricos, curvilíneos, olhos de atacarr.

– ...tem a proteína positiva, a negativa e a zero...

O que que eu quero saber de proteína e de macaco, e hemácias, grupo sanguíneo, glóbulos vermelhos, e anemia e o caralho, meuuu!

E ele continuava:

– A presença do antígeno D, que caracteriza o fator Rh, existe na superfície de uma proteína transmembranar. Quem é Rh negativo não tem o antígeno (tem a proteína, mas não tem este antígeno que é imunogênico). A proteína tem dezenas de outros antígenos menos importantes na superfície, cuja expressão varia de pessoa para pessoa. Muito raramente alguém não tem nenhum destes antígenos: RH *null*.

Já pensou, seu Doutor, que eu não to entendendo nadinha deste combo que o senhor tá tentando me explicar, só o que entendo é que tem alguma coisa errada comigo, então acelera e manda logo, tira os “bem” e desembucha, meuuu.

– Você tem um provável distúrbio genético que afeta sua coagulação, não sei se te disseram isso no Marrocos, bem, e quando foi solicitado a doação de sangue de seus pais, bem...

Se esse homem disser mais um bemmmmmmmmmmm, eu não me...

– Seu pai é sangue do tipo AB e sua mãe também, acontece que você tem sangue “O-”, um sangue bastante raro.

Extravasa nos shots de soro, porque eu vou de transfusão profunda agora, vai dar pane, me conheço.

– Você, bem... não pode ser filha deles.

– Hein?

CAPÍTULO 37

Ah tá, agora a impostora sou eu?

Tá certo que passei a vida atrás de *likes* para ser aceita, do jeito que eu queria ser, e não ter que me enquadrar nos manuais de boa moça que mamãe sonhou. Vamos lá, nunca quis ser anônima, odeio gente óbvia, mulher “inha”, tipinhos singelos, puta que pariu, aliás: quem me pariu? Muito lindo agora eu me apresentar como a adotada, qualquer lugar que eu vá, a pessoa abre a porta e já liga o Snap na minha cara, imagina a doideira que vai ser eu não ser eu. Vai ser que nem meu primeiro viral-inesquecível. Quanto tempo vou conseguir manter em segredo este “detalhezinho” encardido? Por que não me contaram que eu fui adotada? Custava o que? Cara, como adulto é complicado! Fiquei mega noiada. Uma enxurrada de perguntas se levantava na minha mente que sonegava informações e, ao mesmo tempo, fabricava respostas, como um investigador mal treinado do FBI. Destroçaram minha identidade, e daí!

Nunca mais vi a Sofia.

Recebi alta na manhã seguinte e fui para casa da mãe, como combinado. Me custou muito não reagir e impor outras explicações aos médicos e, em especial, aos meus pais. Alguma coisa estava estranha e a melhor estratégia, agora, era fazer a tola, até eles desarmarem a guarda e eu atacar.

Meu silêncio durou 10 horas e no jantar explodi, em densidade máxima, toda carga que me implodiu nos últimos dois dias.

Fui de grito e gestos hostis para cima deles, acusando meu pai de cínico, a mãe de mentirosa, família de gente falsa, xingamentos, descontroles, abominações. Exigi que eles me contassem TUDO, porque eu tinha o direito de saber quem eram meus pais verdadeiros e, afinal, como e porque me adotaram.

– Vocês sabem muito bem que eu sempre fui insegura, porra, que nunca conseguia me mimetizar com as meninas do colégio, com as filhinhas frufu dos Jardins, como é que vocês conseguiram me criar no meio desta mentira toda?

– Calma, Laila, - disse meu “tipo” pai, num tom médico e contumaz.

– Vamos explicar para você, minha filha. Agora foi a vez de mamis, “a surtada”, falar.

– Então, fala vai. Não esqueçam de incluir todo aquele papinho de que queriam me proteger, de que um dia iam me contar...

– Você é muito amada por nós, não queremos te perder e espero que você compreenda que tudo o que fizemos foi sempre para o seu bem.

– Dispensio o discurso amoroso, a introdução cliché, quem são meus pais verdadeiros? Quero conhecer eles.

– Eles faleceram num acidente de carro. Você tinha três anos.

Silêncio. Silêncio duro, de cimento, silêncio de tudo que zumbe, que soa, que pensa, que move. Silêncio.

Saí da sala, fui para o quarto e fiquei por lá dois dias, sem falar com ninguém, sem olhar na cara deles, comia pouco, dormi muito e nunca toquei no celular. Não queria mais que ninguém soubesse de mim, me recolhi da vida online e da vida em que achava que era Laila. Será que algum dia tive outro nome?

Os olhares alheios, os que estavam me espreitando, me corroíam as certezas, o receio vinha rasteiro dos cantinhos me espiar e eu com minha ID com prazo de validade expirada. Passei horas cochichando comigo mesma, emperrada numa Laila suspeita, já é um inferno você se conhecer, você aceitar quem você é, imagina quando você descobre que você não é só aquela Laila que te entubaram goela abaixo, pode ser que você seja outra Laila, pensei na Noonouri, a influencer digital, pensei em como sairia desta cilada identitária, como desenredar os conflitos que estão me enozando, não lido bem com adversidades, sou igual a todos vocês, igualzinha a todos meus seguidores que estapeiam a verdade todo dia, o que faço com meus fãs? Conto tudão? A Web não aguenta.

CAPÍTULO 38

Acordei chatona, às vezes rola, fico chatona por atacado, preciso me agarrar neste corrimão da vida, a da pentelha-mor, a que vem dos sintomas ruins e aí corro para o espelho, qualquer um. Paro na frente e me repito:

– Laila, para de demonizar, você é de boas e é do mundo. Sou youturbenense de carteirinha, assisto diariamente à falsa liberdade.

Acrescentei, enquanto olhava uma espinha no queixo, e, me expurgando, rugi que não preciso brigar com este passado, a culpa é da vida, filha da puta que ferra com a gente, maldita incompleta, tá sempre agorando os outros.

– Laila – me dirigi, outra vez, aproximando o rosto do espelho –, você gosta de compartilhar com milhares as tuas dúvidas, teus anseios, teus desapegos, teus pensamentos tumultuados. Nada vai mudar.

Abri a torneira da pia e segui no pensamento conspiratório:

– O pintor precisa pintar para se entender, o escritor transmite, em palavras e ficções, suas realidades, eu que nasci no “Me coça” só sei me expressar nos vídeos, olhando para câmera, minha parceira de ansiedades.

Preciso tirar essa maldita espinha daqui até o dia da próxima filmagem.

Ao sair da sala, onde estava brigando com meus ex-pais, passei os olhos pelo móvel aparador Luis XV, que só está ali para abrigar os porta retratos da nossa linda família feliz, com fotos da mãe comigo, do pai com a mãe, da vóvis conosco, fotos de vários momentos maravilhosos e aí me dei conta que nunca vi nenhuma foto minha como bebê. Nunca me vi bebê, ou seja devo mesmo ter sido adotada com mais de dois ou três anos. Dei ré e voltei para a sala, onde os vilões estavam calados e cabisbaixos. Num lampejo de bom senso, mamis retoma a conversa e conta toda história que a fez me adotar, desde sua impossibilidade de gerar fetos até a morte dos meus pais. O pai escutava, sem demonstrar muita emoção. Entre soluços e choros incontidos da minha mãe e a cara séria do meu pai, recolhi fragmentos do que eles me deram, como minha origem, origem de segunda linha, porque eu queria saber de que barriga eu viera, o meu cordão umbilical me foi surrupiado, nunca irei conhecer meu pai biológico, se já morreu, nunca falarei com ele, que sentimento horrível esse de saber que lá longe, num outro céu, alguém que te fez, que te deu a vida, jamais te tocará. Órfã de pai, de mãe e de um passado arrancado de um acidente de carro, foi o kit-gral suficiente para me vitimizar aos poucos. Formei um

escudo invisível que me blindou por muito tempo e me possibilitou recriar uma Laila diferente, rancorosa e introspectiva. Continuei sem postar nada em plataforma nenhuma, cheguei a pensar em fechar o canal, queria me esconder do mundo, das palavras encorajadoras que viriam, assim que meus seguidores soubessem desta história. Não recebi a Lourdes, não falei com a equipe, não respondi ao whats, eu precisava organizar minhas dúvidas nas muitas prateleiras vazias que esta revelação me deixou, a única certeza que eu tinha, coloquei na gaveta da direita, a mais baixa e a mais espaçosa – a certeza de que eu tinha que saber o porquê de terem ocultado minha adoção. Não poderia ser pelo simples fato de acharem que seria melhor para mim. Junto com essa dúvida de estimacão, consegui manter a muito custo, minha essência, meu lado instintivo, meu coração puro, meu ser íntimo, meu sangue fidedigno, minha alma original, que nunca veio de DNA nenhum - o resto todo foi pro saco.

Depois das passadas 48 horas que me recolhi, nossa conversa foi longa, triste e de muita tentativa de resgatar a confiança que eu tinha perdido dos meus pais. Deram prova de um amor incondicional, confesso, nunca achei que me amassem tanto e esse teor amoroso me ajudou a reestruturar os sentimentos despedaçados, pela inesperada verdade violenta, uma espécie de traição do bem, se é que existe a traição branca, essa bobageira, prima da inveja branca. Meu processo de aceitação foi como o descolorimento de um cabelo que depois vai receber uma cor nova. Um processo que desbota a cor, desbota a confiança e recebe um novo tom, uma nova história. Aos poucos fomos nos acalmando, mamis pedia muito que eu os perdoasse, que não fizeram por mal, que escolheram o que acharam melhor para mim, porque acharam que eu não lidaria bem com a morte dos meus pais biológicos e para meu espanto, expuseram, com muita cautela e sabedoria, todas as atitudes que tomaram. Levei uns dias para abstrair um pouco do que precisava, mas continuava a me sentir uma espécie de visita na casa deles. Só voltei a interagir com a internet duas semanas depois, mesmo a Lourdinha me informando que tínhamos perdido alguns seguidores. *Who cares?*

No meio desta tempestade de inverdades uma surpresa legal: recebi um whats engraçado e inspirado do Zayn. Nunca imaginei que ele faria contato comigo porque desde que saí de lá, não fiquei mais sabendo dele, me desconectei aos poucos, mas o pessoal deve ter passado pra ele meu contato pessoal.

– *Hey, little girl? Are you better? Come back to Morocco. Do you need help?*

Alguns camelinhos, um coração e uma carinha com um beijo, três emojis.

Fiquei feliz, respondi com emojis e um “*la, Chukran*”

Apesar de ter mandado um “não obrigado”, não parei de pensar nele.

CAPÍTULO 39

Acordei animada. Tomei várias resoluções que me levaram a voltar ao pódio emocional e ao ringue da internet. Créditos ao Zayn, que cutucou meu ego com um toco de madeira e a visita que fiz a vó, na quinta-feira, junto com minha *best* Lourdes, foi legal pra descarregar o peso excessivo da verdade. Lourdinha e eu sempre fomos estrelas binárias e, mais uma vez, tínhamos planos de ocupar o espaço celeste em dupla. Ela queria ir para Madrid em julho e eu já estava escoltando meus planos para monetizar o canal e duplicar o número de *followers*. Decidimos colocar na rede toda a questão de adoção e querendo, ou não, meus pais teriam que engolir mais essa escalada rumo a naturalidade da condição de pais adotivos. Fizemos um roteiro básico, com um conteúdo inquisidor, teria um apelo lúdico, com balões digitais em forma de perguntas e respostas, a ideia era gerar conhecimento pra galera e “libertar” os adultos do estigma, ainda preconceituoso, de que ser adotada, ou ser pais que adotam, é assunto para ser escondido. #verdadeneveia, seria nossa campanha mor. Precisaríamos de algumas semanas para levantar algumas questões legais do processo de adoção, queríamos fazer umas *pockets* entrevistas com pessoas sobre este assunto e começar pela opinião de vóvis era o ponto certo. O vídeo começaria comigo falando sobre meu caso, mas só como um *starting point*. A ideia não era personalizar minha história, muito embora eu estivesse com todas as etapas de busca da minha origem na ponta do lápis e estava disposta a ir atrás de documentos e familiares dos meus pais biológicos, caso meus pais não facilitassem. Nunca fui apática, eu não saberia lidar com esta ebulição toda no *mode* “calma”, mas colocar algumas questões no cemitério agora seria imprescindível.

– Vóvis, a senhora alguma vez quis me contar sobre a adoção?

– Não.

– Então, você concorda com a posição deles?

– Não.

– Vó, você chegou a conhecer meus pais biológicos?

– Não.

Depois de três nãos, meti uma direta.

– Por que está escrevendo uma história parecida com a minha na plataforma?

– Na falta de uma boa imaginação, a gente colore a realidade, Faisquinha, você não tá gostando?

– Não. Estou me sentindo mais confusa ainda, qual é vó, dá a real. Você alguma vez viu meus papéis de adoção?

– Não.

Vóvis do alto de seu penteado *artsy*, me disse que a personalidade é formada com base nas experiências que vivemos até os sete anos, que eu não me preocupasse tanto, afinal, eu cresci com muito carinho e boa educação. Mas aí me fez uma pergunta simples, que na hora não dei importância alguma, mas depois serviu de chave de leitura para muita coisa.

– Você se lembra de alguma coisa? De quando você era pequeninha?

– Não muito bem. Respondi.

– Viu, então isso não fez diferença nenhuma na sua formação. Seus pais fizeram um trabalho muito bom.

Todas as perguntas que fizemos a ela foram de respostas curtas e de seiva negativa. Talvez ela não estivesse inspirada naquela tarde, mas eu estava. Me sentia viva com a mensagem querida do Zayn. Desisti de questionar a vóvis, porque, cara, não estava rendendo nada e, na real, eu estava muito pilhada para saber mais sobre ele. Fui pra casa pesquisar sobre os Berberes. Descobri que eles não têm registro de casa, não têm identidade, são nômades, genuinamente livres de etiquetas catalogadoras. Uau, quanto desapego, meuu. Os berberes, que são uma boa porcentagem da população, vivem de gado, de camelo, de turismo, por isso muitos são guias de turismo, como Zayn. Os mais nativos, quando chega o inverno, sobem as montanhas e moram em tendas de pêlo de camelo, cavernas e casas de barro. A pobreza está em cima, nas montanhas, onde levam uma vida muito dura, e vivem do pastoreio – ovelhas, cabras ou dromedários, se movendo de acordo com o clima local. Toda propriedade é do Rei e estrangeiros não podem comprar nenhum terreno no Marrocos. Curti ler sobre o rei Mohamed VI que é casado com uma princesa chamada Salma Benram, chique, hein? Os berberes não contam os anos, não festejam aniversário, eles têm uma idade real e uma fictícia, amei.

Pela primeira vez, desde que voltei do hospital, jantei na mesa com meus pais e conversei como uma pessoa civilizada e sofrida. Também tive que pedir desculpas, embora uma desculpa recatada, pelas minhas reações nervosas. Aos poucos, o clima foi se restabelecendo, até o início da outra semana, quando minha mãe já tinha inventado uma penca de desculpas estapafúrdias para não me mostrar o certificado de adoção com o sobrenome dos meus pais. A rota de colisão estava instalada, mas eu ainda não sabia quando seria.

CAPÍTULO 40

A paz, como permanência, nunca foi alcançada, especialmente nesta primavera de 2018. Eu a via, espichava o braço, esticava os dedos da mão, mas não a tocava. A ilusória certeza de se ser, também, escorregou, como sempre faz aos que tentam estar em si mesmos.

Para além do dilaceramento interior, a tristeza se solidificava, porque perder a legitimidade da mãe adotiva e da mãe biológica me esgotou. Gotas de melancolias pingavam lentas e nutritivas, como os pingos que caíam da bolsa de soro, nos dias que passei no hospital sendo medicada. A culpa de me sentir abandonada se mesclava com incertezas e eu sofria com a cobertura de uma sociedade superficial que me escondeu a vida toda. Ontem, ao abrir o cofre de joias no quarto da mãe, para pegar minha pulseira de ouro, que fazia um tempão que eu não usava, encontrei um objeto pequeno e feito de latão, bem de trás da caixa onde ela guarda minhas joias. Fiquei segurando o berloque, se é que dá para chamar de berloque, tentando lembrar o que a mãe tinha me dito, anos atrás, quando perguntei o que era. Eu devia, sei lá, ter uns treze ou quatorze anos e ela meio que fez uma cara de braba quando perguntei “mãe, que que é isso?”. Com uma cara de desdém e meio nervosinha, ela respondeu que não sabia o que era isso e que não tinha ideia de quem tinha colocado isso ali. Eu, na época, não dei bola, mas lembro que estranhei que um broche de latão pequeninho com duas curvas opostas unidas por um pedaço vertical preso em um cordão velho estava no meio de joias tão sofisticadas. Cena que se repetiu hoje – bizarro, meu. Na manhã seguinte, quando li os capítulos que a vóvis tinha publicado, achei uma cena bem esquisita, um pouco descritiva demais pro meu gosto, mas com um detalhe que passaria batido, não fosse eu ter encontrado o tal pingente no cofre ontem. O capítulo descrevia a cena da personagem que tinha acabado de ficar noiva e com um anel de brilhantes na mão, olhava com tristeza para um quadro em cima do sofá. Nessa cena tão corriqueira, minha vó, que sempre escrevia com muitos detalhes os ambientes onde as personagens atuavam, descreveu um sofá marrom com um veludo puído, numa sala de visitas antiga que tinha um único quadro, com a moldura descascada, quadro este que mostrava uma anciã morena com um broche pendurado no pescoço por um cordão velho. A noiva segurava o anel emocionada e vertia lágrimas olhando o quadro na sala de jantar. O tal penduricalho fez o link e o Google traduziu.

Uma meia lua, como um risco de um sorriso que no meio tinha uma coluna vertical

que unia a meia lua invertida e inferior, como se fosse o sorriso triste, formava algo tipo uma forquilha, mas era delicado, devia ter um centímetro no máximo e, se não era latão, era uma prata bem antiga. Tem ideia de quantas noites passei pensando nisso? Nunca poderia imaginar que seria um símbolo marroquino. Dei uma busca rápida na internet pelo iPhone, mas não achei nada parecido, perguntei pra vó, pelo messenger, mas ela mandou uma carinha de idiota, que não sabia o que era, me disse que inventou aquela descrição, e quando cheguei na mãe, ela me convenceu de que o “penduricalho antigo que achei no cofre devia ser da Lorainy”, uma empregada antiga, que vivia derrubando coisas, que deve ter deixado cair no chão e vai ver que a mãe juntou com as joias que costumava colocar em cima da cama, antes de escolher uma para usar e, voilá, foi parar por engano no cofre. Assim fui estimulada a dar mais um Google, desta vez com lentes de aumento, e não precisei de muito tempo para descobrir que este colarzinho é um símbolo da letra Z, do alfabeto bereber (Tifinagh) que representa al Amazigh, que significa: homem livre.

Vai ver minha vó trouxe do Marrocos de presente e a mãe não teve a coragem de colocar fora, porque, perua do jeito que é, Dna. Maria Cecilia, Ceci para os íntimos, não ia usar é nunca um colar desses, foi o que inferi. Deixei quieto. Mais uma vez, coloquei esta coincidência na conta das *serendipities* da vida e esqueci o fato. Com certeza, a mãe ficou com pena da vó, porque sempre odiava os presentes que ela dava, *anyway*. É isso. Mas não era!

CAPÍTULO 41

Tenho medo de ser ignorada, acho que todo mundo tem. Nessas duas últimas semanas em que fiquei me recuperando na casa dos meus pais e onde as vacuidades de lucidez me assombravam, procurei achar meu espaço e não encanar mais tanto na questão de ser adotada. Fiz um grande esforço para focar ao máximo nos preparativos do conteúdo que iria rolar no fim do mês.

Chora Menos estava feliz de estar comigo, depois da nossa temporária separação. A mordomia da casa da mãe ajudou no meu bem-estar geral, e fiz uma faxina em tudo que estava me poluindo e foi de Tuio aos capítulos que a vó escrevia, ou seja, decidi não ler mais a história, pelo menos até eu retornar para casa. Eu só tenho que voltar ao médico em quinze dias, tempo que prometi ficar com meus pais. O hábito de checar o celular voltou porque eu ficava cuidando toda hora para ver se o Zayn tinha mandado alguma mensagem. Instalei o Forest, que curto muito e é um tipo de jogo em que você precisa plantar uma árvore virtual e ficar 30 minutos sem usar o celular para ela crescer, se não me controlasse e entrasse para checar as redes sociais, a planta murcharia e eu perderia mais uma vez o desafio. Confesso que no começo funcionou bem, mas como o Zayn não escreveu mais nada, minha ansiedade subiu e me descontrolei, perdendo árvores e mandando fotos que tirei na viagem em que eu aparecia com ele. Não deu dois segundos, a palavrinha mágica “digitando” apareceu e ele me respondeu, “vou ao Brasil no final de novembro”. Nossa meu, mas o Deus da pressa, tava turbinando tudo que acontecia comigo.

Sabe quando você fica com uma obsessão residual? Ando me achando chatinha, sla, tipo, lembra da cena do espelho, meu, não aguento mais falar com o espelho, na real, não me aguento mais, cara, eu perdi um pouco o humor e a zoação que rolava natural no meu dia a dia. Neste momento, minha cisma de estimação é com o “pateto” do marroquino, que bastou me dar 1% de atenção que eu transformei num acontecimento. Certo que vou dar um intensivo com meu psi e encher os ouvidos virtuais dele com meus dramas “*exit*”stenciais, em especial depois da noite maravilhosa que passei com ele na cama, ele não o e-psi, mas Zayn pelado ao meu lado. Será que vou ter coragem de contar nosso momentinho sexy? Uma das vantagens do psi é não ver a cara dele ao vivo e aí até rola de desfiar alguns detalhes. Nunca vou esquecer esse sonho, Inshallah, ele seja melhor, na cama, na vida real, do que no sonho. No início suas mordidinhas carinhosas atrás da

minha orelha foram engraçadas e eu não consegui me concentrar porque estava morrendo de vergonha dele, mas aí, meuuuu, ele veio me beijando devagarinho em cada poro do meu rosto, como se eu fosse uma santa que ele estava em pura devoção. Aquilo, aos poucos, foi molhando minha calcinha e me lembrei que tinha uma renda solta, culpa da máquina de lavar tubaroa assassina, mastigava de vez em quando minhas lingerie, mas essa calcinha era daquelas com estampas de cachorrinhos, que eu tinha ganho de uma linha muuuito legal de underwear super fofas, esta era um tanto tropo cult e rasgadinha – sabe a lei do *murphy*-sensual que cada vez que você coloca uma calcinha, daquelas extremamente broxantes, rola um caso dez, no meu caso eu estava com uma assim, tipo tinha usado muito mesmo e era uma cueca tipo alargadinha, que agora estampava a cara de um doguinho desbotado com a seguinte frase embaixo: “Morde que eu engulo”, cara rezando para o Zayn não ler tão bem assim o português e Maomé me perdoar de lá das dunas celestiais onde vive. Quando ele chegou com seus dedos nesta parte rasgadinha, arrastando minha estampas de cachorrinhos para um canto e senti seu dedo circular suavemente no meu clitóris, soltei a vergonha e me deixei lambuzar. Meu corpo já não mais me pertencia e estava mole e quente com um simples toque dele. Seu rosto neste momento estava perto do meu e foi quando consegui olhar para dentro de seus olhos asfaltados que vi a beleza da escuridão. Caí pra dentro dos olhos grandes e lubrificadas que cada vez mais produziam um brilho intenso que, aos poucos, me hipnotizavam. Meu *moroccan demigod* já tinha me seduzido com o corpo todo tapado de roupas e com o turbante na cabeça, mas o tesão que agora circulava em mim era de uma corrente elétrica absurda. Tudo nele cheirava forte, tudo era convite, desespero, amor, pele e gozo. Foram muitos minutos assim, de massagem erótica sem que nenhum de nós tirasse a roupa e de repente ele se levantou, arrumou a *djellaba*, me olhou mais uma vez e abrindo a porta foi embora. Acordei suando e apavorada, me dando conta do que tinha acontecido e, até restaurar o programar na minha mente, me detive séria, carrancuda e triste. Fosse outros tempos estaria rindo desta cena, sinto que deixei de ser engraçada mesmo, e talvez isso, esteja ajudando a decrescer o número de seguidores. Mesmo tendo feito um conteúdo bem legal, com imagens bacanas e um som maravilhoso, o resultado do vídeo ficou muito abaixo da média em termos de *likes*. Acho que foi porque na última hora resolvi não falar sobre mim, não estava com vontade de contar que fui adotada, então fiz o vídeo só na base do assunto “adoção”, sem personalizar ou puxar o drama pro *myself*. Lembrei do dia em que eu estava com meu kaftan de algodão roxo e o Zayn se aproximou do nosso grupo, porque tia Pilar estava com medo de um lagarto, que andava rondando o quarto dela no

dia da tempestade de areia.

– *Tengo miedo del lagarton*. Explicou ela.

– *No, pero no pasa nada* -, disse ele com cara de querido. - *No muerden como los escorpiones. La senõra ha sido picado por lagarto?*

– *Nooo hombre, nunca*.

– *Entonces por qué tienes miedo?*

– *No sé, y tú has sido picado por escorpión?*

– *More than eight times*.

Desde esse momento até o dia seguinte, quando fomos de camelo para dormir nas tendas, Zayn passou a nos mostrar os rastros na areia deixado por patas de animais e os buracos que levam a seus refúgios.

– Os lagartos – mostrou ele –, olhem, deixam as pegadas e se denunciam, pelo arrastar da cauda que permanece na areia. Oh, ali, estão vendo? Todas essas são pegadas recentes, pois o vento se encarrega de apagá-las, rapidamente.

Era assim que eu me sentia em relação a ele, quanto mais o tempo passava, mais eu lembrava de como fui feliz no Marrocos, e Zayn Hovil, foi como os lagartos, deixou um rastro no meu triturado coração. Eu não tinha entendido isto até ele mandar o whats.

Agonizei. Que merda. Injetar minha carência na distância, que sempre aumenta a paixão, foi crucial para esconder meu estado de ânimo no Me Coça e é a pior coisa que podia me acontecer. Não interessa o tamanho da sua fama, quando a vida te exige um pouco mais, o povo vaza.

CAPÍTULO 42

Do whats evoluímos para o Skype. Falar com ele todo dia virou uma espécie de namoro que acabou me ajudando na recuperação, os espaços virtuais preenchem a vida de muita gente e a “atenção” alheia promove melhoras, principalmente, em quem está vulnerável e carente. Comia melhor, dormia com facilidade e ressuscitei, no Me Coça, a Laila das abordagens mais dinâmicas e agressivas que a galera estava acostumada a curtir. Uma youtuber é uma cronista de vídeo, que tem uma obesa responsabilidade com seu papel de influenciadora e é disto que gosto. Zayn também estava super curtindo meu trabalho no canal, acho que até demais. Cheguei a pensar que ele poderia estar querendo “me usar” para divulgar seu trabalho de guia no Marrocos, mas quando comentei isso com a Lourdes e ela, óbvio, levou para o Álvaro, ele disse que de dinheiro o Zayn não precisava. O pai dele era um comerciante bastante competente e que viviam muito bem em Marrakech. O avô dele não foi rico, mas começou a fazer uma pequena fortuna no fim da vida, com uma rede de oito lojas na Medina de Fez. Com certeza, a loja onde compramos os *djellabas* e as túnicas era da família dele, mas ele não tinha comentado nada conosco. Zayn tinha dito para alguém do grupo que o primo era dono do hotel que ficamos na noite anterior das tendas e que os outros dois primos cuidavam das demais lojas em Marrakech, uma família trabalhadora, com certeza.

Só quando perguntei a ele se tinha irmãs foi que ele disfarçou, com um olhar desapontado, que só tinha uma. Me contou que tem um irmão caçula de cinco anos. Não quis perguntar mais sobre isso porque achei que seria um pouco de invasão de privacidade. Como falávamos bastante no Skype, minha mãe começou a sacar que eu andava bem empolgadinha com o cara e deu o primeiro descontrole, quando eu disse que era com um amigo marroquino, e o segundo piti quando eu afirmei que estava gostando dele. Imagina se ela ia admitir que o *crush* da filhinha fosse um guia turístico. Começou a enumerar um monte de bobagens, como se o Zayn estivesse de malas prontas para entrar na nossa família, digo, na família dela. Conseguiu o ápice da imaginação problemática e histórica, quando disse que os netos dela não iam ser escurinhos, pode ser mais louca? Nas congregações que ela faz parte, enxoval em Miami é o mínimo! A coisa rola bem quando vem tudo de New York, Paris ou qualquer pecinha *baby* de fora do país – juro – coisa bemmmm brega, então o sonho de mamis é ter netos loirinhos, com enxoval internacional. Imagina eu vestindo os netos dela de berberes. Tive que rir, sem noção.

Outro dia, deu o ataque porque a filha da melhor amiga dela, que pertence a congregação das Mães Imaculadas, leia-se que para ser aceita como mãe perfeita, você precisa ter feito parto em casa, seu filho tem que estudar em uma escola alternativa e ter uma alimentação muito saudável. “Imagina a Amelinha vai ter o nenê em casa, que horroooooor”. Eu, agora, imaginava o cérebro dela berrando lá do fundo dos neurônios: “Imagina a Laila, filha da Ceci, está namorando um marroquino, guia de turismo, que horrooor”.

Contava os dias para ir pra casa e minha saúde precisava estar perfeita, porque qualquer recaída seria motivo para eu ficar mais tempo na casa deles. Cada vez que ela vinha implicar comigo com esta história, eu rebatia com perguntas do tipo: “Me mostra o jornal com o acidente de carro dos meus pais, ou quero ver o registro de adoção” e aí encerrava o papo com “vamos mudar de assunto”.

CAPÍTULO 43

Nessas do Zayn ter dito que viria ao Brasil, me animei a ponto de consultar uma nutricionista para aumentar de peso, cortei a franja e fiz uma reunião cheia de novas propostas com a equipe do canal. Quando Lourdinha soube que o Zayn viria, pilhou o Álvaro para vir na mesma época, assim, poderíamos dar uma viajada juntos, quem sabe para a Bahia. A ideia foi adiante e tia Pilar também ensaiou uma vinda para São Paulo. Lourdinha deu a ideia de fazermos uma festa árabe, com todo pessoal que viajou junto, pra gente curtir as fotos, comer um cuscuz e tematizar com música e dança marroquina, do tipo, puxem seus trajes marroquinos e *let's have fun*. Bom, desnecessário dizer que a mãe deu o contra, a vó estava em compras on-line, escolhendo os trajes e me pedindo para levar seis amigas do Spa. O troço tomou proporção gigantesca e tivemos de alugar um local para festa. Encurtando a história, colocamos à venda alguns convites para os cem primeiros *followers* que mandassem frases sobre o Marrocos e, de repente, inundou o canal com a temática africana, *strike* feito para os guias de turismo, o Brasil sabe receber.

Os preparativos foram uma delícia e, desde que cheguei em casa com o Chora Menos, me sentia absolutamente normal. Engordei um quilinho, me senti bonita e contente. Ser adotada foi para a lista das “não tão prioridades” e ficou em número cinco. A demanda pelos ingressos aumentou tanto que tivemos que liberar mais 30 ingressos promocionais e mais 100 para venda, trocamos o local da festa para um espaço ainda maior e acabamos contratando dois dos melhores DJs daqui. O bacana foi que o Me Coça lançou o #marroquei-se e toda renda dos ingressos iriam para as famílias necessitadas, 50% no Brasil e 50% no Marrocos. Recebemos milhares de propostas de lojas querendo vender roupas marroquinas, bailarinas da dança do ventre querendo fazer performances, agências de turismo propondo excursões para o Marrocos, o negócio ficou intenso, colorido e trabalhoso.

O tempo, feito de areia, estava se deslocando dentro de mim e numa rapidez espantosa fez chegar o dia do desembarque do Zayn. Camisa xadrez aberta, com uma t-shirt preta por baixo, a barba marroquina e os olhos mais escuros que já vi, me fizeram pular nos seus braços, fiquei pendurada nele, desejando fazer minhas ampulhetas pararem.

Casa, vinho, cama, sexo.

CAPÍTULO 44

Foram uns três dias assim. No domingo, final de tarde, fui com ele até a casa da mãe e a receptividade foi de morna a fria. Meu pai estava apático, apavorado e sem sorrir. Mamis fez a vez da anfitriã chique e vóvis metralhou o homem com perguntas corajosas. Eu estava nitidamente apaixonada, babando verde pelo berbere recém-chegado. A única pergunta que me espantou, ou melhor, a resposta que me espantou, foi quando a vó perguntou se era a primeira vez que ele vinha ao Brasil.

– Já é a quinta vez que venho.

Estranho. Fiquei pensando se ele não tinha pegado uma penca de brasileiras, voltei para casa introspectiva com esta possibilidade de não ser exclusiva na vida dele e de recear que o cara podia ser o maior galinha. Ele percebeu minha mudança de humor e rumamos para um papo sério, cervejas soltaram a língua e depois o sexo, outra vez.

– Zayn, desculpa eu te perguntar, mas, cara, por que você vem tanto ao Brasil?

– Temos negócios aqui e preciso visitar algumas agências de turismo que trabalhamos. O meu tio também vem bastante porque tem lojas em Fez e Marrakech, acho que já te falei isto. Por que você está preocupada?

– Ah, sla. Vou te dar a real, é que entrei numas que você já deve ter ficado com um monte de brasileiras.

– Eu fui noivo por muito tempo no Marrocos e depois rompemos. Vim para o Brasil e sim, fiquei com algumas brasileiras, mas nada sério. Você se importa?

– Sim, sim, quero dizer, não. Tá tudo bem. Tenho passado momentos difíceis e tudo está delicado para mim.

– Vamos sair para dançar. Você me leva em um lugar legal? Quero dançar outra vez com você.

Senha certa.

Jantamos num restaurante maravilhoso e esticamos a noite com os melhores DJs, os mesmos que vão fazer a noite da festa marroquina. Tive que fazer montes de selfies com fãs, mas, dessa vez, não me importei e Zayn foi bem de boas. Acho que ele nunca imaginou que eu fosse tão conhecida assim. Álvaro chegou no dia seguinte e jantamos todos na casa da Lourdinha. A semana passou voando, nos envolvemos nos preparativos finais da festa e Zayn parecia muito ocupado visitando agências, algumas com Álvaro e outras sozinho. No dia da festa, Zayn me deu um pacotinho de papel pardo com um par

de brincos marroquino absolutamente divinos que usei com minha túnica branca e lilás. Foi uma festa linda e arrecadamos bem mais dinheiro do que esperávamos. Na semana seguinte, fomos para o Rio de Janeiro e ficamos cinco dias em Búzios, numa espécie de lua de mel, que só não durou mais tempo porque a mãe começou a saturar minha caixa de mensagens com frases ridículas do tipo “não sei o que você viu nesse homem marroquino sujo”, ou “Laila, você está ciente que seu pai e eu não aprovamos esta relação horrível”, ou “está todo mundo dizendo que você tá maluca com este cara”, ou “onde já se viu, namorar um africano que a gente nem sabe de que família é”, ou, ainda, “você sabe que estes caras podem aliciar mulheres para o islã?”.

Como é que pode pensar tanta bobagem? O fato é que estragou meus últimos dias lá e, quando voltamos para São Paulo, tive que encarar um papo sério com ela – mais uma vez. O tom da conversa começou civilizado, mas acabou aos berros e quem disse a última frase fui eu.

– Se vocês não me deixarem viver em paz, eu fujo desta família de merdaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa, você nem é minha mãe, vive com medo de tudo, que sacooooo, larga do meu pé.

– Layla, agora chegaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa. Quer fugir, vai. Vai, mas deixa tudo. Tô cansada de tanto levar patata. Vai virar mendiga, porque essa tua fama de youtuber vai acabar junto com teu dinheiro.

– Duvida que eu vire uma *homeless*? Pois vou pra rua e sem esse dinheiro de vocês, vocês nunca me entendem, quando eu consigo ficar feliz, você me boicota, não aguento mais essa marcação em cima de mim. Nem que eu tenha que dividir o sachê de comida do Chora Menos para não morrer de fome, mas eu saio dessa prisão domiciliar. Você não confia em mim. Por quê?

Ela nunca respondeu. Nunca mais falamos sobre o assunto.

Os quinze dias que tia Pilar ficou conosco serviu para distrair a mãe das questões mais graves e de suas inseguranças comigo. Tivemos alguns momentos tensos, nada que uma Veuve Clicquot não resolvesse. Zayn foi embora na segunda-feira e eu chorei sem parar do aeroporto até em casa. Tinha me acostumado com a presença morena e querida dele. Não sei se é porque é muçulmano e eles são habituados a se lavar com tanta frequência, várias vezes ao dia, para orar, mas ele, caraaa, ele estava sempre cheiroso, ou porque é da pessoa dele mesmo e meu apartamento estava sempre em ordem, coisa que minha empregada levava três horas para arrumar, ele organizava em trinta minutos. Parecia de tão fácil convívio e com uma paz interior que poucas vezes convivi.

Combinamos de nos ver no final de junho, depois que passasse o longo período sagrado de Ramadã. Ele preferia que eu fosse para lá e fez promessas de me mostrar um Marrocos diferente com lugares nem tão turísticos, mas, nem por isso, menos atraente. Eu já não tinha tanta certeza de que esta seria a melhor opção, talvez fosse um pouco breve demais para eu voltar lá, me tranquilizei quando ele disse que se eu não fosse, ele viria. Pensa em alguém feliz!!!

CAPÍTULO 45

– Laila, você é minha estrela cadente. Sabe por quê? Me perguntou ele uma noite depois de transar.

– As estrelas cadentes, são pedacinhos de alguma partícula cósmica, um pedaço pequeno de meteoro, corpos celestes que, ao entrar na atmosfera da terra, deixam um rastro luminoso por onde passa – levantou o braço e fez um desenho no ar, aterrissando com a mão no seu coração –, você verá muitas no deserto.

Respondi com meu sorriso mais sincero e aí seguimos conversando sobre minha vida de youtuber, sobre os sinais de depressão das pessoas, sobre a vida no Brasil, sobre os arrombos financeiros de nossa economia, sobre as diferenças culturais entre nossos países. Entendi que ele não teve uma infância muito feliz apesar de não ter passado pela pobreza que assola muitos marroquinos. Me contou que ama futebol e que sempre que vem aqui vai no estádio assistir um jogo. Falamos bastante sobre a superproteção da minha mãe, no que ele discordou, um pouco, da minha bronca com ela, e contou como funciona o fundamental papel da mãe no Marrocos. De fato, acho que posso estar um pouco encapsulada nesta reação de defesa contra ela. Me dei conta que nunca tive muita empatia com as pessoas, talvez eu tivesse que estancar meu egoísmo para compreender como uma mãe se sente, especialmente, a minha. Ser detida por uma paixão, como a que eu estava sentindo pelo Zayn, me ajudava a deslocar uma série de valores, que eu confesso, antes cagava e andava, ele tinha, em muito pouco tempo, causado um enorme impacto na vastidão do meu ego imaturo e precipitado. Me senti, uma “faísca cadente”, com uma força veloz, rumo ao chão do infinito, lugar que nunca termina de existir.

Inacreditavelmente, fui me aproximando da minha mãe e consegui, em poucas semanas, fazer alguns programas com ela, fomos às compras juntas, visitamos a vó, na terça, e marquei uma ida no clube que ela tanto curtia. Pedi perdão com atitudes. O mês voou, mas foi mais como um balão gigante, lento, subindo com ar quente e passeando sobre a cidade, carregando fogo e queimando altitudes. Sentia falta do Zayn na minha rotina, o apê ficou vazio e triste. Mesmo falando com ele todos os dias pelo Skype, sentia saudades dele. As semanas foram passando e me sentia bem de saúde, não tive mais nenhum sangramento. Ne-nhum!!!

Acordo todos os dias e me digo: “calma, as coisas vão se resolver, de um jeito ou de outro”, mas eu também não conseguia conter a menstruação do tempo, hostil e

impiedoso.

Não poderia estar grávida porque achava que tinha me prevenido direitinho, mas sabe como é a cabeça da gente: sempre que existir 1% de algo, a mente humana pode triplicar as possibilidades com enorme desconfiança. O tal “destino” andava se comportando muito mal comigo e, nem minha mais potente imaginação, poderia dar conta de suas criativas trapaças. Ele bem poderia estar em pleno aprimoramento do meu próprio enredo de vida, se é que eu tenho um. Muitas vezes, me sinto perdida, alheia, *plotless* – uma pessoa sem história vivendo um enredo inventado, uma personagem adotada pelo grande escritor do universo. Eu nunca tive um conjunto de ações controláveis, é verdade, mas, neste momento, nem eu me reconhecia. Se por algum erro, ou acidente estivesse grávida, minha vida daria o *looping* mais assustador de todos. Não conseguia mais dormir direito e decidi que se até a semana que vem eu não menstruasse, iria fazer o teste de farmácia. Foi o trato que fiz comigo mesma. No fundo achava que estava desregulada porque, de vez em quando, isso acontecia, então botei o atraso na conta das emoções que vinham desregulando meu sistema nervoso e tentei relaxar, dei atenção total ao Me Coça que, nesta semana, terá um conteúdo *light*, no velho estilo das paródias. Eu ainda tinha uma horda de seguidores que me curtiam mesmo estando num semestre de baixa audiência, comparado com os últimos dois anos, e seguia determinada a recuperar e ultrapassar inscritos, voltar a entrar semanalmente na vida de mais de 800 mil seguidores, mesmo com angústias e aflições fuxicando meu corpo. Nas horas livres fazia o que mais gostava: assistia temporadas inteiras, no Netflix, com Chora Menos.

CAPÍTULO 46

Continuei visitando a mãe com mais frequência e nos tornamos um pouco mais amigas e menos mãe e filha, pena que durou só três semanas. Não tive coragem de fazer o teste de gravidez da farmácia, mas contei para Lourdinha o que estava acontecendo. Óbvio que não falei nada pro Zayn e Lourdinha me aliviou da paranóia, me repetindo que era super comum acontecer isto porque várias amigas dela, inclusive a própria, tiveram a menstruação atrasada por *stress*, ou questões hormonais. A melhor coisa, agora, era não encucar, frisava ela, mesmo conselho que recebi da minha psi-virtual. O meu psi, estava de férias na Europa, melhor. Se, em um mês, a menstruação não viesse, aí eu iria procurar meu gineco, o problema é que se eu procurasse meu gineco em dois segundos meu pai saberia.

Lourdes, vóvis e eu resolvemos fazer um jantar surpresa de aniversário para mãe no Clube e contratamos um serviço de festas que agilizou tudo nos conformes de mamis e sua turma paulistana. Não teve aquele momento surpresa que a luz acende e todos cantam parabéns, mas teve um momento baphonico-trágico que nenhuma socialite no mundo vai esquecer. Prepara o clima: no auge da festa, entre centenas de amigas, a Lourdes me chega com um pacote de presente rosa neon e efeitos consideráveis de suas expansões espirituais, a bicha se abraça na mãe e começa a chorar de emoção, dizendo com lágrimas nos olhos e ayahuasca na circulação, que ela ia ser vovó.

Tomar ayahuasca não é nenhuma novidade na vida dela porque faz retiros espirituais com gurus de altíssimo nível, que conduzem o chá, com cautela, em vários rituais de xamanismo que costuma ir. O Brasil possui abundância de lugares com pontos energéticos e conheço muita gente que curte expandir a consciência, agora o que deu na cabeça da minha BBF não tem nenhuma entidade que possa explicar. Providência número um – tirar ela de circulação. Número dois – explicar para algumas amigas que estavam mais perto da mãe, que a Lourdinha tinha tomado um porre porque tinha brigado com o *boy* e por fim – destruir qualquer resíduo da cabeça de mamis, no momento muda com o olhar legastênico parado e em surto, que era brincadeira dela.

Sentamos mamis, que continuava sem falar e pálida como uma tela de computador e, aos poucos, fomos acalmando a coitada que sofria embaçada numa ideia escandalosa de que sua filhinha única lhe daria um rebento marroquino, sujo e muçulmano.

Quem queria ter engolido a garrafa inteirinha de chá de ayahuasca e ter alucinações

extra-terráqueas era eu. Agora, já não importava mais que diarréia mental deu, nessa Lourdinha da porra, para chegar no aniver da mãe, desse jeito, mas o impacto que a bombástica notícia surtiu na minha mãe foi apavorante, para não dizer trágico. Decisão de aborto altamente ativada, caso esta desgraceira viesse a ser verdade. É por isso que a mentira existe, a verdade desemcapada dá curto-circuito. Por fim, mamis evoca a vó e diz numa voz de 60W “Faísca, você não seria capaz de fazer isto comigo” e cai.

CAPÍTULO 47

Tá denso, meuuuuuuuuuu, denso e condimentado o que tem acontecido comigo nestas últimas horas. Cara, é muita tensão para uma pessoa só. Muito provavelmente, a menstruação estava atrasada porque eu estava sob estresse contínuo. Minha conjunção astrológica deve estar com influências, absurdamente, negativas de todos os planetas nocivos das via lácteas mais malignas do multi-inverso.

A mãe teve que ser hospitalizada de urgência e segue internada na UTI. Nunca tinha me passado pela cabeça que ela tivesse um psicológico tão fraco. A simples possibilidade de eu estar grávida foi o suficiente para ela desmaiar e ter um piripaque nervoso. Foi horrível. Fiquei sem saber o que fazer, tentando acalmá-la e explicando que era brincadeira da Lourdes, que estava completamente bêbada, entretanto, os olhos dela sabiam que eu estava blefando, de alguma maneira, ela intuía que poderia ser verdade. Meu pai, junto com outros amigos médicos, que estavam na festa, mediram pressão, tentaram reanimá-la, mas foi em vão. Ela estava tendo alguma coisa, isso a gente via, mas ninguém sabia que era grave. Que vexame, me senti péssima, e só não dei uns tapas na Lourdinha porque a doida estava vendo duendes e seres extraterrestres em pleno clube dos milionários paulistas. Ela falava com entidades divinas e me olhava com os olhos esbugalhados, enquanto minha vó, tadinha, sentou-se num banco e rezava com o semblante triste e nervoso. Os convidados foram saindo aos poucos e nos desculpávamos na medida do possível. Quando a ambulância chegou, me senti tonta e imbecil. Foi um horror. O infarto agudo do miocárdio e as arritmias são os principais causadores do mal súbito, mas eu não sabia. Até então, eu não tinha me tocado que mamis tinha problemas cardíacos deste teor. Ela botava a mão no peito, vomitava e sentia falta de ar. As pessoas ficaram todas olhando apavoradas. Surreal.

Antes fosse um episódio da Netflix, mas ruiu para desespero cruel, onde a realidade, nesse particular, se mexia mais rápido que a ficção. Tentaram recuperar os sentidos, mas ela teve que ficar na UTI, o caso foi muito mais perigoso do que eu imaginei. Estava inconformada com tudo que estava acontecendo e sangue nenhum descia. Cada hora que passava, eu me sentia mais agoniada e se minha menstruação não estava baixando pelas questões emocionais diversas, agora, sim, que empacaria de vez. Falei pelo whats com uma amiga minha que estava cursando medicina e ela me aconselhou a procurar ajuda de uma médica muito querida e competente que,

supostamente, me livraria das intervenções médicas do meu pai. Consegui passar para ela todo meu caso clínico anterior e, pela primeira vez, entendi as consequências de ter um sangue tão raro quanto desregulado, ou vinha muito, ou vinha nada. Dra. Constança foi de grande ajuda, segurou minha barra e me ensinou tudo sobre mim, ou melhor, sobre a nova Laila, que não era nem a recordista de *followers* no Youtube, nem a brasileira filha de Dona Maria Cecília e Dr. Roberto Jair Tyfolli.

Foram horas imensas no hospital. Ficava falando com todo mundo, inclusive com Zayn que continuava amoroso e, quando soube do que aconteceu com a mãe, me prometeu um encontro no Brasil assim que ele pudesse. Me acalmava dizendo que tudo ia ficar bem e que logo eu iria conhecer o Marrocos mais bonito de todos. Eu não tinha a menor chance de deixar minha mãe sozinha, estava em pânico e ele sem mensurar como eu estava me sentindo. A solidão é a mais impactante *crowd* do mundo, é composta de uma multidão de pensamentos que te rodeiam feito ciranda, te cercando e te deixando confusa. Nada se compara ao andar dentro de um corredor de hospital o dia todo, sem falar com ninguém, de um lado para o outro, sem conseguir comer, esperando as horas passarem e, quando a noite chega, você não dorme, a madrugada silenciosa te belisca. Me sentia imensamente só e desamparada. Logo eu que era habitada por milhares de seguidores na web, que pareciam íntimos amigos, mas que, como todos, compareciam só nos momentos de festa.

CAPÍTULO 48

Apesar de não poder entrar toda hora no CTI, eu ia três vezes por dia e visitava minha mãe, quando me permitiam. Não podia dormir com ela, então ia para casa ficar com Chora Menos e rezar. Rezei tanto que nem sabia que eu acreditava tanto assim em Deus. Ele existe? Segundo o pai, ela ia se recuperar bem e logo iria para o quarto. Conversamos bastante sobre o que aconteceu e ele desocupou todo tipo de culpa que tinha se instalado no meu coração. Me explicou que ela tem um quadro físico debilitado e é uma pessoa muito nervosa, com ansiedade elevada e não deve correr o risco de se estressar seguidamente, por isso o Clube, as compras, as amigas peruas são contrapontos importantes na vida dela. Nunca me senti tão estúpida na vida. Por que eu tinha que ser tão brigona com ela? Tadinha, que dó, é apenas um passarinho de vidro numa gaiola de ouro, tentando escapar das patadas que a vida dá.

De alguma forma estranha, comecei a desencanar da possibilidade de estar grávida e tratei de me alimentar melhor. As duas consultas que tive com a Dra. Constança me deixaram mais tranquila e decidimos que eu deveria me cuidar agora, para poder ajudar minha mãe quando ela fosse para o quarto e, depois, para casa. Combinamos de aguardar mais duas semanas para fazer exame de sangue, ela apostava num desregulamento hormonal mais do que uma gravidez, eu também.

No domingo, a mãe foi para o quarto e estava com uma carinha melhor. Fiquei todo dia com ela e não tocamos no assunto gravidez. Fizemos planos para a ida dela para casa e me incumbi de mandar um e-mail a todos amigos nos desculpando pelo imprevisto, solicitando que não fizessem visitas no hospital e afirmando que daríamos uma nova festa, melhor do que aquela, assim que ela estivesse bem.

O canal ficou meio manco, mais uma vez, eu não tinha a menor condição de me expor on-line, por sorte (ou azar), a Lourdinha, depois de se retratar comigo, assumiu as pautas, colocou sugestões de novos conteúdos e monitorou a nova campanha milionária que eu faria no mês seguinte. Nada disso, entretanto, serviu para eu esquecer o que ela fez na festa da mãe.

Sabe quando você tá rolando o feed no Insta e pá! É surpreendido? Pois... hoje pela manhã, antes do café, vi no Insta uma foto do Zayn que não gostei. Tipo, ele estava na piscina do Hotel do primo, ao lado uma mulher alta, olhos claros, tipo uma holandesa, que olhava para ele, porra meuuu, com cara de *I love you*. Fui direto para o Face, stalkear

se ela tinha marcado ele na foto e não só descobri que sim, mas também que ela tinha várias fotos com ele. Procurei me controlar, a raiva, porém se alastrou. Liguei para ele. Não atendeu. Com a ida da mãe para o hospital, tudo saiu do normal e, claro, nos falamos menos do que de costume. Putz, ele seria tão volúvel a ponto de se engraçar por outra mulher, só porque eu não estava dando muita atenção para ele? Vai ver ele é sempre assim. Teria pulado a cerca do mundo virtual? Liguei mais umas cinco vezes e ele não atendia. Mandeí whats, SMS, e-mail e nada. Ou perdeu o celular, ou estava nas tendas no meio das dunas, onde não tinha sinal nenhum. Eu sabia que ele estava acompanhando um novo grupo de turistas e, também, sabia da fama dos guias de azarar estrangeiras tolas-carentes-românticas nesse tipo de viagem. Se ainda fosse período de Ramadã, eu ficaria mais tranquila, mas minhas suspeitas vieram embaladas de um instinto mais do que feminino. Só faltava, esse filho da puta, ser um galinha ambivalente a ponto de dar em cima de toda mulherada que aparece no deserto marroquino. Botei a Lourdinha pra trabalhar, ela que descobrisse com Álvaro se ele sabia alguma coisa sobre o Zayn. Ele se fez de sonso, claro. Sonegou informação como todos os homens machistas do planeta.

Bebia água que nem uma louca. “Hidrate-se”, veio a voz da Dra. Constança lá do fundo do consultório. “Quando estamos com medo, liberamos doses extras de hormônio, como cortisol e adrenalina, que só saem do corpo pela urina, então beba água Laila.” Nunca bebi tanta água. Depois de inundar o bofe cretino com mensagens, parti para um linchamento virtual. Bloqueei ele no Face e, lógico, deixei de seguir ele no Insta.

CAPÍTULO 49

Ciberspaço e suas efusões. A traição da fantasia versus a realidade são polos que não domino. Pode ser fácil atingir milhares de pessoas de uma vez só, se você tem um canal forte, por isto me joguei no Me Coça, sem pauta, sem make e sem vergonha nenhuma. Falei sobre mim, de como ser a corna da vez, de pagar de corna total e me despedi do vídeo com fotos bem marcantes e descomunalmente lindas minhas com todos os ex que peguei, um memorial digno de Frank Lloyd Wright no Guggenheim, ou se preferirem de Anitta com Madonna. Bombou. Lavei minha reca com detergente concentrado e recuperei meus likezinhos perdidos nos últimos meses. Sou maluca e divina e que se foda a modéstia. Eu que já fui uma especialista em iludir *crushes* me tornei campeã de orfandade, todo mundo resolveu me abandonar no meio do caminho.

Meus celulares não paravam de tocar ao mesmo tempo e só podia ser algo importante. Desabou outra torre no mundo? Outra parte da Notre Dame? Estava certa de que era o Zayn, por isso não atendi de primeira. Nem me puxando poderia imaginar que a família toda estava me ligando porque a mãe não estava bem. Voei para o hospital.

– Como assim entubada? Mas pai, ela não ia ter alta amanhã?

– Senta aqui, minha filha. Ela apresentou um quadro febril nas últimas 48 horas, estávamos a tratando com doses altas de antibiótico. Acontece que ela não respondeu bem e teve uma piora significativa nas últimas 24 horas. Fizemos exames mais precisos e detectamos uma infecção que se instalou no pulmão. Administramos anti-inflamatórios, mas a febre alta persistiu e dobramos os cuidados no espaço alveolar com medicamentos potentes. A pneumonia viral geralmente é leve, mas, em alguns casos, pode tornar-se muito grave.

Minhas pernas estavam bambas.

– Paiiiiiii, mas não pode ser, faz alguma coisa pelo amor de Deusssssssssssss.

– Minha filha, procura se controlar. Estamos fazendo o possível, vamos aguardar a resposta do organismo dela. Ela estava com bastante falta de ar e tivemos que entubar para ela não sofrer.

– Pai, ela vai morrer?

Silêncio.

– Paiiiiiiiiiii!

Outro silêncio.

Um último silêncio.

CAPÍTULO 50

O eterno nunca é visto de forma imaterial. E a visão d'Ele na mulher é a mais perfeita (RUMI).

Sabe o que que é mãe, é que eu não pude te explicar que alguma coisa dentro de mim pulsa em outra frequência. É uma espécie de anonimato que, aos poucos, vai ressurgindo e vai revelando traços que nem sempre são familiares às minhas vontades e eu não sei como estas verdades me vestem, eu nunca consigo prever de que forma elas aparecerão e essas coisas que chamo, no meu pensamento, de essências estranhas, elas invadem meu jeito e se entortam, como que tentando se adaptar fortemente no teu jeito de ser, mas nunca funciona, não cabe dentro do molde que você entalhou e aí vivo com sobras, ou esgoelada para fora do recipiente, porque estou torta mais para a esquerda, ou minúscula, voltada para o lado direito, sou uma geleca rebelde que não adere, um bolo embatumado que nunca cresce como se gostaria. Você me criou para ser parecida com você, para assegurar a tua continuação, só que dentro dessas essências estranhas têm um monte de outras forças que explodem em ziguezagues, em tamanhos estrangeiros a mim mesma e que deformam os ensinamentos que você me deu. Mãe, eu não te disse que, mesmo nunca tendo dito que te amava, eu precisava de você, também não tive tempo de entender que meu sangue, ora excedente, expulsava de mim aos jorros tudo que não me pertencia, ora estancava com tudo que viria a ser. Serei mãe. Foi no deserto que esparramei meu sangue e foi através dele que me apresentaram uma nova versão. Se eu não nasci de você, como eu cheguei nos teus braços? Eu só queria encontrar um caminho, um ventre que abrigasse minha origem, eu sentia fome de identidade, você não percebia que eu era atrapalhada nas minhas buscas e que eu me desperdiçava inutilmente? Porque você me deixou tanto tempo sem casulo, sem eira na estrada, sem GPS para entender estas essências que nomeio de estranhas, mas agora sei que estranha não é a palavra certa, quero te cochichar no ouvido que a palavra é impostora. Desculpe chegar tão perto e perturbar a tua legastenia, só que mãe, você viu como eu subtraí mami por mãe, soa artificial, eu sei, é assim que passei meus últimos anos, em constante deformação, buscando *likes* para amansar minha falta de aceitação, para fazer sentido, para ter um pertence, porque, no fundo, eu sabia que algo em mim não encaixava. Você sabe o que é usar uma bolsa Fendi falsa, você não consegue usá-la com o mesmo andar empinado, com a mesma atitude segura de uma bolsa legítima, mãe eu sou de camelô? Ai, mami, você lembra daquela tarde que nós duas fomos tomar uma espumante nos Jardins? Você me mirou com tanta

vontade de me penetrar que desconfie do teu vampirismo ótico, teu olhar queria adentrar minha zona de conflito, teus olhos imperfeitos invadiram minhas almas trocadas, ali mãe eu desconfie de que o teu exagero escondia uma escolha e você optou por não revelar a minha adoção, você não confiou em mim, que eu cresceria junto com esse detalhe autenticador de tantas amarras entre nós. É incrível como por debaixo da saia azul que você me trouxe da Itália, sinto um alvoroço no ventre, por que você não abre os olhos? Mamissss você está me ouvindo? Maaaãe, mamisss, para de fingir que não quer me ver, está tudo bem se você não consegue enxergar porque tá sem o óculos, você pode colocar a mão na minha barriga, pra sentir o que eu sinto, sinto algo, sinto vida, sinto muito, mãe.

CAPÍTULO 51

Levei cinco meses para enterrar a primeira parte da minha mãe. Mais dois para colocar debaixo da terra, no meu cemitério particular, alguns perdões que não soube pedir e algumas poucas semanas para assimilar a gravidez que teria interrompido não fosse o Zayn me convencer que esse seria um dano irreparável e que Deus nenhum perdoaria. Foi ele que me deu a mão e sua história de vida para que eu pudesse atravessar esta etapa de turbulência emocional. Foi através dele que consegui flutuar entre os alinhamentos planetários mais algozes, aqueles que meu interior conseguiu captar - mas foi um engano.

Meu pai sobreviveu a morte dela como sempre fazia, tomando café da manhã, indo para o hospital e voltando tarde da noite para descansar, por algumas horas, quando nenhuma emergência médica o chamava. Vóvis envelheceu mais, não sei quantos centímetros, e acompanhou de perto e de longe a perda infindável da sua filha caçula. Tia Pilar veio ficar comigo e Chora Menos, ao mesmo tempo que rondava suas malas no quarto de hóspedes, onde ela dormia no meu apê, mijava, como que desregulado, na entrada da porta de seu quarto. Lourdinha foi mais uma vez uma irmã que, entre expansões de consciência, culpas e gerenciamento do Canal ia às lágrimas cada vez que me encontrava. Se não fosse a Dra. Constança a me dar suporte, estaria internada, desta vez por transtorno de humor e depressão. Uma vida vai, outra vem, não é assim, quase sempre? Minha gravidez foi um luto crescente que feito lua mudou de ciclo só que a cada três meses. Eu tinha um acompanhamento médico de primeira, poucos enjoos e zero fome. Zayn veio para o Brasil assim que soube da morte dela e foi desse modo que começamos uma nova fase, uma espécie de relação mais comprometida que resultou no meu total esquecimento das desconfianças que eu estava tendo para com suas galinhagens de guia turístico. Ficou comigo por dez dias e depois voltou para Marrakech alegando negócios intransferíveis com a jura de voltar para o Brasil dentro de meses. Minha gravidez estava no início do quarto mês e eu não só não tinha muito volume na barriga, como nenhuma atitude de mulher grávida. A única coisa que me aliviava era produzir conteúdo, isso me aliviava, ou me entretia, o Me Coça sempre foi meu ferrolho, o lugar de multidões onde me sentia acolhida. Meu cachorro já andava fugindo de mim, dos meus abraços apertados, porque eu me abraçava nele para chorar, eram choros compridos, tristes, perdidos, eu era uma personagem vitimizada, daquelas que ninguém aguenta ler num romance. Chora Menos era um urso gigante que lambia as dores para que eu pudesse

sobreviver, por pouco não ouvi ele me dizendo “chora menos Laila, chora menos minha doninha, para de convulsionar, humana querida, pare de chorar até o bebê nascer”. Nunca pensei em ser mãe, ainda mais de uma aventura com um marroquino. Minha vida, porém, sambava desgraçadamente nas imprevisibilidades das curvas, eu tinha apenas que segurar no volante, enquanto meu desespero, em sigilo, se alastrava desbotando tudo que eu tinha construído, feito acetona derramada na colcha. O número de inscritos estacionou, a fada dos *likes* não andava morrendo de amores por mim. Meus vazios estavam enormes, eram crateras insuspeitas, nunca uma mãe me fez tanta falta. Quanto mais ela se ia, pela distância severa do tempo, mais eu me tornava mãe. A barriga crescia, com muito pouco volume, como que por acaso, e isso ajudava a eu não assumir a gravidez com a desenvoltura das mães desejosas de aumentar a humanidade. Tudo em mim ebolia, apesar de eu fingir para os outros que eu estava controlada e bem. Nem minha vóvis parecia desconfiar da gestação aflitiva que me envolvia. Se me diziam vai, eu ia, se me dissessem fica eu ficava, come, eu comia, vomita, eu vomitava. Meu pai, vóvis, Zayn, Tia Pilar, todos eles estavam relativamente satisfeitos com meu controle e maturidade. Chora Menos foi o primeiro a desconfiar. De repente, começou a arrancar pelos das patas, depois se enroscava no chão e lambia e arrancava chumaços da coxa, o veterinário disse que era psicológico, algo emocional e prescreveu para ele uma espécie de Rivotril canino, duas vezes ao dia. A vontade que eu tinha era de morar com este homem, um veterinário que me enxergava, o único médico a perceber meu real estado.

As semanas tinham sempre a prepotência e a pressa de passar. O dia de buscar Zayn no aeroporto foi inesquecível. Lourdinha foi comigo, fomos uma hora antes para estacionar o carro, com calma, nossa ideia era nos sentarmos no café, numa última reunião para alinhar alguns itens do novo conteúdo. De alguma forma Lourdinha tocava o Canal, eu ainda me sentia frágil para vídeos de longas exposições. Não recuperamos os inscritos perdidos e as novas adesões precisavam de conteúdos diferentes, eu não tinha gás para criar, minhas coceiras mentais me ocupavam todo tempo, eu tinha sarna emocional.

Acordei bem cedo para tomar banho com calma e fazer uma chapinha no cabelo, queria estar mais do que linda, Zayn nunca tinha me visto com o cabelo assim. Escolhi uma saia de cetim preta longa que me deixava mais magrinha e alta, arbatei com um cinto de couro muso que comprei em Fez, joguei uma camiseta de manga comprida cor de amora, e fiz um make bem natural. Não sei o porquê me preocupei tanto com o visual,

até coloquei joias em ouro amarelo, coisa que detestava, de um jeito muito sutil, eu hoje estava “perua” num tom que minha mãe teria elogiado.

– Nossaaaa amiga, você arrasou, tá lindassaa!

Foi o que ouvi da Lourdinha quando me viu no carro.

Meu nervosismo não me deixava pensar direito, eu tinha que ficar com os olhos grudados no monitor, precisava checar cada passo do voo. Eu era uma doida, nervosa à espera do pai do bebê. Uma mistura de ansiedade com alívio me desorbitava, mesmo tendo revisado, dentro do meu coração, inúmeras noites, todo sentimento que eu tinha por ele. Ainda não era amor, mas tinha potencial, eu queria muito, mas muito mesmo que ele me achasse maravilhosa, queria que ele me amasse, me desse colo, me desse todos os *likes* que ele pudesse e isso estava prestes a acontecer. Minha boca estava seca e eu desconfiava que algum alarme soava baixo e contínuo. Eu não tinha despertado o inconsciente para decifrar eventos, não sabia ler os sinais do universo e, portanto, não me controlava, quando você confia em uma força interior, ou seja, quando você conecta com o Criador de tudo, você aguça as sombras, percebe que enxergar o todo é o que te deixa segura, eu ainda não tinha escutado o chamado da espiritualidade, então sofria por tudo, só muito depois foi que comecei a praticar meditação e confirmar que nada acontece por acaso – é o que dizem, é o que acredito.

– Lourdinha, o voo tá atrasado e o mais estranho é que ele não me mandou nenhum whats desde que embarcou em Casablanca.

– Meuuu, não encarna a atucanada, olha lá, está normal, em suma está tudo ok -, disse ela.

– Lourdinha, tem alguma coisa errada.

– Fica calma Laila, olha o bebê. Quer que eu vá até o balcão para checar se o voo vai demorar muito e você fica aqui sentadinha?

– Pode ser.

CAPÍTULO 52

Pensa na palavra rejeição e agora pinta ela de neon, aumenta o tamanho na tela e faz um contorno metálico. Foi o que me vi fazendo depois que entrou a mensagem do Zayn no meu celular. *“I can’t go, sorry, love Z”*.

Cara, o que você faz com um filho da puta desses, que te sacaneia na escassez de palavras e na enganação de toda uma expectativa e que, não por acaso, é o pai do filho que está na sua barriga? Quando a Lourdinha voltou com a notícia de que o voo já estava pousando, me encontrou com os olhos inteiramente doloridos de não-lágrimas. Eu não conseguia falar, nem me mexer, tinha vontade de arrancar a criança que estava dentro de mim. Pela primeira vez tive a certeza do que eu temia, eu não queria ser mãe. Não queria o bebê, nem sei se queria o Zayn. O entusiasmo que tive por ele no início nem teve tempo de virar paixão, mas o anjo encarregado das pessoas surtadinhas de tesão, também estava em crise de ansiedade e atropelou as coisas, virou todas as ampulhetas ao mesmo tempo, na velocidade de um raio, num chispar de chamas, ele foi rápido, mas eu fui mais veloz. Cheguei no fundo da caixa que continha todos as perdas possíveis, como se fosse um pacote de biscoitos, só que era um pacote de perdas. Esse era o último biscoitinho, enfim.

Uma reação clandestina se aproximou de mim e, naquele instante, apesar de muda e inundada de choro, decidi não me deixar abater. Tive uma espécie de regresso ao meu próprio útero, ainda não identificado, para definir planos novos, todos eles não contavam com a presença de ninguém. Pela primeira vez parei para pensar muito em tudo que vinha acontecendo e a grande merda é que me certifiquei de que eu realmente queria me separar desse nenê. Ele sempre foi uma visita difícil de aguentar, só que, agora, assumi essa constatação e sequer fiquei triste, revirei minha dúvidas até encontrar o que me incomodava, e encontrei este ser minúsculo, indefeso e perpétuo. Decidida a não ter mais o bebê, mandei quatro whats, ali do aeroporto mesmo, mas minha médica não visualizou. Liguei para a secretária que também não deu sinal de vida. Eu tinha que abortar o feto que pretendia avançar com velocidade, invadindo meu estômago a cada minuto, estava resolvida a não mais abrir os olhos todas manhãs e me deparar com esse pedaço de vida que forçava uma intimidade que eu jamais concedi.

– Laila, você tá bem? Para quem você está ligando? Quer um copo de água?

Me perguntou uma Lourdinha com cara de espanto, para logo me puxar pela mão acrescentando:

- Vamos lá para o desembarque.
- Ele não vem.
- Como assim, meuuuu, o avião já pousou meu, vem.

Mostrei a mensagem dele no celular, Lourdinha não estava entendendo, sempre ficava tipo perdida, com um certo *delay*, quando a verdade não era condizente com o esperado. Tive eu que puxar o seu braço.

– Vamos para o estacionamento, preciso chegar no consultório da Doutora antes das 18 horas.

Só tive retorno da secretária da Dra. Constança por volta das quatro da tarde. Antes, porém, me deitei no sofá de casa e me deixei desesperar, chorando baixinho, com soluços fortes e respiração ofegante, observei minha barriga se mexendo e acompanhando o movimento do choro. Foi quando coloquei os olhos no cinto de couro que vislumbrei a possibilidade de resolver tudo isso. Respirei fundo, enruguei a testa e então calculei a distância de um centímetro entre cada furo. Retirei o cinto preto, vi que era muito bem acabado e com verniz nos cantos e com uma frieza decidida, recoloquei, só que numa bolinha mais apertada do que de costume. Desafivelei outra vez, com ele ali rente na barriga e apertei mais um pouco, dois furos não eram suficientes para apertar minha circunferência. Abri as fivelas, desta vez pulei mais três buraquinhos, ajustou um pouco e já pude sentir um certo desconforto. Como um torturador profissional, aguardava uns segundos para repetir o ajuste, e cada vez mais sentia vontade de apertar a circulação do meu estômago. Não estava sentindo nada além de agonia e uma leve sensação de aperto, mas não tinha dor, aproveitei então para a ajustar mais um furo, talvez, pensei, se eu ficasse com ele algumas horas tudo seria mais natural. Meti mais dois furos, olhei minha barriga, que agora estava dividida em duas montanhas pequenas e dei minha apertada derradeira. Cada vez que eu tinha que trocar de buraco, um pouco do ajuste se afrouxava, o aperto seguinte, o último, seria de três furos, seria o permanente, nunca imaginei que estrangular alguém fosse tão rápido.

Levei uns vinte minutos para passar mal e como se a doutora tivesse adivinhado, me mandou um whats dizendo que poderia me atender em trinta minutos. Me intimou a chegar no consultório às 18:20. Nem sei como cheguei lá, estava atrasada, nervosa, entrei sem cumprimentar ninguém. Bastou eu abrir a boca para dizer que eu queria fazer um aborto, para ela imediatamente me desiludir com as usuais desculpas médicas de que seria uma interrupção de gravidez de risco e não hesitaria em mandar uma mensagem para meu pai, caso eu insistisse no assunto.

Muito provavelmente, meu pai seguiria apático, Dr. Jair estava sempre passivo e sem demonstrar emoções em relação ao neto. Era muito treinado a não sofrer com a dor alheia, ou ainda estava em choque com a brusca morte da minha não-mãe. Quando eu liguei para ele chorando dizendo que o Zayn não vinha mais, ele pareceu muito sereno e eu quase arriscaria dizer: feliz. Só percebi que não era insensibilidade quando a vó reagiu do mesmo modo: “quase feliz”. Estranho, muito bizarro, meu.

Muitas sessões de terapia depois não apertei mais nenhum cinto, não me mutilei pelo que queria fazer, apenas reuni dias e semanas e cliquei no foda-se – o usual.

Ao intensificar a sessão de terapia da semana, dessa vez tive de ir três vezes no consultório, me senti um pouco menos atrapalhada com meus sentimentos. De certa maneira, entendi que eu gostava muito mais de mim do que eu imaginava. Talvez minha frustração tenha sido um capricho descuidado, uma decepção de não ter mais na mente a fantasia de voltar a um país que me disse tanta coisa, desconfiei que eu gostava mais do lugar do que do próprio marroquino. Justamente por não sentir a perda dele foi que nunca mais o procurei, nem mesmo respondi ao seu último whatsapp. Logo, me joguei ao trabalho e continuei no intensivo terapêutico, que me ajudou pra caralho. Detesto ser rejeitada e obvio que dei um “*ghosting*” no Zayn, e, com todos os acessos bloqueados, ele não teria como falar comigo a não ser que tivesse a cara de pau de vir me procurar no Brasil. Exigi da Lourdinha e da Tia Pilar absoluto silêncio sobre qualquer coisa que se referisse a mim. Álvaro jurou não se meter nesta história até porque Lourdinha andava monitorando todos seus passos digitais. Aprendi que não se encaixota vidas, não se acumula vontades que contém prazo de validade quase estourando e não se salva sonhos em pen-drives.

Zayn acabou desistindo de me conectar pelo whats, assim que constatou que eu tinha bloqueado o contato, aí começou a me mandar e-mails, não pensei duas vezes para bloqueá-lo por ali também, desta forma tomei base, construí um chão novo, comecei a enterrar novas raízes, foi aos poucos que me senti aliviada e retomei o canal. A partir dali ainda rolou umas semanas que eu desconfiava que ele deveria estar me monitorando digitalmente, mas os sete meses de gravidez estavam me ensinando a entender o mundo entre shots de doçura e shots de aspereza.

CAPÍTULO 53

– Jura que gostou do meu look?

Chora Menos torceu o pescoço para o lado, num esforço imenso de me entender. Eu estava me sentindo linda com um longo preto de renda com detalhes em seda branca. A barriga já aparecia bastante, assim como minha imagem nas redes sociais. Comecei a ganhar um monte de presentes das lojas de *newborn* e duas ofertas irrecusáveis de fraldas e acessórios para bebês. O entusiasmo e a sensação de felicidade começaram, lentamente, a retornar me fazendo, muitas vezes, pegar o celular para mandar um whats para mamis, um reflexo condicionado que tenho até hoje. Cada vez que eu tinha o impulso de mandar um whats para ela, eu tinha de me avisar que ela estava morta. Foi longo o processo de me recordar que ela não podia receber minhas mensagens e aí, volta e meia, eu me enxaguava num escasso consolo de apaziguar a carência, então, era assim: eu precisava mascarar a tristeza sabendo que ela nunca mais me responderia – no céu não tem internet.

Os últimos meses de gestação foram os mais tranquilos. Precisei tirar muitas coisas do quarto de apoio para fazer o quarto do nenê que, aos poucos, recebia os motivos do Marrocos, desde os variados tons de vermelho que se misturavam com o laranja até camelinhos artesanais que nós havíamos comprado, servindo de ponto de partida para a temática decorativa. Entrei numas de receber o novo ser humano, que tinha escolhido minha pança para ser seu Airbnb passageiro, com cores e conforto. Nada do azulzinho, do rosa ou do lilás infantil. O primeiro camelo que comprei é o que mais curto, apesar de não ter nenhuma estirpe artística. Feio, torto, mal feito, um monstrinho desamparado de capricho, um *homeless* imponente na sua simplicidade, um pouco como minha primeira impressão do deserto, um lugar sem adereços, um território à toa, com uma vitalidade que se descobre rente ao toque da areia.

Lembro que estávamos indo em direção ao primeiro hotel, com carros 4x4, os tais que conseguem circular nas dunas e aí, de repente, nosso jipe diminuiu velocidade e parou, forçando os outros carros a fazerem uma pausa também. A ideia era tirar algumas fotos e enquanto as selfies aconteciam e o pessoal se agrupava para conseguir o melhor ângulo, crianças surgiram, não sei de onde, apareceram feito formigas silenciosas, seis, sete crianças com camisetas simples, shorts e pés descalços e se sentaram no chão uma ao lado da outra, como aquelas apresentações ensaiadas do jardim de infância que a turminha entra e se senta em absoluto silêncio até começar a canção. Uns tinham um

turbante enrolado na cabeça, outros só roupas velhas, todos contidos numa disciplina simpática. Atrás deles, duas senhoras, também com ares humildes, encolhiam-se cerimoniosamente de nós, como se estivessem com vergonha das suas condições tribais. Aos poucos, algumas pessoas da nossa excursão começaram a prestar atenção naqueles berberes que abriam pequenas trouxas de pano, ao modo das antigas lavadeiras e dali começavam a sacar camelinhos feitos com sobras de tecido, animais de ossos de arame, forrados com a maior sinceridade que pude vivenciar. Alguns eram magrinhos, com uma ou duas cores, outros com as pernas curtas demais, e outros com muito enfeite no lombo. Nenhuma das crianças falava. Elas esperavam, com a quietude da solidão, que alguém fizesse menção de comprar um de seus camelos e, então, aos poucos a turma começou a abrir as carteiras e a negociar num inglês tacanho o valor dos bichinhos. Dos sete berberes sentados em seus joelhos, só uma menina não vendia seu produto, ninguém parecia ter se encantado pelos camelos que ela oferecia. Ela permaneceu calada, com o mesmo rostinho atento e triste, observando a venda dos outros. Nenhum de nós percebeu que ninguém comprava dela, foi simplesmente uma questão de momento, uma distração apressada. Sei bem como é se sentir assim, entendo como é ser feita de vento, não ser eleita, a rejeição é silenciosa e traiçoeira. Tadinha seguia sentada com os camelinhos na frente enquanto os outros mexiam nas sacolas e recebiam dinheiro. Foi então que um dos senhores que vinha em outro 4x4 escolheu, por acaso, um dos camelos que ela tinha colocado na sua frente. Ninguém se deu conta do que estava acontecendo, o desprezo, mesmo sem intenção, é um longo não. Quando o senhor entregou as notas para ela e ela alcançou um de seus camelos despercebidos, conheci o sorriso do universo.

Deus mostrou os dentes e eu virei uma das minhas ampulhetas. Gosto delas, elas sopram o tempo. Ampulheta é um aparelho utilizado para medir a fração de um tempo, e a que mais curto tem dois compartimentos cônicos, feita de vidro azulado e que se comunica entre si através de um vértice num plano vertical, com uma quantidade de areia fina e alaranjada que escoar de um compartimento para o outro. Durante toda minha gravidez foi ela que me acompanhou, estacionada ao lado da cama, feito abajur na prateleira mais baixa. Movimentava seu tempo de uma âmbula para a outra, como se os ciclos obedecessem a esse ritual de tic tac da imensa transitoriedade das areias e das encarnações. Foi através dela que percebi os intervalos das últimas contrações, a inquieta ciranda dos fetos antes de sair do ventre.

Marina nasceu de parto normal, minúscula na sua nudez prematura, crua e delicada. Uma nesguinha de gente. Agora somos duas, eu e uma minhoquinha, uma dupla

a driblar as desobediências da vida. O carinho dos amigos, dos fãs e da equipe do canal preencheram o vácuo do Zayn. Minha filhotinha apareceu como uma espécie de impressão 4D, que entrega seu produto sem nenhum defeito e eu me gabava de ver como ela interagia comigo entre dores de barriga, choros e emojis enigmáticos. Fomos para casa com duas enfermeiras contratadas, uma para me ajudar durante o dia e uma para a noite, a ideia era que elas me acompanhassem nos primeiros três meses, no final da segunda semana mandei as duas embora porque não queria que ninguém tocasse no meu bebê. Tia Pilar, que estava esperando a sobrinha neta nascer, voltou para Madrid depois de um mês e, aos poucos, fui voltando para a Laila de sempre, só que agora com uma filha que a cada dia apresentava novos centímetros, traços novos num sequenciamento de DNA que se escondia e se revelava, minha criatura de carne com cabeça, membro e corpo, se mexia cada vez que a vida incubada dentro dela se esticava, e ela vinha devagarinho, se apresentar, vinha surgindo com graça e imponência. Era uma minhoquinha, meu bebê, uma minhoquinha!

Quando Marina começou a engatinhar, meuuu, me deu um ataque, mas ummm ataque meuuuu, um pitizão daqueles. Acordei assim: abri a porta do quarto dela e retirei todos os motivos marroquinos que faziam parte da decoração, inclusive meu camelo favorito. Foi como se eu tivesse engolido, num trago só, durante o sono todo meu fracasso. Será que engoli um comprimido de realidade, que fez efeito retardatório e me deu a real de que sei lá, talvez eu só tenha sido mais uma brasileira carente que caiu nos encantos de um marroquino lindo? Não lembro se foi sonho, ou algo do tipo supra consciência, mas, meuu, dei uma encaixada na lógica e saquei que tudo não tinha passado de mais uma das minhas extravagâncias românticas, eu acordei convicta de que eu tinha me apaixonado pelos olhos fortes do Zayn, e que, depois, tinha me nutrido na ladainha do: *good morning, how are you, love you*, frases raquíticas que ele me mandava e eu as engordava para depois digerir melhor. Hoje me bateu essa lucidez potente e saquei que ele era, no mínimo, um babaca, um guia babão, minha mãe estava certa, ele era um ninguém, um merdinha de muçulmano ávido por sexo fácil, um vagabundo desgraçado que vai ver, estava era de olho na vida boa que eu levo aqui, acontece “mor” que dei um delayzão daqueles, mas sou brasileira, sou da web e comigo você não se cria. Quanto mais minha filha crescia mais eu me odiava por ter me atraído por ele. Que me enterrem com um adesivo de burra, dois de otária, mas nenhum de mulherzinha carente. Dei um cambalacho na projeção e nunca mais quis saber do Marrocos.

ZAYN

Marrocos é uma árvore cujas raízes mergulham na África, e que respira através de suas folhas na Europa”
(Hassan II)

CAPÍTULO 54

No meio de quase quinhentos mil habitantes, uma galinha é degolada entre cheiros de outros bichos. Cabeças de carneiros estão expostas na frente da tenda para o cliente escolher, mas ele entra na barraca ao lado, onde Tio Altair separa azeitonas verdes e pretas num saco de papel. O estrangeiro, de pele clara, que lembrava um anão, pegou a sacola de plástico com dificuldade, pois tinha uma enorme quantidade das amarelas e rosadas. Temos orgulho de nossos negócios, meu pai tem seis irmãos, dois estão no ramo de turismo e os outros trabalham na Medina de Fez. O mais velho, Tio Omar, vende doces a base de mel, nosso pai tem uma loja de artigos de couro, comungada com a loja de seu irmão mais velho que vende *kaftans*, bijouterias, cerâmicas feitas de mosaico, lanternas de cobre, prata e latão. Me criei nestes labirintos como se estivesse em um bosque urbano, só que sem carros e sem edifícios altos. Passei anos dentro da medina ocupado por árabes, turistas e curiosos de todos os lugares. Cresci junto com meus primos, fazendo negócios e me deixando fascinar pelas distintas etnias e suas línguas estranhas que, sonoras e talhadas, vinham de outros países trazer novidades, eu me atraía demais por essas diferenças, me prometendo a conhecer uma a uma. O turismo me invadiu desde menino e é com ele que me defendo da miséria e da agrupada vida berbere. Tinha predileção pelos franceses porque achava a melodia do francês muito sensual e delicada, em especial, quando vinha daquelas bocas finas e redondinhas das mulheres branqueladas e de cabelos amarelados – todas provocavam meus sentidos, alisando com força meu masculino com sonhos e desejos, às vezes indomináveis. Certa vez me escondi entre alguns franceses, porque tive a ingênua esperança de que camuflado, entre as belas francesas, entraria dentro do ônibus de excursão e, sem ser visto, estaria indo para Paris. A ideia não deu certo porque logo me identificaram na subida do ônibus e voltei feito fruta podre para o balaio dos lixos. Me desenvolvi com o gosto ruim de um rejeitado, um moleque marroquino que cresceu com essa mágoa e com tantas outras, até conseguir entrar em ônibus turísticos com a cabeça erguida; hoje sou guia, conduzo estrangeiros e círculo entre os franceses com total domínio do idioma, “marhba”. Quando falei para o pai que eu queria estudar francês, numa escola famosa da Argélia, nas próximas férias e que eu precisava começar a trabalhar na loja para economizar dinheiro, ele me presenteou com meu primeiro salário, um adiantamento que me serviu de isca e motivação para comparecer na loja todos os dias. Eu servia o chá de menta para os fregueses mais

importantes, erguendo meu braço direito na maior altura que meus doze anos permitiam e de lá vertia uma cachoeira fina e certa em cada copinho de cristal colorido que estava na bandeja de prata na mão esquerda. Cada vez mais eu sorria com ambição e saudava em árabe e depois em francês, “Bi saha raha” – desfrute e relaxe, minha simpatia tocava no bolso do cliente indeciso e o fazia comprar os muitos presentes da “*Mosaïque et poterie de FES*”, em especial as chaleiras marroquinas Birad. Foi assim que descobri como encantar os turistas, especialmente as francesas. Fui me apaixonando, uma a uma, ano a ano, muito embora meu amor infantil e secreto sempre foi pela prima. Desde que ela nos abandonou, me abandonei.

Foram anos avulsos que, desconjuntados, contribuíram para me incompletar por dentro, eu me sentia um menino destroçado, incapaz de construir alguma amizade mais sólida. Fugindo sempre, muito antes que alguém pudesse me deixar. Cresci torto, mancava a perda e acumulava buscas. A internet me servia para tudo inclusive para viver em camadas, lá eu existia melhor.

Um dia, convicto que a tinha encontrado nas redes sociais, tomei coragem e mandei um e-mail, nunca veio resposta. Tentei mais algumas vezes, a pessoa que eu achava que era ela nunca me respondeu. Desde então comecei um jogo doentio de mandar e-mail para mim mesmo fingindo que o destinatário era minha prima. Foram anos e anos habitando a caixa de entrada de e-mails para alguém que nunca mais encontrei. Escrevia para Aisha, que tinha meu e-mail, que possuía minhas dúvidas, uma porção do meu coração e dos anos que não a convivi. Me acostumei tanto a fazer isso que, se eu não fizesse, não conseguia dormir, foi o único jeito de contar o que eu sentia, Aisha se tornou uma espécie de amiga imaginária, uma tela branca que acolhia cartas que, se um dia eu a encontrasse, iria mostrar. Às vezes, eu me sentia um retardado que escrevia um diário patético, digitando palavras para um fantasma que não tinha morrido, uma pessoa de tela luminosa onde eu atolava meu sofrimento.

Hoje frequento muito pouco o *souk*, o suficiente para alimentar minha melancolia, me incomodo de estar lá todos os dias, no fundo, virei um abobado, um romântico soturno, decadente, um jovem envelhecido pelo desejo de te encontrar. Toda a nossa família continua na antiga Medina murada de Fez, menos eu.

Justamente ali que você desapareceu há quinze anos, ou será que são dezesseis? A única filha do tio sumiu no meio da tarde, entre turistas afoitos e marroquinos dedicados ao comércio. Naquele dia, nós, os meninos, já tínhamos terminado o período de aulas na Madraça Bu Inania, lugar onde dos 4 aos 8 anos estudamos o Alcorão e brincávamos entre

as lojas, enquanto a mãe terminava de arrumar uma prateleira de mochilas de couro. Aisha você estava ali entretida com nossa brincadeira de jogar pedrinhas nas patas de um burro. Nunca pude dizer para você que meu amor de primo, tinha algo de estranho, uma mistura de irmão mais velho, algo avassalador, como uma atração juvenil, um pouco além da conta talvez, que até hoje tento esquecer, mas ele aparece disfarçado em todas as mulheres que me envolvo. Tenho um medo gigante, ou melhor, uma desconfiança grande, bem, cheguei a desconfiar que era uma espécie de tarado, porque afinal você era tão pequenininha.

Meu pai estava sozinho no meio da loja, atrapalhado com um bando de turistas americanos que se amontoavam pegando na mão várias bolsas e mochilas como se estivessem numa Black Friday da Macys. Na loja ao lado, tio Altair lutava com alguns brasileiros que tentavam barganhar três *Jellabas*. Lembro, vagamente, da cena, porque uma mulher muito loira com os olhos azuis colocava o *kaftan* por cima da roupa procurando aprovação. O marido sorriu contente com a beleza da mulher e outro homem bateu palmas, chamando atenção, coisa que me marcou, e logo outros brasileiros entraram na loja, onde davam gargalhadas, barganhavam, experimentavam roupas, divertiam-se fazendo fotos, eram turistas alegres, com certeza, da mesma excursão. Esticavam lenços, tocavam nos panos estendidos, faziam o tio tirar alguns produtos da parte mais alta, alguns já estavam pagando, outros seguiam numa bagunça entusiasmada, um enxame de vespas barulhentas que compraram várias coisas, colocando na mão do tio notas de dolares e dihan. As mulheres não eram clarinhas como as francesas, mas tinham uma desenvoltura e um jeito de andar que me distraiu, talvez fosse uma nova maneira de ser feliz, algo diferente que vinha de dentro da raça, uma cosquinha na pele que as fazia estar sempre em movimento, elas tinham um tom mais forte que as parisienses, um oferecimento que se mexia, um comportamento afetivo, maleável e perigoso.

Tudo foi muito rápido, como sempre é quando grupos aparecem nas ruelas para adquirir o tanto de exóticos que eles conseguem carregar nas malas. Levaram um monte de coisas inclusive você.

CAPÍTULO 55

Você tinha quase três anos e os fios de cabelos mais escuros que eu já toquei, uma criança de olhos confusos e meigos, uma boneca lenta e atraente. A última vez que te vi, você estava com as duas mãozinhas na cabeça rindo do burrico que recebia pedradas nas patas. Quem primeiro notou que você não estava mais ali foi Tio Altair que foi na loja ao lado buscar troco. Mas, no auge da agitação, certamente, Aisha, você devia estar brincando dentro da loja foi o que nós pensamos e por isso nenhum de nós se deu conta que você não estava em lugar nenhum. Foi um susto que nunca passou, uma perda constante e gradativa de tudo que o ser humano mais acredita: a sua continuação. Tia Ima jamais se recuperou daquele instante distraído que levou sua filha que recém aprendera a caminhar. Roeu unhas, arrancou tecidos, jogou bolsas no chão, atirou xícaras, chorou até por fora, coisa que as mães marroquinas dificilmente fazem.

Você me olhava com curiosidade e carinho, uma espécie de afeto incógnito que aos poucos se revelaria, estava anotado nos arredores das esferas superiores que iríamos viver muitas aventuras juntos, mas, de repente, em um minuto, o inesperado desviou os segundos da atenção e torceu nossa previsibilidade no tanque dos fundos. Os descontroles foram aparecendo em série, primeiro foi meu tio que te chamou, mas você não respondeu, depois nosso primo mais velho que dizia sem parar que você estava ali, bem ali, olhamos no banheiro, atrás dos tecidos, nas prateleiras mais baixas, mas, dessa vez, você tinha se escondido muito bem e a brincadeira só começou a perder a graça quando minha tia largou o que tinha no colo e disparou a percorrer as lojas, uma por uma, atrás de você. A Direção-Geral da segurança prontamente se colocou em alerta, estavam habituados a lidar com cerca de 11 milhões de turista ao ano. Para mim, a Medina inteira parou, recolheram seus cheiros, silenciaram seus barulhos, as serpentinas das ruas cheias e sujas congelaram, nada mais se mexeu, cessou o comércio, sumiram os aromas, morreram todos os trezentos mil habitantes. Parecia que uma fotografia imóvel e trancada no tempo. Durante muitos anos as fatalidades nos molharam com ácido, daqueles que corrói o sangue. Tua perda foi uma falha dura de admitir, tua ausência é um veneno que penetra a conta-gotas, aos meses e aos anos, aos pares, um pouco cada dia, elas sabem como matar o sagrado. Alguém varreu você para longe de nós, enterrando um pedaço vivo de nossa família, tudo em nós estancou. Primeiro ficamos sem fala, depois sem ar, ficamos atrofiados, ficamos com um

furo na religião, uma cratera lotada de dúvidas a nos torturar continuamente, até ficarmos ralos de esperança.

– Aisha, onde você está? Aisha vem, vamos brincar. Você está com fome? Quer água? – Aisha, respondeeeeeee”.

Tenho esse grito por dentro, um grito comprimido.

Falo muito sozinho. Me transformei em um menino duro, depois habitei um adolescente estranho, um pouco depravado, mas quieto, não falava muito, ainda hoje prefiro não falar porque penso muito, você vai ver como prefiro ser assim. Agora sou um adulto sentimental, um tipo vitimizado e odeio ser assim, acho que fiquei assim porque a tristeza rebelde sublevou-se, cicatrizando só algumas partes das minhas faltas. Por fora até que sou uma persona interessante, chamo atenção das mulheres, quanto mais quieto, mais elas me querem, sou um produto bem-apeçoado, sou um ator, sou uma espécie de youtuber sem canal. Me falta tanto e de tudo.

Aisha, como você volta para casa, com um membro a menos na sua família? Quem lembra da sensação de voltar para casa depois de enterrar uma pessoa? Todos se esforçam para improvisar uma rotina que nunca mais os preenche. De que adianta marcar os dias em um calendário, ninguém consegue dormir quando se perde uma criança? O que fingir? Como tontear a dor? Onde você esconde a culpa? Quantos remédios são necessários para você continuar vivendo sem um filho? Sabe os dias passam e a realidade vai te defumando até entranhar o cheiro da solidão. O segredo é que a perda, qualquer perda, te mastiga e engole logo - é víbora. É assim que se formam vários desertos dentro de você.

CAPÍTULO 56

Querida prima,

Tua ausência foi, aos poucos, se calcificando nas membranas flácidas e imaginárias da alma e você jamais cresceu para nós. Fez, a capital espiritual do Marrocos, desde aquele dia, tornou-se um lugar de constante subtração e de resvalos humanos.

Cada vez que me conecto pelo celular, ou pelo computador, me sinto um pouco mais próximo de você, sei que se eu tiver uma chance de te encontrar será por aqui. Como você jamais respondeu meus e-mails, resolvi te escrever por aqui. Vou te contar como tudo aconteceu depois que você desapareceu. Não sei se vou conseguir seguir uma ordem cronológica, porque você sabe, a memória é pastosa e se desloca conforme o campo, mas vou falar com você por aqui e, se algum dia eu te encontrar, posso te mandar todos esses e-mails, vai poder ler minha angústia, você está viva?

Meus sensores me atrapalham quando estou nervoso e uma mistura descontrolada fica de campana, acelerando nos momentos turvos e estacionando nas esquinas tóxicas e abandonadas. Convivi muito tempo com a amarga dose de tragédia na boca, gosto que minha memória afetiva nunca esqueceu. Comecei a me boicotar, sem perceber, repetindo padrões de escapes, anulando muitas promessas em defesa da ferida que cedo e sempre tive que trocar curativos. A tua ausência, Aisha, virou alergia, se transformou em insônia, às vezes, em insistentes dores de estômago e numa aversão aos turistas que, por pouco, não virou fobia. Mas isso foi bem depois de ter procurado por você nos cantos mais improváveis da medina, um pouco antes de ter revisado todos os recantos de Fez – lojas, tendas, colégios, ruelas, ônibus, bueiros, restaurantes, mesquitas, até por debaixo de *djabella* eu espiava, eu seguia com os olhos tudo que surgia na minha frente, mesmo quando o tio deu tua busca como esgotada. Ainda hoje entro em todos os cantos do mundo, como se fosse um cacoete encravado na minha vontade incontida de esbarrar em você, eu ainda preciso olhar todos os lugares, checar dentro dos olhos de todas as mulheres para ter certeza que nenhuma delas me olharia como você. Naquela tarde te perdemos não sei como, naquela tarde esgotamos nossas pernas de tanto caminhar atrás de você, gritamos teu nome, espalhamos tua foto e acionamos toda a polícia de Fez para descobrir onde você tinha se metido. Percorremos as ruas com atenção redobrada inúmeras vezes, fomos para a televisão, jornal, cartazes e internet. Nenhuma notícia.

Vigiamos as 9.600 ruelas, os 30 bairros, as 148 mesquitas, beco a beco, depois as cidades ao redor, as cidades maiores, o deserto, os oceanos, as montanhas, o Saara, foram anos por toda a imensidão que corta 11 países do norte africano, o deserto todo foi analisado e nenhuma menina perdida foi encontrada ali, cada grão dos 9 milhões de quilômetros quadrados eu revirei para achar você. Aisha, fomos aos países com fronteira marroquina, a Europa, aos Estados Unidos, ao outro lado do Atlântico, o mapa todo foi vasculhado para te achar. Estranho não te localizar em lugar nenhum, só dentro de mim, só aqui dentro você vive e preciso te encontrar porque sei que você não morreu, sei que o perigo rasteja feito cobra, sei que um dia vou te reconhecer em alguém, sei o truque dos encantadores de serpentes, sei que só assim o futuro fará sentido no meu coração.

Foram fases.

Foram ciclos.

Foram idades.

Até que um dia cansei e, neste dia, fiz 18 anos. Esgotei minhas forças de menino, desculpa prima, não consegui te devolver para nós, me restam estrias na alma, me restam dores, faltas, rezas, me resta só me completar porque falhei. Você não imagina com quantas Aishas já fiz contato na internet, com quantas muçulmanas tentei te revelar, com quantas areias fiz castelos, Aisha, pela última vez, me diz que você morreu porque só assim vou desistir de te buscar nas frestas do mundo, nas calhas de outras, nas encostas onde os segredos moram.

Minha dor virou palavra, mudou para frases, poemas, canções (nunca cantadas), escrevi mais de 700 e-mails, você é um arquivo, uma vida escrita que só eu leio. Tive que crescer sem você e claro que vivi muitas coisas legais, viajei bastante, tenho amigos, vou a festas, mas quando apago a luz, puxo o lençol, entre o escuro e o colchão, vem tua perda fluorescente, uma lacuna que feito penas, recheia o travesseiro, onde deito minha cabeça.

Minha primeira namorada foi nossa vizinha de loja, você lembra da Tamires? Acho que vocês não chegaram a brincar porque você não tinha aprendido ainda a dividir os brinquedos. Tamires cresceu bonita, cumpridora dos deveres da família e educada para ser uma muçulmana mais leve e me apaixonei pelo seu jeito suave de carregar a vida. Nossos olhares atravessavam os desejos do corpo e foi, sem muita resistência, que transamos escondido dos nossos amigos, Tamires não ligava para o casamento e só pensava numa maneira agradável de conhecer os outros pedaços do mundo, eu era um guia de turismo mediano, avançando pelos lugarejos daqui, com um bom francês e um inglês razoável, ou seja ela farejava em mim uma fuga sem resistência. Eu lhe daria vistos

no passaporte e ela me lamperia o corpo sem reclamar. Namoramos dois anos e começamos as discussões que se metem em todas as relações de interesse, quando o amor não acontece. Pouco me importava se ela me queria, eu tinha uma cicatriz que ela não ligava, não achava feio, melhor ainda, acariciava com seu dedo minguinho de um jeito novo. Numa noite sem estrelas, depois do sexo, Tamires foi tomar banho e deixou a gaveta das calcinhas aberta, com um vibrador roxo exposto, quando perguntei para ela se o “objeto” funcionava melhor que eu, não teve receio de me dizer que funcionava melhor com a Fátima, colega de faculdade em Marrakech. Não soube administrar suas faturas sexuais, não consegui chupar sua buceta sabendo que a boca da Fátima também frequentava nossa intimidade. Nosso namoro prático foi interrompido e logo eu já não fazia mais questão de ficar com nenhuma mulher. Mas, no mês seguinte caí de boca na Safira e foi uma paixão violenta, a primeira berbere que ouviu de mim em Imilchil – no festival de casamentos que seu fígado estava preso, ou seja, a legítima declaração de amor, uma expressão berbere, que eu não pude evitar quando a vi, pela primeira vez, toda vestida de branco porque estava de luto, tinha acabado de perder a tia. Safira trabalhava no souk, vendia comida, roupas e móveis. Eu estava procurando um presente para minha mãe e entrei na loja porque avistei um lenço em tons de azul, como ela gostava.

– Quanto custa o lenço?

–150 dihans -, me respondeu ela de costas.

– Está muito além do que eu posso pagar.

– 130 dihans. Murmurou desleixadamente enquanto tirava de sacolas plásticas outros tecidos.

– *Je suis marrakchi, j'habite ici.*

Foi quando ela se virou para continuar a negociação que a descarga de adrenalina foi injetada toda de uma só vez. Entendi que aquele olhar comandaria qualquer movimento meu. Paguei os 130 diham, na semana seguinte comprei mais um lenço e no segundo mês eu já tinha uns dez lenços e alguns porta-retratos, onde imaginava colocar fotos de seu rosto maravilhoso, e segui comprando qualquer coisa que justificasse minha ida lá. No final de seis meses eu já tinha tantos produtos que poderia pensar em abrir minha própria loja. Segui comprando e me apaixonando pela beleza exagerada de Safira. Eu rezava cinco vezes por dia, os altos-falantes me chamavam e eu ía, Safira não me chamava e eu ía, meu desejo por ela me chamava durante as noites e eu fazia planos de casar com ela, até que tirei uns dias de férias antes de acompanhar meu primo numa excursão no deserto com russos, e comprei um gato alaranjado com marrom para dar de

presente, ela logo colocou o nome de Marajá e estava feliz com seu novo *pet* e comigo, mais tarde descobrindo que, também eu, ela tratava como o felino.

Safira ainda estudava na Universidade al Quaraouiyine e pretendia se formar dentro de três anos. Aceitou meu presente, sem restrições, e sequer se importava de me deixar conquistá-la, se fazia de louca e me tirava para amigo. O gatinho agora dormia com ela em uma cama com as cores da nossa bandeira. Ela, um dia, me explicou, num francês impecável a história das cores da bandeira, coisa que qualquer muçulmano sabe, mas ouvir suas palavras me acalmavam, e meus olhos se esbugalhavam de tesão quando ela remexia no lábio superior para empossar os sons da língua francesa. Foi no meio desta explicação que não sei como me distraí enquanto ela me perguntava qual a diferença entre o selo de Salomão e a estrela de Davi, lembro que a irmã menor dela estava do lado e prestava atenção no que Safira dizia sobre o pentagrama, sobre o vermelho simbolizar a descendência da família real do profeta Maomé e de repente a voz sumiu e eu me atirei na sua boca, escandalizando a irmãzinha e drenando de dentro daquela língua uma sensação anestésica que me custou um noivado rápido e um casamento digno de duas famílias marroquinas.

Nos casamos em outubro. Em fevereiro ela me traiu com Samir. Em agosto estávamos divorciados e eu fiquei livre, mais uma vez, para continuar minha saga de corno. Não podia nem ver as marroquinas e me dediquei às tão sonhadas francesas – em vão. Nenhuma me dava abertura, não achavam graça das minhas brincadeiras, não elogiavam meu francês, não se sentiam atraídas pelos meus looks marroquinos. Eu era mais um homem exótico que tocava tambor e cheirava mal, nunca chegaria aos pés da Notre Dame, foi aí que me atirei nas brasileiras.

CAPÍTULO 57

Passei anos me esquivando dos brasileiros, quando alguns deles entravam na nossa loja e eu tinha que servir o chá, eu imediatamente inventava que tinha que sair, ou tinha uma dor de barriga forte, ou algo urgente para fazer na rua. Meu pai não associava minhas desculpas com o medo e a raiva que eu tinha dos turistas do Brasil. A mãe já não trabalhava todos os dias, então não percebia nada. Melhor para mim, ficava mais fácil de driblar o nojo que eu tinha quando via aquela gente espalhafatosa chegando, porque, no início, era uma espécie de raiva, como eu falei, um sentimento aflitivo, misturado com desprezo, mas depois virou certeza. Foi através deles que você sumiu.

Aisha você estava sentadinha entre a loja do pai e do tio, exatamente onde se misturam as bolsas e os tecidos, ponto de encontro das duas tendas, nesta intersecção você estava pequenina, vulnerável e embutida nos múltiplos produtos pendurados por todos os espaços. Você estava comigo e estava se distraíndo com as pedrinhas nas patas do burrico, tenho uma foto mental do último movimento que meus olhos registraram, lembro do teu cabelo grosso, liso e preto que balançava junto com o sorriso. Não lembro que cor de roupa você usava, nem dos sapatos, não tenho detalhes arquivados, então invento. Troco de roupas nas minhas memórias e visto você com vestidinhos coloridos, às vezes te coloco uma calça de malha com uma túnica por cima, tem dias que amarro um lenço na tua cabeça e o turbante fica lindo junto com teus cílios. Nunca esqueço de colocar as pulseiras, eu gostava de ouvir os aros fazendo barulho, quando você mexia os braços miudinhos e jamais te enxerguei sem o colar de prata antiga, o que passava de geração a geração. Volto a dizer que aquela gente super alegre, querida e sorridente te levou. Aprendi a repulsa desde ali, embora tenha voltado inúmeras vezes ao Brasil, primeiro a mando do tio e depois por conta própria. O manto do turismo cobria todas minhas investidas de achar você. Sempre que eu chegava no Brasil para visitar empresas de turismo e prospectar brasileiros para irem visitar o Marrocos, a mando do tio, que obviamente não imaginava o quanto eu odiava brasileiros, eu te procurava. Varria as ruas do Rio de Janeiro, espreitava cada esquina de São Paulo, te procurava dentro da minha imagem infantil que eu tinha de você, entretanto você não se encaixava em nenhuma mulher de lá. Quem sabe você está na Venezuela, Argentina, Uruguai, Chile? Japão? Fui a alguns destes lugares e trouxe muitos turistas para conhecer nosso país, mas sequer vislumbrei você.

Meu primeiro impulso era sempre o de afastar as brasileiras que se ofereciam para mim, os anos porém foram me traindo e meus hormônios não conseguiam mais se comportar porque – nossa – vocês têm fama de sexo fácil, então aprendi com alguns amigos que algumas encaradas mais incisivas ataçam as mais carentes e bastaria alguns “*how are you*” com “*I love you*” ou “*u r beautiful*”, para acessar seu corpos abertos, exibidos, sambantes e lindos.

Foi no curso de inglês intensivo que descobri outras senhas de acesso como: “mandar pelo whats bom dia, você é linda, “shukran”, boa noite, eu quero você”, vamos dizer que comecei a polir minhas investidas, tenho muitas coisas para te contar sobre esse curso de inglês, prometo que assim que der te digo onde estas aulas me levaram.

Quando sentia os olhares de algumas turistas para cima de mim, já anotava mentalmente para quem mandar as mágicas frases curtas, do tipo: você é linda, nunca vi alguém tão linda com você. O tempo ensina a dosagem certa. Foram muitas as excursões que acompanhei, e te digo que as mulheres de 40 anos para cima são as mais vulneráveis, geralmente estão sozinhas porque se separaram, ou ainda solteiras louca por alguém. Todo o galanteio que os brasileiros abreviavam eu estendia e eu não era o único, muitos guias faziam isso, sabiam encantar mulheres que vêm aqui buscar fantasias. No começo eu usava frases curtas, e investia muito timidamente, só depois de ter ido algumas vezes para o Rio, foi que compreendi o quanto as cariocas já não recebiam dos brasileiros, a atenção que mereciam. A sensação que me dava era de que os caras há muito esnobavam a beleza e o jeito das meninas, cavando assim, uma carência enorme no romantismo delas e ali alguns marroquinos descobriram a chance de penetrar.

Precavido e ávido por sexo, transava com pelo menos uma, ou duas brasileiras, quando elas apareciam nas excursões aqui no Marrocos, eu era o guia simpático, viril e disponível que satisfazia também a fantasia da noite nas arábias que suas mães leram para elas pegarem no sono quando eram crianças. Eu tinha acesso aos passaportes delas e sabia tudo sobre as “moças”, muito antes delas pisarem em solo marroquino. Assim que alguma delas me interessasse, eu dava um Google e transformava dados recém adquiridos em charmosas mensagens no whats, ou serviam de legenda para meus sussurros quando passava por uma delas, a internet sempre foi uma boa amiga. No começo do tour eu ia sempre de calça jeans e camiseta preta recepcionar o grupo em Casablanca, minha altura, e minha agilidade faziam da primeira impressão um belo convite e a cada dia que o roteiro as presenteava com uma cidade nova eu me vestia com roupas mais marroquinas até a

noite no deserto onde incorporava minha *djellal* azul com turbante na cabeça cor de laranja, eu era o deserto inteiro e elas se derretiam nas minhas mãos.

Brasileiras burras, filha das putas de lá, que roubaram minha família, somos três quartos por causa de vocês, prostitutas metidas a malandra. A magnitude da minha repulsa pelos brasileiros crescia silenciosamente, era uma fenda no meu psicológico e quanto mais bonito eu me tornava, mais eu descobria o esconderijo do meu medo maior. Naquela idade o pavor de ser raptado havia se alojado num cantinho da minha personalidade. Quanto mais me dava conta disto, mais eu gostava de comer as brasileiras, até que uma noite, depois de vários drinks em Marrakech, a embriaguez ficou no volante e fez o papel da revelação, descobrindo minha angústia mais óbvia e me jogando na cara a covardia, sentimento onde estive muitos anos, o lugar do horror. O *souk* emocional me ameaçava cada vez que eu ía lá. Logo depois que você desapareceu passei por nervosismos encostado no temor de ser levado, assim como você, para longe de todos.

Hoje, os brasileiros são os que mais frequentam nossas cidades, tenho amigos no Brasil e aprendi a procurar você de outras maneiras. Sei que somos clichês ambulantes sempre em busca de algo ou de alguém, estamos sempre em rota, lendo GPSs imprecisos, até que um dia a sinaleira fecha, você aguarda o trânsito afoito passar e se dá conta que é mais um passageiro em busca de alguma entidade. elaborada pelo teu inconsciente, que mora em lugares errados. Eu, em algum momento, acreditei ter falado com um: Said.

CAPÍTULO 58

Bom dia Aisha,

Hoje estou com menos tempo para falar com você, mas queria só te contar que quarta-feira, diante do minarete mais alto do mundo, enquanto orava pela saúde de minha mãe, chorei. Ali eu estava presente em mim mesmo, você entende? Eu estava Zayn por inteiro, sem as rachaduras que me cabiam, porque a fragilidade da mãe remexia nos meus valores, sempre que ela ficava doente, eu me sentia abandonado, sou um homem chato, vivo adentrando Saaras, com minha coberta velha, faço de tudo para me acomodar. Você sabe que este deserto é o mesmo há séculos, a areia muda de lugar todo o tempo, o vento vem soprar, vem fazer as dunas viajarem, os anos se apresentam com sol e lua, com chuva e frio, como em outros lugares do planeta, contudo o deserto permanece imutável.

Minha mãe levava uma vida muito dura quando meu pai a conheceu. Ela se chama Nair e nasceu numa vila abaixo da montanha onde meus bisavós criavam ovelhas, onde os homens desciam para comprar óleo, comida e, também, as roupas das mulheres. Tudo lá seguia a cultura Amazigh, um dos povos mais antigos do continente que, aos poucos, foi abandonada por meus avós e agora aliviada pela geração do meu pai, mas, mesmo assim, minha mãe insiste em seguir seus ancestrais. Ela nos reivindica seu desejo de proceder como eles faziam no passado, nas alturas da cordilheira do Atlas, onde sua origem grita forte e nesse Marrocos a importância materna é sagrada. Conta que, quando era jovem, vivia na terra, juntando barro e fazendo comida em potes pequenos para não desperdiçar alimento. Lá, quando uma pessoa morre é enterrada em menos de duas horas, dão banho e cobrem de pano branco, enterram-na mirando Meca, minha mãe não pode morrer. Nos enterros só vão os homens, as mulheres não são incentivadas a mostrar os sentimentos, nem rir, nem chorar. Acordar antes do marido, preparar o chá, fazer a primeira oração, tirar mantas do chão, controlar água, lavar a roupa, e administrar o dinheiro – essa era a rotina que minha mãe ainda viveu junto com a vó e a bisa. Para elas a parte mais importante do dia era quando os homens desciam para trabalhar e as mulheres se entretiam falando uma com as outras, coisa que nunca mudou na Terra. Quando te encontrar quero muito subir estas montanhas de 1.700 metros de altitude com você. Se meu pai ficar viúvo casa outra vez, mas se a mãe sobreviver a ele, vai morar com a família do filho, no caso eu, que não tenho família. A adoração que nós filhos temos pela mãe, aqui no Marrocos, é absolutamente maior do que o sentimento de amor a qualquer outra

mãe que pude conhecer em minhas viagens, que agora já são muitas. São elas que nos carregam por dois anos nas costas e são elas que escolhem nossa noiva. A força da mãe berbere é uma máquina capaz de tirar do chão cinco naves em cada mão. Se sofrem um aborto, não choram, tocam adiante, os homens são infiéis, eles podem ter até quatro mulheres e tratá-las igualmente. Se meu avô comprasse um anel para uma, tinha que comprar outros três iguaizinhos, ele dormia uma noite com cada esposa para, assim, distribuir o sêmen, gosma disputada a tapas, porque o que uma mulher berbere mais queria era ter filhos. Foi neste fraquejar da segunda internação da mãe, que concedi ao seu pedido de noivar com Jamile. A doença se agravou, sabe, mas ela luta com a força que aprendeu quando criança e mais uma vez acho que vai se recuperar do quadro de pneumonia.

Voltou para casa depois de 25 dias no hospital e tinha interesse em me ver casado, queria netos, se empenhava em preparar minhas bodas, junto a mãe e a nora escolhida. Jamile não era bonita, nem alta nem baixa, nem clara nem escura, nem gostosa nem frívola. Era a mais ou menos que bastava e eu não conseguia contrariar minha mãe até porque todas as minhas investidas até agora com mulheres deram errado. Não fizemos sexo antes do casamento, como era normal entre nós muçulmanos, eu não avançava os sinais, a tratava muito bem e confesso que nutria uma vontade miúda de que o casamento desse certo.

Jamile cumpriu as etapas dos preparativos do matrimônio passando pelo primeiro dia das pinturas de *henna*, depois os tratamentos com óleo de argan nos cabelos, e uma camada de *henna* com alecrim para o cabelo crescer mais rápido e ter mais volume. Outro dia os banhos com três temperaturas diferentes, o banho quente com água de rosas, outro com sabão preto, argan e eucalipto, um anti-rugas morno e milenar, depois a esfoliação, massagem e panos úmidos e, por fim, o banho frio. Etapas que certamente você também passaria. Muito extrato de laranjeira para dormir bem a noite, joias rendadas e adornos esculpido no cabelo, ritual que os muçulmanos sabem desde meninos. Isto me lembrava as tais 24 concubinas que dividiam o calendário para saber quando era a vez delas de ficar com o marido, coisas de Harem, coisas que acabaram no século 20, demandas severas que as habilitava a não serem amantes, porque, para ser uma das concubinas, elas tinham que ser intelectuais e essa era a primeira exigência, ter um físico muito bom para fazer a dança dos sete véus e uma boa voz para ser cantora. Jamile no dia do casamento estava belíssima, portava bege, toda tapada deste branco levemente encardido, as mãos com desenhos, e os olhos trepidantes quando me olhavam. Eu teria a virgem mais sensata que

mancharia de sangue suas vestes por mim, me daria filhos, netos, primos, daria a nossa continuação, talvez fosse através destes filhos que nós faríamos com que o fundo do poço onde você caiu fosse por fim lacrado. Eu estava feliz.

CAPÍTULO 59

São nove horas da noite. O dia foi de frio e vento e acabei ficando mais tempo em casa do que de costume. Descobri que, em 2014, o Marrocos desmantelou mais de 100 redes de tráfico de pessoas e, outra vez, a insistente vista da esperança bateu forte na porta. Foi como se uma erupção cutânea, escamosa, com prurido e bolhas viesse com força total, apesar de não sentir nenhum sintoma, assim, também, estava minha vida de casado, aparentemente tranquila. Jamile não me dava filhos e eu não fazia questão de forçar a barra. Aprendi que as coisas andam nos trilhos do tempo e, como um bom marroquino, eu sabia viver o momento presente. Fomos treinados a estar no presente, somos sobreviventes do deserto, somos nômades e resistentes e eu honrava com disciplina minha mulher e as cinco pontas da bandeira de nosso país. Depois que casei com ela, passei a valorizar mais nossas mulheres, são tão misteriosas e enfeitadas, não as que se vestem de preto. As que são árabes de origem bordam as roupas para mostrar que são diferentes e contra o islã, eu tenho orgulho desta coragem e desta distinção. Acho que você seria uma marroquina lindíssima, com muitas joias e dois olhos contornados pelo preto do lápis.

Mas deixa eu te explicar o que acabei de descobrir: o tráfico de seres humanos é um negócio multimilionário, uma das mais graves violações dos direitos humanos, um negócio invisível que eu nunca enxergara como possibilidade do teu sumiço, Aisha. Foi quando comecei a sair com Said que me antenei sobre isso, foi ele que me despertou o interesse, juro que estou com muito medo de enfrentar toda essa possibilidade sozinho, porque eu não tenho o direito de levantar suspeitas indevidas para minha família. Eles todos já não suportam mais minha obsessão por encontrar você. Quando conheci Said jamais imaginei que ele me levaria até você, foi um caminho imprevisível e muito louco, mas que me levou a unir os pontinhos do quebra-cabeça. Comecei a navegar por todos os sites que falavam sobre isso e aprendi onde ler em fontes seguras, até me dar conta que o continente africano, especialmente a Nigéria, Benin, Gana e Marrocos, vivem a epidemia silenciosa do tráfico, causada pela pobreza, desigualdade e discriminação. A atividade ilegal é das que mais se expande, nós somos um povo tranquilo e que, de uma maneira geral, adora crianças, somos um dos países do mundo com mais crianças, ou seja, temos uma população jovem muito grande, com crianças por todos os lados e o que me ocorreu, bom, Aisha, você já deve ter entendido, me ocorreu que poderiam ter roubado você por

engano. Amanhã mesmo vou fazer uma varredura em um site que lida direto com a questão do tráfico, agora preciso ir para cama, Jamile está me chamando e já anda bastante desconfiada porque passo horas escrevendo no computador.

Oi,

Voltei, ela dormiu.

Quanto tempo dura uma dúvida? Eu queria saber de tudo o quanto antes, mesmo que minha mulher acordasse e viesse atrás de mim. Encontrei números assustadores e precisava conhecer logo como era este negócio. Jamile, que sabiamente não falava nada, já tinha percebido que cada vez mais eu varava as noites na internet, ela também sabia que eu vinha me esquivando, a cada noite, de seus carinhos. Minha obsessão voltou e eu não tinha mais como controlar, comecei a montar um esquema de busca com recortes, post-its, anotações e cadernetas no canto do nosso pequeno escritório. Escutava muitas e muitas vezes a mesma música: Bad Romance de Lady Gaga que falava sobre o tráfico, assistia quase todos os dias o vídeo, no volume máximo, no qual ela é traficada por uma casa de banho russa para escravidão sexual.

Aí, Jamile começou a implicar comigo de uma maneira exaustiva e persistente. Talvez até tivesse razão em me recriminar por assistir o clipe tantas vezes, eu botava na conta do ciúmes porque tudo que vinha de Gaga tinha um apelo erótico. Minha mulher se revelou a mais chata das mulheres com ou sem música. Ela reclamava de tudo, afetava a vida das outras cunhadas com fofocas irritantes, todos os dias arranjava uma discussão e ontem me atacou na jugular.

– Você não sabe fazer naaaaada!!!

Gritava histérica e emendou num lamúrio rouco: você não sabe me fazer feliz, não sabe fazer nenhuma mulher feliz, não sabe nem fazer uma mulher gozar, tudo o que você faz é ir atrás de uma prima que já morreu há anos e se não morreu deveria.

Fui escutando com intenção de não responder, não entrar no curto-circuito dela, mas aí veio a pergunta que me tirou da concentração.

– Será que você não faz parte desta fuga? Tem vezes que me pergunto isso, mas agora pergunto para você.

Me disse uma Jamile possessa me atirando um dos recortes que estavam em cima da mesa. Se enfureceu de vez porque eu ainda não tinha reagido e começou a ler numa voz nojenta, num árabe sarcástico e debochado “... embora o tráfico de seres humanos humana-nosss (esticava a voz assim) seja, frequentemente, um crime ocultooooo e seja difícil

de obter estatísticas precisas, pesquisadores estimammmmm que mais de 80% das vítimas são do sexo feminino e mais de 50% de crianças...”

Tudo em sua voz que um dia tinha me fascinado e todo controle que eu tinha tido, até aqui, se foram num tabefe que acertei na bochecha dela, um tapa raivoso, recheado com toda mágoa que guardava causada pelo roubo de uma criança que simbolizava o roubo de milhares de outras.

Até amanhã, bj.

CAPÍTULO 60

“Você pode comprar uma mulher por U\$S 10.000 e fazer seu dinheiro de volta em uma semana, se ela for bonita e viver”. Essa foi a voz do sonho que me acordou no meio da noite, e tive a certeza de que você, Aisha, estava neste esquema cruel e lucrativo. Peguei o celular e fiz uma ligação para meu colega de inglês. O que reforçou meu divórcio com Jamile, dez meses depois deste desatino de reencontrar você, prima, foi que descobri que um dos países de destino do tráfico humano é o Brasil. Apesar do meu trabalho estar crescendo e eu já ter bons guias treinados para me substituir, quando vem um grupo de brasileiros eu fico colado farejando qualquer passaporte feminino que cruze algum dado com os seus. Voltei a publicar tua foto em todas as redes sociais, mesmo contrariando meu tio, que agora só não morria de fraqueza porque no fundo acho que ainda tinha esperança de ver sua única filha viva. Antes de sair para o escritório que tínhamos perto do hotel La Mamounia, pendurei uma folha de xerox, toda sublinhada com caneta vermelha, no quadro de recados na cozinha. Em cima da mesa de jantar, deixei três envelopes que continham o mesmo texto abaixo, destinado para Jamile, meus pais e tio Omar.

“O tráfico de seres humanos é um empreendimento criminoso de crescimento mais rápido porque possui um risco relativamente baixo e com elevado potencial de lucro. As organizações criminosas são cada vez mais atraídas por este tipo de tráfico porque ao contrário das drogas, os seres humanos podem ser vendidos repetidamente”.

Eu estava impressionado demais com os dados que Said me passava todas as noites depois das aulas, ele entende do assunto e acho que me botou na trilha certa.

Minha esposa nunca entendeu meus porquês, não tinha obrigação de aturar as envergaduras da minha demência por você e eu estava cada vez mais impregnado delas. Foi minha mãe quem finalmente pediu nosso divórcio. Na nossa casa, tia, mãe, cunhadas e sobrinhas nem sempre se davam bem. Jamile era a que mais criava conflitos com a esposa do meu irmão, ontem, para completar, a briga atirou um prato de cuscuz nos pés dela, foi um bate-boca sem fim, ou melhor com fim, porque quando as mulheres não se dão bem a sogra, no caso da minha “mamis”, como você diz, tem o direito de acabar com as brigas e foi o que minha mãe fez. Ela sabia que eu não amava a escolhida dela, no seu instinto anciã, minha mãe foi a única que sempre entendeu que, até podia ser uma cisma

ou uma doença, mas que eu amava você. Deixei um bilhete: “Vou atrás dela. Assinado:
Z.”

CAPÍTULO 61

Fiquei uns dez dias no hotel do primo, no Riad, lugar onde não se pode ter pressa, então seria o espaço ideal para equacionar meus pensamentos – íamos ter lua cheia que deixa as dunas prateadas, uma luz capaz de clarear esconderijos, porque uma separação é sempre um romper de expectativas e além do que era preciso digerir a conversa que tive com o tio, estava na hora de consultar a bússola certa, aquela que eu pudesse confiar, a lucidez que só me vem no vento das dunas, na infalibilidade dos movimentos sincronizados, e no lombo dos dromedários. Muitas vezes pensei em fazer análise, um tratamento que me desse a alforria desta maldita falta que você, Aisha, me faz, mas, ao conversar com meu tio, tudo ficou mais claro; eu não era o único doente da família. Resolvemos investir, mais uma vez, na tua busca, ele tinha uma pista nova e uma condição financeira muito boa e eu tempo para intercalar minha empresa com idas ao Brasil, hoje, disparado, nossos melhores clientes depois de Portugal e Japão. O tio me bancaria mais uma ida ao Brasil, com o pretexto de fazer novas visitas a agências de viagens, onde oferecer propostas de hospedagem no hotel do primo e excursões para cá sempre fora um bom negócio.

Said se tornou um grande aliado que soube manter sigilo e, mais adiante, nos recomendar um especialista nesses casos de raptos. Como eu passava a maior parte das horas livres conectado, ele nos sugeriu, me usar nos farejamentos online, precisávamos de um tipo específico de influenciadora e meus dedos grandes e escuros, foram digitando nomes até chegar a Laila: a brasileira descolada que tinha algo que nós precisávamos muito – milhares de seguidores. Comecei a segui-la, mesmo sem entender o que você – no caso ela –, falava, porque a achava engraçada, sorria bastante e tinha um jeito cômico e nostálgico de conduzir os conteúdos, então comecei a me divertir com as caretas e trejeitos, me viciiei, por incrível que pareça, outra vez, em você, desta vez transvertida de youtuber. Nós humanos não acreditamos nas pistas de Deus, preferimos agir sozinhos, a natureza é muito mais esperta e harmônica, interdependem sem brigar, aceitando os sutis comandos superiores, são humildes as plantas e os animais.

Said também nos colocou na cola de uma quadrilha brasileira que agia em São Paulo e que parecia coincidir com algumas datas do teu desaparecimento. De todas as youtubers brasileiras você – digo a Laila – era a única com um pai médico que fechava com as descrições que nos foi passada. Estamos todos numa guerra silenciosa, os crimes

digitais crescem e, hoje, são um problema global gigantesco, com prejuízos e lucros irreversíveis e eu estava bem mais interessado nisto do que ser um bom marido. Cruzar dados pode ser mais simples do que se imagina, o cardápio de riscos é extenso: fraudes, extorsão, clonagem de cartões de crédito, aliciamento de menores e outros tantos desatinos que, certamente, poderiam nos levar a Aisha. Quando tio Omar me chamou, outra vez, para conversar sobre você, me disse que você ainda vivia, tinha sonhos recorrentes sobre o seu paradeiro, acreditava no que seus instintos falavam, lutaria, mais uma vez, para encontrar a filha perdida, eu aceitei, na hora, essa última caçada. Minha tia não acreditava nos detalhes caprichosos do destino, para ela, a filha tinha morrido, desde que compreendeu que não pode criar sua menina, ela estava morta. Meu tio sabia que eu era o único que não desistiria de te encontrar, e não por coincidência, me chamou para essa conversa dois dias antes de eu concordar com o divórcio e me enfiar feito escorpião no único lugar que sei sobreviver sem riscos, o Erg Chibbi.

O Brasil, embora gigante, merecia uma busca atenta, lá o índice de criminalidade não é baixo como aqui e já que foi quando os brasileiros estavam na loja que você desapareceu, essa conjuntura somada a condição brasileira, de segundo colocado no ranking mundial de crimes cibernéticos, nos reconectou com a desconfiança de todas as maneiras possíveis. Se o Marrocos desmantelou um total de 97 redes de tráfico de imigrantes nas fronteiras diretas com a Espanha, quem sabe essa não seria nossa trilha para ver se alguma mulher, hoje, poderia ser a nossa criança de anos atrás. A questão que me estagnava a vida tinha que ver com a seguinte pergunta: Por que levaram você? O que uma menininha que recém tirara as fraldas teria de tão interessante para ser raptada, se é que foi um rapto. Alguém levou você, dificilmente você teria se perdido sem que, num raio de trinta metros, nossos vizinhos de tendas não a tivessem devolvido, todos se conhecem. Se tio Omar está com o faro certo, essa gangue mafiosa que levou você, Aisha, vai ser desmascarada e, para isso, a calma é essencial, coisa que os marroquinos sabem dominar e coisa que os brasileiros detestam aprender, vocês são um povo de emoções e nós de disciplina. A superexposição da “Laila” se acoplou direitinho na nossa força maior: a discrição - através de você estaríamos escondidos atrás do biombo curto.

CAPÍTULO 62

Foi fácil incutir *likes* nos conteúdos do canal da Laila, ele atendia a todos os requisitos que o Chefe do departamento de polícia daqui tinha sugerido e foi bastante tranquilo aumentar os inscritos na medida que ela produzia conteúdos variados e polêmicos, coisa que seria menos possível se os temas fossem sempre os mesmos, como fazem algumas youtubers no universo digital.

Queira Alá que você esteja, como seu nome, Aisha, que significa “viva” e que não estejamos desperdiçando tempo atrás de um retumbante equívoco. Nosso primeiro contato com Dona Fátima, o primeiro rastro para te encontrar você foi um absoluto desastre, ela estava nitidamente mais preparada do que nós para mentir e facilmente me anotaria na lista dos mafiosos. Pressenti sua audácia no primeiro telefonema, de modo que recuei com susto e temor. Notifiquei a polícia local brasileira que, de pouco, foi útil, eles não tinham nenhum interesse em me proteger, muito menos em seguir pistas perigosas e com poucas comprovações. Dona Fátima já tinha sido acusada de tráfico de bebês, mas não ficou dois meses na prisão. Eu precisaria de muito mais fontes seguras, teríamos de voltar ao zero, de reconhecer que a internet era mais útil no momento, até encontrarmos a segunda hipótese. Acho que me precipitei ao insistir com o Tio e Said para procurar essa mulher, eu seria mais útil online do que bancando o detetive trapalhão. Esqueci muito rápido do provérbio marroquino: “Mesmo a mais importante das montanhas começa junto ao chão”.

Voltei para Casablanca porque tinha uma recepção de um grupo importante vindo do Japão. O aeroporto Internacional Mohammed V, com mais de 8 milhões de passageiros por ano, foi o último lugar que pensei em procurar você, mesmo sabendo que é um lugar perigoso, com alertas bastante explícitos para atenção redobrada as bagagens e possíveis inserções de drogas, me descuidei. O voo dos meus passageiros estava um pouco atrasado e a imigração quase sempre é minunciosa, em especial com os orientais. Sentei num dos bancos da parte externa em frente aos terminais 1 e 2, antes de meia hora eles não aterrizariam. Como de costume, fiquei fuçando no celular para dar rédea curta as loucuras que eu tinha vontade de cometer, tenho medo de mim e dos horrores da minha mente. A distração que algumas redes sociais me proporcionam amansam a ansiedade, me divirto nesse museu de tipos humanos, me sinto o espectador de um circo vivo de gente que volta e meia dá saltos acrobáticos para disfarçar a solidão, gente que pula fogo de raiva,

mergulha nas neuroses publicamente, se fantasiando de gente livre, se apalhaçando, se exibindo feito macaco domesticado pelos excessos da vida, estamos viciados em vidas alheias e o que é pior, deixando outros interferirem e compartilharem nossos pensamentos com comentários e intromissões, estamos todos distribuindo palpites e certezas na busca de identidade para passar a vida a limpo. De repente uma voz me tira do celular.

– *Do you speak english?*

Eu não respondi o que deu tempo para ela engatar:

– *Where is Qatar arrival?*

– *There.*

Apontei com o dedo.

– *Shukraan.*

Foi aí que saí atrás de você, eu tinha certeza de que ela era você e, num desatino, gritava Aisha, Aisha, Aishaaaaaaaaaaaaa, mas ela nem virou para trás e me fez entrar no aeroporto, chamando seu nome, em vão, porque seguiu sem me dar muita bola, um pouco assustada, me tirando para louco, em especial, quando a puxei pelo braço fazendo com que sua bolsa caísse no chão e que algumas pessoas olhassem para nós.

Aisha, sou eu. Teu primo Zayn. Zayn lembra? Aisha é você? Eu tremia e sorria enquanto olhava para ela tentando encontrar outras provas de que era você, tentando achar palavras para ativar sua memória de que eu era eu, mesmo tendo certeza de que eu finalmente a tinha encontrado. Ela deu mais dois passos me dizendo:

– *Ía majnun, you crazy.*

E quanto mais ela falava mais eu segurava seus braços até que ela gritou em busca de socorro, o que não levou um minuto para a segurança se avançar em mim, porque eu a puxava com força, num desespero quase demoníaco, quando um dos seguranças tentou me imobilizar dei um soco e depois um deles me prendeu. Berrava explicando aos gritos que eu era primo-irmão dela, que ela tinha desaparecido, pedia para ver o passaporte, esperneeí, consegui escapar e saí correndo até onde ela estava, mas fui barrado antes de dizer o “eu te amo” que andava preso em mim há anos. Fui detido por duas horas, tive que acionar outro guia para buscar os turistas e só me soltaram porque consegui justificar muito bem meu descontrole, me soltaram quando o tio foi me buscar dando garantias de que eu era uma pessoa normal. Te perdi outra vez.

CAPÍTULO 63

Querida Aisha/Laila,

Se eu estava louco então iria agir como tal. Pus em prática minha última cartada e, junto com o tio, pagamos muitos dihans contratando o hacker profissional que Said sempre falava. Eu já estou ficando sem dinheiro, estou cada vez menos. Menos rico, menos alegre, menos autêntico, menos sensato, mas todas essas subtrações se somariam em dobro se encontrássemos você.

Yossef sabia muito bem como invadir a privacidade das pessoas e induzi-las a tomar decisões que elas jamais suspeitariam. Ele aprovou e me convenceu a usar a vida digital da Laila/você, não só por ser uma youtuber que influenciava amplamente seus seguidores, como por ser filha de um médico famoso no Brasil, já tinha te explicado isto. Queria acrescentar que, através de você, tínhamos uma porta de entrada para investigar os hospitais brasileiros, na tentativa de encaixar uma das nossas primeiras suspeitas, de que alguns médicos poderiam estar apoiando o tráfico de bebês junto com três enfermeiras, que estávamos monitorando de perto. Mas, já estou me repetindo, ando exausto de contar e recontar para uma tela de computador. Talvez, seja o momento de te contar o que aconteceu com meu colega das aulas de inglês, porque a gente acha que isso só acontece nas histórias ficcionais.

Primeiro dia de aula, entrei atrasado e com o sovaco fedorento, porque não consegui voltar em casa para tomar banho, então, a última coisa que eu precisava era sentar entre um nerd almofadinha e uma menina linda de olhos castanhos arredondados. Logo, a *teacher* mandou fazer um trabalho sobre as diferenças entre o *present perfect* e o *simple past*, matéria que nunca entendi. Além de estar com uma asa horrível, eu era um colega analfabeto na *grammar* do dia. Não fosse esses detalhes, eu não teria me tornado tão próximo do meu colega que também era um dos mais velhos da classe. Mas nossa similaridade parou por aí quando ele deixou escapar entre assuntos variados em um almoço na cantina da escola, que era ex golpista virtual. Só fui me aproximar dele no segundo módulo do intensivo porque aí já trocávamos mensagens e nos tornamos grandes amigos, o que fez com que ele acabasse me revelando os detalhes desse seu passado, numa noite que bebemos além da conta.

O bar tinha vários ambientes e era bem frequentado, especialmente por homens de meia idade, não se via muitas mulheres, mas, mesmo assim, meu colega quis entrar neste.

A entrada principal já servia para mostrar a sofisticação do lugar muito bem localizado. Três abajures cor de marfim estavam pendurados sobre o balcão de mármore onde começamos a tomar uns drinks. As cadeiras altas de veludo limão cítrico faziam o ambiente ficar mais convidativo. Mais tarde, fomos para uma das mesas que ficam no meio do pátio externo que nas noites mais frescas esquentava o ambiente do terraço com um cilindro feito de aço escovado que contém o fogo interno sob uma lareira diminuta. Marrakech tem cada lugar bacana que quero muito te levar, você não viu nem a metade do que é o Marrocos.

– Então, Amin, sua mãe é daqui, mas seu pai é mexicano.

Joguei a frase para esquentar o papo, mas nunca imaginei que por debaixo desta história encontraria um homem com tantas experiências, digamos estranhas. Dava para ver que ele vinha de uma família com dinheiro, porque se vestia muito bem e era articulado, no entanto, escondia um perfil tão falso quanto as capinhas de celulares de grife vendidas nos camelôs.

– É, meu pai veio do México para trabalhar aqui, conheceu minha mãe e cá estou.

Nossos drinks chegaram mais rápido do que os anteriores e nos animamos com a chegada de três mulheres que escolheram uma mesa na nossa direita.

Ele logo acrescentou numa voz baixa e debochada:

– Quer apostar que as três vão acabar aqui na mesa com a gente e que duas delas devem ser casadas? – ele ergueu o copo magro e escuro, fazendo um brinde no ar em direção a mulher de cabelos marron.

Eu não estava disposto a conhecer mulher nenhuma até porque só pensava em encontrar você, mas para dar seguimento a provocação dele falei:

– Como você sabe?

– Conheço as mulheres tão bem que poderia ser uma delas.

– Você tem muitas irmãs?

– Sou filho único.

Respondeu com um sorriso suspeito e senti que ele queria contar alguma coisa, porque, assim que o garçom passou, pediu mais dois drinks sem nem me consultar. Foi aí que o levei a confissão que jamais poderia imaginar.

– Eu entrava na rede como mulher.

Ficamos em silêncio por uns segundos e, tão logo, o drink chegou, ele começou a me falar sobre as nuances do golpe que aplicara nos últimos cinco anos.

– Primeiro eu ia nos perfis de homens que não estavam tendo muita visibilidade, observava cada *post* deles, examinava as fotos, anotava suas rotinas solitárias, ou sem graça. Através da data de nascimento eu partia para o estudo dos signos e sabendo as características dos signos eu sabia como criar empatia, sabia como tratar a pessoa. Bom, diante desse estudo básico, eu criava uma mulher com perfil falso que fosse atraente o suficiente para fisgar o cara. Quer um exemplo?

– Sim.

Foi só o que eu consegui dizer naquele momento.

– Se o homem fosse do signo de virgem e, portanto, gostasse muito de família, você entende, se a família é muito importante para ele, então eu postava fotos da mulher falsa que eu estava interpretando, com sua respectiva família. Se fosse aquariano e viagens faziam parte dos planos dele, eu postava fotos em alguns lugares turísticos. E assim, nosso relacionamento amoroso sincronizado e único começava.

– E quanto tempo você levava para inventar essas mulheres?

O pior é que essa “mulher” que eu tinha inventado, por exemplo, era tão linda que eu postei uma foto dela em Paris e aí fui dormir, sei lá, às duas da manhã e quinze horas depois tinha trezentos pedidos de amizade e muitos elogios.

– Por que você fazia isso?

– Dinheiro. Naquela época eu queria muito viajar, comprar roupas legais, comer bem e os negócios do meu pai estavam péssimos, minha mãe já não morava mais conosco.

– Você estava com tão pouco dinheiro assim? A ponto de passar fome? Como foi que você entrou nessa?

– Nem eu sei. Eu comecei meio que de brincadeira, mas aí eu vi que estava dando certo e comecei mesmo a me enrolar, quando me dei conta que a primeira vítima foi tão fácil, resolvi partir para outra e mais outra e nunca consegui parar, porque, vou te dizer: os homens são muito fáceis. Eles se apaixonavam por mim e me mandavam dinheiro e passagem para mim os conhecer, na verdade ofereciam de tudo, só que eu nunca ia, claro. No início eles ofereciam e depois eu também aprendi a pedir.

– Mas como você conseguia enganar eles por tanto tempo?

– Bom, eu não enganava “eles”, mas ele. Um de cada vez porque dava muito trabalho e foi essa uma das razões pelas quais eu parei. Zayn, cara eu sempre gostei de contar histórias, então, pra mim, foi muito fácil inventar, só que eu tinha que inventar toda uma estrutura falsa, uma mãe falsa, daí eu mandava foto com minha mãe falsa, meu cachorro falso, a casa onde eu morava falsa, então tudo isso tinha que ser meticulosamente

criado. Eu tinha que estar atento a tudo desde o detalhe do que “ela” comia, até as amizades, os lugares aonde ela ia, eu passava 24 horas mentindo e ficava grudado no celular, nervoso, e, cada vez mais, eu me especializava nos golpes e foram tão perfeitos porque eu sou super exigente a ponto de acreditar que eu era aquela mulher.

– Você é travesti? Gay? Desculpa perguntar, mas...

– Não.

Confesso que neste momento comecei a tirar o colega para psicopata e cheguei a cogitar dizer que o papo estava ótimo, mas eu tenho que ir embora porque amanhã eu trabalho cedo, acompanho um grupo e tal, mas ele estava com fome e tinha me oferecido, ou melhor me convidado para jantar e não tive como negar.

– Só não entendi como você conseguia o dinheiro? Valia a pena fazer tanto esforço? – acrescentei num tom mais baixo.

– Eu consegui muito dinheiro porque foram muitos anos. No início, como eu te falei, eu aplicava o falso perfil um de cada vez, só que depois do primeiro ano eu já coordenava dois, às vezes três, ao mesmo tempo, aí eu tinha nas paredes do meu quarto um monte de anotações e fotos de cada um deles e “delas” para não me atralhar, como te falei eu sou muito metódico, organizado, perfeccionista mesmo.

– Tá, mas porque eles te mandavam dinheiro e como você fazia para receber?

– Ah eu dizia que tinha perdido o celular e que agora eu estava numa fase difícil porque minha mãe estava doente e eu tinha que guardar dinheiro para remédios e coisa e tal e que daí a gente ficaria um tempo sem se falar... e quando eu menos esperava eles me mandavam o último modelo do iPhone. Eu usava contas da minha irmã ou de amigas dela sem ela desconfiar. Na mesma proporção que eu ia inventando desculpas, aprendia quais mentiras funcionavam melhor.

– Mas eles não pediam para ver você, conversar por Skype, por exemplo?

– Sim, mas eu tinha várias desculpas convincentes e eles já estavam muito apaixonados por mim e acreditavam em tudo. Eu nunca usava câmera, só editava e mandava fotos. Imagina o quanto eu já não tinha envaidecido eles, eu era bom em fazer eles se sentirem o máximo, em especial, os casados. Eu tinha um grau de influência muito grande, sabe. Para mim era como um esporte online.

– Você meio que usava as pessoas?

– Claro, todo o tempo. Só que, cara, como eu te falei, dava um trabalhão porque eu tinha que lembrar de tudo que elas comiam, onde e com quem eu tinha falado, as roupas que cada uma delas usava, detalhes dos seus “trabalhos”, perfil falso das amigas,

eu era mestre em contar histórias perfeitas, eu era três, quatro mulheres diferentes absolutamente falsas, ao mesmo tempo, eu inventava vidas.

– Nunca imaginei! - acrescentei com as mãos no rosto e um semblante incrédulo.

– Viu como é fácil enganar?

Sorri dando alguns goles do drink e me disparando com a frase seguinte:

– Um homem solteiro está disposto a tudo.

Acabou com o drink.

– Não seria mais tranquilo você ter o perfil de homem?

– Talvez, mas a brincadeira começou torta e foi indo até o fim.

– Que fim? - resolvi arriscar.

– Eu te disse que não faço mais isso e...

– Você não tem medo de ser desmascarado?

– Nenhum. Eles não têm provas. Quando resolvi me limpar de tudo isso contratei um profissional, hacker que devastou toda e qualquer prova, eu desapareci, ou melhor nunca existi assim.

Foi aí que a comida chegou, nos deixando com o silêncio oportuno das garfadas, ele insistiu em mais uma garrafa de vinho e eu já estava mais do que imerso nas suas loucuras. Foi antes da sobremesa que comecei a dar voz a minha história e contei o que pude para ele sobre tua perda. Naturalmente, o próximo passo era sair dali com o contato do tal profissional que sabia montar e desmontar vidas artificiais.

– Eu não tinha nenhum remorso, se é isso que você está pensando, porque eu usava um espelho estragado, como se não tivesse reflexo, meu nível de frieza era alto, eu fazia voz de mulher, e os convencia de tantas coisas, quer ver?

Esta foi a hora que fiquei mais perplexo, quando ele entortou a boca e balançando os lábios me disse:

Você é muito gostoso e eu quero tudo com você!

Meu bom Alá, eu nunca tinha visto uma transformação dessas, de dar medo. Aí retomei as perguntas, perguntando quanto ele tirava por semana. Ele respondeu rápido com sua voz normal e em inglês U\$S 1.000, no mínimo. Um *scammer* virtual que manipulava homens e não tinha nenhum remorso. Foi o passo que faltava para eu convencer meu tio a cafungar na internet pelos modos mais ilícitos.

Terminamos a sobremesa e fui para casa cheio de ideias, atravessei a noite sem dormir e acordei com o contato do hacker chamado Yossef anotado no celular. Levei cinco minutos, no outro dia, para convencer meu tio a contratá-lo.

CAPÍTULO 64

Aisha,

Vim em casa buscar um casaco e a moto. Não vou aguentar até a noite para te escrever e dividir com você, neste e-mail curto, a dimensão do espaço virtual.

Nunca imaginei que a eficiência de um hacker do calibre de Yossef alcançasse tão longe a ponto de ler e-mails, invadir whats e rastrear tweets, perto dele somos meros *stalkers*, amadores. Foi assim que passamos a ter os algoritmos a nosso favor lendo todos os hábitos da Laila, todos os whats que ela mandava, líamos todos os seus posts no Facebook, Instagram e a história que a avó publicava na plataforma digital. Foi uma invasão assustadora que capturou nuances das emoções dela, onde fui criando um estranho fascínio e deixando pegadas no universo da memória humana, que a cada postagem se alterava entre exibição e repouso. Quando enxergamos o furo certo, passamos pelo buraco feito barata no ralo, então decidimos aumentar exponencialmente os comentários que ela recebia, aumentando o tempo que ela permanecia conectada, tudo para gerar mais e mais pressão da mãe para mandá-la viajar para cá. Quando descobrimos Tia Pilar, na Espanha, foi uma barbada montar o esquema que a traria até o Marrocos. Alvarito foi muito bem interpretado por um amigo, um ator mediano espanhol que ganhou muitos euros para estar na praça com um cachorro e que ajudou a compor a aproximação com a melhor amiga Lourdinha. O resto foi uma sequência que a própria rotina contribuiu, meu papel foi fácil, afinal, eu estava interpretando a mim mesmo. O que não estava no *script* foi a hemorragia no deserto. O tempo anterior a vinda dela para cá me fez brincar de Alá, manejando vidas: ao mesmo tempo que me apavorava com a vulnerabilidade da internet, me admirava com o volume de dados que as pessoas despejavam na rede e com a espantosa facilidade de um catador, como eu, juntava os restos dos lixos digitais que me fariam penetrar junto com o hacker numa invasão de sistemas, aplicativos alterando dados e manipulando destinos. As pessoas simplesmente não utilizam criptografia nas mensagens digitais, não mantem os programas de antivírus atualizados e não utilizam senhas robustas, tampouco as substituem periodicamente.

Beijos

CAPÍTULO 65

Uma das nossas metas era checar os passos da história que a avó escrevia, propositalmente, adicionando pistas do exílio de uma personagem que se assemelhava cada vez mais de Aisha. Cruzamos dados, fizemos um cronograma espalhando as informações, saqueando dados e nos aproximando da Laila. Eu seguia, junto com minha pálida noção paranoica, a vida dela que já me era bem familiar e que, durante o sono, me rodeava, dando giros ao redor dos pensamentos, berros de espantar minhas inconseqüências, nessa infundável busca por você, Aisha. Ninguém ama uma prima de três aninhos a vida toda como se ela fosse uma entidade divina, eu amava mais você do que a mim. Muitos anos depois, compreendi essa doença, foram meses de tratamento, levei anos para distinguir o que era excesso e o que era normal, mas isso te conto em outro e-mail. Os indícios de que certa quadrilha recebera R\$ 160.000 pela tua venda, fechava com a data do sumiço, com a idade de Laila e com o histórico de sua mãe adotiva. São 26 milhões de desaparecidos no mundo, Aisha, e se você for a nossa Laila, as provas serão capazes de dar conta, mas, para isso, a Laila teria que entrar no Marrocos para autenticar passaporte e outros dados na imigração junto a polícia marroquina.

A Convenção de Haia é um Tratado Internacional que visa simplificar o processo de autenticação de documentos a serem usados no exterior, e em 29 de janeiro de 2016, o Brasil aderiu à Convenção, até essa data, o Ministério das Relações Exteriores e o consulado eram responsáveis por autenticar os documentos o que explica a rota cara e burocrática que o processo demandava. Após sofrer atentados terroristas em 2003, em Casablanca, e em 2011, em Marrakesh, o Marrocos reforçou seu arsenal legislativo e de segurança, enquanto aumentou a regulamentação do setor religioso e a cooperação antiterrorista internacional. Foi por aí que nos arremessamos em tua direção.

Quando você apareceu, junto com a Lourdinha e o simpático Chora Menos, no aeroporto de Barajas, meu instinto se contraiu num belisco forte e passageiro. Naturalmente eu só apareci para você no Marrocos, mas eu estava o tempo todo acompanhando vocês, sempre disfarçado de cidadão local, ou seja, eu mesmo, uma precaução sensata e estratégica. Então eu te via de longe e tive que controlar meus impulsos infatigáveis para não invadir teu rosto, para não botar tudo a perder, primeiro era preciso confirmar alguns detalhes físicos em você, tínhamos que ter certeza de que você era Aisha, não poderia me exceder em outro engano como o que cometi em

Casablanca, de me avançar numa Aisha ilegítima. De longe você não tinha nenhuma das características físicas dela, das que nós imaginávamos que você teria, tínhamos alguns desenhos feitos por especialistas, desenhos que aproximavam tuas feições, desenhos de adivinhação de como você seria a partir das fotos dos teus poucos anos de vida. Através das fotos que Alvarito me passava e todas que você postava nas redes se via alguns traços da nossa família, mas eram mais vontade de que fosse você, do que realidade. Seria muito pouco provável que você correspondesse aos traços da criança que nos deixou, mas alguma coisa da tia você deveria ter, a lealdade da genética não costuma falhar. A vida é que é traiçoeira. Quando nos encontramos pela primeira vez no Marrocos, tive um certo estremelecimento, uma sensação vertiginosa, um nervoso que me suava por dentro de alguma armadura que não tinha consciência de ter criado. Meu corpo era casca, era prisioneiro do teu desaparecimento, só me dei conta quando ele se afrouxou, eu achava que era só a minha mente que ficara bloqueada pela tua falta, eu não sabia que eu estava dentro de um corpo chaveado, enrijecido em cal, abarrotado dentro de um revestimento que o defendia de tudo que o fizesse sofrer. Eu morava num caixão.

Nesta centrifugação que eu vivia, meu tio morreu. Teu pai se foi antes de você voltar a vê-lo, antes da mãe adoecer outra vez. A crueldade do tempo é talentosa. Você estava geneticamente condenada a carregar nosso sangue por aí, nosso luto foi contínuo, algoz e asfixiante. A Laila do Chora Menos não foi minha prima, não poderia nem ser um pedaço dela, você era uma Laila provisória, fiquei com ódio mortal de você, a verdadeira só se viu nos dois anos e meio depois.

CAPÍTULO 66

Laila, você também vive no vácuo do abandono. Talvez, por esse motivo, eu tenha me apaixonado perigosamente por você. Tua presença era uma teia de aranha na minha tristeza, teus *posts* acertavam no meu humor e me faziam bem. Aprendi a ter você comigo todos os dias, uma espécie de namorada que eu podia acionar quando quisesse, você sempre estava disponível através do canal. Pensar que a complexidade do mundo virtual é um desafio, a busca daquilo que se carece varre gerações, a nossa busca é a de desvelar, estamos atrás de algo que nos revele, algo que decifre quem somos nós, eu não sabia quem eu era e precisava, urgentemente, de alguém que me ensinasse o caminho para me descobrir, você e tua sinceridade, você e sua descontração, você e suas fraquezas, você e seu jeitinho brasileiro de se exibir, você, Laila, me ajudou a entender que eu buscava o paradeiro de Aisha para poder encontrar o meu. Você buscava aplausos e, assim como muitos, é vítima do valor máximo de hoje, a questão crucial, a moeda que nos compra e vende; tudo o que fazemos é para ter a atenção do outro. Eu procurava Aisha, e você procurava aprovação, nosso comércio foi justo.

Yossef conhecia a despreziosidade dos crimes virtuais. Faz seu trabalho baseado na impunidade, palavra essa que uma grande parcela de brasileiros abusa para justificar as coisas erradas que fazem. Diversas artimanhas são elaboradas para ludibriar usuários e esses, por sua vez, caem em golpes por estarem despreparados para identificar possíveis fraudes, você é uma delas. Imagina se ele correria algum risco com isso no Brasil? Sim, ele é uma espécie de cracker, se você prefere assim. Caso ele fosse pego, a pena seria de três meses a um ano e multa. Chega a ser ridículo, uma caricatura minúscula das enormes “tretas” do teu país. Adulterar dados foi a coisa mais fácil que ele já fez e você nunca se perguntou como que uma perda significativa de inscritos foi prontamente recuperada e com um aumento tão desproporcional, sem você ter mostrado suas lindas curvas na telinha. Nosso amigo Yossef fez parte de um grupo vinculado aos mais graves ciberataques, não chega a ser um dos melhores do mundo, mas circula bem nos códigos sofisticados e maliciosos, já lidou com alguns vírus perigosos, sabe muito sobre aplicativos e programas. Se ele anda fora da lei? Quem sabe... não se preocupe, não chega aos pés do Slavic. Você o conhece? Imagino que não, teu ego só pensa em angariar fãs e fazer propaganda de produtos bacaninhas. Antes de você dar uma googlada vou te adiantar o serviço: o cara se esconde na Rússia, lugar onde também procuramos Aisha, e

é um dos hackers mais incisivos de todos os tempos. Criou o Cryptolocker, um vírus que bloqueia os computadores e obriga o pagamento de um resgate para sua liberação. No final de 2013, mais de 234.000 computadores haviam sido infectados. Um golpezinho básico que arrecadou 27 milhões de dólares em apenas dois meses. Mas, Laila, sabe qual o nome da criatura mais conhecida que ele criou? Zeus! Extremamente sofisticado, esse código foi melhorado pelo próprio “menino” de 22 anos e agora se chama Gameover, um programa que age em duas frentes: por um lado rouba os dados bancários e as senhas da máquina que infecta, por outro e aí que vem o melhor, ele sem que o dono saiba, coloca o aparelho a serviço de uma rede oculta. Produz, assim, um universo de escravos silenciosos que os piratas, não esses da Disney que você comenta no Me Coça - os piratas que estou falando utilizam toda nossa privacidade livremente para todos os tipos de propósitos.

Então, meu amor, você foi, praticamente, inventada, você pensa que é uma influencer de sucesso, aliás, você é uma youtuber famosa, só que por manipulação digital. Nós também te adotamos e você é tão, ou mais ignorante de tua origem, quanto a Aisha, que eu ainda vou encontrar.

CAPÍTULO 67

Preciso voltar neste assunto.

Seguimos cuidadosamente introduzindo *likes*, novos inscritos e muitas *views*, tudo dentro dos limites diários, teus patrocinadores fizeram o serviço para nós, gerando produtos e dinheiro, evidente que você nunca precisou de verba, porque teu pai é rico, então nosso trajeto, até aqui, foi de uma facilidade absurda, coisa que não justificaria contratar um hacker. Yossef fez um trabalho arqueológico e foi cavando, cada vez mais fundo, nas entranhas do YouTube até monitorar a melhor maneira de adentrar numa das maiores redes de tráfico humano. Sabe como que nós começamos a desconfiar que você poderia ser vítima do tráfico? Digamos que nos inspiramos numa goiana que foi presa na Espanha, durante a Operação Ninfas, que libertou dez vítimas do tráfico internacional de mulheres, sendo cinco brasileiras, o papel desta mulher goiana era de identificar as vítimas em potencial por meio de perfis nas redes sociais. Outra quadrilha que se ferrou tinha um esquema com várias agências de turismo que financiava as passagens aéreas, você está vendo algumas “coincidências”, que no início foram facilitadoras, porém não chegam nem perto dos tentáculos de esquemas de tráfico milionários que existem aí. O desaparecimento de crianças que mais nos chamou a atenção apareceu numa matéria brasileira que tinha envolvimento direto com alguns médicos daí. Nós, aqui no Marrocos, ainda não tínhamos criado um sistema, nos moldes do norte-americano Alerta Amber, que espalha a notícia – rapidamente – sempre que uma criança for sequestrada e estiver correndo risco, não tínhamos essa barbada para tentar encontrá-la nas primeiras horas do desaparecimento.

Agora que você já deve ter parido meu filho, não te assusta se você receber um “*amber alert*”, pois eles são mais frequentes do que você imagina. Esse sistema de alertas urgentes estabelecido nos Estados Unidos – e adotado pelo Canadá – utiliza sinais eletrônicos rodoviários, emissoras locais de rádio e TV e sinais *wireless* para anunciar a descrição de qualquer veículo suspeito de envolvimento com o crime. Nós estamos desenvolvendo um aplicativo superior a este e se tivermos que colocar microchip no nosso menino, vamos colocar, *by the way*, qual o nome dele? Não te preocupa, já mandei buscar nos States um VeriChip, que podemos inserir no nosso filho, uma anestesia local, vai dar conta de qualquer desconforto, a aplicação sob a pele é tão tranquila quanto a circuncisão que ele fará mais tarde, e, por favor, sem dar piti de paulistana mimada, não estou tentando

controlar a humanidade, nada de profecias apocalípticas, só estou te dizendo que assim que eu pôr as mãos nele, vou cuidar de tudo que o mantenha perto de mim. No momento estou mais interessado em denunciar o Dr. Birgo, amiguinho do teu pai, por adoção irregular, recebimento de dinheiro pelo comércio ilegal de bebês, e outras cositas mais, do que te convencer a colocar uma coleira eletrônica no nosso nenê. Uma perguntinha: de onde você acha que veio a grana para comprar aquele iate que você postou no verão passado, teu apartamento, tuas joias, tuas calcinhas, tua vida?

Tô brincando, eu brinco com você todos os dias no meu pensamento, porque tua vidinha é tão patética que me dá vontade de brincar. Agora escrevo e-mails que já nem sei mais se são para você, Aisha, ou para você, Laila! Envio com cópia para Laila. Pouco me preocupo, preciso desabafar assim e a falsas caixas de entrada de vocês, que no caso é a minha conta no Gmail, me recebem muito bem. É lógico que sei que você ganhou uma menina e que se chama Marina. Você pensa que me bloqueou dos teus contatos, como você é burra, Laila. E tola. Você concentra a maior parte das mulheres brasileiras que brincam de vida, que só dão bola para o corpo, que veneram as marcas famosas, que não levam as consequências a sério, só pensam em ser gostosas, escancaram o corpo e veneram a bunda, carregam cartazes de feministas, mas, no fundo, ainda são criadas para ter um bom casamento e agradar seus homens infiéis, em nome da boa reputação. Um bando de metidas a espertas, eu sei que você deve dormir todos os dias com aquela pergunta de estimação: “por que eu não voltei ao Brasil?” é, eu sei como é deitar a cabeça no travesseiro e ter de adormecer com mais um dia de respostas intocadas. Fosse você menos autocentrada já teria descoberto muita coisa, sua “vóvis querida”, que está na maior comunidade de leitores e escritores do mundo, publicou ontem um diálogo que insinua boa parte da tua origem. Vai procurar, sua anta, eu sei, eu sei que você ficaria chocada se soubesse que eu tenho raiva de ti, raiva não: ódio.

Todos nós temos nossos avessos inesperados

CAPÍTULO 68

No dia que entrei em contato com tua vó, para pedir colaboração e contar tudo o que nós sabíamos, eu já tinha entendido que este ódio era amor. Para nossa surpresa ela não demonstrou nenhuma resistência em falar sobre tua adoção. Meu espanhol ajudou na compreensão dos fatos quando telefonei para ela ano passado, mas eu prefiro te enviar nosso primeiro diálogo, sim, está em português, porque contratei uma tradutora, mas a ideia é te mandar só a parte que interessa, o suficiente para você entender o que foi nosso percurso até o dia que ela teve a ideia de escrever em forma de romance a “roubada” que foi tua existência até aqui. Hoje, aos poucos, dou-me conta do tamanho do meu ego, absolutamente arrogante e desprezível. Sei que te prendia em mim, que te detive com tamanha prepotência, como se eu tivesse o poder de te garantir a única maneira de ser feliz. Quem garante que você não foi muito mais feliz aí onde você está? Eu fui excesso o tempo todo.

Entenda: quando meus primos e eu terminávamos as aulas, cinco em ponto, depois de estudar o Corão o dia inteiro, estávamos famintos. Caminhávamos apressados em direção ao Souk, na Medina de Fez, onde, como você já sabe, a família tem negócios e onde se podia comer o melhor Tagine do Marrocos. Meu dia favorito sempre foi a terça-feira porque, na diagonal à direita de nossa loja, tinha o melhor Tangine de Kefta. Um prato feito de cordeiro temperado com cominho, canela, pimenta, entre outros ingredientes, era o maior e mais barato. Só que, naquele dia, nem o apetite me satisfez tanto quanto as fotos que Kalil me mostrou. Meu primo mais velho era o único da família que tinha celular e a novidade recém tinha chegado na nossa família. Tio Omar, irmão do meu pai, além de ter umas das lojas mais antigas da rua, também era o proprietário de uma pequena agência de turismo em Marrakech – ele sempre foi o pai que eu queria ter e qualquer coisa que ele me pedisse eu fazia até porque eu também queria ganhar um celular, por bom comportamento. E aí, lembro como se fosse hoje, eu disse para ele:

- Oi, tio! Se a mãe aparecer diz para ela que eu fui ali buscar minha comida.
- Ok. Depois que você comer, vou te pedir para você ficar um pouquinho com a Aisha, porque parece que vão chegar alguns ônibus com turistas.
- Claro. Quer que eu fique com ela agora? Posso levar ela junto.
- Não, come primeiro. Ainda não sabemos que horas eles vão estar por aqui.

As ruelas do Souk sempre foram labirintos confusos para quem não foi criado ali, a variedade de becos estreitos, lotados de produtos, burros e aves, se mesclam com os aromas e fedores que se infiltram nas tendas, numa explosão de mercadorias que atijam os sentidos humanos. As lojas esbanjam cores, capturam os olhares e misturam etnias. Basta um minuto para seu cérebro processar o perigo de se perder lá dentro. Aisha, você levou apenas um segundo.

Devorei minha comida sentado na frente da loja e te mantive entre meus meus joelhos enquanto uma turma de brasileiros que parecia saída do carnaval se jogava nas compras. Aconteceu de Kalil me mostrar umas mulheres nuas num site pornô. Eu tinha oito anos e convivia com muitos primos mais velhos, logo, muitos hormônios borbulhantes e qualquer par de coxas abertas me serviam. De repente você começou a se divertir olhando um burrinho que recebia pedradas dos primos, um jogo de molecagem que não machucava as patas do animal, mas gerava risos bobos. Os brasileiros sabiam fazer bagunça e consumiam com muita facilidade, é um povo festeiro que, naquele dia, também alegraram nossa tarde. Quando meus olhos lamberam as fotos das mulheres na tela, meu pau se avolumou e tive que me ajeitar, relaxei as pernas e acomodei o membro dilatado, soltei você, deixando você sair para brincar juntos com os meninos. Ainda dei duas olhadelas para te cuidar, tudo parecia estar bem. De repente umas meninas que deveriam ter seus dezessete, dezoito anos se juntaram aos prováveis pais brasileiros, e foi lindo de ver como elas se movimentavam dentro de blusas justas. Kalil tinha a manha de fotografar com o celular virado nos garantindo peitos e bundas dignas de Porn Dude.

São anos te escrevendo e te salvando em arquivos. Tenho os dentes obturados, a razão curta e os pensamentos que me perseguem sem nenhuma piedade. Estou te estendendo as mãos em forma de copinho para te entregar tudo que sei sobre nós.

ZAYN E LAILA

CAPÍTULO 68

Este é o primeiro e-mail que te mando! Agora tenho teu e-mail novo e sei que você não me bloqueou, portanto, não destrua nossa única chance de comunicação.

Nada do que fiz serviu para disfarçar o amor que sinto por você, como você viu, eu tentei te odiar, mas não deu certo e olha que me esforcei. Quando teu pai biológico, tio Omar, me ofereceu uma fortuna para descobrir você no Brasil, nunca imaginei que te encontraria na pele de uma Laila tão encantadora. Tudo indicava que você era a filha dele, que foi arrancada dos braços da mãe naquela tarde de pavor e distração. Levamos anos examinando todas as hipóteses possíveis, refazendo a cena item por item, revolvendo lembranças centenas de vezes, desistindo e voltando da guerra quase insana de te encontrar. A culpa, sabe Laila, é um fantasma insistente e o passado, descobri, é o único morto que temos de enterrar por mais de uma vez. Espero que essa tradução das minhas palavras do árabe para o português seja equivalente para dimensionar o quanto pensei e me agoniei, antes de decidir te procurar outra vez. Saiba que sempre estivemos atrás de alguma pista que sinalizasse que você ainda vivia, você, eu sei, agora já está cansada de acreditar nisso. Acontece que a prova mais importante estava na nossa cara, mais precisamente no backup de dados do antigo celular do nosso primo. O desespero altera a sensatez e nunca tivemos tanta certeza de que você vivia, como quando contratamos os serviços de Yossef, porque foi ele que nos injetou ânimo, fazendo uma inspeção minuciosa nas fotos do celular do Kalil. Ele varreu todos os itens salvos na nuvem, examinou tudo que pudesse acrescentar uma investigada mais atenta, recuperou nossa fé e uma foto batida naquela tarde. A tecnologia, você bem sabe nasceu para surpreender. Os aplicativos são um desdobramento de conexões que possibilita juntar provas, farejando tudo que é registrado na rede, o mundo tá todo ali e você também teria de estar. Esse foi o ponto de partida do nosso amigo hacker e nosso ponto de chegada até você. Quando, constatamos que você tinha uma grande chance de ser a Aisha, invadimos teu WhatsApp. Praticamente fizemos parte de todos teus diálogos até aqui, foi tão desagradável ler teus comentários, ler tuas broncas, tuas impaciências com tua mãe, enfim, você é bemmm mal agradecida, mas deixa isso para lá, a troca de mensagens com a Lourdinha é que foi crucial para cercar teu destino e, por sorte, você é uma usuária perfeita para recolher informação, mas, desculpa, não estou aqui para te analisar e sim te dizer que todas mensagens que você trocou com sua mãe nos deu a chance de empurrar

você para cá. Se você não fosse até Espanha, teria eu que ir até aí para conseguir teu passaporte e me aproximar de você, até ter certeza de que você era ela. Quando nos demos conta que o esquema de tráfico de crianças era tão bem articulado, consideramos a possibilidade de você ter sido vítima desta estupidez humana, meu tio agarrou todas as forças e dinheiro que tinha guardado para te alcançar. Não pude negar ser uma isca, a dor de um pai é maior que a culpa de um menino. Usamos todos os recursos tecnológicos que podíamos.

E deu-se o boom, ou melhor, o zoom! A inteligência artificial reproduz praticamente tudo que nós humanos fazemos, a tecnologia tem olhos mais perfeitos que os nossos, podendo dar um zoom em até 300%, sem perder muito a qualidade – coisa que um celular faz, imagina redimensionar uma foto com um aplicativo mais potente, e foi esse zoom que revelou no fundo da foto, que Kalil tirou aquele fatídico dia, de uma brasileira com peitos gigantes. Ao fundo, mais para a direita, uma criança de uns dois anos e pouco aparecia de mãos com um homem. A peituda também estava na excursão que entrou na loja do meu pai, comprou duas mochilas e espalhou desejo sexual, como quem salpica uma pizza com tempêro. Kalil esbanjava talento em capturar as meninas que exibiam as curvas ocidentais na Medina. Nas dezenas de imagens ampliadas desta foto, um homem aparecia, cada vez mais nitidamente, puxando uma criança que suspeitamos que poderia ser você. Era uma criancinha, com tamanho igual ao seu, na diagonal da loja, no mesmo horário que você sumiu aquele dia. Mandamos analisar todos os pixels daquela foto até conseguir o elemento crucial que nos convocou a trazer você até aqui – um homem tão normal quanto qualquer um de nós. Somos normais?

Esse homem tinha características físicas que cruzavam com três suspeitos de roubo de crianças. Alguns anos depois recebemos um telefonema do Departamento de Polícia de Fez, nos convocando a comparecer para identificar um dos três bandidos, mas não tivemos provas conclusivas. Quatro anos depois dois deles morreram e o último foi interrogado até confessar que trabalhava para uma quadrilha brasileira e espanhola. Foi um depoimento obtido enquanto seus lábios foram torturados e corroídos com ácido clorídrico. Tinha recebido o equivalente a DH 226.000,00 e você estava na lista de pedidos do mercado. Você era mais uma carne de cordeiro pendurada no Souk, você era uma das candidatas observadas. Eles queriam uma moreninha, com cabelos lisos, sexo feminino e perto dos três anos.

Esse longo e-mail é só o início de tudo que tenho para te dizer. Preciso te ver, quero te explicar toda minha ausência e conhecer Marina. Espero que você me responda. Posso estar aí no final do Ramadã. Um beijo. Zayn.

Li e reli este e-mail, salvei em um pen-drive, coisa que eu não vinha fazendo com os outros e-mails, até resolver a hora certa de te mandar, entretanto, ontem optei pela maneira antiga de se comunicar, telefonei para você, assim, no meio do dia, de um ano qualquer que não faria nenhuma diferença em nenhum calendário do mundo.

– *Hello, Laila... Laila...*

Silêncio.

– *Laila, i send u e-mail, please read. I go to Brazil to see you.*

– Zayn? - disse uma vizinha apressada.

– *Yes. Zayn.*

Assim que eu acabei de falar meu nome, você desligou. Fiquei chamando teu nome em vão. Não quis telefonar outra vez, achei prudente contar com o choque do silêncio, você é curiosa e impulsiva demais para não ler meu e-mail. Enviei tão logo você desligou.

Simplesmente leia.

CAPÍTULO 69

Ninguém se entende quando um Boy Magia surge, do além das cem bilhões de estrelas para dentro do teu pensamento. Quando Zayn me telefonou, na correria, atendi o celular, sem nem olhar a procedência da chamada, cara, jamais imaginei que seria do Marrocos. Passei o dia desorbitando. Cheguei atrasada no pediatra da Marina, não me aproximei do computador e não comentei com ninguém sobre esta ligação. Eu sabia que se eu falasse para Lourdinha alguma merda ia acontecer, a destrambelhada da minha *best* era capaz de iniciativas extravagantes e incômodas, ainda mais na fase zen budista que ela jura que tá. Na real, tá mais pra loba da floresta, meuuu, ela tá numas de busca do corpo como território ancestral, circula por retiros do sagrado feminino. Manooo, se liga numa cabeça cheia de dreads e posts com tags do tipo: “... quando imaginamos, estamos profetizando nosso caminho” – frase do tipo que Maomé ia curtir certamente. Meu, ela ia me encher o saco com essa coisa de conexão, mensagens do universo, sinais dos deuses e aposto que seria capaz de se materializar aqui em dez minutos com os benditos fones de ouvidos e seu look bem hi-loka. Lourdinha levou tempo para desocupar da sua mente exagerada, a culpa de ter matado minha mãe. Procurou ajuda clínica, mas acabou se dando alta e uns beijos na boca do psiquiatra que tratava de sonhos e medos. O cara meio que consegui desencavar, holisticamente, do fundo de seu baú, dores e falsas impressões e alguns registros afásicos. De resto, continuava minha amigona, vegana e madrinha da Mari.

Levei cinco dias e quatro noites insones para abrir o e-mail dele. Numa delas tive outro sonho, daqueles bizarros, e nele eu estava, outra vez, na cama com ele, nua numa tenda de luxo no meio do deserto. Lembro que a luz parecia fraca, como se viesse de uma fogueira da rua, as paredes eram cobertas com panos marroquinos, muito lindos, de diferentes cores avermelhadas, algo parecido com o vermelho carmim e o azul forte, ele estava deitado do meu lado, também sem roupa e, no começo, eu não entendia porquê ele não me tocava, foi então que parti para o ataque, porque o simples fato de estar nua ao seu lado me queimava a pele de tanto tesão. Eu era uma mulher magnetizada por um homem altamente atraente e foi pelo seu pescoço que comecei minha escalada rumo ao prazer. Fui beijando e lambendo seu peito liso e macio, a cor do seu corpo era uma mescla de bronzeado com café e quando cheguei na barriga distanciei o rosto para dar uma admirada no tanquinho das arabias (afinal eu nunca tinha visto um) e aumentando a

pressão da língua em seu abdominal, escorreguei aos poucos para baixo, chegando com muita calma no seu pau, nem tão surpreendente assim, mas que respondeu aos meus carinhos com toda força. Quando investi minha boca ali e ele parecia pronto para mim, me segurou gentilmente a cabeça, sentou arrumando os cabelos, seus olhos bolitas pretas me diziam algo que não compreendia e outra vez, saiu da cama. Puta que pariu, meuuuuuuu. Minha primeira reação foi de que Zayn, além de filho da puta, era psicopata, daqueles sedutores e capazes de mil artimanhas para perseguir você, até sugar de canudinho todo teu sangue.

Fazer um seguro de vida e dissecar o texto dele foi o que me apareceu na cabeça. Dei uma de Lourdinha e digna de uma personagem do Netflix, corri para minha psicoterapeuta, com computador na mochila e com um punhado de covardia no bolso. Queria reler com ela o e-mail dele. Depois de tanto tempo, me dei conta de que eu precisaria de uma opinião com mais frieza e que não incluísse emoção como resposta. Eu daria resposta? Minha primeira ideia foi de contratar um bom advogado, depois de mostrar parar o pai. Talvez tivesse que encaminhar o e-mail dele para algum especialista capaz de avaliar o grau de envolvimento deste homem com tráfico humano, se é que o que ele escreveu era verdade. Por mim, eu descartaria esse e-mail, mas eu tinha a Marina, sangue dele. Nunca mais alimentei pensamentos que me elevassem em grau máximo a curiosidade de descobrir quem foram meus pais biológicos. Minha origem ficou como aquela presilha de cabelo que você descarta no fundo de uma gaveta. Com o nascimento da Mari, iniciei um novo ciclo, uma nova leva de fantasmas contemporâneos apareceram por cima dos hematomas que o rompimento com ele me causou.

CAPÍTULO 70

Mandei um whats para você, Laila, mesmo sem saber se é o teu o novo contato, você vive com vários celulares, não aguentei a ansiedade de esperar tua resposta pelo e-mail. Através destes poucos dias, percebi o que deve ter sido para você todos estes meses que nunca mais fiz contato. Sou incapaz de matar uma mosca e incapaz de fazer uma mulher feliz. Não sei como outros homens reagiriam se descobrissem que tem um filho com a prima-irmã, que você um dia, por puro desleixo, deixou escapar. Eu me fechei em segredo, pavor e melancolia. Não tive coragem de conhecer a criança. No início, achei que podia ser mentira tua, uma gravidez inventada e, de alguma forma, mesmo te vendo grávida, achava que o dia dela nascer nunca chegaria. Quando voltei para cá, me preparei para desaparecer da vida de vocês, aos poucos, só que esses “poucos” foram ficando confortáveis e me afastavam do sofrimento de ter de assumir mais este grave “descuido”. Os meses foram passando e cheguei a comprar uma passagem para ir aí, mas, logo, me arrependi. Eu olhava nos olhos da minha mãe que já tinha me prometido para outra mulher, sempre fui o covarde que tenta tudo e, quase no fim, desiste. Se eu fosse até aí teria de assumir e se minha família descobrisse que você estava esperando um filho meu, seria expulso da vida deles.

No dia que você sumiu da Medina, os gritos do meu tio foram uivos que arranharam minha pele – me acusou de tudo, inclusive de traidor. Hoje, mesmo depois de sua morte, escuto, nos sonhos, a tristeza dele. Ouço, muitas vezes, partes do nosso diálogo naquele dia infeliz.

– Seu merda, que nunca serviu para nada. Menino retardaaadoooooo, só podia ser filho do apático do meu irmão, seu inútil, incompetente, como é que deixou alguém roubar minha filhinha... seu estorvo, sujo, se você não me aparecer com ela em cinco minutos mando te prender, ou melhor vou te bater até botar teus dois olhos para dentro que, aí sim, você não vai ver nada.

– Mas, tio, eu não sei como ela desapareceu, eu estava cuidando dela, ela estava bem ali!

E foi naquele instante que ele se avançou em mim com um bofetão que me dói tanto, foi um tapa de desespero, uma mão de chumbo que pesa na minha consciência, até hoje.

– Irresponsável, seu teimoso, que Alá te castigue para o resto desta tua vida miserável.

– Tio, eu não tive culpa...

– Quem teve a culpa então? Quem? Quem, quemmmmmmm estava cuidando dela?

Ele, então, passou a mão num lustre de latão que estava na altura do seu braço e me arremessou no ombro, fazendo a cicatriz que você bem conhece. Por pouco não fui linchado na frente de um monte de gente que tentava, em vão, segurar Tio Omar, eu sangrava e chorava ao mesmo tempo. Tua mãe cobriu o rosto com as mãos e depositou o choro nos joelhos se contorcendo de dor, parecia anestesiada pelo desespero. Desde então aprendi o que é o fracasso e levei anos tentando ser o melhor em tudo para recuperar a moral – não adiantou. No começo, eu culpava a peituda brasileira de ter me distraído, xingava essa raça de vagabundas, mulheres eram animais vulgares, para mim, eu colocava colares de culpa em todas elas, meu tio tinha razão e sou um fraco disfarçado de homem, não foi difícil passar o cadeado na felicidade e quebrar a chave, viu, sou pior que um velho romântico.

– Laila, Aisha, se você não me perdoar, eu entendo, mas eu preciso te contar, olhando nos teus olhos, toda vida de merda que eu vivi. Tenho centenas de e-mails que te escrevi, posso te mostrar. Te mando os arquivos? Por favor me receba. Agora estou seguro de tudo que fiz e, se você é mais forte do que eu, me perdoe. Tua vóvis já sabe de tudo, porque foi a única pessoa que me apoiou e foi por isso que tentou inserir no romance que estava escrevendo. Entende agora as similaridades do que nós estávamos passando? Eu sei que é muita loucura, mas, por favor, reconsidere. Não adianta você pedir para ela te contar tudo agora porque o que está por detrás dessa história, está encardido de mentiras e ela pode não aguentar a pressão. Combinamos de te contar juntos, posso te encontrar em São Paulo? Responde *please*. Laila, eu...

Não vou desistir de você. Vou para São Paulo mesmo que você não responda.

CAPÍTULO 71

Minha terapeuta ficou fitando a tela do notebook com o mesmo semblante que eu devo ter exibido quando li o bombástico e-mail dele. Depois de alguns silêncios acolchoados de dúvidas me disse numa voz baixa e sem força:

– Você não tem como evitar teu passado, negar o Zayn agora seria o mais prudente, porém mais perigoso. Se você não quer que sua filha passe pelo mesmo anonimato que você passou, responde para ele. Marina precisa crescer sabendo a verdade, você se deve isso, por pior que seja, estarei aqui para te ajudar.

Fechei o computador, coloquei na mochila, me levantei e fui embora sem nenhuma palavra. Ela sabe como lidar com meus chiliques altos em urros ou baixos em quietudes. Antes de responder para ele, fui visitar a vóvis que vinha reclamando de dor nas pernas e, certamente, saberia como alinhar minhas inseguranças. Encontrei-a numa segunda-feira, com um look vintage em tons de verde e as pernas para cima, por de trás dos óculos, um pouco mais escuros, avistei um olhar perdido, vóvis parecia que estava no *mode*: economia de bateria.

– Vóvis, olha o que eu trouxe para você!

– Que que é isso?

– Um abajur.

– Lindo abajur, Faisquinha, mas parece uma lanterna gigante... Obrigada.

– Deixa eu te mostrar o que ele faz. Péra.

– De onde você conseguiu isto? Tá escrito: Abajur da Xiaomi!

– Mercado Livre. Olha vóvis! Gostou?

– Nossaaa!

– Viu kkkk dá para simular a galáxia inteira. Quer ver um pôr-do-sol?

– Sim.

– A-há, agora sim, vóvis, você pode escolher como quer dormir. Na real, eu também vim aqui para falar com você sobre aquele assunto de adoção. Posso falar?

– Agora? Esse assunto é muito chato. Faisquinha esquece isso. Deixa eu te perguntar qual desses dois vestidos eu uso na festa da KAMIZOLA, a verde ou a amarela?

– Vó eu realmente só tenho você para me ajudar.

– Tá bem. Você toma um chá comigo?

– Tomo. Olha só este efeito noturno, milhares de estrelas para te fazer companhia. Curtiu? Vó eu queria te ler um e-mail que o Zayn me mandou esta semana, imprimi para ler com você.

– Ele já tinha me dito que faria isso. Apesar dele ter sido um cagalhão, ainda acredito nele, acho que, no fundo, ele tem boas intenções, só é mais um menino assustado que não sabe lidar com a vida, a gente tem a impressão que ele é um baita filho da puta – disse ela, ajeitando as meias na canela e, depois, tirando os óculos do rosto, acrescentou: - desculpa o nome feio. Ai, eu tô tão animada para esta festinha, tá todo mundo preparando pijamas criativos, será que vou ficar bem de ovo estourado, kkkk?

– Então você tá sabendo de tudo mesmo?

– Sei algumas coisas, sei que... bem vamos sentar aqui. Já é hora de contar para você a parte que me diz respeito nesta loucura toda. Estou velha, preciso, aos poucos, descolonizar meus erros, como você diria.

– Vóvis, é... é verdade que eu fui... nem consigo dizer esta palavra, roubada?

– Sim e não, meu amorzinho, quero dizer sim, você foi adotada, e, bem, não, não sabíamos que você tinha, bem, eu não sabia de nada. Zayn procurou sua mãe, anos atrás, quando esteve aqui, porque tinha elementos importantes que insinuavam a tua perda e quando os documentos de tua adoção não fecharam com alguns dados, você... bom, sua mãe morreu, inesperadamente, antes da gente saber se tua adoção foi ilegal.

– Por isto que a mamis não queria me mostrar os documentos, mas putaqueopariu, como é que eu fui acreditando em toda essa história, minha vida foi manipulada o tempo todo! E o pai? Por que não agiu?

– Olha, vamos esperar o Zayn trazer as provas e aí falamos com certeza. Não podemos nos precipitar, acho que seria prudente não comentar nada com teu pai sobre o e-mail do Zayn. Esta história está enterrada para ele.

– Esperar?! Es-pe-rar este cafajeste, cagalhão da porra?! Só que me faltava, ele que fique lá naquele paísinho de merda, se fazendo de guia galã. Meuuu, eu tô legal desse mala.

Comecei a me sentir enjoada e com vontade de socar a parede, andava sem parar, de um lado para o outro, mexia nos cabelos sem parar, meu raciocínio tinha pressa, eu também. Ataquei com mais força na frase seguinte.

– Mas com tanta criança esperando pra ser adotada neste Brasil, por que eu vim do Marrocos? Isto não faz o menor sentido.

Vóvis também estava nervosa e levantando um pouco a voz e o corpo da poltrona, me olhou com dó e disse:

– Porque era mais barato.

– Eu estava em promo? Li-qui-da-ção?

Berrei num tom interrogativo e aí me joguei no sofá, sem forças para driblar os horrores que esta senhora me dizia, será que minha vóvis também não era minha vóvis? Sou altamente falsa?

Fechei os olhos por um tempo, buscando forças interiores, depois que triturei um pouco as últimas informações, abri a guarda e deixei me vitimizar.

– Vó não aguento mais essa coisarada toda, – disse choramingando.

Ela então me abraçou com tanto carinho que soltei meus nervos.

– Faísca, querida, você tem a Marina e ela merece todo amor e verdade do mundo, ela precisa de você e de um pai. Por ela temos de avançar nesse rolo todo, é tudo que posso fazer por vocês antes de partir.

– Não diz assim vóvis, a senhora ainda vai viver muito.

– Não é o que os exames médicos dizem.

CAPÍTULO 72

Dia 10, por fim, recebi a resposta do e-mail. Um recado escasso. Um e-mail bastante curto, mas que me autorizava a embarcar para o Brasil no mês seguinte, depois do período de Ramadã. Eu já me sentia um pouco mais leve, mas com o coração alterado e ansioso pela renovação que este mês traria. Se as pessoas soubessem o quanto esse período de confinamento reflexivo e devoção a Alá, ajudam a ter autocontrole na vida, o mundo inteiro seria muçulmano. A tradição também ordena a abstenção de calúnias e fofocas, de usar perfume, de sexo, bebida, fumo e até mesmo de ficar irritado, ou olhar para alguma coisa que seja ilegal. Eu estava habituado a me condicionar e abastecer meu espírito com novas energias, minha ida ao Brasil seria intensa e eu precisava juntar forças. Por ora, pretendia me poupar de escrever e-mails, escrevi demais nos anos que se passaram. Queria focar nos presentes que queria levar para o Brasil e me preparar, espiritualmente, para conhecer minha filha.

Quando Laila veio até aqui, já estávamos com muitas apurações adiantadas sobre a possibilidade dessa quadrilha estar atuando junto ao Brasil, tínhamos todo apoio da polícia secreta civil, que circula na medina e o departamento investigativo do Souk. Tio Omar queria ver de perto a possível Aisha, sua esposa estava se recuperando de uma forte embolia pulmonar, seria um risco colocá-la num voo longo até o Brasil, apresentava indícios de trombose, mas estava determinada a morrer num voo se fosse para rever a filha perdida. Tia Ima faria de tudo para ir, meu tio fez de tudo para Laila vir, seria uma chance única de toda família analisar as semelhanças entre a criança roubada e a mulher que hoje ela se transformara. Foi muito complicado perceber a menininha em você, mesmo com todos os desenhos feitos pelos especialistas, retratos falados de como você estaria hoje, coisa que um aplicativo já provou fazer melhor, jamais, contudo, poderiam esboçar o quão linda você é. Aquele amor infantil, era uma amor de sangue, agora tenho um amor adulto; uma amor completo e quero te entregar.

Se você não me recebesse no Brasil eu não teria outra opção a não ser te gravar um áudio ou te contar tudo numa ligação pelo WhatsApp. Não assisti tua live, ontem, porque estava dormindo, estamos a mais de 4 horas, aqui. Por incrível que pareça, acho que hoje vou conseguir dormir.

CAPÍTULO 73

E se deu o caos. Sexta à noite, trabalhamos num conteúdo sobre os assaltos nas cidades, dando foco nas pequenas cidades do interior do Brasil. Estávamos trabalhando num novo jeito de mapear os assaltos, porque a meninada daqui de sampa, toda hora, joga na rede um novo tipo de assalto, cara todo mundo já foi assaltado por aqui. Meu roteirista fez uma espécie de coleta, com vários tipos de assaltos. Selecionou assaltos violentos, assaltos motorizados, assalto na rodoviária, assaltos de pouco prejuízo, assaltos dentro do colégio, assaltos nos prédios, os assaltos ousados a bancos, um assalto dentro da água, meuuuu, levaram o jet-ski do cara, assalto a mão armada, assaltos fatais e assaltos com drones. Resolvemos agrupar todos e criamos um mapa gigante com pins neon para largar no canal. A equipe estava mega empolgada e, depois que o *staff* todo largou para casa, Lourdinha tirou da bolsa uma vodka poderosa que começamos a empinar antes de dar banho na Mari e depois do relógio virar a meia noite. Era bem isso que eu precisava: encher a cara e esvaziar a “cuca”, como dizia mamis. Quando Lourdinha puxou da bolsa a garrafa e falou:

– Bora relaxar deste trabalho sisudo?

Respondi com um pulo feliz:

– Yes, vou botar a Marina para dormir primeiro e aí “vodka com vc”, tô louca pra um traguinho do bem e você dorme aqui hoje, beleza?

– Obaaa! - disse uma Lourdinha animada e gritona.

– Tira esses fones do ouvido mana. Caralho você vai ficar surda.

Lourdinha puxou um deles, como sempre fazia e me respondeu com uma alegria contagiante:

– Nossa Lailala...

Gostava de me chamar assim com um “la” a mais desde que tomou um porre numa festinha e repetia sem parar meu nome com três sílabas, a louca!

– Faz uma cara que a gente não se vê, quero dizer, faz um tempo que a gente não se junta para curtir uma noite. Vai ser lindo Lailala. Quer ajuda no banho da *mini-lady*?

A *mini-lady*, todos nomes que a Lourdinha inventa, parece que precisa de um vocabulário todo seu para significar as coisas, chamava a Marina de *mini-lady*, sempre foi *mini-lady* para ela, desde o dia em que nasceu e contei para ela que seria a única

madrinha da minha filha. Trazia presentes, levava para passear nos shoppings e, vez por outra, ia no pediatra conosco. Deu super certo.

Desde que voltamos da viagem ela foi, diferentemente de mim, se desconectando aos poucos do Álvaro, engatou um caso com o Marcelo, instrutor de Yoga, o que fez todo sentido porque, para ela, a busca espiritual e os chás que tomava nas montanhas preenchiam seus vácuos, era estranha a si mesma, e fiel. Agora tá saindo com uma cara que é instrutor de drones.

– E o cara da Yoga, onde ele está agora? Você não ia sair com ele?

– Trolei o cara, não estava numas de meditação, já superei meus 120 nanotédios do dia e mana, tô muito a fim do Rafa, dos drones, tá ligada? Mas cara, vamos colocar a *mini-lady* para nanar e depois te conto como vou desintegrar do Yoga.

Quando consegui sentar no sofá, depois da Mari pegar no sono, a garrafa já estava com três dedos a menos. Ela me alcançou um copo com pouca bebida, quase vazio, mas não falei nada, dei um gole e fui a marte.

– Caralho, que que você botou aí dentro?

– *This*.

Me mostrou num vidro que parecia de remédio.

– Que porra é essa?

– Bebe.

Bebi. Bebi bemmm. Tava precisando afrouxar a carcaça mesmo. Lá pelas tantas estávamos atiradas no sofá enquanto no tapete da sala Chora Menos observava inquieto a movimentação.

– Meu, tô sentindo umas kkkkk... meus pensamentos tão dando piruetas aqui dentro kkkk.

– Deixa a mente sambar, libera amiga, libera que cura.

E fui sacudindo minhas ideias e, engolindo aquele trago, até começar a ver o Chora Menos com um contorno ao redor do corpo. Passei a mão nele, ele parecia um espírito peludo, que ao invés de ter uma aura em cima da cabeça tinha uma aura em todo corpo. Chora Menos era um Santo.

– Lourdinha, migs, sabe que agora eu tava pensando no apartamento do Zayn... espaçoso, três suítes... kkkk.

Esse era um código que usávamos entre amigas para falar do pau de um namorado e “praça”, sobre a dita cuja de uma menina, Lourdinha era muito bi. E desandei a falar do apartamento do Zayn, a gente tinha ataques de risos, ela botou na roda as muitas

“pracinhas” que tinha frequentado e foi assim que depilamos pepecas e paus alheios, sem esbarrar na censura, abri a porta pros monstros escaparem e comecei a contar para ela tudo sobre o e-mail do Zayn, até a sinistra conversa com vóvis. O álcool tem uma língua comprida.

Começaram os delitos cibernéticos da vez e resolvemos fazer uma live que cuspiam para fora um monte de bobagem e que, né, aos poucos chamou atenção da galera on-line, Lourdinha falava de cima do sofá e eu ria e chorava ao mesmo tempo contando minha sina de adotada, a coitadinha dos jardins. Gente, foi hilário nosso papo-confessional. De repente me entra um cara escrotíssimo, nos tirando pra vagabas e sugere um boquete virtual, meuuuu, o cara sem noção, tentava nos intimidar com um discurso machista que provocou respostas de fãs e das meninas que nos assistiam. Era um gordo esparramado que já tinha se manifestado no Me Coça com papinho de “vamos botar ordem na discussão”. Pra que: me bateu uma revolta, meuuuu, que ataquei o “fofo” com frases furiosas do tipo: “você não quer que meus vídeos falem de como domesticar najas, seu gordo nojento”. Vixi, mas o barraco digital esquentou e quanto mais eu falava sobre minha história de adoção, de ser uma prótese familiar, de ter caído numa cilada... mais e mais fãs recrutavam amigos e atingimos o limite máximo de *likes*, no outro dia Alá se juntou com Maomézinho e eles cobraram o seu preço.

CAPÍTULO 74

Ao invés de mandar um textão para Laila, no whats, resolvi investir em uma foto que ela tirou quando esteve aqui no deserto, não sei bem qual era minha intenção, mas qualquer estímulo que ela respondesse, me daria alegria, achei que viria um emoji, a reação dela, no entanto foi uma frase bem pequena: “*miss you*”.

Arrebentou com todas minhas expectativas e apostei num: “*lov y*”.

“*Love? And miss?* Sim. Você sumiu e perdi você.”

“*Can you speak now?*”

“*No.*”

“OK.”

Foram dias sem conseguir que ela me respondesse, outra vez. Se Tio Omar tinha me perdoado, ela também poderia – eu sei que o perdão leva tempo. Na sexta, pela manhã, eu estava numa loja, dentro do shopping Almazar em Marrakech, quando entrou uma mensagem dela no meu whats, desta vez em português.

“Quero conhecer meu pai e minha mãe.”

“Você conheceu eles, na loja no souk onde você comprou aquela *djella* ...*remember?*”

“Eles podem vir ao Brasil com você?”

“Estão velhos, *too old to fly. Long fly, my uncle...*”

“Tio, *what?*”

“*Died! I explain to you in Brazil*”

Ela não respondeu mais, fiquei sem saber o que fazer e resolvi não forçar a barra. Deixá-la livre seria uma boa tática para deixá-la presa.

No dia seguinte, vi os comentários da live que ela tinha feito na noite anterior, ainda bem que estava dormindo, tinha vontade de beijá-la, tirar a roupa e beijá-la até secar a língua. Mandeí no Messenger, desta vez:

“Ouvi tua live a pouco, continua engraçada, irresponsavelmente cômica, ainda bem que você não entrou nos detalhes, você não sabe o quanto corre perigo, *ratar ratar.*”

CAPÍTULO 75

Cansei de tantas coisas: de fazer vlogs mostrando meu dia a dia, de fazer unboxing, de garimpar conteúdos novos e de adiar conhecer meu passado. Minha vida, um dia, teria que ser olhada, também, pelo retrovisor. Eu não tinha mais saco para frear minhas curiosidades que se derramavam feito baba no travesseiro depois de sono. Enfrentar o Zayn faria parte da minha nova etapa. Que venha o passado, as mentiras, os familiares e o deserto todo.

Fui até a casa do pai e nossa conversa não andou, ele estava cansado e achei que tinha, repentinamente, envelhecido. Perguntei algumas coisas sobre minha adoção, mas meu papo-reto não rendeu. Teria de falar com ele no clube, talvez no domingo. Ele andava atrás de mim me pedindo para ir esvaziar o *closet* da mãe e escolher os objetos que eu queria e não queria, do quarto dela. Os dois dormiam na mesma suíte, mas tinham dois quartos separados também. Eu não tinha coragem de tocar em nada que fosse dela, tudo que eu mais queria não estava em objetos, eu queria ter ela viva e só, meu pai, entretanto, parecia querer se livrar das coisas dela, queria desocupar seus pertences, eu nunca estaria pronta para este momento. Na sessão seguinte da terapia, tratei de me equilibrar, disfarçando minha agonia. Eu precisava fingir um autocontrole de uma horinha só, para evitar que ela me desse uma dose de ansiolítico que eu não tinha nem organismo para digerir, o *day after* da vodka da Lourdinha se estendeu por três dias, deu revertério no estômago e no Me Coça. Ce não tá entendendo, tioo, kkk o que foi a parada! Agora lembrei que a louca da lourdinha que, muitas vezes, fazia reuniões de trabalho do box do chuveiro, se enrolou numa toalha e cismou de fazer uma live dali. A galera pediu mais live, alguns queriam saber sobre meu passado torto, outros queriam só zoar. Sabe como é! Acho que extrapolei na sinceridade, né *#fail*. Conheço meus seguidores, eles curtem temas variados, mas preferem os que causam tremor.

À noite, fiquei muito tentada a ligar pro Zayn, então propus uma ligação de vídeo, pelo WhatsApp, achei que seria a hora de bater um papo com ele. Liguei mais cedo, mas não atendeu, deixei dois recados no whats e nada, deve tá numa zona sem internet, se é que isso ainda existe por lá. Odeio quando a pessoa não visualiza, me dá um nervoso, maaaano, da porra.

Saí debaixo do chuveiro e visualizei no celular em cima da pia, uma mensagem dele.

“Hello, can u speak now?”

Plim

“OK”

Plim

“I call y”

Plim

Emoji

Plim

– Hi.

– Hi. You beautiful.

– Please Zayn... what do you want?

– Finish Ramadan I go see you in Brazil.

– OK. What is so important that only NOW you look for me?

– Speak spanish, better for me.

– Dale... que quieres?

– Tengo un hecho muy importante que decir.

– Bueno, estoy aquí, ¿quieres dinero, money?

– No. Quiero a mi hija.

– Ni pienses. Voy a colgar, adiós.

CAPÍTULO 76

– Rabat é a capital do governo, Casablanca, a capital econômica, Fez, a capital cultural e Marrakech, a capital turística, como vocês já puderam ver o Marrocos tem várias... O estreito de Gibraltar, vocês já viram... que separa o Mar Mediterrâneo do Oceano Atlântico que divide a Europa da Ásia...

Era uma repetição de dados que eu fazia desde os dezesseis anos, possibilitando minha mente vagar e se distanciar do tema sem se perder. Eu não aguentava mais acompanhar grupos, mesmo os mais importantes, como esse, uma excursão de médicos, com suas respectivas esposas, que vieram participar do Congresso Internacional em Tânger. Esse grupo eu não poderia perder por nada, eu sabia como encantar o pessoal com minhas gracinhas de guia, podia até estar com a mente longe, os brasileiros adoram as piadas que contamos, é preciso entreter o povo nos deslocamentos que os ônibus fazem de um lugar ao outro. Tinha uma enorme vantagem, para mim, nessa antiga fala histórica, a de enxugar a tagarelice da minha própria alma. Enquanto eu falava e eles riam, eu conseguia pensar na Laila e focar no que realmente estava por acontecer.

Quando fomos “contratados” para levar os congressistas neste tour privado de seis dias toda a polícia local estava de sobreaviso. Entre os vinte médicos que se maravilhavam com as belezas do Marrocos, o Dr. Birgo era o único que muito provavelmente não voltaria ao Brasil. Tínhamos uma ponta do iceberg aparecendo, que era a última apreensão na zona de conflito na África Subsaariana e no Oriente Médio, onde grupos armados transformavam meninas e mulheres em escravas sexuais. Por puro destino, a Laila não foi uma delas, por pura sorte, um dos destinos de adoção ilegal era o Brasil, mas isso foi depois do rapto, hoje, temos fortes indícios que Dr. Birgo é o comandante mais suspeito da bem sucedida quadrilha brasileira de tráfico infantil. Chegam a ter um catálogo que oferece uma variedade impressionante de crianças, tanto marroquinas, como espanholas. Dr. Birgo é um dos sucessores mais bem pagos de uma clínica em São João da Boa Vista, ele e sua equipe de quinze médicos e enfermeiras atuam, livremente, mundo afora. As investigações começaram alguns anos atrás, no entanto, não conseguiram provar nada, todo este processo exigiu um trabalho minucioso e informações desconhecidas poderiam atrapalhar a conclusão do inquérito. A denúncia oferecida à Justiça pelo Ministério Público brasileiro, ofereceu duas testemunhas essenciais e uma delas foi a vóvis. A Laila deve estar se perguntando o porquê só agora. Vou dizer a ela a verdade: a morte precoce

da sua mãe ressuscitou uma sequência de mágoas que tua avó, querida, não pode mais aguentar sozinha. Tinha medo de morrer antes desta oportunidade de a Polícia Marroquina colocar as mãos no doutorzinho e foi aí que começou a escrever e publicar na plataforma digital. Nossa palavra de honra sempre foi a cautela, portanto, não podíamos agir precipitadamente. Segundo o promotor, Dr. Birgo já respondeu inquérito por adoção irregular. Ele teria favorecido a adoção ilegal de uma criança das Ilhas Canárias e, muito provavelmente, facilitou a tua em 1998, não temos provas suficientes, ainda, mas falta pouco, muito pouco. Foram anos de sofrimento e dúvidas, tio Omar, teu pai não aguentou. Se rendeu a pressão e faleceu, foi tão triste, Aisha, não sei se te chamo de Laila ou Aisha, enfim, você também não iria aguentar. Sim, sou teu primo-irmão e não resisti a tua beleza, teu jeito, tua boca e teu olhar. Inshallah você me perdoe.

Quando você engravidou, contra minha vontade, lembra nossa discussão sobre o uso de preservativo, você foi enfática demais sobre tua tabela de menstruação e eu fraco demais para resistir ao teu cheiro.

Hoje estou com 27 anos, um enorme rombo no coração e uma filha, que deve ser linda como você.

CAPÍTULO 77

Pensa numa coisa que dá errado.

Lourdinha me convoca para ir à piscina do “meu” prédio para pegar um bronze, queria impressionar o *boy* da vez: Júlio. Já tinha saído com ele algumas vezes, mas não tinha dado pro cara ainda, cismou que queria tá com a bunda preta, o cara se amarrava numa mulata. O cara tinha ido para Dubai para uma corrida de drones e ela tava bem louca para dar pra ele, fazia duas semanas que não se viam. Checamos o tempo, combinamos o banho de sol pra sábado, tinha uma garantia boa de tempo bom, mas sabe como é São Paulo, a cidade gosta de contrariar.

Peguei a sacola com as coisas da Marina, chamei duas amiguinhas dela com suas respectivas mães, uma espumante e refrigerante para criançada. Lourdinha chegou mais cedo e me ajudou a descer para o salão das piscinas. Tava tudo numa tranquila, as crianças dentro da piscina rasa com uma das babás, Lourdinha deitada de costas, um sol forte, um dia abafado daqueles e nós sentadas com os pés na água conversando. A coisa que eu mais gostava de fazer era ficar com a Mari, curtia fazer programas com ela, os dias da semana passavam voando e ela só chegava em casa da escolinha, no meio da tarde. Nos fins de semana, ela era minha prioridade. Tudo estava encaixadinho até o céu nublar e nuvens apressadas invadirem o céu, aprontando uma festa tenebrosa daquelas. Chuva?

– Caralho meu, será que vem tempestade?

– Meu, tá com a maior cara. Melhor a gente recolher a turma.

Daí a Lourdinha larga esta:

– Nãoooo antes da gente testar o drone que eu ganhei! Vem *mini-lady*, vem ajudar a Dinda. Pega a toalha e vem para cá.

– Nossa, mana! Que caixa grande. Você já subiu um drone?

– Claro que não, mas tá aqui, óh, as instruções e Julio me falou que é bem fácil. Ajuda aqui Mari, segura pra mim, aiiiiii!

Nessas, um trovão dá um berro lá do céu e o vento começa a jogar tudo para longe, as crianças recolhem as bóias e os brinquedos que ainda estavam por ali, logo, uma das mães sugeriu a gente ir para dentro do salão grande que era aberto, mas tinha lonas móveis na parte mais externa e na parte interna, com um pé direito alto, quatro bares faziam as festas do condomínio. O sol podia voltar depois da chuva rápida. Lourdinha decidida,

levou o tal do drone pra dentro do salãozão, e rodeada pelas amiguinhas da Marina, traçou o plano de voo.

– Agora vai.

Não tive nem tempo de dizer para ela parar com esta loucura porque fiquei na borda da piscina colocando as garrafas na lixeira.

Tentei dar um grito para ela não usar o drone ali, ela nem ouviu.

– *Oh shit!!!*

Foi só o tempo do céu jorrar água e o drone levantar.

A cena que presenciei foi de parar a Avenida Paulista. Lourdinha explicava para as meninas o que tinha “aprendido” e que o manche responsável pela altitude era o do lado esquerdo, o controle remoto estava nas mãos dela, o troço subiu, atingiu o quinto andar do prédio, Bloco B, para, depois, se transformar num objeto voador descontrolado que adentrou o salão de festa, primeiro atingindo lustres e teto, estilhaçando um armário de copos, e depois o drone bêbado se batia nas colunas enquanto uma bunda vermelha apertava no manche esquerdo tentando dar comando a um assassino voador que quebrava copos de cristais, atacava os cantos, dava rasteira na cabeça das mães produzindo um show pirotécnico que me custou uma multa de R\$ 20.000 na primeira chamada extra.

– Lourdinha, para com este helicóptero maluco agoraaaaaaaaaaaaaa.

Ôh loko, que merda é essa meu. Não tá entendendo, o troço era um míssil israelense devorando os terroristas. Um zangão sobre nossas cabeças. Foi aí que tive a ideia de filmar com o celular o QI retardado da Lourdinha em ação. Tik tok não daria conta da porra solta. O Me Coça ia ter uma audiência e tanto, com um pouco de sorte arrecadaríamos novos inscritos, e uns trocos para começar a pagar o prejuízo. Aperta na emergência que a coisa perdeu o controle, fudeu mesmooooo quando os guardas do prédio intercederam e tiveram que isolar o local. #tenso.

CAPÍTULO 78

Passei anos me privando de te ver e agora sou obrigado a reter minha vontade gigante de conhecer Marina. Que lindo nome você escolheu. Se essa última denuncia se comprovar, terminado o Ramadã vou ver vocês e trazer minha filha para cá, espero que você não se importe. A educação árabe, onde as mulheres aprendem desde cedo que devem ser recatadas e que devem servir e cuidar da família, que se enfeitar é uma maneira de serem fortes e bonitas. Imagino a Marina que bo-ni-taaa, não tive coragem de pedir para você fazer uma ligação de Skype com ela, temo não conseguirmos pegar Dr. Birgo aqui e aí não terei meu maior sonho realizado de ver ela se jogando nos meus braços e correndo na medina. Graças a uma nova lei, todo Souk agora tem sistemas de câmeras e criamos um aplicativo que monitora todas as crianças até 15 anos de idade que estão cadastradas pelos lojistas daqui. Não se preocupe que não vou interferir na criação dela, quero dizer, que se ela mesclar as raízes das mulheres berberes, com uma marroquina que usa bolsas de marca, e dançar o funk de vocês, falando em um iPhone de última geração, vou ser enfim um homem quase feliz. Quase feliz, porque só vou estar inteiro quando você me aceitar. Teu preço é alto, mas sei pechinchar – sou árabe lembra?

Eu acho as marroquinas mulheres especiais, as mulheres no Marrocos sempre tiveram muito mais liberdade do que no resto dos países árabes e, desde muito tempo, comandam os homens. Organizam suas casas sem precisar sublinhar a sororidade em redes sociais, porque é o que mais se vê na vida das berberes é o compartilhar sagrado das mulheres. Eu queria muito que a nossa Marina tivesse a oportunidade de vivenciar nossas tradições. Minha mãe é uma esposa maravilhosa que não teve estudo, nem na Universidade Cadi Ayyad de Marracech, nem na Al Quaraouiyine. Você lembra quando contei nos Altos Atlas sobre a história deste lugar? A universidade mais antiga do mundo que foi fundada por uma mulher muçulmana em 859, lembra? Seria muito bom se nossa filha pudesse estudar aqui. Bem, essa muçumana era uma refugiada e quando ela fundou Al Quaraouiyine, o mundo muçulmano estava no começo dos cinco séculos da Era de Ouro do islã. Como ela era rica, veio a Fez e deu o dinheiro de sua família para construir este prédio magnífico que você viu por fora, mas agora já estou agindo como guia turístico, *sorry*. Ela jejuou pelos 18 anos que a construção levou e eu vou jejuar o tempo que for preciso para a gente se entender.

Sua avó tirou do freezer algumas feridas congeladas e me contou que seu pai foi contra tua adoção e que voltou atrás, porque tua mãe pediria um divórcio milionário que partiria o patrimônio em dois pedaços desiguais. Parece que ele fez qualquer negócio que não ameaçasse sua fortuna. Não aguento mais te escrever e-mails tão longos, posso te ligar amanhã, cinco da tarde no Brasil, ok?

CAPÍTULO 79

– Põe a câmera mais para a direita, não gosto da ponta do meu nariz.

– Aumento a qualidade do áudio? E tiro o zoom?

– Sim. Quero poder máximo neste vídeo. Tá tudo pronto? Fala galera. Sem frase de impacto hoje. Tô aqui com minha equipe linda, iluminadores de led, difusor... luz difusa... móhhh, tudo bonitinho porque nada, nada pode ser entediante hoje. Tá sentindo, né, tudo para garantir lugar no seu coração e na barra de temas favoritos, sabe por quê? Hoje vai rolar um sincerão daqueles, para os que me acompanham aqui no canal, Me Coça hoje vai coçar fundo galera. A live tá aberta e vai ser assim: a Lourdinha, que vocês já conhecem vai fazer umas perguntinhas e eu vou misturar respostas reais com inventadas. Ai, gente, pera. Vou explicar, a gente selecionou 10 perguntas que os seguidores fizeram no último... bem aquelas do Twitter, do tipo: “prazer Laila” porque, né, tô naquela fase de me descobrir muito, já entendeu! Meu, quem acertar primeiro as quatro respostas verdadeiras que eu der, vai levar tickets com vale estadia para curtir o Tomorrowland, tá ligado, né? Maior festival de música eletrônica do mundo que acontece na Bélgica... Então cola aí, se liga nas tags e siga os links, que a gente vai partir para pergunta número 1. Manda ver Lourdinha.

Tudo estava sob controle até o mané do canal aparecer, com a mesma dose de enfrentamento raivoso, o cara conseguiu acertar duas respostas para depois se apresentar com um vestígio machista que já tinha soterrado minha paciência nas outras vezes. Meuu, sempre tem um babaca no meio e foi no ar que nos despedimos com mais um bate-boca que, meuuu, juro, deu mais ibope que o conteúdo que a gente tinha preparado, o cara sabia tudo da minha vida privada, se é que se tem vida privada no YouTube. Mas o clima pesou quando a seção de comentários lotou de protestos sobre minha adoção não tão, digamos, adotada assim e o filho da mãe começou num tom de desaforado que nosssa, meuuu.

“Laila você é uma fazida, falsa, uma youtuber de mentira, fica aí posando de filha adotiva, a coitadinha da vez... mimizenta duma chata”, teu... isso, tua aquilo...

– Você pensa que é quem? Quer usar minha mídia para aparecer. Vem pro canal só pra dar o contra, ninguém aqui tá te curtindo, sai fora meu.

“Mas não é o Me Coça que paga de canal democrático, aberto a opiniões, inclusivo, ou é só papo furado?!”

– Você vai parar agora ou bloqueio você, fui clara? Cristalina!?

“Se você quer privacidade porque provoca essa onda de “naturalmente livre”? Você só quer monetizar às custas dos comentários dos outros. Mulherzinha chata da porra, você quer é chupar uma piroca que nem a minha, ou quer meu cú, oh, oh, a não, meu, eu esqueci que você só faz o que dá *likes*...”

– Vou te processar seu otário!

“Tem medo de punheta, óhhh olha aqui, sua vadia!”

– Vai tomar bloqueio e 14 anos de prisão por estupro virtual seu doente.

Senta porque aí vem a liçãozinha do dia: não dá para abrir pra mais de cinco milhões e falar sério, tipo tô numas de dizer minhas verdades, mas nem toda galera entende que, meu, tô numa corrida de identidade, disputa de território e tudo, estou em obras, e foda-se quem não quiser me seguir. (colapso ativado).

CAPÍTULO 80

Ligação de vídeo me distrai, me atrapalho, suo fino, mas ter te visto me deixou feliz, não durou nem três segundos, mas foi o suficiente para te escrever, se assim preferes, seguiremos com os tais e-mails, cartas digitais, como eu gosto de pensar, você escolhe as armas e eu aceito qualquer condição que me possibilite te encontrar. Cada vez que te escrevo releio, várias vezes, já que agora que você voltou a me “receber”. As vezes até mando para a tradutora, que por aqui não é barato, mas prefiro a precisão das palavras; os olhares mentem menos, mas você desliga todas as chamadas de vídeo que combinamos.

Você perguntou como é sua mãe. Poderia te mandar várias fotos dela, ou simplesmente te fornecer o nome completo, mas como ela não imagina que “encontramos” você, é preciso aguentar até a polícia apreender os responsáveis. Acho que seria prudente você visitar mais vezes sua vóvis, a saúde dela está fraca, fale com os médicos, Laila, eu gostaria que nós três tivéssemos uma longa conversa. Falta pouco para eu chegar aí, espero que ela fique bem.

Minha Tia, a tua “futura” mãe é muito forte. Forte como as mulheres que foram criadas no deserto, ela é uma pessoa controlada, quieta e levemente clara. Tem olhos grandes, um cabelo sedoso e passos curtos. Ainda trabalha na loja, mas não fala mais sobre você. Será um choque, também, para ela te reencontrar. Da vez que você esteve aqui, ela não quis aceitar que talvez você fosse a menina perdida. Também ela deve se sentir culpada de ter preterido vender as coisas da loja naquele dia, do que estar com você. O dinheiro quase sempre é responsável por nossos erros, é ele quem traz a satisfação até nós, a globalização aproxima o consumo, alimenta a cobiça, afinal, os boletos que chegam no final dos meses têm pressa, são impacientes essas dívidas. Tua mãe, se chama Ima, um nome comum, vem de uma família de berberes, uma mulher contida, como te disse, que reserva sua beleza para o que realmente interessa e para ela o que realmente importa é ter filhos saudáveis, tudo o que todas querem, você, eu imagino, também. Ela não pode ter “filhos” saudáveis, nem pode te cuidar. A tristeza e o vazio que você deixou, teve um efeito traumático e ela nunca mais quis ter filhos. Chegou a engravidar, mas, infelizmente, Alá não permitiu que o feto se desenvolvesse, ela sofreu um aborto. Por isso te peço, não tira dela a maternidade tardia que ela possa vir a ter. Será avó, será mãe e sogra, inshallah.

A última vez que te vi em São Paulo, você estava linda como sempre e grávida. Ao contrário do que você imagina, não deixei de te ver sequer um dia, estive sempre perto de você, pelo menos para isso meu smartphone serviu, te ver, dar um *like*, cinco *likes*, vários *likes*. Se esse canalha do Doutor Birgo confessar teu rapto, levará muita gente para cadeia, não fica difícil de imaginar a magnitude que a operação demanda, se ele for condenado, muitas Lailas serão beneficiadas, esta máquina de roubar crianças vai fechar as portas. Não posso te adiantar mais nada, por questão de segurança, naturalmente, o nome Birgo é inventado, para proteger a denúncia. Sugiro você pesquisar a trajetória da pediatra marroquina que luta pela inclusão de crianças exploradas e em situação de rua. Procura o nome da ONG dela Bayti, um lindo trabalho. Quem sabe você lança um movimento no Brasil baseado no dela, seria fácil para uma influencer como você elevar a conscientização. O acesso controlado via internet é muito importante para evitar o tráfico humano.

Diferentemente dessas crianças que foram abandonadas, você foi acolhida, teve uma boa infância, acesso à moradia, educação, saúde, e outras tantas coisas, longe da indústria do sexo ou do trabalho infantil.

Agora preciso dormir, porque o grupo que estou acompanhando sai para Rabat amanhã muito cedo e preciso estar bem disposto para conduzir a turma, vão ter um dia cheio e com uma emoção extra, um deles não seguirá o tour.

Bonne nuit!

CAPÍTULO 81

Não se engravida com garantia de ser uma boa grávida, uma ótima mãe, uma zeladora de vidas. Ninguém nos ensina que ser “mãe ideal” é uma merda. Se tive duas mães, desconheci a ambas. Me sinto frouxa como filha. Gostaria de ter minha mãe vendo eu ser mãe. A outra, a que se diz “biológica”, só me emprestou seu corpo para eu me desenvolver por dentro dela, a parte líquida, de resto, tive que me desvencilhar três anos como muçulmana e mais vinte como cristã, sou espiritualmente híbrida, não carrego o ranço do extremismo religioso em mim. Minha Mariana será o que quiser, o que Deus plantar nela, sou fermento, aprendiz de jardineiro, ser mãe não demanda teorias, nem práticas, exige o teu zelo e o teu amor.

Gosto de colocar “O leãozinho” do Caetano para ela dormir. Sou caetana então, sou sacerdotisa daquilo que sei ser: embalo o sono, acalmo a cria, me aninho nela e nada mais importa, como todas as mães do planeta. Mães de pedra, mães de mares, mães de bichos, mães de espécies, queremos estar junto de nossos filhos, sempre foi assim, por isso perdoo a falta que te fiz na vida mãe-marroquina e perdoo o excesso que te fui na vida mãe-brasileira, só não me peçam para secar o riso, dependo dele para educar meu instinto divino, para nutrir nosso feminino, sobre, sobre, sobre ventania, siga as tochas, os tambores, as setas apagadas de nossas anciãs, aceite as ajudas de nossos antepassados, mesmo que te custe outra noite sem dormir, o olhar de um filho é sempre uma catedral, uma mesquita, ou sinagoga, um monumento a força criadora, Deus é mãe.

Foi dentro desta vibe que me adotei. Me deixei influenciar, um pouco pelas verdades da Lourdinha. Me adotei, sim, sim, fui mãe de mim mesma, me aceitei, enfim, me aconcheguei no colo das noites mal dormidas e das madrugadas junto ao choro da Marina. Embalei os desconfortos dela num carrinho feito de afeto e descobri a empatia – a verdadeira doação. Me vi exausta e insegura, tanta fralda P, tanta fralda M, tanta fralda G.

Mulheres-mães não são mais mulheres que só menstruam. Mães choram, mães dão abraços esticados, mãe não se critica. Ser mãe é abraçar tudo para dentro.

CAPÍTULO 82

Estávamos saindo de Casablanca em direção a Rabat quando nosso ônibus foi abordado pela polícia rodoviária. Eu estava no primeiro banco do lado esquerdo e vi quando o motorista alcançou os documentos para a polícia. Dois deles examinaram o documento e entregaram de volta para o motorista que, em seguida, falou algo para o carregador de bagagens, que não escutei, porque tinha uma porta que os separava do resto do ônibus. Alguns passageiros cochilavam, outros olhavam para a janela, alguns poucos começaram a ficar inquietos e o casal que estava perto de mim, perguntou o que tinha acontecido.

– É só um procedimento normal, às vezes os guardas pedem os documentos para checar possíveis furtos de carros.

– Mas, existe roubo de carros aqui?

– Não. Não costuma ter, nosso controle é bastante sério. Já vão nos liberar.

– Que horas vamos chegar em Rabat?

– Se o trânsito estiver bom, uma hora e quinze entramos na cidade.

De repente, mais dois policiais chegaram pedindo para o motorista abrir o bagageiro. O resto dos turistas começaram a fazer perguntas e tive que acalmar alguns médicos que estavam ficando impacientes. Um deles perguntou se íamos demorar porque queria ir ao banheiro. Apontei o *toilet* no fundo do corredor, mas ele fez sinal que não com o dedo.

– Pessoal, não se preocupem, deve ser uma inspeção rápida – respondi, sem dar mais explicações.

Só que as malas começaram a se acumular no acostamento e alguns fitavam com atenção pela janela. A chegada dos passageiros estava prevista bem cedo no hotel e, depois, teriam um city tour, com almoço e tarde livre. Amanhã à noite seguiriam o retorno para o Brasil.

– Olha! Eles tão abrindo todo o pacote dos meus lustres!

Falou uma mulher que estava acompanhando a função.

– Será que querem dinheiro? – perguntou com ar de medo e fúria.

– Senhora, senhora, fique tranquila, depois podemos arrumar seu pacote. A polícia daqui nunca tentará coagir ou extorquir dinheiro. (como no Brasil – mas esta parte não disse).

Um outro passageiro comentou que tinha achado os policiais no Marrocos bem simpáticos. O que me deu a chance de acrescentar que os agentes da autoridade no Marrocos têm ordens diretas do Rei para serem os mais simpáticos possíveis com os estrangeiros.

Não levou mais que quatro minutos e duas viaturas chegaram cercando nosso ônibus e apavorando o tour em geral. O senhor, que tinha pedido para ir ao *toilet*, já estava na parte da frente tentando convencer o carregador de malas a deixá-lo sair para ir ao banheiro. Fiz que não notei, porque precisei prestar atenção numa discussão que se montou entre duas esposas que batiam boca. Pelo que entendi uma xingava a outra porque a mulher tinha comprado uma mala lotada de vestidos marroquinos para a filha que tem uma companhia de *ballet* e precisava de vestidos típicos para a apresentação de final de ano.

– Viu, eu te falei que ia dar problema essa mala cheia de bugiganga marroquina.

– Não vai ser por isso que vão parar um ônibus.

– Contrabando dá prisão aqui.

– Bobagem, o que dá prisão é ser mãe de lésbica.

– Como é que é?

Se colocou sentada de joelhos e debruçada no banco da frente e a outra respondeu:

– É ahaaaaaaa, o Marrocos é um país conservador e homofóbico, quer saber já tô bem a fim de ir embora dessa terra suja. Não vejo a hora de chegar na minha casa.

– Psiu. O guia entende português.

Nisso os respectivos maridos começaram a se manifestar num típico “deixa disso” brasileiro. Um agente da polícia entrou no ônibus pedindo para ver os passaportes. Todos os passageiros ficaram comportados numa obediência muda, até começar uma briga de empurrões e gritos na parte da frente, onde estava o motorista. O senhor Dr. Birgo, tinha acertado dois socos no carregador e corria desesperado pela pista em direção de Rabat. Se eu não soubesse que ele estava fugindo da polícia, diria que tinha uma diarreia incontida, culpa do cuscuz marroquino, claro.

CAPÍTULO 83

Quando minha psiquiatra me perguntou o que eu faria se o Zayn realmente aparecesse no Brasil, eu não consegui improvisar uma cara séria e larguei um sorriso bem afastado do rancor. Eu andava tão exausta de administrar as coisas bizarras que vinham me acontecendo nos últimos meses que fiquei desnorreada com o início da sessão e senti saudades da minha psi virtual.

– O que você pretende fazer?

– Olha, vou resolver isso nesta semana. Vou falar com a vóvis, outra vez, para esclarecer todo esse rolo. Combinei de ir lá amanhã, ontem liguei para o pai, queria saber da saúde dela e ele me assegurou que os exames clínicos dela tão bem, o normal para a idade, foi o que ele disse.

– E você, naturalmente acreditou?

– E não deveria? Juro que esta psi às vezes me irrita.

– Você já se deu conta, já te passou pela cabeça que o teu pai não participa em nenhuma destas tuas dúvidas? Você nunca fala dele. Como você pode ficar com toda esta bagunça na cabeça e não perguntar nada para o teu pai? Como ele se posicionou nesta relação torpe, impudica, incestuosa?

– Perguntei várias vezes e ele acha que tudo isso é invenção, diz que o marroquino não é de confiança e que vóvis sempre teve uma imaginação forte e uma leve implicância com ele, que teria preferido minha mãe casada com outro homem.

– Laila, vamos recapitular os fatos. Se você se descobre adotada e um marroquino junto com sua avó te propõem uma conversa, por que seu pai não está junto?

– Porque ele não acredita nisso, acha que é papo do cara pra me tirar uma grana, meu pai disse que não tem tempo para romancezinho de cafajeste, ele diz que ele tá botando coisa na cabeça da vóvis.

– E tia Pilar?

– Bom, não sei, nem me toquei de falar com ela. Mas, meuuu, se tudo o que ele escreveu nos e-mails é verdade...

A psi calou num olhar, com um ponto de interrogação, que parecia me invadir costela adentro. Permaneci quieta e tentando sustentar seu olhar investigativo, quando eu ia falar, ela me interrompeu.

– Volto a te dizer para contratar um advogado, uma pessoa que possa te orientar nestas questões legais porque se ele, o Zayn, tiver razão, você vai precisar estar preparada.

– Meuu, o que você está insinuando? Eu já tenho advogado, lembra, já mostrei para ele alguns e-mails, agora o que você está pensando, o que quer me dizer?

– Que você talvez precise de um suporte legal bem mais específico do que esse.

Comecei a ficar nervosa e a mexer na roupa, ajeitava minha saia como se ajeitasse algumas conclusões e me deixei apavorar considerando toda esta história do Zayn como verdadeira e séria. Eu devia tá vendo muito Netflix para não ter me preocupado com isso antes.

– Você co-conhece algum profissional que pode me ajudar? Talvez uma advogada com especialização em Direito Digital.

– Vou ver para você. Como está a Marina nessa nova etapa da escolinha?

– Numa boa, como sempre. O canal tem tomado boa parte do meu tempo livre e acho que você tem razão, estou precisando refletir melhor.

– Muito bem. – disse ela, inclinando o corpo num movimento que sempre indicava que a sessão estava terminando - nos vemos outra vez na sexta-feira.

CAPÍTULO 84

Foi emocionante assistir aquele médico todo metido, com bermudas de marca, camisa polo e relógio no braço, ser esganiçado por dois policiais marroquinos. De longe, ele parecia um menino bobo sendo arrastado pelos amigos para ser jogado dentro da piscina. Ele se agachava berrando e se contorcendo todo. Correu um bocado, antes da polícia alcançá-lo, o que deu tempo para todos os passageiros do ônibus ficarem assustados e me exigindo explicações. Tive que me fazer de ingênuo prometendo uma solução, tão logo a polícia me deixasse interceder. A esposa teve um ataque de nervos e chorava com gritos exagerados, se não fosse um cena tão patética, filmaria para você colocar no Me Coça. Acho que só agora entendi o nome do teu canal. Me Coça, porque tem lugares que a coceira é tão inacessível e desesperadora que alguém precisa nos coçar, muito provavelmente isso justifique porque você não trata de um só assunto no teu canal, você já tinha me explicado que gostava de variar os conteúdos e percebo, neste momento, o nome que coça na vida da gente. Lembra quando eu dizia “cosqueira” e você me corrigia, explicando que coceira era uma coisa e que cosquinha era outra? É uma espécie de alergia o que sinto hoje, uma vontade descontrolada de meter as unhas nesse infeliz e arrancar a pele dele, isto seria bem mais do que cosqueira, você não faz ideia do que a prisão dele pode causar no cenário do tráfico que estamos farejando, a mais de dois anos. Inshalla, ele se entregue e colabore com os depoimentos.

Tivemos que ir, com todo o grupo, escoltado pelos carros da polícia até o hotel, com um atraso de mais de três horas, todos os participantes tiveram que passar por uma revista vigorosa, com uma lenta e minuciosa série de perguntas sobre Dr. Birgo. Naturalmente a esposa ficou no hotel, enquanto os outros seguiram no dia seguinte para o aeroporto de Casablanca rumo ao Brasil. Eu acompanhei o desenrolar do caso como um guia de turismo exemplar, colaborando com tudo e aliviando todas as confusões. Não poderia ser diferente porque foi o combinado com a equipe que avaliaria a detenção dele, teríamos que seguir as etapas pré-determinadas da operação. Quando te disser o verdadeiro nome dele, você vai fazer uma cara de espanto, porque sei que ele costumava frequentar jantares na tua casa, teu pai é muito amigo dele. Acontece que, além dele ser um excelente médico, com um sorriso simpático, ele também comanda uma clínica no interior de São Paulo, nosso ponto de partida para trilhar a sua captura. Consegue mensurar um pouco do que pretendo te expor quando eu chegar aí?

Kiss

CAPÍTULO 85

Levei a loucura para passear e despejei todinha no colo da psi. Mais uma vez, encontrei ela com aquele coque grudado no alto da cabeça, a franja ondulada se metia por dentro dos óculos enquanto me escutava dizer que tive um dia horrível.

– Acho que tem a ver com a proximidade do desembarque do Zayn. Até então eu estava levando essa história toda numas de “brincadeira”, uma versão *petit*, uma espécie de prototipagem da fantasia romântica, daquelas que você também vive no universo off-line. Me deu uma real de que eu posso estar mesmo a fim de ficar com o Zayn e isso me assusta demais, porque o cara é maior maluco, meuuu, acho que eu sou uma perdida. Tá tudo meio turvo, sabe quando você parece que tá vivendo um pesadelo daqueles surreais, só que eu não posso transformar isso em conteúdo, tipo, acho que eu não tô conseguindo levar a sério toda essa troca de e-mails, o cara é muito doido, o que tá acontecendo comigo, eu não, não consigo mais... acreditar em ninguém... nem na vóvis, a sensação é que todo mundo resolveu conspirar com histórias pra me confundir, nem a Lourdinha, que me divertia e super me dava força com o Zayn, me entende, ou será que eu não entendo ela? Onde é que desliga essa conexão de loucuras, e se tudo for verdade?

– Você “acha” que tudo é verdade? Meu Deus! Laila, nós temos que pensar, com clareza, em tudo que está acontecendo, botar os fatos em ordem e proteger sua filha. Eu já estou extrapolando minhas éticas como profissional.

– Por quê? Ela está correndo perigo?

– Não sei.

– O que você faria se fosse eu?

– Quem sabe você deixa o canal na mão da Lourdinha e da equipe? Quero dizer, seria interessante não se conectar mais e evitar todas mídias e aplicativos, talvez tua mãe tivesse um pouco de razão, quando insistia que você estava “intoxicada” pela internet.

Enquanto a psiquiatra, metida para além da conta, esboçava um meio sorriso no rosto, eu encaminhava lágrimas. Uma crise de choro me levou a uma crise de pânico, que só foi interrompido depois de alguns dias de Rivotril com dose aumentada.

– Vamos trabalhar isso juntas, Laila, você precisa entender que estar conectada, dinâmica e imprevisível, nem sempre converte emoções em realidade.

Eu não queria me afastar do canal então argumentei:

– Lourdinha vive com aqueles fones pendurados nos ouvidos, é uma alienada total.

– E?

Me indagou ela, com aquele olhar gráfico que me fazia dizer coisas apavorantes.

– Bom, é que eu não gosto de deixar o canal todo com ela, não confio, sabe, tipo...

– Ela sabe como fazer o canal continuar e já provou isso para você. Vamos examinar o que está por detrás disso. Talvez você não consiga lidar com esta perda de controle. Por que não pode deixar a Lourdinha produzindo conteúdos por um tempo até você organizar melhor esta fase da tua vida?

– Vou pensar. Agora não consigo decidir. Mas tá tudo bem.

– Está tudo bem?

– Ué! Tá, tipo eu vou ficar de boas

– A perda da mãe, a tua maternidade, um marroquino te mandando e-mails sugerindo que você foi vítima de tráfico humano, são alguns aspectos que, digamos, encapsulam coisas muito sérias, estamos diante de um momento na sua vida consistente e delicado, que precisa ser levado a sério, para proteger você.

– Mas, meu, eu acho que acabei dando linha demais para esse marroquino e agora esse maluco tá vindo para cá e, sei lá, não sei o que fazer. E se meu pai tiver certo e ele tá tentando dar um golpe e eu fui uma idiota perfeita, que caiu nas mãos dele, e pior pagando de malandra que pegou um lindo exótico, putz...

– Vamos fazer o seguinte, vamos ler todos os e-mails juntas e analisar, quem sabe na próxima sessão?

– Vou abrir aqui pera.

– Laila, sem acelerar, você precisa dar uma relaxada, ser menos imediatista, podemos experimentar aumentar as sessões para três vezes por semana até você sair deste período conturbado, posso te atender na segunda-feira, se você quiser.

– Segunda? Mas como eu vou fazer até lá, e se eu tiver outra crise dessas?

– Aí você me liga. Mas vai ficar tudo bem. Segunda nos vemos? Por que você não experimenta deixar o celular com alguém? Ou desligar um pouco, não olhar e-mails, nem whats, até segunda, seria uma boa tentativa de poupar você de novas crises. Combinado?

– OK.

Desci no elevador deixando, para trás, algumas frases que só queria pensar na próxima sessão. O fim de semana foi melhor do que eu tinha previsto, deixei o celular desligado em casa, aceitei o convite de uma das mães da coleguinha da Mari e fomos para uma casa de fim de semana da família, uma mansão, num lugar lindo, que nos proporcionou muita mordomia e dois dias de brincadeira com as crianças. Foi bem difícil

de ficar longe da internet e não cair na tentação de espiar alguma rede social. Meu pai estava com o contato de onde estávamos, se acontecesse alguma coisa urgente ele saberia como me encontrar. Uma das questões que eu não conseguia aceitar foi a rejeição do Zayn de vir ao Brasil quando a Mari nasceu. Tínhamos tudo combinado, ele mesmo me deu força para ter o bebê e, se eu sou prima dele, como ele já suspeitava, não entendo o porquê de, simplesmente, me deixar plantada no aeroporto?

CAPÍTULO 86

Linda Laila,

Acredito que este seja meu último e-mail com cobertura e sigilo do Yossef, eu não poderia estar trocando mensagens com você sem a proteção dele.

Daqui duas semanas estarei aí com vocês para esclarecer tudo e, bem, você pode escolher de que maneira pretende lidar com tudo isso. Posso te assegurar que sua vóvis está em segurança agora e que já não sofre mais as ameaças escondidas nos falsos exames médicos. Retiramos todas as publicações dela na plataforma, já não é mais necessário dispersar fatos e despertar desconfianças. Seu pai, como imaginamos, não iria dar importância, certamente, depois de ler um ou dois capítulos, concluiria que eram caduquices e caprichos da mente fantasiosa de tua vó. Você deve estar me achando um grande manipulador, um mágico prepotente que inventa situações. Eu apenas tive a má sorte de perder uma criança da família, qualquer um pode “perder” uma criança, basta um minuto de descuido, o mundo já perdeu 25 milhões delas.

Dr. Birgo foi detido hoje, pela manhã, vai responder por várias acusações no Brasil, espero que os subornos que ele vai tentar não possam libertá-lo facilmente. Outro também poderá ir preso nesta próxima semana, em São Paulo, carimbos falsos foram encontrados pela Polícia Civil, segundo a investigação, ele tratava de um casal de idosos com 92 e 78 anos e já tinha extorquido mais de R\$ 30 mil. Depois, como já te disse no e-mail anterior, te conto detalhes, são tantos!

Te escrevo este último e-mail e mando, junto, os arquivos com todos os e-mails que escrevia para mim mesmo, tenho receio de sofrer algum tipo de “atentado” aí no Brasil, assim você também terá provas do que venho passando. Pode ter certeza de que não é só por culpa, por você ter sido raptada quando eu deveria estar te cuidando, que sofro, Alá sabe que me preocupo pelo futuro de nossa filha e me mobilizo pela raiva que tenho da impunidade que avaliza os seres humanos a fazerem o que lhes for conveniente. Pode ser exagero do islã o rigor de algumas de suas doutrinas assustadoras, que você bem sabe que não concordo, mas não me cabe desmistificar dogmas extremistas que conduzem algumas minorias ao terrorismo, minha luta é pequena, é pessoal, não sou nenhum homem bom nem de propósitos religiosos, sou um homem que se boicotou a vida toda e cansou. Não mais pretendo continuar com este tom que me mostra vulnerável, assim como você, *I need love.*

CAPÍTULO 87

– Tive um sonho muito estranho kkkk, sonhei que a gente tava no Erg Chebbi e que o Chora Menos tinha meu celular amarrado, sabe a capinha com aquela argola pra colocar os dedos? Então, kkkk, isso tava por dentro da coleira dele e aí a gente tava caminhando no deserto, a Mari não tava, sei lá, tipo era só nós e um monte de dunas. Daí uma caravana apareceu com uns dromedários, ou camelos, não sei bem, uns tinham duas corcovas e, cara, Chora Menos saiu latindo e, meio que, se apavorou quando chegou mais perto dos camelos e daí se aproximou mais e aquele bicho mascava como se tivesse com um chiclete gigante na boca e aí tipo deu um zoom, parecia que o camelo tava rindo, que doidera e, de repente, o Chora Menos deu um latido, tipo um uivo, e saiu correndo, disparou numa velocidade absurda, deu fuga e corria sem parar até desaparecer. Aí fiquei completamente sozinha no meio do nada, meu, que loko...

– Bastante elucidativo este sonho, o que você acha?

– Acho que nada a ver.

– Nada a ver o que?

– Nada a ver comigo, apenas um sonho, engraçado.

– Laila, você tem alguma lembrança de quando você era pequena? Alguma cena?

– Só falta, agora, eu ter que me lembrar que eu era um dromedário! Tá de zoação?

Dei uma risada, daquelas escrachadas, ajeitando a franja para o lado, agora mais longa.

– Eu apenas perguntei se você lembra de alguma coisa de quando você era pequena. Uma roupa, o teu brinquedo favorito, um passeio... nada?

– Bom, eu tinha um burrinho que eu chamava de Mómi, que eu gostava e era marrom, sei lá pô, meuuu, não sou boa de memória.

A sala onde a psi me atendia era nova a anterior era menor e num prédio menos central, eu achava bem mais aconchegante. Essa tem uma parede lilás que me irrita um pouco, tem uma ante sala com tapetes persas que já cansei de olhar. Cada vez que venho, tenho que esperar o outro paciente sair e, aí, ela ainda leva um tempo pra me chamar. Quando ela abre a porta, com um sorriso treinado e pronuncia meu nome, tenho vontade de dar a volta e ir embora, mas, aí, entro, sento no lugar do paciente. Este “lugar” é uma poltrona cinza escura que fica ali estática e comportada, ouvindo relatos humanos, sem reagir, a minha psi era um pouco essa poltrona. Tive que voltar a mente ao que ela estava me perguntando.

- Você lembra de alguma viagem com sua mãe?
- Lógico, fizemos várias viagens juntas. Por quê?
- E sua avó viajava junto?
- Algumas vezes sim, claro.
- Alguma lembrança importante? Você poderia descrever como era seu pai?
- Alto, elegante, gostoso kkkkkk não, tô de sacanagem. Mas, agora, lembrei de uma vez que a gente estava numa viagem e tinha um cara tipo meu pai, alto...
- Quem era ele? Você consegue lembrar o que ele estava fazendo?
- Sei lá, acho que a gente tava passeando... cara, juro que não lembro...
- Qual foi tua primeira viagem de avião, você tem lembrança? Fotos?
- Nem ideia. Zero chance de eu lembrar, lembro, na real, da ida pra Disney, mas fui três vezes, não, acho que foram duas e uma pra Disney, em Paris.
- Você deve de ter uns dois ou três passaportes pela quantidade de viagens que já fizeram, será que você têm eles guardados?
- Na real tenho um só, lá em casa, mas posso dar uma olhada na casa do pai, só meio que tô evitando ir lá porque ele tá na fase de querer doar algumas coisas dela e eu não consigo muito ir lá, tipo, sinto muito a falta dela, mas tô juntando coragem para ir. Posso pedir pro pai dar uma olhada, de repente pode estar no cofre do quarto dela. Ela tinha mania de guardar coisas valiosas e alguns documentos lá.
- Quem sabe deixamos ele fora disso? Você pode ir lá, quando você se sentir melhor, aos poucos, você deve ir experimentando como é estar lá sem ela estar.
- Vou tentar neste fim de semana.
- Fico feliz que você está sendo forte e que a Mari tem te ajudado tanto, nesse momento. Uma criança é uma força limpa. Tudo vai dar certo.
- Por que você acha que tudo isso tá me acontecendo de uma vez só?
- Não sei, a vida é assim. Talvez um aprendizado disto tudo seja você pensar sobre a superficialidade e o perigo de só beirar as coisas. Pensa nisso.
- Vou prestar atenção no que você está tentando me dizer. Me sinto desorientada, assim, meio em transe, parece que estou sempre dentro de um container de alta voltagem. A verdade vem num só golpe, o primeiro nocaute é o pior, a real é que sabemos, desde o início, a gravidade do assunto, mas nosso corpo precisa de muito mais tempo para digerir o que quer que seja que nos golpeou. Meu, as ciladas que minha vida vem me colocando não me dão tempo de arrumar as coisas na minha cabeça, pode ser mesmo que eu não consiga reagir com a devida seriedade.

– São rotas de fuga, absolutamente normal.

– Preciso de uma retirada, um banho de mar, uma outra rota de fuga kkkk

– Espaços de natureza como a serra, ou o mar, podem ser bons pontos para você baixar o *stress*, rotas de fuga, porém acabam nos enrolando e nos devolvem ao mesmo ponto de início, você entende?

– Acho que sim. Está quente demais, vou para a praia, prefiro as inquietações do oceano, são mais parecidas comigo. O mar um dia tá baixo, com ondas pequenas, com reações e marés diferentes, ondas grandes em outro dia, vira fera e logo é calmaria, trabalha com o vento, é um artista completo, uma Fernanda Montenegro, com olhos atentos, um cobertor de águas movediças que me acalma e me tira um pouco a ansiedade. A Marina adora a praia, acho que vou aceitar tua sugestão e vou para Maresias, tirar uns dias para botar as ideias no lugar. Então prefiro deixar nosso próximo encontro só para terça-feira.

– Muito bem.

Saí do consultório mais aliviada e menos aflita, e pensando que, a única coisa chata é, ter que correr pra cá pra contar cada merda que faço, pegar um trânsito fodido, coisa que com a minha psi virtual eu resolvia num clique, mas também aí não rolava os remedinhos.

CAPÍTULO 88

Este é um e-mail curto.

Estou chegando em São Paulo na sexta-feira, dia sete de junho. Meu voo vem de Roma, saio de Casablanca em alguns dias e devo estar aí logo, logo.

Fiz reserva no hotel de sempre. Você quer alguma coisa daqui?

Bj.

Zayn

CAPÍTULO 89

Desgrudar do canal, definitivamente, não é uma questão que me deixa serena, eu preciso dos meus apoiadores *e dos meus likes*, já faz parte do meu dia a dia, me alegra e, sobretudo, me esvazia de tudo que não presta. Foi legal o fim de semana na praia, sem celular, sem fotos, sem posts que evacuam as *shits* que produzimos por conta das emoções desenfreadas, mas quer saber, acho que tá de bom tamanho. Eu só consigo criar coisa boa quando tô totalmente conectada. Decidi que iria dar uma busca nos passaportes na terça à tarde, depois que a empregada do pai saísse. Dei uma ajeitada no conteúdo anterior e postei no Twitter que o próximo vídeo daria conta do estrago do anterior. Os hologramas seriam as vedetes e o nosso prêmio seria redirecionado para o Coachella. A ideia era ressuscitar alguns mortos e causar com o eterni-me, as palavras-chave: *who wants to live forever?* E hashtags do tipo: *#whatif* e *#preservemaismemories*, ou *#becomevirtuallyimmortal*, chamaram a galera pro conteúdo que me ocuparia a semana, me oferecendo uma fuga tranquila dos pensamentos que a psi tinha me estimulado a entender.

Mandei um áudio no whats do canal e convoquei toda equipe para uma reunião logo cedo.

– Gente, tô aqui com a ideia da volta dos que já foram, tipo, vamos falar sobre músicos de fama global que prometem shows muitooo bem produzidos, com tickets cobiçados, tô numas de escolher duas mulheres como Amy Winehouse e Whitney Houston, mas, na real, quero que vocês já mandem nomes diferentes, dos mortos celebs, bora mostrar para a galera, a morbidez dos espectros no showbiz. Vou precisar de um puta roteiro, quero cobrir o preju do último vídeo.

A ideia pintou de um mix fermentado pela acidez da última sessão e do grito que a Lourdinha deu semana passada, quando fui até a cozinha levar minha xícara de café para pôr na pia. A bixa tá sempre com aqueles fones pendurados, só que, meuu, ela, de vez em quando, aparece com uns mais potentes. Estava com aqueles pretos que simplesmente isolam qualquer barulho do mundo externo. Tinha vezes que eu ficava chamando horas por ela e nada, ela não ouvia. Desta vez chamei só duas vezes e já que ela ignorou, me levantei, puta, indo até a cozinha para levar a porra da xícara. Lourdinha estava guardando alguma coisa no freezer e, quando se virou, deu de cara comigo Mano, o berro que ela deu, meuuu. Sem noção! Daí que, cara, demos muita risada e tive a ideia

de fazer esse conteúdo. tem dias que tô bem de boas, mas outros meu, não consigo ter ideias conectadas. Tem dias que me sinto corajosa e sem nenhum medo de errar, hoje é um deles e já tem um tempo que não me sai da cabeça a ideia de falar com a vóvis sobre aumentar o tempo de vida dela. Será que ela ia se amarrar em fazer um eterni-me? Se a mamis tivesse feito quando propus para ela e não tivesse dado um piti, acho que eu não sentiria tantas saudades. Teria mais memórias para Mari conhecer como ela pensava e, mais, os filhos da Marina iam conhecer como ela era, seria uma experiência de estar virtualmente imortal. Sei que, quando falei para ela, meu, a mulher se sentiu tão ofendida, meu, me acusou de sugerir que ela ia morrer, e quem não vai? Vou recrutar a Vóvis, ela já tem outra pegada, de repente, até dá um depoimento no Me Coça sobre isso. Minha vó sempre se amarrou num confete diferente, ela vai amar usufruir da imortalidade, hospedar a consciência dela vai bombar o canal. Quando começo a transbordar ideias, fico querendo tudo pronto, pra já. Me bateu agora que seria bacana prometer outro prêmio no Me Coça, já que não rolou no programa da semana passada o sorteio para Bélgica. Vi que o Coachella é muito mais barato e mais barbada de conseguir passagens pra Califórnia. Boto a equipe pra assistir, outra vez, o Snoop Dogg encerrar sua apresentação ao lado de Tupac Shakur, detalhe queridinho, o cara foi assassinado dezesseis anos atrás, mas o holograma do Tupac revolveu as tripas da galera, é conteúdo certo para recuperar alguns comentários negativos, preciso muuuuuuito que o roteirista acerte o texto, o resto vem com a improvisação. Adoro produzir vídeos e circular o sangue nessas veias virtuais, agora me diz se eu vou conseguir pegar um túnel do tempo e sair daqui para me socar numa montanha? Tá me vendo cuidando de cabras? Batendo um papo com a sogra berbere? Apesar do Zayn ser um cara que cola na internet, a criação que tivemos não responde por nenhum item em comum. A psi tá certa numa coisa: advogado já e que não seja cria do papis.

CAPÍTULO 90

Hi,

Mudança de planos. Presta bem atenção. Sua vóvis querida pode estar em perigo até eu chegar aí. Tive que adiar a vinda para o Brasil, porque algumas coisas ainda ficaram pendentes por conta da prisão do Dr. Birgo. Vá até a casa geriátrica e tente tirá-la de lá, o importante é ela não estar presente na tal festa da semana que vem. O ideal seriam vocês saírem de São Paulo por uns dias, inventa qualquer coisa, quem sabe até uma ida a Madrid, tia Pilar é muito legal e não teria problemas em receber vocês. Mais do que isso não posso dizer agora. Pela segurança de nossa filha, saiam daí.

Love

Z.

CAPÍTULO 91

Quando abri o cofre, fiquei chocada com a quantidade de joias que minha mãe tinha acumulado. O espaço era apertado demais para os saquinhos de couro, as caixas sofisticadas que guardavam anéis de brilhante e alguns embrulhos de papel de seda com o nome de joalherias famosas. No início, achei que não aguentaria cada brinco, pulseira ou colar que me contavam algo do passado dela, algumas joias eu lembrava bem, outras tive que imaginar em que circunstância ela comprou, o que teria por detrás de cada pedra, o que cada joia representou e, assim, fui compondo contextos que variavam entre noivado, formatura, aniversário de casamento. Me perguntei qual joia teria adquirido no momento que eu cheguei na vida dela. Experimentei algumas, quase todos os anéis ficaram grandes nos meus dedos, escolhi um brinco divino, da Bulgari, de rubi e ouro amarelo, era o que mais se aproximava do meu estilo. Fiquei mais de meia hora sentada no chão, acarinhando o tapete persa que ela mais gostava, cheguei quase a me esquecer do propósito da minha vinda aqui – os passaportes.

Não encontrei nenhum passaporte, nenhum documento, nada que pudesse comprometer as suspeitas de que Zayn, ou a psi estivessem certos, quando vi, me deixei levar com facilidade pelas caixinhas preciosas, o jogo da curiosidade e suas silenciosas adivinhações me ajudaram a distrair a melancolia de estar remexendo na sua morte. Pensei, mais uma vez, o quão diferentes sempre fomos: ela acumulou joias e eu bits. Ajeitei as pernas que já estavam cansadas da posição e continuei abrindo mais duas caixas pequenas que estavam no fundo do cofre, ambas da mesma joalheria, numa delas encontrei um bracelete lindo de safira, na que tinha um veludo um pouco mais puído, um pingente estranho de latão.

O último e-mail do Zayn me tirou, outra vez, o sono, arregalando as estruturas emocionais. Sabe quando você já não tem mais o que fazer? Já colocou todos os curativos que têm, para te proteger de toda loucura familiar – em vão. A tarja psicodélica me ronda sem parar. Tirar a vóvis da festa não seria uma tarefa fácil, eu teria de inventar alguma coisa muito excepcional para ela sair de lá. Mas o que? E se ele estivesse inventando? Porque ele colocou a sigla GHB no meio do e-mail que também mandou para Lourdinha? Tô tão cansada de bancar a detetive, de ter de decifrar as coisas, preciso urgente de um cafuné virtual, um astrólogo que me diga o que fazer, ou um App que me guie até uma ilha de serenidade. A sensação que tenho é que todos os planetas resolveram me jogar

seus meteoritos lá de cima e eu tenho que ficar desviando de um para ser atingida pelo outro. Tá foda, meu. Nesse momento apertei com força o pingente que ainda estava na minha mão e vi que de latão ele não era porque com o aperto descontrolado com que o pressionei, ele já teria dobrado um pouquinho. Peguei o celular, guardei, como que por instinto, o brinco e o pingente no fecho interno da mochila, e quando eu estava saindo da sala para a porta de entrada, vi o carro do pai entrando na garagem.

Ele veio em minha direção numa pressa que confesso, achei bem estranha.

– Onde você estava?

Perguntou sem nem me dar um beijo.

– Oi pai! Vim fazer o que você pediu, dar uma olhada nas coisas da mãe, roupas e bolsas, mas tem muita coisa, nossa, meuuu, muito mais do que eu imaginava. Tava pensando que a gente podia doar a maior parte para instituições, ou fazer um brechó no canal e arrecadar o dinheiro para as crianças abandonadas.

– Sua mãe não ia gostar disso. Pegue o que você quiser que eu depois providencio o resto.

– Tá. Pai, olha só eu tava pensando em passar uns dias com a Tia Pilar, levar a Mari para conhecer a Espanha, o que você acha?

– Mais uma das suas loucuras. Vai tirar a menina da escolinha no meio do semestre?

– É, mas ela não precisa ir todo tempo na creche e, na real, também pensei em levar a vó, acho que ela ia ficar super feliz.

– Só se for para ela morrer no meio do caminho.

Nisso, ao invés de fazer uma cara de pai responsável, ele deixou escapar um gesto que sempre fazia quando estava alterado e nervoso, alisou a orelha.

CAPÍTULO 92

Cheguei em casa, dei banho na Mari, levei Chora Menos para fazer xixi e abri uma garrafa de vinho. Depois que a Mari pegou no sono, encostei a porta do quarto dela, agora decorado com tons de verde e com ares de floresta tropical, e fiz uma ligação de vídeo para Lourdinha. Ela me disse que o Zayn tinha pedido para ela me ajudar a sair uns dias de São Paulo, e me esclareceu que GHB era um ácido.

– OI? Ô Lourdinha que papo é esse?

– Boa noite Cinderela!

– Boa noite chatinha! Eu hein, já nos falamos hoje cedo e vai ficar pegando no meu pé porque não te dei boa noite?

A voz dela subiu num tom um pouco mais alto, digamos, algo perto do rouco histérico da loka do pavor, e aí disse

– É a sigla do GHB, dá uma googlada lá, migs. Pera. Ácido gama hidroxibutírico, também conhecido como “ecstasy líquido”, tipo bota o cara pra dormir...

– Porra, mas porque o Zayn mandou isso pra você? Caralho, meu, será que eu vou precisar fazer uns tutoriais de investigador agora?

– Silencia aí amiga. Amanhã a gente se fala no canal. Tô no maior corre agora.

Ela parecia estar sem paciência de falar comigo.

– Eu se fosse você ligaria pro Zayn.

– Por quê?

– Aiii, amiga, para desta loucura de não falar com ele. Falamos depois, meu. Beijos, tô louca pra terminar de ver este episódio aqui.

Desligou, sem nenhuma culpa. Achei ela um pouco apressadinha demais, apesar de andar numa fase mais calma. Entrou numas de *healing*, reiki, barra de acess, xamanismo, enfim, acho que não queria papo, de vez em quando ela manda uma boa. Foi o que fiz – liguei.

Ele certo de que viu que era uma chamada minha e, prontamente, respondeu num inglês fraquinho, mas com uma voz feliz. Fui objetiva, falei devagar, com pausas claras, para que ele entendesse bem o que eu queria saber. Me explicou que não podia falar detalhes, mas mais uma vez implorou para eu tirar minha avó de São Paulo até o dia da festa. Tentei intimidá-lo com várias ameaças, caso ele estivesse inventando tudo isso para, sei lá, o quê, ele, porém não se mostrou inseguro. Me pareceu sério e foi convicto

reforçando que o assunto era de extrema importância. Comecei a ficar com medo, ele, então, enfatizou que vóvis corria perigo de vida, meuu, fiquei mega nervosa e, quase chorando, pedi para ele me explicar tudo pelo Skype, ele logo recusou.

– You take vóvis from São Paulo, I go to Brazil, explain to you. Finish crazy period.

Me acrescentou com firmeza e foi assim que desliguei a chamada, porque seria improvável que ele falasse o que não podia.

Fiquei horas pensando em tudo isso e calculando como convencer a vóvis a não ir à festa. Por que o Zayn não tinha dito isso diretamente para ela? Tá cifrada esta história, mas, decididamente, não vou falar nada do Zayn para ela. Também queria saber o porquê ele envolveu a Lourdinha com esta mensagem, talvez não pudesse enviar para mim e o mais perto que consegui chegar, deste último fato, foi que este tal ácido seria colocado em alguma bebida durante a festa da Kamisola. Será que eu estava deixando minha loucura, outra vez, à deriva? Primeira coisa a fazer seria descolar uma hora na psi amanhã, acho que ela pode me ajudar a pensar melhor, depois preciso encontrar uma boa razão para tirar vóvis daqui e nisso a Lourdinha saberia me ajudar.

PAI & VÓVIS

A vida pode ter itinerários oblíquos, mas ninguém perguntou o porquê?

CAPÍTULO 93

De alguma forma, muito estranha, a vinda do Zayn, ao Brasil, estava sempre sendo adiada, dessa vez, nem quis me abalar e, muito menos, saber o porquê. Sabe aquelas idas a algum lugar, para fazer alguma coisa, que sempre vamos deixando para outro dia, inventando desculpas e mais desculpas para evitar o enfrentamento, quem nunca? Como eu já estava acostumada a não presença dele, fiquei de boas quando vi que ele não viria, meus anticorpos já estavam adaptados a estas reviravoltas. A conversa com a vóvis, entretanto, não podia mais esperar. A festa estava se aproximando e eu tinha que proteger a vóvis do que quer que fosse. Descartei, totalmente, minha saída de São Paulo, antecipei minha conversa com ela e mandei um whats pro Zayn, comunicando que eu iria lá bater um papo com ela e tirar esta história a limpo, ele não criou nenhum empecilho, mandou uma foto com um corte de cabelo zero e um emoji sorridente. Nunca mais eu tinha prestado atenção na beleza dele, por muitos meses, o tornei um cara desprezível. Lembrei que ele era simpático e foi assim que transplantei o sorriso dele para o da vóvis que, também, me recebeu com alegria e uma torta de laranja. Tomamos um chá antes de entrar direto no assunto.

– Vóvis, o Zayn não vai chegar no final da semana e não vou mais esperar a vinda dele para dizer e ouvir o que tenho que saber. Não sei exatamente o porquê dele não poder vir, mas parece que ainda falta a etapa final da prisão do tal Dr. Birgo. Você está sabendo alguma coisa sobre isso?

– Não. Ele só me avisou que teve que cancelar o voo e que eu não deveria ir à festa. Também achei estranho tudo isso.

– Será que o pai está envolvido nisso?

– Acredito que sim, mas não tenho provas.

– Como assim?

– Ele esteve muito próximo do Dr. Birgo na operação da sua “adoção”, mas não sei o quanto pode estar envolvido, por isso o Zayn seria fundamental aqui. Agora o que não entendo é porque não devo ir à festa e o que tudo isso tem a ver...

– Da vontade de ir à polícia e colocar toda esta história na mesa, só que não confio em mais ninguém e já acho que tudo isso tá passando dos limites, tô muito sem saber o que fazer meuuu.

– Não acho prudente procurar a polícia até sabermos tudo da boca do Zayn. Eu confio nele. Acho que não vale mais a pena esconder de você que sua mãe EXIGIU uma adoção na época. Quando se deu conta que não conseguiria ter filhos, seu pai não teve pulso para contrariá-la.

– Por quê?

– Bem, ela estava muito deprimida e descontrolada, forçou a barra, como vocês dizem, ameaçou até se matar. Foi horrível, bem, mas deixa para lá, o fato é que ela estava resolvida e seguia tentando engravidar e se matar, uma atrás da outra, engravidava, perdia, tentava suicídio. Como nunca conseguia completar os ciclos, se deprimia, acumulando fracassos e frustrações e foi a partir daí que seu pai começou a buscar uma criança que tivesse a mesma idade do último feto, se esse tivesse nascido, ou seja de dois a três anos de idade. A demanda era grande, os tramites de adoção eram lentos e seriam desfavoráveis no caso dela, porque não aceitariam uma pessoa descontrolada para adotar um bebê, mesmo teu pai dando todos atestados falsos, porque, naquela fase a convivência dos dois foi insuportável, como dinheiro nunca foi o problema, ela agia e comprava tudo o que se mexesse para a obtenção de um filho, ou melhor uma menina, tinha que ser: filha. Os caprichos aumentaram e, apesar de teu pai ter resistido nos primeiros meses, ela, de fato, parecia mais calma e conformada depois de algumas doses de calmante, mas a razão pela qual ela estava agindo, aparentemente mais calma, foi porque descobriu, com uma das amigas, um médico que tratava destas adoções, com rapidez espantosa e com uma pequena montanha de dinheiro, traçou o plano que traria você. No início teu pai se negou a “comprar” uma menina, mas ela foi além e se meteu num negócio bastante sujo, oferecendo muito mais dinheiro para trazer, até ela, qualquer criança que pudesse ter sido a sua própria. Tentamos interná-la por um semestre todo, ela foi mais esperta, aceitando o tratamento sem resistência e, depois de três meses, foi conquistando o carinho das enfermeiras, escolheu sua favorita e regou a mão daquela infeliz até ela levar mais uma quantidade de dinheiro ao Dr. Birgo que agilizava os casos especiais, digamos VIPs.

– Meu Deus, que horror, parece um filme... que loucura, vai vóvis continua!

A sua voz, apesar de suave, parecia um garfo a me espetar.

– Olha, você quer beber alguma coisa mais forte?

– Não, eu aguento.

– Bom, Faisquinha, você chegou até nós num dia nublado, a chuva fraca parece que vinha para limpar seu rostinho encardido de choro. Nunca pedi nada a Deus, mas desta vez ameacei o Divino, se ele não te devolvesse para a sua família original, eu mesma

(um dia) o faria. A tristeza de uma criança afastada dos pais é de uma crueldade que nem a morte dá conta. Eu não conseguia mais olhar para tua mãe, fiquei meses sem voltar a vê-la, mas teve um dia em que ela me ligou chorando porque você tinha se machucado com um tombo que, até hoje, me pareceu mais uma surra. Nunca soube se ela te bateu naquele dia, ou se você realmente caiu. Os hematomas no teu rostinho foram feridas que nunca se curaram na minha memória. Corri para lá, mas teu pai foi mais rápido e tivemos que interdita-la, mais uma vez. Me mudei para casa deles e cuidei de você. Faisca, você não lembra nada? Foi um período raro com momentos lindos, nós duas brincávamos muito e se alguém é responsável por você ser muito mimada, esta pessoa sou eu.

Neste momento, algumas lágrimas tentaram sair dos olhos dela e eu assistia petrificada a história, que mais parecia um dramalhão de novela, só que, meuu, era um pesadelo, era um pesadelo onde eu era a protagonista, eu me sentia num tribunal, diante de um monstro que tinha surrupiado minha infância – e que eu a vida toda chamei de mãe.

– Vóvis, olha só não fica se sentindo culpada, agora isso não faz o menor sentido para mim, sabe, com a terapia eu aprendi a olhar para o futuro e é pra lá que nós temos que ir e esse futuro se chama Marina. Me ajuda a arrumar essa zona toda, para que ela não sofra as escolhas erradas que a gente já fez. Pera, vou buscar um copo com água pra você.

– Obrigada. Tem tanta coisa para te contar que não sei se vou conseguir...

Ela agora alisava a saia xadrez, com as mãos, como se estivesse se desamassando, arrumava as pregas, como se esticasse a vida, eram muitas as memórias que a mutilavam.

– Eu sei, sim, sim. Olha só! Eu tive uma ideia e acho que vai ser super legal, se você topa. Vóvis, já que a senhora não “pode” ir à festa da Kamisola, e ficar aqui vai ser bem complicado, até porque você vai ter que dar um monte de explicações, pensei que seria legal você passar uns dias lá em casa comigo e com a Marina e daí vamos ter tempo pra conversar, uma semaninha até as coisas se acalmarem. Vamos?

– Eu vou na festa.

– Eu entendo você, mas e se alguma coisa ruim te acontecer eu não vou me perdoar. Da pra entender? Meuu, é muita sujeira esparramando pó, pra tudo quanto é lado. Eu te ajudo a arrumar as coisas e venho te buscar amanhã cedo, pode ser? *Pleaseeee*.

Fiz aquele meu olhar de pidona que ela bem sabe que não consegue negar. Ela, agora, mirava o teto como se estivesse recalculando o pouso de um avião. Em seguida, iniciou um monólogo lamurioso e, com a voz num tom mais baixo, disse:

– Ela amava demais você, mas era muito atrapalhada com os sentimentos e, até hoje, não sei o porquê se tornou uma adulta com emoções tão descalibradas, eu a criei com muito carinho, vai ver puxou a seu avô.

Acrescentou rindo. Vóvis tinha um jeito malandrinho de ser, às vezes eu via que ela carregava um bocado da moleca que ela devia ter sido, quando jovem, agora sei que, apesar de não termos o mesmo sangue, eu me pareço muito com ela.

– Combinado, então amanhã? Posso vir te buscar?

– Vou pensar.

– Só uma última perguntinha, se meu pai sabia que eu não era brasileira, por que ele não tomou uma providência? Ele sabia de que família do Marrocos eu era?

– Ele nunca soube de que país você tinha vindo, ou pelo menos era o que acreditávamos.

– Mas “como” que eu cheguei? Quero dizer, vocês foram me buscar num aeroporto, ou me levaram até um lugar? Com quem eu vim do Marrocos? Eu não lembro de nada. Vóvis, desde quando eu estou aqui?

Neste exato momento, a porta do quarto se abriu e uma enfermeira veio medir a pressão e tirar a febre dela. Não sabia que ela estava febril, ela tratou de subir a blusa para facilitar o procedimento, enquanto a moça colocava o aparelho de pressão, vóvis me lançou um olhar de esguelha que eu sabia o que significava. Assim que a enfermeira saiu, me levantei, abri a porta do armário e comecei a colocar em cima da cama algumas peças de roupas. Ela não falou nada, só me apontou a mala que estava do lado da cômoda maior.

CAPÍTULO 94

Quando uma pessoa morre e sobram apenas seus pertences, nos damos conta de que eles, só fazem sentido, quando usados pela pessoa que os possuía. Na frente do espelho que cobria toda parede lateral da parede, uma cômoda de madeira antiga e mármore branco na suíte da mãe, ainda, recebia os potes de cremes e perfumes que ela tinha usado, muito provavelmente, pela última vez. Dois anéis de ouro estavam inertes ao lado de um par de brincos de brilhantes minúsculos. Ali ficariam estes objetos fantasmas até que ela os pusesse outra vez, mas não haverá um “novamente”, tudo ficará congelado no mesmo lugar que ela os deixou, eles, agora, são apenas vestígios dos pensamentos dela. Estranho me ocorrer esses pensamentos, acho que, aos poucos, fui voltando mentalmente ao quarto dela e me vieram esses detalhes que passaram, tão rápido na minha cabeça, quando fui lá ontem. Quem era, afinal, essa louca que me roubou e me deu um amor tropeço?

Decidi voltar, outra vez, na casa do pai, antes que vóvis fosse lá para casa. Senti que eu precisava dar uma última vasculhada nas coisas dela – agora, com raiva no coração. Eu queria achar qualquer coisa que atestasse as besteiras que fez, eu queria tocar em seus objetos, acusar suas atitudes através das suas coisas, uma certa emoção mórbida se acomodou em mim, entendi que tinha de investigar suas imperfeições. Fui buscar algo que não tinha ideia do que seria, precisava estar ciente e proprietária de tudo que ela interagiu. Meuuu, rolou uma vibe de celebrar a não estada dela, como se eu tivesse vencido uma batalha invisível, a da vida que ela me tirou e eu, agora, iria saborear com goles lentos, da vida que ela nunca mais viveria. Às vezes, precisamos percorrer o caminho errado do outro para entender o trajeto certo da gente. São os zigue-zagues que temos de seguir enquanto não estamos seguros de nossa interioridade.

Cheguei cedo, dei oi pra empregada e fui direto para o quarto dela. Abri as gavetas, furunguei seus sapatos, experimentei vestidos e ternos, juntei algumas tralhas espalhadas, coloquei seus óculos de sol, troquei de chapéu, joguei as várias bolinhas de meias de seda para cima, pus o casaco de pele, fui me demorando no seu *closet* que, em um irritante movimento de espelhos, me transvertia nela. Usei bolsas, colares, calças, troquei de fivelas no cabelo, e me perfumei.

Quando sai do *closet*, imaginei uma revoada nas peças caras e exageradas dela, uma invasão de aves malditas rodando, feito abutres, a sua intimidade tangível, depois implantei uma tempestade de areia que fez tudo ficar nebuloso, preenchendo os menores

espaços com terra, infiltrando seus segredos mais doentios, entrando nas *lingeries*, nas gavetas das meias, nos punhos das camisas, nas carteiras de pítton, nos itens mais sofisticados e nos mais bregas. Me lembrei da briga que tivemos, por conta dos peitos de silicone que ela queria que eu colocasse. Tudo brega, que nojo. Nada ficaria impune nesse enterro, onde afundi tudo que determinou a existência dela, lugar onde fui condenada a conviver por mais de vinte anos.

Encontrei seu celular em cima da mesa de vidro, vi que restava um pouco de bateria, talvez o pai tivesse colocado carga para ver se tinha alguma ligação necessária para documentar sua morte, segurei na mão o aparelho com capa de couro marrom e olhei com desdém sua última chamada, era para mim. Dei alguns passos até a janela, abri o vidro pesado, sentindo o ar da rua e me telefonei. Refiz sua última ligação para mim, só que desta vez atendi. Eu nunca tinha me ligado – pensei. Obviamente, não sabia qual era a sensação, foi, de repente, que me dei conta que “nunca me liguei” no sentido amplo e literário da frase. Decidi, me olhando no espelho, agora nublado, com uma camisa de babados e um colar de pérolas que de hoje em diante eu seria importante para mim, sem precisar de *likes*, eu seria aceita. Saí daquele ambiente solitário e abandonei de vez tudo que o dinheiro nojento dela tinha comprado. Meu pai que fizesse o que bem entendesse com aquele monte de coisas. Minha mãe me irritava até morta. Mulherzinha fazida, fdp. Quanto desperdício. Grana fodida que ela gastava, acumulando tanta frescura, tudo para maquiagem as neuroses despertando inveja nas mulheres mais tolas da sociedade. As amigas que brincavam de casinha, com mamis, altamente deformada. Foi tenso!

Fui ao supermercado e busquei a Mari na escolinha, experimentando uma nova leveza. Engatei uma nova decisão que, por alguns dias, ficará suspensa, eu, no devido tempo, a tomaria feito xarope. Aos poucos, em doses diárias, engoliria o gosto ruim, que me traria cura. Eu era um animal dependurado, um bicho preguiça feroz, pronto para atacar tudo e todos que ousassem me ferir. Minha filha veio saltitante me dar um beijo e a abracei com tanto carinho que quase atravessassei seu corpinho calmo e magro. Que criança linda! – pensei.

– Mari, adivinha só quem vai passar uma semana na casa da gente?

– A Bia – respondeu feliz.

– Não, é outra pessoa.

– A Dola? A tia Louidinha?

– Não. A bivóvis.

Me olhou feliz, arrumando a tiara do cabelo.

Eu não tinha resposta para uma verdade tão forte. Pensei em inventar uma desculpa, mas Mari é uma espertinha, daquelas, e aí lancei a ideia.

– Porque vamos fazer uma festa do pijama.

– Hum.

Eu respondi mas ela nem prestou atenção na resposta.

– Vamos preparar a festinha, você ajuda a mamãe?

– Chola Menos di vemeio.

Nestas conversas infantis se descobre a recordação da fantasia. Também, eu queria gritar ao mundo que iria por meu pijama de bolinhas, mas ninguém escuta gritos de adultos – estão com volume sempre baixo.

CAPÍTULO 95

Vóvis levou uma mala de couro pequena e a instalei no quarto do meio, na primeira noite, quis dormir no quarto, junto com a Mari, alegou que seria divertido duas gerações sonhando no mesmo espaço. Na manhã seguinte, levei café para elas e Mari mastigava o pão, contando, com gestos as bagunças que fizeram na noite anterior. Vóvis tinha contado para ela uma história para dormir: o camelo sem pescoço. Arregalei os olhos chocada, eu era incapaz de imaginar os assuntos entre elas. Na noite seguinte, vóvis pediu para dormir com a Marina outra vez, como dizer não?

Voltamos a conversar a tarde, depois que ela me viu gravando um conteúdo.

Retomamos o assunto de dois atrás com a pergunta:

– Você gosta do Zayn?

– Gostar eu até gosto, só que, meuu, não conheço o cara e me assusta o fato dele ser pai da minha filha e, sei lá, tenho maior medo de que ele queira levar a Mari daqui.

– Ele tem todo direito de levar a menina para conhecer a família dela, será que você vai fazer o mesmo que sua mãe?

Me levantei, num ímpeto de brabeza, me dando conta das variantes que eu teria de enfrentar daqui pra frente e não sei o porquê fiz um *post*, enquanto vóvis me observava calmamente. Fiquei mais perturbada ainda quando ela fingiu não ver que coloquei o celular no bolso e repetiu a pergunta:

– Você vai fazer o mesmo que sua mãe?

– Acho que não. Simplesmente não consigo pensar com clareza. A vontade que eu tenho é de abrir um fórum gigantesco e ouvir todos meus *followers* até decidir qual a melhor opção.

– Na minha época não tinha nada disso, você sabe, Faisquinha, que eu sou do tempo de dizer XIS pra “tirar uma foto” e a gente não postava nada e nem delegava as dúvidas para uma multidão considerar. Eu calava a boca, engolia os medos e agia. Você precisa promover momentos de silêncio, lugar onde as dúvidas colocam seus pijamas e deitam para dormir, quando elas calam a boca, vem a voz do teu interior que sempre sabe o que é melhor.

– Tá, mas se eu não souber o que fazer, tipo, não aparecer a resposta certa?

– Aí você erra conscientemente. Quando você souber o que deve saber vai se perdoar do que errou. Essa é a questão. O resto é *Maktub*.

– Oi? Mak o quê?

– *Maktub* que, em árabe, significa destino.

Mexendo nos cabelos, respondi um sim duplo, daqueles que uso quando estou pensativa, mas, logo, desviei o foco que era perguntar para ela como sabia essas coisas em árabe, poderia ser do Google, mas vóvis estava sempre além dele. Acabei engolindo a pergunta, eu a faria qualquer outro dia, foquei no ponto que precisava e falei com toda calma.

– Olha só Vóvis, tô mega perdida, tipo, se eu ficar com o Zayn, a Mari pode ter um pai, se eu excluir ele, ela vai ter um pai mais distante, ou nem isso. O meu pai, agora, parece a vítima do caso todo, pode ir preso, a mãe já era, tenho você e o futuro da Mari. Meu sangue é esse, ou aquele? Daqui, ou de lá? Nosso dinheiro é sujo, ou digno? Sou uma youtuber de sucesso, ou de *likes falsos*? O que é real? Por onde começo a me entender? Jogo fora a Laila e assumo a Aisha? Afinal, qual meu DNA?

– Essa crise de identidade é muito normal e faz parte do processo. Eu te peço para ter paciência e deixar o tempo agir. Eu daria uma chance ao Zayn, mesmo ele tendo uma criação e uma cultura tão diferente, não é de se jogar fora. Não precisa bater o martelo e ficar com isso ou aquilo, com esta ou aquela, ninguém decide o certo o tempo todo, você tem tempo pela frente, e quer saber? Deus não tem DNA.

Um silêncio, quase espiritual, veio até nós e só foi rompido, alguns segundos depois, quando o alarme do meu celular tocou lembrando que eu tinha que buscar a Mari trinta minutos antes hoje. Convidei a vóvis pra ir junto, antes, porém ela me abraçou, cochichando no meu ouvido:

– Eu estou junto com você, tudo vai dar certo.

Estávamos na função de preparar a janta, na real, eu tava na lida e vóvis assistia alguma coisa no celular, junto com a Mari. Tempos depois me aparecem as duas na cozinha, com uma ligação de áudio, onde um Zayn, agora quase sem cabelo, falava *hello* sem parar, a Mari dava oi, sem entender nada e, quando me dei conta, as duas estavam rindo, não sei do que. Marina embalou num “papo” contando alguns números em inglês, *tchu, trui, for* e ria, enquanto uma lágrima malabarista, que não caiu, se equilibrava no olho da vóvis. Dei ré na minha reação de xingar as duas, senti a alegria invadindo a cozinha que, por instantes, se tornou um templo lotado de possibilidades, que eu não tinha considerado.

Fiz um sinal para ela me passar o celular e ela foi instruindo Mari a dar tchau pro amigo da vóvis e, depois do *bye bye*, as duas rumaram para a sala. Vóvis já tinha proposto para a bisneta, uma nova brincadeira e eu fiquei quieta e sem graça, olhando aquele

homem que me sorria com um rosto, antes, coberto pelo excesso de barba e cabelo comprido. Me apaixonei, igualzinho ao momento que me apaixonei pelo bofe atropelado na calçada, sou vulnerável aos Tuios que aparecem, sem aviso, e me senti convidada para uma dança, cuja música não consta em nenhuma das minhas playlists.

– *Hellooo* – falei, depois de um delay que me deixou com vergonha, eu eu não conseguia pensar em nada para dizer então saiu – *I like your new hair*.

– *Laila, your daugther, our daugther, is beautiful*. Linda linda, *I need to go Brazil*.

– *Yes, beautiful. Happy girl. When do you come? If you come*.

– *Problems here, maybe next month. Why you don't come here, bring Marina?*

Ah, se as decisões fossem tão fáceis assim - pensei. E se você for um terrorista, um ladrão de crianças e se você fizer parte da quadrilha, da máfia que me roubou, um trapaceiro, um cara interessado só no dinheiro, um louco muçulmano e, se não fosse ele me interromper, teria seguido o devaneio até os mais profundos adjetivos que costumam habitar meus medos. Medo do que? Essa era uma pergunta que eu teria que me responder depois. Tenho uma enorme saudades de ser leviana e feliz.

– *Oh sorry Zayn, I think a lot. Well, see you, I have to go*.

Desliguei o telefone. Larguei no fundo do armário, atrás das panelas, para não cair em tentação até me acalmar.

Desta vez, prestei mais atenção no que eu sentia quando estava “perto” dele e acho que, pela primeira vez, me permiti pensar na nossa história como algo possível. Todas as vezes que me deixei levar pela atração física me ferrei. Acho que foi o efeito, ainda que recente, da última conversa com a vóvis. Quando ela pareceu favorável à minha relação com ele, abri um pouco a guarda e consegui examinar mais de pertinho o que este homem me fazia sentir. Achei que fosse só um *affair*, com gosto de exótico, uma aventura diferente que, no início, tinha me deixado bem excitada e, depois, com pavor. Uma mescla de proibido com abusado, dupla que, eu confesso, fico tentada a consumir. Quem acha graça no previsível, no bonzinho, no certo, no que sempre está ali comportado e disponível? Nunca pensei! Prefiro o descortinar, a adrenalina, e o indecente que, às vezes, me alucinam; e gozo. Daí saquei que esse iô-iô bagunçado de emoções sempre fizera parte da minha vida, nos últimos anos, talvez, mais acentuado e acho que compreendi, somente agora, que aquilo que a psi falou, sobre eu só ficar na superficialidade, não estava errado, estava distorcido, não é que levo tudo na superficialidade, é que tanta coisa me acontece e numa velocidade absurda, que parece que levo tudo na brincadeira, na real, não tenho tempo de assimilar e sofrer lentamente as subidas e descidas que a vida me

apresenta, daí parece que não me detenho nas “sofrências”, ou que não verticalizo cada curva que os movimentos turbulentos da minha história de vida tem me apresentado. Este foi o segundo alívio que senti num espaço de tempo tão curto. A presença da vóvis realmente me faz bem, me provoca *insights* certos, meuuu, como amo esta mulher.

– Vóvis, vóvis!

Gritei duas vezes até encontrá-la sentada numa cadeira na frente da cama da Mari. As duas jogavam brinquedos no chão numa bagunça deliciosa, e Chora Menos espiava de trás do móvel com um ar de apavorado, nada se compara com gargalhada das crianças, opa dos idosos, me corrigi.

CAPÍTULO 96

O telefone me acordou, aos berros, que porra é essa, meu? Acho que elas colocaram no volume máximo, ontem, e quando atendi a chamada, insistente, ouvi a voz do pai me dizendo que precisava muito falar comigo, se podia aparecer hoje à tarde, que sábado é um dia mais tranquilo para ele e pediu para arranjar uma atividade para a Marina, a conversa era só de adultos e blá, blá, blá. Quando comentei com a vóvis sobre a vinda dele, mais uma vez, me surpreendi com a praticidade dela em sugerir que uma mãe de alguma amiguinha dela viesse buscar a Mari para um programa.

Às 14h20min, meu pai bateu na porta, com o semblante sério e com um abraço comedido. Beijou vóvis no rosto e se sentou ao lado da janela. Nem me deu tempo de oferecer um cafezinho e foi direto para o assunto. Não era muito do seu feitio perguntar como estava a Mari e não tinha jeito para florear as abordagens, acho que era assim que devia dar o resultado de exames aos seus pacientes, uma frieza médica, treinada e eficiente.

– Posso ir preso a qualquer momento. Vocês já podem imaginar o porquê. Já entrei em contato com o melhor advogado da cidade e conto com o apoio e o depoimento de vocês. Será muito prejudicial a minha imagem médica e sei que, disso, você entende Laila, impressões são escorregadores que podem fazer você aterrizar numa laje dura, causando lesões que deixam marcas e cicatrizes de difícil remoção. Não sei exatamente o que você já contou para a Laila.

Olhou para a vóvis, com aqueles olhos diretos, e depois para mim, daí deu um suspiro e, pela primeira vez, conheci a impotência no rosto dele.

– Pai. Calma. Quer uma água?

Ofereci com os olhos tensos prevendo as próximas crateras da verdade.

– Não.

– Olha só, deixa eu falar. Já sei que a mãe sempre foi surtada e que cismou de querer uma adoção e que eu, na real, fui vítima de tráfico humano. Por sorte, vim parar no Brasil e numa família com grana. Não passei fome, não fui abusada, embora nunca tenha sabido realmente quem sou. Então, preciso me descobrir, em uma semana, antes que tudo troque de lugar e o que estava em cima, vire para baixo. Básico.

– Sem ironias Laila. A senhora – e aí mirou na vóvis, com insistência – já explicou para ela que foi um erro ter cedido aos caprichos da sua filha?

– Minha filha, se tornou uma pessoa doente, sem limites e com um egoísmo potente, capaz de eliminar qualquer obstáculo, mas ela não fez nada sozinha e agora chegou a hora de cada um levar suas safadezas para passear. Você teve a chance de dizer não, mas, para não atrapalhar o bendito trabalho, calou a boca dela com a “eficiência” do Dr. Birgo, essa opção você teve e...

– Tive coisa nenhuma, quando eu vi a doida da sua filha, já tinha dado muito dinheiro e ela já estava enrolada, até o pescoço, com esse pessoal. Eu não tinha como “devolver” o pedido e interná-la numa clínica.

– Mas internou.

– Tive que fazer isso sim, duas vezes, e deveria ter mantido ela lá por mais tempo. O golfe, as compras, as amigas e a chegada da Laila ajudaram a mantê-la serena, mas não por muito tempo. Eu tive que passar, por muitas noites insones, para aguentar as inverdades que ela inventava. Acontece que me afeiçoei a menininha recém-chegada lá em casa, você, Laila. No início, foi muito triste, todo período de adaptação foi horrível, eu não conseguia dormir com os berros do teu choro. Os meses foram passando e os mimos que tua mãe comprava disfarçavam a tua dor, te enganávamos com tantos presentes que você não tinha tempo para chorar. Preciso te dizer que me apaixonei por teu jeito moreninho de ser e, também, eu passei a me dedicar inteiramente a você. Você passou a dormir na nossa cama, gostava de passear comigo de carro até o clube e se sentia muito tranquila com todas as mordomias que nossa casa te proporcionava.

– Quer dizer que eu fui mais uma mercadoria que chegou para vocês, uma entrega da Amazon, uma espécie de desejo cumprido pelo gênio da lâmpada. Alguma vez, você se perguntou como estariam se sentindo meus pais verdadeiros?

– Inúmeras vezes tentei descobrir quem eram eles, passei anos recrutando detetives para seguir a pista da tua família biológica, nunca cheguei nem perto do que o Zayn, agora, chegou. O Dr. Birgo, como vocês chamam, é um cara muito poderoso, não foi nem uma, nem duas vezes que ameaçou me matar se eu continuasse insistindo nessa busca, em vão. Nunca tive medo dele, acontece que, agora, ele foi preso e, com certeza, dentro de alguns meses vai ter que confessar os tráfico que administrou. A máfia que permeia esse filho da puta tem tentáculos em mais de seis países, que eu saiba. Quando vimos o tempo passou e eu e sua mãe, nós, já estávamos amando você, já era tarde demais para devolver você. Dura realidade, eu sei, você não avalia as escolhas que temos de fazer nesta vida. Assim como você foi amputada de uma família legítima, eu fui amputado de

ser um pai biológico, em compensação, o sentimento de amor que temos por você tampou, um pouco, o pote de enganos que cometemos.

– En- ga -nos! Você chama isso de “enganos”?

– Laila, você vai ver como a vida sabe ser sutil e você também cometerá enganos.

– Enganos sim, crimes não.

– Eu compreendo, minha filha, que você esteja se sentindo assim, eu...

– NÃO me chama de “minha filha”. Você é cúmplice desse Dr. Birgo e faz parte desta máfia criminosa, seu infeliz de merda.

Foi aí que vóvis se levantou e nos atacou com antídotos que eu jamais poderia imaginar que ela guardasse. Com uma voz muito da calma, nos fez ouvir até o fim, suas impressões e seu depoimento sobre minha “não-mãe”.

– Vocês dois estão com a cabeça quente e eu estou morrendo. Simples assim. Minha filha não agiu bem, foi uma pessoa doente e irresponsável, mas amou vocês, se tem uma coisa que ela fez, verdadeiramente, foi amar você, Laila. Se ela amou a filha roubada de outra mulher foi porque não pôde amar sua própria filha. Nada justifica essa loucura, a única coisa que temos de fazer, daqui para frente, é omitir da Marina toda essa sujeira, pelo menos até ela ter idade suficiente para responder por seus próprios julgamentos. Faísca, eu lamento muito que tudo isso tenha acontecido, mas não é hora de você incorporar a Laila mimada dos Jardins. A vida de seu pai está em jogo. A minha também, mais uma vez, o poder do Dr. Birgo ameaça nossa paz. Não podemos deixar essa poça de ácido atingir os pés da nossa Mari. Tenho uma coisa guardada que pode servir de prova, na hora certa, só na hora certa, não vou dizer nada agora.

Papis me olhou com um rosto comprido, especialmente longo e dolorido, pela primeira vez vi humildade nesse homem, que sim, sim, apesar de tudo é meu pai. Aturou todos meus desvios, me bancou nos momentos mais fudas, esteve zelando por mim, sem jamais perder a cabeça, talvez eu só agora ame ele. Dei um passo curto e peguei nas suas mãos geladas, foi um gesto de porcentagem pequena, mas de significado gigantesco.

– Vamos te ajudar pai. Não é vóvis?

– Sempre. Você tem sofrido algum tipo de ameaça?

– Todos. Preciso escolher entre manter minha integridade médica no hospital, ou mentir no depoimento. Se fosse só ocultar alguns dados, poderia omitir mesmo indo contra meus princípios, o problema é que ele exige que eu deponha a favor dele e negue que você foi “adotada” pelos métodos dele. Entende? Fiquei refém deste cretino a vida toda e, agora, sou obrigado a mentir e, muito provavelmente, ir em cana junto com ele.

Tenho que encontrar um meio de me livrar desta pressão que está me matando aos poucos.

Você entende o que é uma vida decapitada?

– Essa “prova” que você tem vóvis, pode aliviar meu pai?

– Não.

– Por que você não fez isso antes?

– A festa que eu não vou, poderia ser a última festa da minha vida e até aí tudo bem, mas, agora, eu não posso morrer, não assim, tão próxima de conseguir te entregar de volta aos teus pais biológicos e você provar dessa escolha, aí sim, poderei ir em paz. Zayn está muito perto de nos trazer esta possibilidade.

– Pai, o quanto este filho da puta tá envolvido no hospital? Ele atua diretamente nos roubos?

– Muito além do que imaginávamos. O fato de nós nunca termos denunciado o trabalho imundo que ele faz, me deixou cúmplice e, a cada ano que passa, me atolo mais nesta lama que tua mãe nos colocou. Eu deveria ter denunciado ele no momento que soube que você vinha desta máfia internacional. Era destruir sua mãe, minha carreira e tua vida. Quando você começou com esta coisa de youtuber tudo mudou, as coisas se estreitaram, ele passou a me ameaçar e isto se intensificou, a pouco, quando você falou mais abertamente, numa live aí. Ele andava sentindo a perseguição, ou pressentindo algo e, mesmo assim, foi ao Marrocos, com os outros médicos, para não dar bandeira de que, “não” indo, poderia suspeitar fuga. Ele foi detido, Zayn chegou perto, mas não botamos as mãos nele ainda, as patas do monstro são pesadas, multiplicadas por vários cenários do tráfico.

– A polícia brasileira está agindo junto?

– Sim, estão todos conectados.

– Então não estou entendendo, o porquê de não dão um fim nisso logo?

– Os processos de acusações são lentos, mas a busca já vem de mais de um ano.

– Quando eu tive aquela hemorragia no Marrocos e tudo começou a se revelar para mim, por que vocês não confiaram em mim e não me contaram toda verdade?

– Toda verdade seria muita justa para você e muito tóxica para sua mãe. Entre ter duas e uma, optei pelas duas. Tua mãe teria um surto só. E, depois de tanto tempo, achei que seria prudente não mexer no vespeiro, afinal, nossa família estava razoavelmente bem. Tua vó não aguentou a pressão dos anos e tentou chamar tua atenção com a publicação do romance dela na internet, mesmo eu tendo dado o contra. Você andava muito mais interessada em angariar *likes* do que averiguar os textos dela.

– Que nada! Eu li e até desconfie, mas nunca chegaria a imaginar que, por detrás dessa família, se escondia um crime deste tamanho. Uma vida amassada pela outra e pela outra e pela outra, quantas foram espremidas? Algumas decisões perversas nos trouxeram até aqui e agora temos que evitar que a coitadinha da Mari se suje nessa merda toda. O que vamos fazer?

– Aguardar.

– Es-pe-rar? Pai, pelo amor de Deus, o que os advogados podem fazer pela gente?

– Estão todos trabalhando para agir na hora certa. Estamos quase lá.

– Juro, eu nem sei mais o que pensar.

– Filha, agora temos que ficar unidos e aguardar o desenrolar dos fatos. A polícia brasileira, em cooperação com autoridades locais e da Interpol, está com as mãos no pescoço dele e qualquer dia podem bater na minha porta para eu comparecer na delegacia.

– O que você pretende fazer?

– Tudo o que os advogados me orientaram.

– E o que eles disseram para você fazer?

– Omitir detalhes, ocultar fatos, perseguir meu papel de vítima até conseguir o julgamento dele. Não tenho outra opção.

– Você conhece outros médicos envolvidos?

– Três deles.

– Bom – disse a vóvis, num desânimo notável – o que me interessa é ver a Faisquinha conhecer a família dela e exercitar o livre-arbítrio a que tem direito.

– Enquanto Dr. Birgo não estiver devidamente preso, “Faísquinha” está proibida de sair daqui. Estamos combinados?

Nenhuma de nós duas encontrou palavras para desafiar meu pai. Fizemos que sim com a cabeça, os pensamentos, entretanto, tenho certeza de que foram os mesmos: nós não vamos obedecer aos padrões, castrar sentimentos, não era do nosso feitio. O sangue da vóvis é o único que corre dentro de mim. Tão logo, meu pai saiu colocamos nosso plano de ataque em prática. Achei prudente passar na psi e retomar alguns percursos de estratégia, alguém de fora sempre ajuda a pensar melhor. Fiquei pensando em como a privacidade se deteriorou e como a internet anda gostando de ganhar vida, se transformando em uma criatura super humana.

CAPÍTULO 97

Não levei muito tempo na sala de espera da psi e, assim que ela me chamou, tasquei a fala.

– Sempre fui uma Laila que se controlou e que só mostrava o que queria, dentro dos conteúdos, tipo, de boas, vivia meio que só de aplausos mesmo, mas, na real, meuu, isso já não faz mais tanto sentido. Sendo mãe, sei lá, meio que me deu uma dimensão diferente, sinto que preciso ingressar no mundo dos erros, jogar com eles, aplicar os riscos e vencer algumas verdades. Você, acho que tinha razão: levar tudo na superficialidade me engravidou. Sabe, quero dizer que os descuidos, ou a preguiça de levar as coisas a sério, de cumprir os detalhes que nos protegem dos enganos sempre foram desleixados por mim. Cara, eu até que coordenava as coisas, só que né... tô sacando agora que deixar a coisa toda soltinha dá um puta trabalho depois.

– É isso aí, Laila, agora você chegou num ponto interessante. Está se sentindo mais segura? Gosta mais de você assim?

– Não. Sigo tateando uma Laila, dentro de mim, que, agora, contém uma Aisha e uma outra Laila, mãe da Mari.

– Isso é ser mãe...

– Pior... na real eu tipo ando mega me subtraindo de todas as referências, não consigo confiar em ninguém, não sei o porquê, mas, no Me Coça, me sinto livre para ser quem eu consigo ser, sabe tipo fico tranquila lá.

– Lá? - atacou a psi com aquele tom interrogativo que detesto. Aí acrescentou – é um lugar?

– É, é um lugar de estar bem. O Me Coça é vivo, da “cosqueira” kkkk me provoca, me estimula, me sinto mais viva lá do que aqui... normal...

– Normal, porque você tem controle no Me Coça e na vida real não, entende? De qualquer forma, acho que você está indo de encontro às suas verdades e isso me deixa muito feliz.

– Conteí a ela a última conversa que tive com o pai e a vóvis. Revelei, por fim, a parte do que estava pensando em fazer. Precisava de uma opinião, mesmo sabendo que ela não podia emitir censuras. Quer saber, que se foda o mundo, vou fazer o que tá pulsando aqui dentro, encostei a mão no peito, peguei a mochila e fui para casa. Antes de fechar a porta do consultório larguei:

– Acho o nome, Aisha, lindo!

Para pôr em prática meu novo conteúdo no ar, precisaria calcular quanto tempo levaria uma volta no parque, com Chora Menos.

Caraca eu não tinha notado que estava tãooooo frio, tadinho do Chora Menos, eu podia ter colocado uma roupa nele, putz, vou ter que dar um rolê mais curto. A ideia era fazer um conteúdo onde eu pudesse mostrar que o ser humano é mais domesticado que qualquer animal (eu sei, parece confusinho, mas todo mundo sabe que penso torto, mas que, depois, ajeito tudo), para isso, Chora Menos teria que estar todo tempo junto comigo. #gratidão, pensei, minha intuição deu um salto quântico e foi parar lá na sabedoria, que nunca tinha sacado que eu poderia acessar. Meu plano colocaria em risco um monte de vidas, mas já que o game é assim, eu vou jogar com minhas armas, ninguém mandou me meter numa vida fodida assim. Para isso, eu precisaria da colaboração da vóvis e do empenho de toda equipe do canal e tô pensando que vai ter que rolar um contato básico com o hacker que trabalhou pro Zayn, mas ele não pode nem sonhar. Estamos logados todo tempo e vai ser por aí o meu ataque, que explodam as redes sociais. Vou ter que dar uns corres, mas acho que em duas semanas a gravação sai. Vai rolar um recadinho para todos que diziam que eu era “viciada” na internet, até moro perto duma heavy user, mas, né! Mas a “viciada” vai se fuder, meuu. Grau máximo da revolta ativada.

Acabei transformando a festa Kamisola, num evento do pijama lá em casa, uma festinha com direito a drinks, Lourdinha e duas amigas da Mari, seus pets e duas mães queridas. Seremos sete, vacila, seremos dez. Enfim, é um jeito de substituir a festa que a vóvis vai perder lá no Spa. Mari tá super animada, cada um vai levar um kit-rango pra colocar na mesa das guloseimas, o pijama favorito, o urso de nanar e travesseiro com fronha temática. Desfile do pijama, concurso do mais original, contação de histórias, dança do soninho, caça tesouro, cupcakes e cabanas com luzinhas externas para as crianças dormirem, com a clássica session cineminha, pra botar as pequenas no mundo do sono, estão na programação. Até às cinco da tarde o corredor que dá para os quartos já estava com algumas fitas adesivas prontas para serem coladas na outra extremidade fazendo os obstáculos do desafio número um, o objetivo seria passar por ali sem encostar nas fitas, oi vóvis!

Nada mais deu certo depois das nove da noite. Até a decoração artesanal das fronhas com colagens e adesivos, o povo estava calmo, acelerou um pouco com a guerra dos travesseiros, mas pegou fogo quando Chora Menos resolveu investir pesado na cadelinha da Silvia, colega da Mari que colocou um pijama tipo sensual, com rendas e

frus frus que, tenho certeza, bateram no fuço do Chora Menos como uma tentação erótica absurda. Ele passou a noite querendo trepar com ela e tivemos que deixar o pobre fechado na área de serviço por um bom tempo. Vóvis, depois de alguns copos de espumante, cismou em querer se abaixar para passar nas faixas de obstáculos do corredor. Eu estava bem de boas no meu pijama/macacão azul, longo né, e pantufas com ícones de arquivos, plataformas e símbolos digitais. Achei que tava no clima, mas quando abri a porta para Lourdinha, que chegou quase nove da noite, me dei conta de como sou óbvia demais.

A pequenada estava nos quartos, ainda bem, porque nem nas minhas piores fases de Jack Sparrow, quando passei um ano me vestindo como ele, porque né, casaria com ele naquela época, minha imaginação sequer chegou a encostar na dela. Começa pelo chapéu luminoso, neon com guizos bizarros, luvas de pelúcia amarelas, um robe laranja neon com degradês de tons amarelados, ela era o próprio pôr-do-sol e, por baixo, uma camisola feita de látex azul noite, com estrelas nas alças e na barra, ela vestia o universo inteiro pronto para ninguém dormir.

CAPÍTULO 98

Decidi dispensar a equipe para o novo conteúdo, bastava o *cameraman*, coisa que Jorginho dava conta numa boa e era discreto, tinha olhos e jeito como os das lagartixas, faria um bom par com Chora Menos, não interrompendo minha fala. Meu monólogo vai sacudir as redes sociais de um lado para o outro, tlim, tlom, tlim, tlom, embalando verdades mutiladoras. Vamos ver se a vida online não é capaz de ser mais real do que a que minha psi defende. Nas duas semanas que se passaram, eu fiquei escrevendo todo roteiro e decidindo o que queria contar. Não falei com ninguém sobre meu plano, a ideia era entrar com uma dinamite e explodir o senso comum. Sem amortecer nada nem ninguém, dei início a filmagem ontem pela manhã – um dia nublado, sem vento e com poucas pessoas no parque, ideal para o cenário da minha história. Coloquei um microfone na camiseta e num áudio prolongado, joguei a merda toda num relato que vai emocionar até a internet. Para contar tudo que tinha me acontecido, eu precisaria de, pelo menos, quatro voltas no parque com o Chora Menos. Nesse passeio, aparentemente sem consequências, daria o rolê capaz de dar a carga emocional num tom casual e espontâneo, esse seria o forte do vídeo. Não poupei ninguém no porão do meu passado, nem nomes, nem dados, nem polícia secreta, nem meu pai. Ameacei a máfia com advogados e com o comando da chefe de polícia feminina internacional. Na sexta passada, dei dois depoimentos junto ao departamento da polícia de São Paulo que ficou encarregada de me proteger, mesmo sem ter certeza de que seriam leais e competentes – confiei neles. Se a grana que minha família tem não servir para colocar dois civis na calçada em frente meu prédio, outra dupla no Spa da vóvis e na casa do pai, eu prefiro jogar todo esse patrimônio no ralo. Mari não iria na escola, neste período, e todos os meus compromissos externos foram adiados. Com um shorts jeans comportado e uma camiseta bem basiquinha, gravei todo dramalhão do meu destino imposto, desde a hemorragia até a última conversa com meu pai, semana passada. Nada de “deixe um joinha, ou compartilhe com os amigos”, no final do vídeo.

Chega uma hora na vida que você precisa seguir em frente, com uma rigidez capaz de te desprender de tudo que te aprisiona. Essa foi a frase de abertura do vídeo. Depois, larguei o conflito que diz respeito a minha decisão, de provar o quanto um escândalo virtual seria eficaz a ponto de revelar a canalhice humana e, por último, dei a entender que sabia muito bem o que estava fazendo, os riscos e suas consequências foram medidos

centímetro a centímetro. Aí, com o desabafo mais sereno da minha vida, expus minhas veias e minha calcinha nas profundezas do online.

– Ficou lindo galera!

Se na internet existe alguém sempre de olho em você, esse era o caminho e eu subi no palco digital, desta vez, pra dar meu melhor show.

Minha chantagem tinha 18 horas para ir ao ar. Sem ninguém saber, nem mesmo a polícia, fiz uma chamada no canal, no Face, no Insta e no Twitter, prometendo colocar no ar tudo sobre minha história e sobre o tráfico humano. As próximas horas foram um abalono nervoso-sísmico de mensagens como nunca visto. Não respondi nenhuma delas. Guardei todos os celulares, computadores e, junto com a Lourdinha e a vóvis, subi a serra. Botei a Mari no carro, ainda sonolenta, e Chora Menos se encarregou de se aninhar junto com ela na metade mais espaçosa do banco de trás. Fomos os cinco para Campos do Jordão, lugar que sempre exala um aroma de amparo.

Dezoito horas, três blocos de seis horas, uma espécie de gravidez adiantada que só se completaria quando o bebê estivesse pronto para nascer. Parto normal com o Dr. Birgo assinando o termo de acusação que eu tinha preparado, ou cesárea com o filho da puta e toda sua gangue fedendo no mundo, em 24 horas. Sempre quis saber qual seria a sensação de apertar o botão de uma arma nuclear. Minha exigência incluía a assinatura dele num documento, já preparado pelos advogados, onde ele teria de transferir todo seu dinheiro sujo para duas das principais organizações que apoiam o tráfico humano, em troca, eu “poderia pensar” em não publicar o vídeo. Como um vídeo tem vida curta ele teria de acatar minha proposta em seguida, em questões de horas, eu ia foder com o esquema dele, mesmo ele sabendo que eu teria uma cópia desse maravilhoso passeio com o Chora Menos para chantageá-lo, para todo e sempre. Foi muito fácil descobrir todo seu nome verdadeiro e seus e-mails de trabalho – hackers fazem todo sentido.

Um parto: movimento de partir, cortar um cordão, findar um ciclo e começar outro, eu só poderia nascer para a Aisha desta maneira. Prometi para o Zayn que eu iria com a Mari ao Marrocos se ele confiasse em mim e me dissesse o nome verdadeiro do Dr. Birgo, o contato real que faria com que eu pudesse virar a chave e cessar, pelo menos, uma faceta do tráfico. Zayn jurou vir até o Brasil nos buscar em menos de 10 dias, o tempo suficiente para eu organizar a vida aqui e emitir as passagens. Esse foi o modo pelo qual entendi meu processo e esse é o trilho que vai me levar até a vida pregressa que nunca tive. Nem todo mundo tem o dom de poder gestar duas vezes, eu estava muito pilhada para tatear o porquê das estradas tortas nos levarem por mais tempo para o mesmo lugar. #partiuserra

CAPÍTULO 99

Assim que mandei o e-mail para o Dr. Valdomiro Binold Trove, vulgo Dr. Birgo, comecei a contar os segundos. Já havia contabilizado a sua não-resposta dentro das horas propostas, também levei em consideração que ele poderia, simplesmente, ignorar esta ameaça, imaginei que a mensagem poderia ir direto para o Spam, ou que ele precisaria de um tempo para ligar para meia dúzia de advogados, ou contatar a corja dos capangas muito bem remunerados e seus galhos tortos *around the world*, antes de vir para cima de mim. Eu já quase que torcia para ele não atender meu “pedido”, já sentia o gostinho do fervilhar nas notícias da web, a espuma nojenta se espalhando pelas veias da internet, o desespero de tentar calar minha boca o mataria sufocado. Seus funcionários pegaram a menina errada, a marroquinazinha que você roubou vai te devolver para a jaula, vou estampar tua mente perversa dia após dia, até meus seguidores se cansarem de te linchar, vou te tratar como uma serpente, um *pet* naja, seu escroto, vou jogar corações de vacas uma vez por semana, vou te alimentar bem direitinho, você vai precisar de mais 15 dias para fazer toda digestão, está tudo conforme planejei, por enquanto, te dou as restantes nove horas. Acelera, seu infeliz. A vingança de uma mulher ameaçada pode ser bem mais peçonhenta que qualquer serpente que você encontra em Marrakech. Vou vingar todas as Aishas que eu puder e você vai pagar cada negociação podre que você proporcionou. Não sei se fazer justiça me acalma, mas, pelo menos, vou esfregar essa tua cara, hipócrita e doente, no chão mais podre do universo digital.

O peso de ser a única pessoa no mundo a saber o que estava prestes a acontecer me adrenalizou até os ossos, enquanto vóvis, Mari e Lourdinha se instalavam nos quartos eu monitorava o celular. Nada de resposta, ele sequer tinha lido o e-mail. Tudo bem, eu tinha contado com esta hipótese e, dentro de trinta minutos, ele iria receber um whats – o tempo que os dois guardas levariam para chegar na casa aqui da serra. Abri as janelas enormes da sala que exibiam as florestas de pinheiros e as montanhas que albergam várias aves e animais em risco de extinção. Sempre gostei de vir para cá, especialmente quando estressada, o ar alpino faz desacelerar o corre do dia a dia. Como os caseiros já estavam avisados da nossa vinda, a casa estava ventilada e com algumas lenhas arrumadas ao lado da lareira principal. Mari adora vir para cá e Lourdinha, desta vez, faria o papel da *baby-sitter* comportada, foi o que combinamos. Vóvis, depois da festinha Kamisola,

começou a se acostumar com a rotina da minha casa e topou esticar a estada dela de uma semana para mais uns dias.

– Que delícia este lugar - murmurei esticando os braços ao longo dos ombros.

– Esta casa sempre foi uma espécie de ferrolho – acrescentou vóvis que também espichava as pernas no sofá marrom.

Não consegui pensar em nada para dizer, mas sentia que seria necessário dizer alguma coisa, qualquer coisa:

– Vamos nos divertir este fim de semana, talvez até convide mais um casal de amigos para vir, você vai adorar eles. Vóvis, você não quer convidar suas amigas? Temos dois quartos com três camas.

– Ai, Faisquinha, sabe que eu tô até gostando dessa coisa de não precisar conversar com todo mundo todo tempo? Acho que eu tinha me esquecido de como era bom viver só com a família da gente.

Que fofa! – pensei, dando um beijo na testa dela, ao mesmo tempo que senti o trim do celular avisando que tinha entrado uma mensagem. Fui até a sacada revirando as sinapses e pensando em quão forte a Faisquinha iria explodir os arredores do crime. Dei uma espiada de rabo de olho no celular e vi que era uma mensagem do grupo de quartas da ginástica. Puxei um puff roxo escuro e me sentei do lado da vóvis, dando início a conversa que ensaiei inúmeras vezes, nos últimos dias e que, certamente, seria a mais difícil de todas.

– Vóvis eu queria trocar uma ideia contigo porque eu estou a ponto de estourar os miolos do Dr. Birgo e nada me segura. A invisível realidade do tráfico de pessoas vai pra vitrine do mundo e disso não abro mão. Basta um clique.

– O que você está dizendo? Que história é essa?

– A história você já conhece: violência doméstica, abuso sexual intrafamiliar, homofobia, pobreza, tudo aquilo que o tráfico se aproveita para fazer vítimas.

– Mas você não passou por nenhuma dessas coisas, o porquê desta revolta, agora? Eu não estou gostando deste teu jeito, você nunca falou assim.

– Tem razão, mas, agora, eu QUERO muito falar assim, falo por mim, por todas as mulheres e pela minha filha. Eu tenho uma arma, assim como você disse que tinha a sua.

– Hum, que arma?

– Me Coça.

– Nem pense em fazer nenhuma bobagem, você...

– Você, o quê? O que EU não posso fazer? A propósito, que prova você disse que tinha para o pai?

– Blefei.

– Não acredito, vóvis!!!

– Faisquinha, olha aqui, eu...

– Faísca que vai acender um fogo que espero que se alastre, pra caralho, e consiga queimar muita gente. Vóvis, presta atenção, a merda toda vai se espalhar. Eu tenho certeza de que o tráfico se aproveita daquilo que é o bem mais precioso do ser humano, a capacidade de sonhar, de querer mais e essa porra se infiltra nas fraquezas da condição humana, nos espaços onde os sonhos são negados, onde restam poucas, ou zero chances de teus desejos acontecerem, sabe por quê? Porque você é pobre, feia, burra, não tem estudo, não tem condição de nada, ou simplesmente quer uma vida melhor e, na real, você se dá conta que te restam poucas alternativas, aí você acaba cedendo a uma promessa que parece aceitável.

– Eu estou ficando nervosa com estas tuas ideias, o que você pretende fazer?

– Na hora você vai saber. Agora só tô turbinando meu pensamento, como você falou.

Parei os olhos na porta da sala, onde Lourdinha estava sorrindo de mãos com Mari, e tive o sinal que buscava. Eu não iria esperar a resposta porque na, pior das hipóteses, ele pegaria a pena máxima de 8 anos de cadeia e iria se livrar antes de completar dois anos. Era pouco – muito pouco. Largar suas barbaridades nas redes iria causar muito mais estrago e difamação, coisa que nenhum dos seus advogados iria ter como limpar. De repente, vi que a Lourdinha tava falando comigo e que ainda não tinha respondido.

– Pode ir com Mari na quadra de tênis sim, sim.

Respondi, ainda hipnotizada pela decisão que, cada vez mais, eu sentia que era a certa. As duas saíram felizes e me voltei para a vóvis.

– Sabe o que revolta é que hoje, agorinha, enquanto minha filha sai para brincar, outras milhares de crianças são roubadas. Sabe como é que funciona vóvis? Uma “Marininha” qualquer está na calçada e uma outra mulher a leva, assim, na cara dura, vira a esquina, oferece um brinquedo, um picolé e vai. Para a pedofilia, até uns 7 anos, a “Marininha” vai funcionar, mas depois não querem mais e ali ela vai ser uma empregadinha de merda, uma escrava sexual, uma abusada que vai chegar aos vinte e dois anos desesperada para morrer e, também, não vai conseguir, porque “eles” vão lhe dar

muita droga e ela vai continuar a ser fodida todo santo dia e se ficar velha, não vão jogar ela fora, vão, de repente, dar um tiro, pra retirar alguns órgãos, continuo?

– Acho que você está muito alterada, porque não toma um calmante, ou liga para sua psiquiatra

– Porque tô exaustaaaa de disfarçar minhas derrotas – comecei a chorar –, vóvis, eu tenho o direito de gritar para o mundo o que eu quiser e se eu tiver que me expor para salvar algumas crianças e mulheres eu vou, se tem uma coisa que eu preciso fazer agora é usar minha fama, meus seguidores e todos os meus *likes*, para estancar essa quadrilha e partir para uma campanha preventiva na rede. Eu preciso fazer alguma coisa para ajudar, eu sei que vai rolar uma super tarja preta nessa coisa toda, mas, quer saber? Não vou nem esperar a porra da resposta dele, vou liberar este conteúdo e vai ser já.

– Que conteúdo?

– Eu gravei um vídeo contando toda história da minha “adoção”.

– Me dá este celular aqui – Disse vóvis, com dois olhos arregalados e uma mão estendida.

– Não.

– Faísca, não me faça eu ter que forçar você, por favor, pensa na Mari, no seu pai e nas consequências de fazer as coisas de cabeça quente. Eu vou lá dentro buscar um calmante para você e se eu voltar e você tiver publicado isso eu não falo mais com você. Espera eu voltar, vamos pensar juntas mais um pouco e se você realmente achar que tem que postar aí te apoiarei. Vou até o banheiro e já volto.

Assim que ela voltou, peguei o celular na mão e disse que não iria mais ser cúmplice desta roubada toda e ameacei com um movimento de mão clicar no celular. Foi aí que vi que ela não estava brincando, porque me apontava uma arma pequena e apavorante.

– Eu não disse que também tinha uma “arma”? Agora você acredita?

– Que isso? Tá maluca meu? Que arma é essa, onde você conseguiu isso?

– Sempre tive essa arma, sempre achei que eu precisava aprender a me defender, nunca achei que seria de você.

– Abaixa isso. Me dá já está arma. Vóvis, assim você me apavora!

– Você também me a-pa-vo-ra. Não vai postar nada, por enquanto. Deixa eu ver este vídeo.

– Aqui.

Ela guardou a arma debaixo do sofá e assistiu ao vídeo, sem falar uma palavra e sem fazer nenhuma mudança no rosto. Se levantou e foi até a sacada em silêncio absoluto. Depois de alguns minutos me perguntou, ainda de costas para mim, se o Zayn sabia que eu ia fazer isso.

– Ninguém sabe, só você e agora o Dr. Birgo. Ele ainda tem umas horas para me impedir de postar o vídeo no canal.

– Zayn não vai aprovar.

– Vó – pela primeira vez, em anos, a chamei só de vó – será que o Zayn é um cara legal mesmo, eu sei que você já falou que sim, mas fico super desconfiada.

– Tudo indica que sim. Nunca te pediu nada, nunca pediu dinheiro, nem exigiu atitude nenhuma de você. Você não precisa namorar ele, nem casar e, muito menos, ir viver no Marrocos. Você tem que considerar os perigos que ele pode estar correndo se você colocar este vídeo nas redes sociais.

– Eu pensei nisso, mas acho que vale a pena mesmo assim. Eu quero ferras com esse mafioso do Dr. Birgo.

Escutei barulho de carro chegando e disse para vóvis que deviam ser os seguranças que contratei para reforçar a guarda da casa. Com isso, nos acalmamos um pouco e sentamos. Fui até o bar servir uma bebida, derramei duas doses de whisky no copo com gelo e perguntei para vóvis se ela queria beber algo, como ela não respondeu em seguida, me virei. Ela estava com o olhar empedrado na porta, segui seu rosto e congelei também.

CAPÍTULO 100

Dois brutamontes estavam com a Lourdinha e a Mari em pose de ameaça, com armas disfarçadas por debaixo do terno. Vi o pânico estampado no rosto dela, a Mari não estava entendendo nada e acho que não estava com medo. Um deles chegou mais perto e me pediu, num tom amigável, o celular e o pen-drive. Entreguei os dois na hora, em seguida, me pediram os outros celulares que, naturalmente, não tinha comigo na sala. Tentando posar de serena expliquei que teria que ir ao quarto buscar, um deles, então, foi comigo e entreguei tudo que tinha, sem falar nada. Eu não conseguia falar. Voltamos para sala e os quatro fingiam uma conversa fiada, enquanto Mari se distraía com um pauzinho de madeira perto da lareira. Vóvis seguia calma e com um ar de “está tudo bem”. Me olhou uma vez só e quando direcionou o olhar para a sacada entendi que queria que fôssemos para lá. Neste instante, o celular tocou e tudo ficou tenso. Pegaram a Mari pelo braço, apertaram a Lourdinha contra a parede e me mandaram atender a ligação. Era o Zayn. *Fuck*

– *Hey, I can't speak.*

Desliguei e tive que dar um monte de explicações para eles, inclusive ter esse outro celular escondido no bolso. Naquele momento eu ainda contava com os guardas que eu tinha contratado porque não tinha a real de que eles estavam monitorando meus passos desde que mandei o e-mail para o filho da puta. Eu precisava pensar rápido, mas não conseguia sequer respirar. Mari começou a chorar e me desesperei. Nesse instante, decidi que queria Zayn para mim – são os instantes mais tensos que batem o martelo para nossas decisões.

– Todos os celulares aqui na mesa, já. Você vem conosco – me disse o mais alto – precisamos de todas as cópias dos teus vídeos, em duas horas, ou você não vai mais ver sua filhinha por muitos anos.

– Não toca nela, eu vou aonde você quiser.

– Você não tem escolha sua idiota, ou melhor, tem... quer que ela vá para o Congo, ou será que prefere que ela seja criada na Nigéria?

Gelei. Eles estavam muito bem informados e podiam realmente sumir com ela, como sumiram comigo.

– Quem mais tem cópia deste vídeo, o produtor do seu canal, o *cameraman*?

– Sim, sim – disse numa voz fraquinha de pânico puro.

– Onde ele está agora?

– São Paulo, acho que na caca casa dele – gaguejei desta vez.

– Meu amigo fica aqui com elas e você vem comigo até o carro.

Não tive escolha, fui andando em direção a porta, quando tive a ideia mais louca da minha vida. Eu tinha de arriscar e contar com a esperteza da Lourdinha. Pedi para um deles me deixar falar com a Lourdinha.

– Eu preciso que ela dê o remédio e a comida da minha filha, ela é alérgica e pode desencadear uma crise. Por favor – implorei – eu falo daqui – reforcei.

– Fala logo.

Me deu um puxão e tive que ser rápida, olhei para a Lourdinha e disse que o remédio estava na sacola de pano azul junto com minha sacola de calcinhas dentro (tentei dar mais força na palavra dentro e calcinha), junto com o pote de bolachas.

– Que porra de sacola é esta? Vai lá buscar agora o fulaninha, vá com ela – ordenou para o outro – se você estiver mentindo e não aparecer com este remédio agora, eu embarco sua bonequinha na mesma hora. Você não é tão ingênua de imaginar que estamos só nós dois aqui. Temos mais dois carros de suporte. Anda vai, busca a porra do remédio antes que minha paciência estoure.

Fiz um leve movimento para me soltar dos braços dele porque achei que era para eu ir buscar, tava mega nervosa e não conseguia coordenar direito.

– Você fica aqui, vai ela.

Nisso, Mari estava aos berros, Chora Menos se mexia nervoso, a vóvis seguia exatamente como estava, muda e concentrada.

– Que bela paisagem você escolheu para se esconder, foi tão difícil de localizar você.

Disse o cara mais alto zoando da minha cara. Me senti uma imbecil e avaliei, em nanosegundos, a impotência de uma mãe diante de uma situação dessas. Me subiu o sangue e a razão voltou a funcionar. Se a Lourdinha conseguisse pegar meu outro celular que estava na sacola e colocar nas calcinhas dela, como muitas vezes faz, (o mundo todo usa o celular no bolso de trás, a doida da Lourdinha sempre usa no cós da calça jeans, na frente, quase abaixo da cintura, pra não ser assaltada, segundo ela, uma técnica perfeita, e, quando a gente pegava no pé dela que era desconfortável e tals, ela dizia que os fios dos fones se enosam se deixar o celular atrás, na bunda) essa habilidade de colocar o celular ali, em fração de segundos, poderia nos salvar. Bastaria ela atinar de fazer isso sem que o brutamontes visse.

– Vamos dar um passeio bonito, mocinha.

E nisso, ele me arrasta até a sacada, a vóvis se levanta e chama a Mari, as duas vão para perto de mim, conforme ele mandou. Ninguém falava, só se ouvia o choro da Mari. Eu pensava nos caseiros que não apareciam numa hora dessas, teriam saído para ir ao mercado, ou estavam de refém lá embaixo? Voltamos para sala junto com a Lourdinha que trazia o remédio na mão. Vóvis se sentou outra vez e, no instante que os dois olhavam o vidro do remédio, ela fez um movimento tranquilo com o braço, pegou a arma debaixo do sofa.

– Vamos! Ordenou o outro. E, em desespero, deixei a sala, com medo de nunca mais ver minha filha. Eu seria capaz de matar naquele momento, mas foi a vóvis quem o fez por mim. Assim que entramos no carro fui acompanhada por mais dois capangas no banco da trás da camionete. Não sei em que exato momento elas resolveram agir. Vóvis botou a pistola falsa na orelha do cara, e como ele nunca esperou uma coisa dessas, deu tempo da Lourdinha enfiar a mão na arma dele e disparar feito uma profissional, rente ao braço esquerdo dele, foi o que contaram depois. Se ela tinha feito algum curso de tiro eu nunca soube, mas de defesa pessoal ela sabia tudo, porque, mil vezes, tentava me convencer que eu tinha que fazer aulas junto com ela. O barulho do primeiro tiro chamou atenção, mas só deve ter dado certeza para quem estava por perto da casa quando ela disparou o segundo. Passaram a mão na Mari e saíram correndo para a casa dos caseiros, a casinha abandonada do lado da quadra de tênis. Meu desmaio aconteceu quando eu escutei o cara falando pro outro que houve tiros.

CAPÍTULO 101

A casinha dos antigos empregados mais parecia um galpão abandonado, uma espécie de maloca cheia de lixo, algumas aranhas, cheiro de mofo, o espaço ideal e útil para esconder tralhas. A dependência de um cão honra sua fidelidade e foi fácil para Chora Menos fungar na porta onde elas estavam escondidas, revelando assim o esconderijo. Maktub – pensei, a tal palavra que vóvis sabia em árabe e que queria dizer destino, e que durante os longos momentos de tensão aparecia na minha mente- Maktub, maktub, maktub. Fodeu. Os imbecis me despejaram lá também e não sei por quanto tempo permaneci com os nervos roçando a dor. Depois, soube que me arrastaram para lá ainda em choque e que não ficamos juntas, nem dez minutos. Tudo parecia enorme, descontrolado e lento. Não sabia quem morreria primeiro e podia suportar qualquer coisa, menos que levassem minha filha. Me agarrei nela com tanta força que me desconheci como mãe. Lourdinha rompeu meu devaneio, me sacudindo com pressa e me entregando o celular que tirou de dentro das calças. Despertei do transe e, com dedos tremendos, digitei em busca do clique certo. Avisaria a polícia, mandaria para as redes meu vídeo, mas a pergunta da vóvis iluminou meu raciocínio agora anestesiado pelo demente estado de pânico.

– Tem wi-fi?

– Putaquepariu meuuuuuuuuuuuuu, aqui NÃO.

Parei imediatamente, sabendo que uma de nós teria que encontrar rede em algum outro lugar da casa. Seria muito arriscado sair e tomar um tiro, mas foi aí que eles entraram nos levando amontoadas para fora, em direção a casa principal. Não fazia ideia do que nos esperava, nem do que a Lourdinha seria capaz de fazer. Com uma rapidez espantosa, ela arrancou o celular da minha mão e a louca do drone começou a gritar que tinha um drone lá em cima, filmando tudo e os caras deviam tá tirando ela para surtada. Deram um empurrão com toda gana, atirando-a de cara na terra, engataram mais dois chutes, um deles atirou na perna, e minha *best* ficou de barriga para baixo, se contorcendo de dor, e depois num espasmo parou. Dei um grito de pavor e comecei a berrar coisas que irritaram ainda mais um deles. Pegaram a Mari no colo, enquanto o mais forte deles me agarrou por trás, tapando minha boca com uma mão nojenta e firme, cena que, de uma maneira muito surreal, me pareceu familiar me deixando em pânico total, queria vomitar. Meuuuu, meu coração disparou, minhas mãos estavam molhadas de suor e eu não

conseguia respirar bem. Vóvis resolveu negociar com eles, mas essa opção já não estava no jogo. Eu já não tinha mais força para lutar, preferia morrer do que ver minha filha sendo raptada por essa máfia que muitas e muitas vezes estavam acostumadas a lidar com esse tipo de situação. Entre falta de ar e sensações nervosas alteradas, comecei a enxergar a chance de um milagre, quando consegui ver o que a Lourdinha estava fazendo. Ela começou a se mexer de leve, um movimento milimétrico feito pela razão da sobrevivência. Feito minhoca ela se contraía com movimentos medidos por uma régua invisível e, ao mesmo tempo que fingia estar desmaiada, metia a mão para tirar de dentro da cintura o celular. Estava sabendo do vídeo, acho que a vóvis conseguiu avisar. Cara, se tinha alguém que agora podia postar no Me Coça, era ela. Eu tinha que dar um jeito de falar a senha para abrir o celular. Nesta hora, o gorila me destapou a boca e me perguntou onde morava o cineasta que tinha gravado o conteúdo.

– R. Mourato Coelho, número 6213, Vila Madalena – disse num esforço sutil de enfatizar os números.

– Se você estiver mentindo corto tua língua e dou de papa para tua filhinha linda comer.

As palavras podem ser como os exames de ressonância magnética, revelam tudo. Se usarmos do jeitinho certo, podem penetrar nas sinapses dos outros, despertando atitudes, porém não conseguia pensar direito, eu não desfrutava dessa clareza e então guardei-as para mais tarde. Não respondi nada, não sabia como eles iriam checar o endereço, não sabia como a Lourdinha ia largar, no canal, o vídeo, mas, pela primeira vez, tive certeza de que poderia virar o jogo. Se eles mantivessem a atenção em mim, ela teria tempo de desbloquear meu celular e mandar para o canal a merda toda. Ela sabia muito bem que este não era o número da casa dele, porque a gente vivia lá, então as chances dela sacar minha senha era muito forte. A questão era postar e pedir para polícia chegar o mais rápido possível. Como? Enquanto ela estivesse “apagada” no chão, eles não estariam tão atentos a ela. No momento que o vídeo estivesse no ar, eles receberiam a ordem de nos matar.

– Vou ligar para o cara agora – disse o troglodita –, qual o número?

– Difícil dele atender celular, melhor mandar whats.

Gritei sem minha voz sair alta o suficiente.

– Quem diz o que é melhor aqui sou eu. Fala o número.

Não podia mentir, então dei o número certo e fiquei rezando para ele não atender. Deus ouviu meu grito. O tempo do mané adicionar o contato e mandar um whats era o

tempo que eu tinha para a Lourdinha chamar socorro. Só que o Jorginho, o meu câmera, não visualizava a mensagem e os caras começaram a ficar putos com a demora.

– Qual o lugar que a internet pega melhor aqui? – gritou um deles.

– Na sala de jantar, lá em cima.

Menti. Qualquer minuto me servia. Na real, o lugar que a Lourdinha estava deitada era onde tinha maior chance da conexão estar melhor. Eu tinha mandado o cara para o lado errado. Ele foi até lá dentro e voltou, minutos depois, com uma faca de cozinha na mão, olhava fixo para mim e caminhava a passos rápidos para o lado da Mari. Um frio no estômago me fez espremeir, ele não seria capaz de cortar a língua de uma criança. Não foi mesmo, cortou a do Chora Menos. Meteu a mão na boca do cachorro assim como quem estivesse degolando uma galinha e lascou com força a boca do bicho, espalhando sangue e uivos por todo canto. Até que ponto a crueldade atingiria meu senso de sanidade? Eu estava disposta a matar aquele infeliz. Vóvis estava amarrada, Mari com os olhos vidrados, Lourdinha certamente já estava com o serviço pronto e eu precisava agir. Foi aí que comecei a procurar a arma que a Lourdinha tinha atirado no cara, tiquei a hipótese de que ela poderia estar por ali, mas foi em vão, eles devem ter recuperado a arma, lógico. Não tinha muito mais o que fazer. O infeliz que tomou os tiros da Lourdinha já estava fora, nessa altura já devia ter chegado no hospital, em São Paulo, então, tínhamos que lidar com os dois escrotos que estavam conosco. Quando me levaram até o estacionamento na tentativa de irmos para São Paulo, vi que tinham dois carros, mas logo depois, ao retornar não encontrei nenhum. Não faço ideia de quanto tempo se passou, nem mesmo se vi os carros, tô muito confusa, tipo bugada mesmo, e agora está ficando escuro, meu deus que doideira meuu. De repente o ruído de um helicóptero distante gerou desconforto nos imbecis, acho que eles não sabiam se era de moradores ou polícia. Eu também não tinha certeza se era a polícia ou da porra da gangue deles. Os caras discutiam gesticulando e apontavam para o céu chuvoso. Foi o tempo deles nos empurrarem para dentro de casa, deixando Chora Menos para trás, sangrando e chorando, tadinho de-ses-pe-ra-do. Tentei dar um escape enquanto um deles me agarrava com força no braço, mas não rolou, e não tentei mais porque no cálculo do nervosismo não cabem tentativas. Pensei numa chacina, era o que me via fazendo, eu ia cortar esses filhos da puta em tiras, começando por mutilar o pau fedorento destes escrotos. Agarrada na Mari, eu tremia, chorava e convocava Ala e Maomé tudo ao mesmo tempo, do fundo do meu coração craquelado e em plena disritmia. O barulho foi aumentando na medida que o helicóptero se aproximava. Sabia que não era de moradores porque não temos heliportos deste lado

da montanha e deu para sacar que não era da trupe deles, porque ficaram aflitos, se mexendo nervosamente. Nos trancaram no banheiro social e saíram não sei para onde. A cena devia estar mais ou menos composta de Lourdinha no chão, ou será que ela tinha conseguido andar um pouco? Um dos caras baleado poderia estar mais lá perto da sacada e o Chora Menos, aí que dó, onde será que tinha se enfiado? Se era a polícia certo que recolheriam meu bichinho, meu Deus se ele morrer nem sei o que será de mim. Me abracei na vóvis, ainda com os pulsos amarrados atrás do corpo e com a mão esquerda acariciei a Mari, passando a mão nos cabelos dela e repetindo que tudo ia ficar bem, uma calma do além me rondou e, de repente, senti que estaríamos salvas. Ouvia um barulho cada vez mais forte do helicóptero, talvez fosse mais de um, deviam estar fazendo voos rasantes, quem sabe na tentativa de disparos. Tudo acontecia em um tempo de ampulhetas e meu pensamento eram torpes desregulados. Tentei quebrar a porta do banheiro, forçamos a fechadura, queria fugir para a estrada, ainda não tinha clareza do que era melhor. Vóvis simplesmente parou de raciocinar e em estado de choque mantinha ambas mente e boca fechadas.

Novamente o tempo se perdia no meu raciocínio e envergava toda possibilidade de tomar qualquer decisão racional. Quando nos encontraram no banheiro, vóvis sentada na tampa abaixada do vaso, e Mari no chão com as perninhas esticadas, senti que íamos precisar de muito tempo para nos recuperar deste dia tão assustador. Além da polícia, uma ambulância se encarregou de medicar Vóvis e levar Lourdinha para o Hospital. Chovia forte quando pegamos a estrada, Mari e eu no banco de trás do carro, apenas nos aninhávamos uma na outra, em uma imensidão que só cabe no abraço de mãe e filha.

Foram meses de terapia que fizeram com que esse trauma se dissolvesse nas nossas memórias. Lourdinha conseguiu postar no canal todo vídeo e entornou o caldo da criminalidade no grande vasilhame que é a internet. Zayn chegou cinco dias depois e, finalmente, tive a transa da minha vida, desta vez, ele não saiu antes de terminar o ato como das outras vezes nos meus sonhos, a única coisa que permanecia igual era sua falta de atitude na cama. Muitos meses e muitas transas depois, foi que descobri que os marroquinos tinham um pouco mais de passividade e que esperavam da mulher carinhos caprichosos, deve ser coisa de tradição, pensei, mas obvio que eu daria um jeitinho de ensinar para ele como enlouquecer uma mulher, quem nunca teve que prestar serviços nesta hora?

Chora Menos ainda late esquisito, tem dores leves e ficou com um pedaço da gengiva torta. Não pode ouvir talheres, gritos e tem medo de metal, mas meu véio peludo cada vez mais se torna gente, um coração canino doce, um olhar humilde o transporta pelos cantos da casa, dorme comigo na cama e lambe minhas feridas, mesmo com a língua incompleta. Mari, vai precisar sobreviver a toda esta tragédia, tem tempo pela frente e tem uma mãe que é uma fortaleza por detrás dela. Vóvis voltou para o Spa, está altamente medicada, vai precisar de muita paciência, mas tenho certeza de que vai superar. Lourdinha vai para o Marrocos conosco, daqui seis dias, e meu pai, ah meu papis, “querido”, esse vai precisar dum bom tempo de esclarecimentos, quem sabe até um espaço no Me Coça.

Detalhe mudei o nome do canal. Agora se chama: Anti-alérgico.

CAPÍTULO 102

As tempestades de areia, nos meses de outubro, costumam assobiar segredos daqueles que ardem na alma. São verdades que doem, são chicotadas de areia que agriem a pele e ardem nos olhos, mas, mesmo assim, passam.

– Galera cola junto porque hoje é um dia histórico pro canal. Meus seguidores antigos já sabem que o Me Coça, não coça mais, mas o Anti-alérgico vai dar conta direitinho do recado. Eu amo vocês com todas minhas forças e não sei viver sem ser por aqui. Papo reto, confessional, hoje. Vou explicar para os meus novos *followerzinhos* queridos que, meuu, a gente tá sempre correndo perigo por aqui, mas que não dá pra deixar o crime ganhar terreno – aqui ele não se cria. Silencia o mundo que eu vou contar tudinho para vocês, vai ser uma confissão intensa, gigante mesmo, já que o povo tá merecendo uma satisfação: aí vai.

Dei uma roteirizada em tudo que eu achava que merecia destaque, fiz um textão lindo e parti para o compartilhamento. Teve choro, teve careta, teve sonho e ternura. Teve vida. No final, expus meu projeto de prevenção ao tráfico humano, dando enfoque na parceria de todos os seguidores. Meu *cameraman* fez um fechamento foda, enquanto a voz de Jorge Drexler amansava o momento, cantando minha música favorita: Antes. Nesse momento, ele deu um close na minha cara e, com um App, foi voltando meu rosto para o passado, até transpor uma foto minha de quando eu era criança. Uma tag apareceu no fundo com a frase: “nenhuma criança vai ser roubada de suas famílias se a gente...” e aí eu viro uma ampulheta e outra tag continua: “virar um clique de cada vez”. Aí lancei uma vozinha mansa e forte com: “um clique vale uma vida, e cada vida recuperada vale um novo país”.

– Não é papo de revolucionária maldita, não! Estou cansada de saber do fosso gigante de desigualdade deste país. Só quero ir um pouco além do ativismo digital e transformar o espaço do Anti-alérgico em um distribuidor de empatias, um lugar de pitadas de aconchego. Passou da hora de sairmos da matrix, é preciso falar de um lugar de sensibilidade. Se a moeda antigamente era a reputação, agora é a solidariedade e é através dela que quero negociar com o mundo. Estamos abrindo o canal para membros, sócios que comprem a campanha vão monetizar, junto com a gente. Se liga no link explicativo aqui embaixo para saber quanta grana vai rolar para cada *joiner*.

Eu tinha uma garra incubada dentro de mim e precisava turbinar minha campanha contra o tráfico humano. Nada mais faria sentido se eu soubesse que, enquanto eu vivo na ilusória realidade paulistana, lá fora, Dr. Birgos da vida, manipulam seres e dominam a bandidagem. Se tem uma coisa que sei fazer é influenciar e vou meter a cara no comando, nunca tive tanta vontade de viver online.

Por fim, me sinto um pouco conhecida de mim mesma, entendi que foi inútil despejar a impalpável tirania da minha mãe sobre os outros e aterrei, no solo, seus últimos respiros que ventilavam minhas culpas. Tudo que fiz foi dar os cliques onde eu sentia as conexões, me tornei uma decifradora de intuições, acho que aprendi a lidar antes com os silêncios, para, depois, escutar os caminhos, aí é só mirar, é na flecha que a gente vai adiante. Estou eliminando uma a uma minhas pendências emocionais e descobrindo que as mães têm seus exércitos bem alojados. Decidi voltar ao Marrocos – desta vez, como marroquina. Não estipulei prazo para mergulhar nas minhas origens, quero conhecer a fábrica de almas onde os anjos trabalham.

Chegamos no aeroporto de Guarulhos muito antes do embarque. Nosso voo para Roma estava marcado para às 10h 45min da noite. Mari não parava quieta e Lourdinha andava de um lado para o outro, com os fones enfiados nas orelhas, olhando Tik Tok e vitrines, próximas do nosso portão de embarque.

– Que horas mesmo que a gente chega em Casablanca? – perguntei com um sorriso maroto.

– Você está felicidade?

Me perguntou ele, com a cara mais fofa do mundo; Zayn se esforçava muito para falar o português e, pela primeira vez, acreditei que ele poderia ser um cara bacana, que tinha caráter e que todas minhas tentativas de torná-lo um oportunista, foram geradas pelo tão conhecido boicote, aquele que está sempre no primeiro cabide do nosso *closet* emocional.

– *Early morning in Rome. Morocco, 3 pm.*

Respondeu Zayn, me dando um beijinho na mão, com os olhos, agora, mais intensos, escuros e protetores, grudados na Mari. Ele estava completamente apaixonado por ela e demonstrava tanto carinho e zelo que percebi que, talvez, eu tenha que estancar um pouco esse exagero dele para com ela, tarefa que eu daria conta, pois aprendi a dosar esses excessos com minha mãe. Talvez, resultado de anos de frustração, com certeza trataria de compensar, através dela, os afetos que não pode ter com a prima, no caso, eu.

Talvez, é uma boa palavra para prometer o sim e o não. Mano! se ele vai nos mimar tanto assim – talvez eu chegue em uma espécie de paraíso.

– OK.

Respondi, mesmo ele não prestando atenção na minha resposta. Zayn estava hipnotizado pela nossa criança cheia de energia que rodopiava várias vezes, balançando a saínda lilás de um lado para o outro, como se estivesse em um grande salão de baile a dançar com um príncipe qualquer.

Minha filha é uma saltitante daquelas! – pulava, feliz, ali na frente dos passageiros que também esperavam seus voos. Alguns estavam distraídos com os celulares, outros comiam, alguns olhavam minha bonequinha brincar. Foi aí que senti o universo pulsar, como se o mundo tivesse contraído e depois estendido, vi, em câmara lenta, o destino se ajeitar no movimento que o berloque, com o símbolo da letra Z fazia, dependurado no couro preto ao redor de seu pescoço. De repente, Mari parou de pular, posicionou as perninhas em paralelo, e colocando a cabeça no meio das pernas, espiou o mundo de cabeça para baixo.

Ficou por ali, o instante necessário para captar a vida toda e depois saiu andando outra vez, batendo altos papos com seus amigos imaginários, em direção contrária de onde estávamos. Fiz menção de me levantar para trazê-la para mais perto de nós, Zayn, entretanto, esticou o braço na minha frente, num gesto impeditivo de barrar meu deslocamento até ela. Ele foi até lá, me deixando confortável e segura para rever na memória, mais uma vez, a recente cena que, em uma fração de segundo, me mostrou o caminho do inverso e a conta da enorme humildade que essa pose representava. Foi através desse ângulo e desse olhar invertido, que vislumbrei a potência feminina em forma de dança. Escutei o som dos tambores africanos, percebendo os movimentos sincronizados com o passado e o futuro, o tempo também canta. Fechei os olhos, como se pudesse aumentar o volume do tamborilar africano que chegou desobediente neste devaneio, e igual a ventania comecei a sacudir o corpo, discretamente, talvez esse sacolejar fosse só dentro de mim, mas o som vibrou forte, vindo de um lugar muito intuitivo. De repente senti um cheiro de incenso, não daqueles fortíssimos, mas um suave, um jato de spray, um cheirinho doce. Olhei para os lados desconfiada de que alguém pudesse estar em plena prática de yoga no aeroporto, ou, talvez, alguma mulher tivesse passado todos os perfumes do freeshop antes de embarcar e que, em um deslocamento de ar, pudesse ter espalhado suas misturas Gucci, Carolina Herrera, ou Dolce Gabbana, por ali. Dei me conta que nenhuma dessas hipóteses se consagrava no entorno. Deduzi que

foi um aroma que meu ego não conseguia explicar e compreendi que por algum canal da espiritualidade, que responde por aqueles momentos mágicos onde tudo está sintonizado, que o instinto passa rente à realidade. Quando as coisas estão certas, totalmente alinhadas, você sintoniza a alegria e percebe que existe algo além. Você recebe o “check” de que está fazendo a coisa certa, com as pessoas certas, no tempo correto. Aí Deus dá um rasante, roça em você, permitindo que sinta uma ínfima partícula dele e deixa um rastro cheiroso, que você nunca mais vai esquecer e nem vai conseguir contar para ninguém. O segredo está na alegria, me repeti, e quase que, instantaneamente, procurei os sons das baquetas na pele de couro e na minha mente outra vez. Entendi que não tem como você fugir de você, como esse som, os tambores são sons divinos que batem e retumbam no pulsar do corpo, no ritmo do coração e você se solta, se deixa levar - enfim. Ninguém consegue ficar ileso ao retumbar, mesmo a mais tímida das pessoas tende a se sacudir e foi nesta imersão que intuí a mulher-raíz que estava enterrada em mim e que, muito provavelmente, fosse se desenvolver na Mari – e essa história, sim, sim, eu poderia contar. Lembrei daquela primeira vez que dancei com Zayn ao som dos tambores africanos e, finalmente, senti o chamado. Compartilhar toda essa história no canal seria como desatarraxar, com uma ferramenta, os nós em espirais dos sofrimentos causados pela imposição de dezenas de pré-conceitos introjetados pela minha mãe, que foi a secretária da mais antiga CEO de nossa sociedade doente e castradora. Minha pimpolha não sabe, mas vai abrir a conexão com as diversidades de etnias, raças, povos, culturas matrifocais e afins. Vai traçar a cura ancestral, ela sim será uma guia de viagem, com o passaporte preenchido por outra topografia – a do bem espiritual. Algo virou, e não foram as ampulhetas. Olhei o monitor e, constatando que ainda faltava um tempo para o embarque, peguei o celular e dei início a transmissão. Primeiro filmei um pouco os passageiros e depois, invertendo a câmera, abri a imagem para meu sorriso. Manooo, as palavras queriam jorrar da boca. Sabe, aquelas de ressonância magnética? As invisíveis a olho nu? As palavras empoderadas que certamente dão início a outras versões? As responsáveis pelos novos destinos, as que abrem nossas coragens para seguir em trânsito até encontrar nossas entranhas? As de decolagem, pensei. Eu pretendia mapear no Anti-alérgico, estradas virtuais distintas daquelas engessadas pela asfixia do consumo, pela urgência urbana, pelo velho patriarcado. Eu entendia os ventos, eu podia despejar a tralha dos valores ambulantes, volúveis e imprecisos, que nossas culturas, por vezes equivocadamente nos impõem. A música, depois que aconteceu no silêncio, por fim cessou. Liguei o microfone, canalizei a força da verdade e comecei a ditar:

- A menininha de quase três anos, se assustou quando o pano molhado sufocou seu nariz, tudo foi muito rápido. Ela, muitos anos depois, não lembrará do puxão que levou da mulher metida na roupa preta e longa, com um lenço na cabeça. Sabia que não era sua mãe porque caminhava lentamente, por becos que jamais tinha visto. Dias se foram, até ela se dar conta que deveria estar fora da medina, mal podia entender o que era uma jaula quando acordou cinco horas depois.

FIM

Dia 30 julho Dia Mundial Contra o Tráfico de Pessoas
*Disque 100 - Disque Direitos Humanos



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br